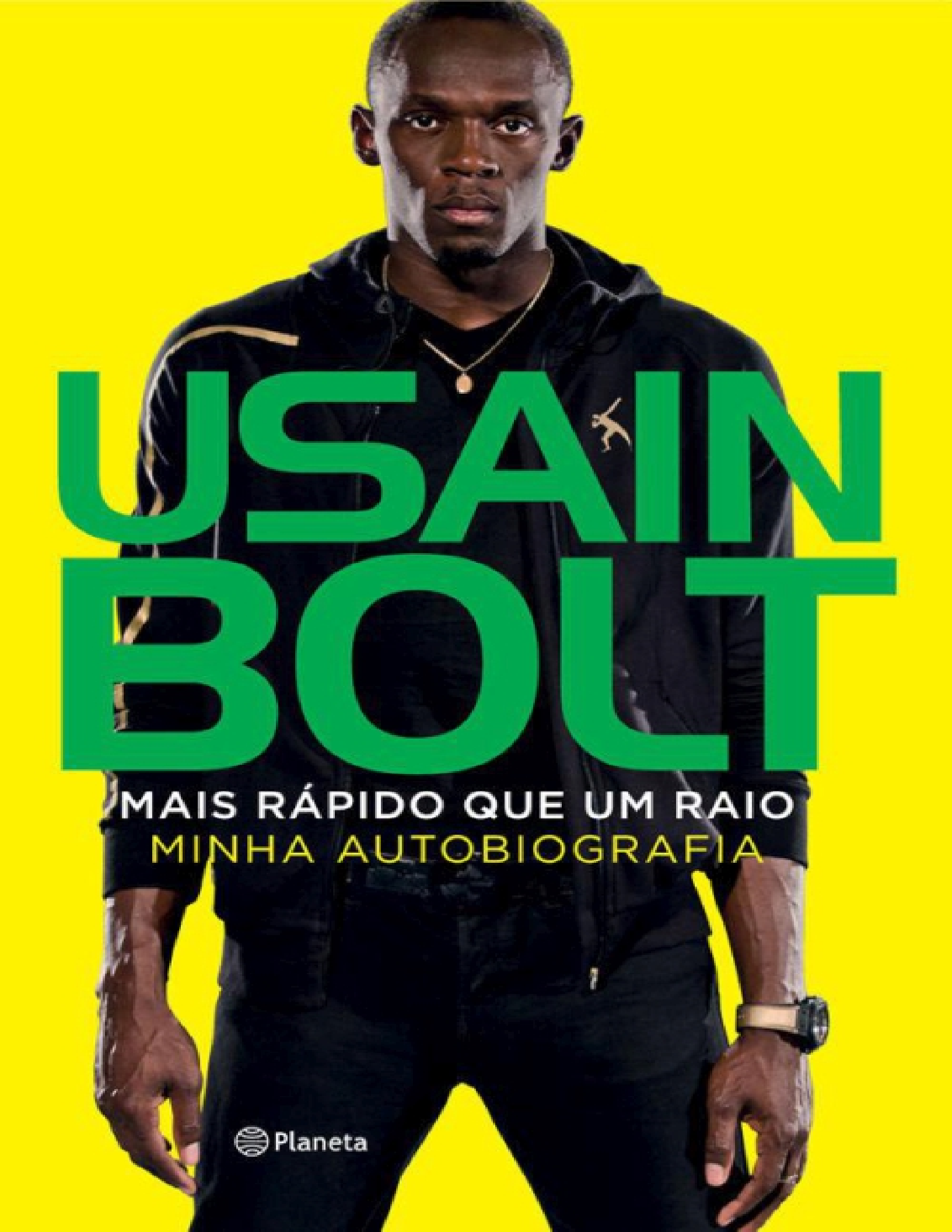

USAIN
BOLT
MAIS RÁPIDO QUE UM RAIO
MINHA AUTOBIOGRAFIA
Planeta

# MAIS RÁPIDO QUE UM RAIO
## MINHA AUTOBIOGRAFIA

**Usain Bolt**

# MAIS RÁPIDO QUE UM RAIO
## MINHA AUTOBIOGRAFIA

**Com Matt Allen**

*Tradução:*
Henrique Monteiro

Planeta

© 2013 Usain St. Bolt
© 2013 Editorial Planeta
Todos os direitos reservados
Título original: *Faster than lightning: my autobiography*

*Preparação:* Alyne Azuma
*Revisão:* Vivian Miwa Matsushita
*Diagramação:* SGuerra Design
*Capa:* adaptado do projeto gráfico original de HarperCollins Publishers Ltd 2013
*Imagem de capa:* © Hugh Wright
*Produção digital:* Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B677m

Bolt, Usain, 1986-
Mais rápido que um raio: minha autobiografia / Usain Bolt, Matt Allen ; tradução Henrique Monteiro. - 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2014. 304 p. : il.

Tradução de: Faster than lightning: my autobiography
ISBN 978-85-422-0231-1

1. Bolt, Usain, 1986-. 2. Atletas - Biografia. 3. Esportes - História. I. Allen, Matt. II. Título.

14-10129

CDD: 927.96
CDU: 929:796.71

2014
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

# SUMÁRIO


1. Vim a este mundo para correr
2. Como um campeão
3. Meu pior inimigo
4. Quando os mortais tremem, o superastro vibra com *O Grande Momento*
5. Vivendo rápido
6. Coração de campeão, mente de granito
7. Descobrindo o ponto sem retorno
8. Dor ou glória
9. Hora de partir
10. Agora vá pegar o que é seu
11. A economia da vitória
12. A mensagem
13. Um lampejo de dúvida, uma vida inteira de arrependimento
14. Chegou a minha vez
15. Sou uma lenda
16. Um foguete para a Rússia… e além

*Apêndice*
*Agradecimentos*

CAPÍTULO 1

# VIM A ESTE MUNDO PARA CORRER

## Rodovia 2000, Vineyard Toll, Jamaica
## 29 de abril de 2009

Cara, eu segurava com toda a força aquele volante quando meu BMW M3 cupê capotou uma, duas, três vezes. O teto do carro ricocheteou na estrada molhada e na vala. O vidro do para-brisa quebrou, um *airbag* abriu. *Pou!* O capô rangeu e amassou quando bateu no chão.

Tudo ainda estava quieto quando me dei conta do que tinha acontecido. Em seguida veio uma calma estranha, como aqueles típicos últimos segundos de tensão e ansiedade antes da largada em qualquer grande campeonato. *Sssshhhh!* O silêncio era quebrado apenas pela chuva que martelava do lado de fora e pelo tique-taque do pisca-alerta. Era, provavelmente, a única coisa que continuava funcionando. Meu carro estava contorcido dentro de uma vala, e saía fumaça do motor.

O estresse faz as coisas mais loucas com a mente. Eu sabia que algo estava errado, mas levei um ou dois segundos para perceber que estava de cabeça para baixo e que meu cinto de segurança era a única coisa que me mantinha no lugar. Tive uma sensação muito estranha, checando se havia lesões no alto da minha cabeça, nas pernas, nos pés. Felizmente, não senti nenhuma dor quando estiquei e testei cuidadosamente os músculos até os dedos do pé.

"Ei, estou bem", pensei. "Tá tudo bem…"

Em uma fração de segundo, o acidente passou pela minha mente e, meu Deus, foi bem feio. Eu estava passeando de carro pelo interior com duas garotas, amigas minhas de Kingston. O Manchester United jogaria a semifinal da Liga dos Campeões naquele dia, e eu estava tão desesperado para ver o jogo na televisão que, enquanto sacolejávamos pelas estradas esburacadas nas imediações de Trelawny, a paróquia onde me criei no extremo noroeste da Jamaica, só pensava em ver o começo da partida. De início, corri alguns riscos. Às vezes, acelerava demais, e em certo momento quase raspamos em um carro que vinha em sentido contrário. Ele tinha acabado de ultrapassar um furgão e, enquanto voltava para sua pista, faltou menos de um metro para o motorista nos acertar do outro lado.

Olhei para a garota no banco do passageiro. Ela estava cochilando.

"Como é que ela consegue relaxar em uma estrada dessas?", pensei.

Quando percebi que seu cinto de segurança estava solto, eu a cutuquei para acordá-la.

– Olha, se você está a fim de relaxar, tudo bem, mas pelo menos coloque o cinto – disse. – Se eu tiver de frear de repente, você vai ser jogada para a frente.

Saímos das estradas de terra e pegamos a rodovia 2000 a oeste de Kingston. As estradas da Jamaica eram mais bem conservadas e lisas ali, e eu curtia o ronronar pesado do motor e a onda de energia que vinha das rodas quando, de repente, um raio brilhou no alto. Depois, veio um forte estrondo de trovão. Tínhamos entrado em uma tempestade tropical, e parecia bem forte. *Chuá!* A chuva de repente desabou e começou a martelar o vidro do carro, então liguei o limpador de para-brisa e pisei no freio, sentindo a velocidade reduzir um pouco. Os pneus guincharam ao passar sobre uma grande poça d'água na estrada.

Sempre que chovia, eu muitas vezes reduzia a marcha por segurança. O carro tinha sido presente de um patrocinador depois que ganhei três medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de 2008 e não fazia muito tempo que eu tinha frequentado uma escola de

pilotos na famosa pista de Nürburgring, na Alemanha, para aprender a usar seu motor potente. Eu sabia que, em uma superfície lisa, se reduzisse a marcha no câmbio, a compressão do carro reduziria a velocidade naturalmente. Mas pisar bruscamente nos freios a disco faria as rodas travarem, o que poderia acabar em um cavalo de pau. Então reduzi rapidamente a marcha, acionando a embreagem.

Estava descalço – eu preferia dirigir assim –, e o controle de tração do carro estava próximo à minha perna, mas uma coisa engraçada tinha acontecido alguns dias antes: enquanto me mexia no assento, sem querer apertei o botão, e os pneus perderam um pouco de aderência na pista. Dessa vez, apesar de concentrado na chuva, na estrada à minha frente, cometi o mesmo erro e, sem perceber, bati no controle de tração e o desliguei. Bom, isso é o que eu *acho* que aconteceu, porque o que veio em seguida foi um acidente que quase acabou comigo de uma vez por todas.

Senti o carro tremer um pouco, a lataria inteira parecia tremer a quase 130 quilômetros por hora.

"Hum, isso não parece nada bom", pensei. Olhei para a frente e verifiquei o velocímetro. *Não estava desacelerando rápido o bastante!*

127…

125…

123…

Senti uma forte descarga de adrenalina, como se algo ruim estivesse prestes a acontecer. Aquele tremor, o ligeiro balanço do carro momentos antes, tinha sido um sinal de que meu veículo estava fora de controle. Eu não estava dirigindo, estava fazendo esqui aquático.

121…

119…

117…

*Diminua, cara!*

Um caminhão surgiu de repente na pista em sentido contrário, e um jorro de água subiu de suas rodas como uma dezena de hidrantes abertos. Ele seguia em alta velocidade e, quando a carroceria passou por nós, outro veículo vinha na sequência. *Pou!* Em um piscar de olhos, a traseira de meu carro deu a volta, e eu

perdi o controle, deslizando pela pista como um disco de hóquei no gelo. Sem poder fazer nada, senti meu corpo escorregar no banco, e a força "g" me impulsionar de lado. A garota a meu lado tinha acordado. Com os olhos arregalados, ela soltou um grito agudo duro.

*Aaaaahhhhhh!*

O carro derrapou atravessado na pista, e vi que estávamos saindo rapidamente da estrada. Não é nada legal ver a rodovia acabar, e uma vala se abrir à sua frente. Nesse momento tive consciência de que a gente ia se dar mal. Apoiei uma mão no teto para me preparar para o impacto e agarrei o volante com a outra, em uma tentativa desesperada de recuperar o controle.

"Ela está vindo, está chegando… Ai, meu Deus, é isso mesmo?"

Fiquei apavorado com a ideia de que o carro iria dar um tranco e rolar de lado por uma ribanceira.

"Por favor, não capote", pensei. "Cara, por favor, não capote."

Nós capotamos.

O mundo virou de cabeça para baixo, e me senti como uma peça do meu uniforme de treinamento girando na centrífuga da máquina de lavar, rolando para baixo. Árvores, céu, estrada – tudo passou pela tela do para-brisa. Árvores, céu, estrada. Árvores, céu, estrada… Batemos na vala com um baque surdo. Tudo foi lançado para a frente, e de repente eu estava de cabeça para baixo. Os *airbags* se abriram, todo tipo de tranqueiras chacoalhou dentro do carro – chaves, moedas, celulares – e, em seguida, um silêncio estranho se instalou, uma calma assustadora, em que não se ouvia nada além do tique-taque do pisca-alerta do carro e da chuva que caía lá fora.

Eu estava vivo. Todos nós estávamos.

"Ei, você está são e salvo", pensei ao abrir a porta com um empurrão.

Mas só Deus sabia como, ou por quê.

* * *

Às vezes, as pessoas falam de escapar por um triz e de incidentes que quase levam à morte, e de como isso pode mudar para sempre a maneira de pensar de alguém. Para mim, a colisão na rodovia 2000 foi um desses momentos e, depois do acidente, não consegui mais ver a vida da mesma maneira que antes. Tínhamos sobrevivido. Mas como? Cambalear para longe dos destroços deveria ter sido impossível, ainda mais depois de o carro ter capotado três vezes.

Todo mundo sabia que eu gostava de velocidade, mas eu não esperava que velocidade e a potência de um motor pudessem quase interromper minha existência para sempre, e, nas primeiras horas após o acidente, senti todas as emoções que geralmente ocorrem a um motorista que se safou de um acidente de carro. Senti culpa em relação às minhas amigas, que sofreram algumas pancadas, contusões e marcas do cinto de segurança. Senti o estresse, um arrepio acompanhando a constatação de que tinha enganado a morte enquanto repassava o desastre sem parar na minha cabeça. Estava dirigindo em alta velocidade, minhas rodas perderam o controle, e, a mais de 110 quilômetros por hora, eu tinha girado, capotado para o outro lado da estrada e caído em uma vala.

A verdade era que eu poderia ter morrido, um atleta que era um fenômeno mundial eliminado no auge de sua carreira, uma horrível manchete de jornal para o mundo ler:

MORRE O HOMEM MAIS RÁPIDO DA TERRA!

Saiba como um medalhista de ouro olímpico e recordista mundial nos 100 metros, 200 metros e revezamento 4 × 100 metros viveu rápido e morreu jovem!

O fato de eu ter saído vivo era um milagre. Estava com tudo funcionando também, não tinha um único machucado ou marca no corpo inteiro. Bom, apenas alguns machucados por causa dos espinhos. É que a carne dos meus pés descalços foi dilacerada por vários espinhos longos quando rastejei para fora dos destroços, e os machucados eram muito profundos. Mas essas lesões pareciam muito pouco em relação ao que poderia ter acontecido.

“Sério?”, pensei, quando me levaram de carro do hospital para casa no mesmo dia. “Não encontraram nenhuma fratura em mim…

como isso aconteceu?”

Algumas semanas mais tarde, depois que o horror do acidente tinha passado, quando vi na internet a foto do meu carro amassado, algo me ocorreu. *Algo grande.* Era a constatação de que minha vida tinha sido salva por outra pessoa, e eu não estava falando do projetista do meu *airbag* ou dos cintos de segurança do carro. Não, um poder superior me mantivera vivo. Deus todo-poderoso.

Considerei o acidente como uma mensagem dos céus, um sinal de que eu tinha sido escolhido para me tornar o homem mais rápido da Terra. Minha teoria é que Deus precisava que eu estivesse em forma e bem para seguir o caminho em que Ele havia me colocado por todos aqueles anos, quando comecei a correr pela floresta da Jamaica na infância. Sempre acreditei que tudo acontece por uma razão, porque minha mãe tinha fé em Deus. Essa fé viria a se tornar mais importante quando fiquei mais velho, por isso, em minha mente, o acidente tinha sido uma mensagem, um aviso. Um sinal que brilhava em grandes luzes de néon.

“Ei, Bolt!”, dizia ele. “Eu lhe dei um belo talento, para quebrar aquele recorde mundial e tudo o mais, e vou cuidar de você. Mas você precisa levar as coisas a sério agora. Dirija com cuidado. Cuide-se.”

E quer saber de uma coisa? Ele tinha razão. O Homem Lá em Cima tinha me dado um dom e agora queria que eu o aproveitasse ao máximo. Meus olhos se abriram: Deus estava do meu lado tinha me colocado nesta terra para correr – *e mais rápido do que qualquer outro atleta de todos os tempos.*

Essa, sim, era uma ótima notícia.

CAPÍTULO 2

# COMO UM CAMPEÃO

Eu adoro campeonatos importantes, porque é quando me sinto vivo. Em uma corrida normal, fico ansioso para vencer porque sou muito competitivo, mas o desejo e a paixão de verdade não estão ali, não totalmente. Só em um grande evento me sinto vivo e alerta de fato, com o ímpeto de que preciso para ser um medalhista de ouro olímpico ou quebrar um recorde mundial. Psicologicamente, no resto do tempo sou bastante normal.

Mas me dê um palco importante, uma disputa, um desafio, e alguma coisa acontece – *eu caio na real*. Fico um centímetro mais alto, movimento-me uma fração de segundo mais rápido. Sou capaz de arrebentar os músculos da minha perna para ganhar uma corrida. Coloque um grande desafio na minha frente, quem sabe um título olímpico ou um adversário agressivo como o velocista jamaicano Yohan Blake, e eu me supero – fico faminto.

A escola em que estudei, Waldensia Primary, em Sherwood Content, uma aldeia de Trelawny, no interior da Jamaica, foi o cenário do meu primeiro grande desafio. Eu tinha 8 anos, era um garoto desajeitado com excesso de energia e sempre à procura de grandes emoções. É engraçado, eu corria muito para todo lado, mas meu potencial na pista de corridas só se tornou significativo depois que fui descoberto por um dos meus professores, o sr. Devere Nugent, que era pastor e a pessoa mais fanática por esportes da escola. Sempre fui rápido com os pés e adorava jogar críquete, mas nunca pensei que poderia fazer alguma coisa com minha velocidade além de ser um lançador no críquete. Uma tarde, enquanto jogávamos no campo da escola, o sr. Nugent me puxou para o lado.

Estava chegando o dia das competições esportivas na escola, e ele queria saber se eu topava competir na corrida dos 100 metros.

Dei de ombros.

– Pode ser – respondi.

Na Jamaica, todo mundo, desde o primeiro ano do ensino fundamental, pratica esportes e disputa corridas, mas na época eu não era o garoto mais rápido da escola. Havia outro menino ali em Waldensia, chamado Ricardo Geddes, que era mais rápido que eu nas corridas de velocidade de curta distância. Gostávamos de disputar corridas na rua ou no campo de esportes, e, apesar de nossas corridas não valerem nada, minha tendência a ser competitivo me fazia levá-las muito a sério. Toda vez que ele me vencia eu ficava louco da vida ou chorava.

– Cara, não aguento isso! – eu me lamentava toda vez que ele atravessava na minha frente a linha de chegada imaginária.

Meu maior problema, mesmo nessa época, era não conseguir arrancar rápido o bastante em uma corrida em velocidade. Eu demorava uma eternidade para me levantar da posição agachada. Embora fosse muito jovem para entender a mecânica da corrida, eu diria que minha altura era uma grande desvantagem. Levava mais tempo para sair da largada da corrida do que um garoto mais baixo. Depois que entrava no meu ritmo, se estivéssemos correndo por uma distância maior, digamos 150 metros, eu sempre alcançava Ricardo, mas em uma corrida de 60 metros eu sabia que não tinha chance nenhuma.

Nugent pensava diferente.

– Você poderia ser um velocista – disse ele.

Não entendi e dei de ombros.

– Tenho observado sua velocidade quando corre no críquete – disse ele. – Você é rápido, incrivelmente rápido.

Eu não estava convencido. Além das minhas corridas com Ricardo, o atletismo não era algo que me interessava. Meu pai, Wellesley, era maluco por críquete, assim como todos os meus amigos. Naturalmente, não falávamos de outra coisa. Na escola, ninguém nunca comentava os 100 metros ou o salto em distância, embora eu soubesse que, em Trelawny, os mais velhos eram

apaixonados por isso. Toda a diversão de que eu precisava estava no críquete. Correr rápido era apenas algo útil para eliminar os batedores, assim como minha altura e minha força.

E foi então que o sr. Nugent deu uma de esperto. O homem me subornou com comida.

– Bolt, se você vencer o Ricardo na corrida do dia de esportes, eu pago um almoço pronto completo para você – disse ele, sabendo que o verdadeiro caminho para o coração de um garoto era pelo estômago.

Uau, a coisa ficou séria! Um almoço completo era o máximo, porque continha um suculento frango com tempero jamaicano, batata-doce assada, arroz e ervilhas. De repente, eu tinha um incentivo, um prêmio em vista. A ideia de uma recompensa me deixou todo animado, assim como a emoção de participar de um campeonato importante. Tinha chegado a minha vez de competir em nível de superastro. Pela primeira vez, os dois maiores astros da Waldensia Primary competiriam oficialmente lado a lado, e nada me impediria de ganhar.

– Certo, sr. Nugent – disse eu. – Se é assim…

O dia de esportes era um grande evento em Waldensia, que era uma típica escola primária rural jamaicana. Um conjunto de pequenas construções térreas enfileiradas sobre um morro, em uma clareira no meio de um pedaço de floresta tropical. Coqueiros e mato selvagem cercavam a propriedade, as salas de aula tinham telhado de estanho ondulado, e as paredes eram pintadas em cores vivas – rosa, azul e amarelo. Havia um campo de esportes com traves de futebol, um campo de críquete e uma pista de corridas, que era um trecho acidentado coberto de grama, com as faixas demarcadas por linhas pretas, queimadas no chão com fogo de gasolina. Havia um barraco na linha de chegada. No dia da corrida, parecia que a escola inteira tinha feito fila ao lado da pista para torcer.

Meu coração batia acelerado, minha cabeça me dizia que aquele era um evento tão grande quanto qualquer final olímpica. Mas quando o sr. Nugent gritou “Já!”, uma coisa louca aconteceu. Levantei rápido e voei pela faixa, impulsionado pela emoção de

participar pela primeira vez de um campeonato. A princípio, eu ouvia o Ricardo atrás de mim. Ele respirava com dificuldade, mas não dava para vê-lo de canto do olho e, pelas nossas corridas de rua, eu sabia que era um bom sinal. À medida que os metros ficavam para trás, não dava mais para ouvi-lo, o que era ainda melhor. Meus passos mais longos tinham me dado uma vantagem confortável e, depois dos 100 metros, eu tinha disparado. Ricardo estava longe de mim. No instante em que rompi a fita, estava quilômetros à frente, tinha acabado. Eu vencera minha primeira corrida importante.

*Uau!* Vencer foi como uma explosão, um êxtase. Alegria, liberdade, diversão – tudo tomando conta de mim de uma só vez. Romper a linha de chegada em primeiro lugar foi demais, principalmente em algo tão grande quanto uma corrida na minha escola no dia de esportes, um acontecimento que oficialmente fez de mim o garoto mais rápido da Waldensia. Pela primeira vez, o burburinho de um evento importante me obrigou a me superar. Os recordes mundiais e as medalhas de ouro estavam muito distantes daquele momento, mas a corrida contra Ricardo foi um empurrão para que eu levasse o atletismo a sério. Eu era um campeão e, quando me joguei no chão no final da pista, tive certeza de uma coisa: ser o Número Um era o máximo.

* * *

Tenho uma foto antiga lá em casa que me faz sorrir sempre que a vejo. Sou eu quando criança. Devo ter uns 7 anos, mais ou menos, e estou parado na rua ao lado de minha mãe, Jennifer. Mesmo naquela época eu quase batia no ombro dela. Estou todo estiloso com um *jeans* preto *skinny* e uma camiseta vermelha. Seguro a mão da minha mãe com força, estou encostado nela, e minha expressão parece dizer: “Para chegar até mim primeiro você precisa passar por ela”. É um momento feliz, uma época feliz.

Eu era o queridinho da mamãe naquela época, ainda sou, e a única ocasião em que choro hoje em dia é quando alguma coisa deixa minha mãe triste. Odeio vê-la chateada. Meu pai e eu somos

muito unidos, eu o amo muito, mas minha mãe e eu sempre tivemos um vínculo especial, provavelmente porque eu sou seu único filho, e ela me mimou até não poder mais.

Nossa casa ficava em Coxeath, uma aldeia perto da Waldensia Primary e de Sherwood Content. Cara, era um lugar bem bonito, um amontoado de casas entre árvores exuberantes e arbustos selvagens. Não havia muita gente na região; havia uma ou duas residências a poucas centenas de metros, e nossa velha casa era uma construção simples, de um único piso, alugada pelo meu pai. O ritmo da vida era devagar, bem devagar. Raramente passava um carro, e a estrada estava sempre deserta. A coisa mais próxima de um engarrafamento em Coxeath ocorria quando um amigo acenava da rua.

Para dar uma ideia de como o lugar era remoto, na época chamavam toda aquela região de "Cockpit"[1], porque tinha sido uma fortaleza de defesa da Jamaica usada pelos Maroons, escravos fugidos das Índias Ocidentais, que se estabeleceram ali durante os anos 1700. Os Maroons usavam a área como base e dali atacavam as fortificações dos ingleses durante a época colonial. Se a vida deles não tivesse sido tão violenta, Coxeath e Sherwood Content teriam sido lugares muito abençoados. O tempo estava sempre maravilhoso, o sol, quente, e, mesmo se o céu ficasse um pouco cinza, era um lugar sossegado. Lembro que chamávamos a chuva de "sol líquido".

Apesar do clima, os turistas raramente apareciam por ali, e quem procurasse em um guia de viagens encontraria orientações do tipo: "Atenção, só se chega lá de carro, e a viagem é assustadora. A estrada sinuosa atravessa uma vegetação densa, e a pista é toda esburacada. De um lado, corre um rio com uma forte correnteza; árvores copadas e a selva descem pelo despenhadeiro do outro lado, e de repente uma galinha pode atravessar a pista à sua frente, portanto, muito cuidado. Uns 30 minutos depois fica Coxeath, uma pequena vila situada no vale […]". Mas o esforço compensa. Esse lugar é meu paraíso.

Não é uma surpresa saber que a maneira como vivi quando era jovem teve tudo a ver com o modo como me tornei uma lenda olímpica. Cada canto era uma aventura, até mesmo em minha própria casa, e, desde o instante em que comecei a andar, eu vivia

perambulando por toda a casa, porque fui o garoto mais hiperativo que existiu. Não que alguém tivesse imaginado que isso aconteceria quando nasci, porque, cara, eu nasci *grande* – mais de 4 quilos. Era tão pesado que meu pai me contou depois que uma das enfermeiras do hospital fez piada sobre meu tamanho na hora do parto.

– Meu Deus, parece que essa criança já nasceu faz tempo – disse ela, enquanto me segurava no ar.

Se o tamanho foi o primeiro presente d'Ele, então o segundo foi minha energia inesgotável. Desde o instante em que nasci, eu já era rápido. Não parava de me mexer um segundo e, depois que comecei a engatinhar, só queria saber de explorar todos os lugares. Nenhum sofá estava a salvo, nenhum armário estava fora de alcance, e todos os móveis da casa se tornaram um desafio para eu escalar. Não parava quieto; não conseguia ficar em um lugar por mais de um segundo. Estava sempre aprontando alguma coisa, subindo em tudo, e tinha tanto entusiasmo que meus pais não aguentavam. Chegou um momento, provavelmente depois que bati a cabeça ou trombei com uma porta pela milésima vez, em que eles me levaram ao médico para descobrir o que havia de errado comigo.

– O garoto não para quieto – reclamou meu pai. – Ele tem muita energia! Deve ter alguma coisa errada com ele.

O médico disse que meu problema era a hiperatividade e que não havia nada que pudesse ser feito; ia melhorar quando eu crescesse, disse ele. Mas acho que deve ter sido duro para eles na época, até cansativo, e ninguém conseguia entender de onde eu tirava aquela energia toda. Minha mãe não era atleta quando jovem, nem meu pai. É claro, eles costumavam correr na escola, mas não no nível que eu viria a alcançar, e a única vez que vi algum deles correr foi quando minha mãe perseguiu uma galinha na rua depois de ela ter entrado na nossa cozinha. O animal tinha pegado um peixe que estava prestes a ir para a panela do jantar. *Uau!* Foi como assistir ao Michael Johnson, o norte-americano medalhista de ouro olímpico dos 200 e 400 metros, disparando na pista. Minha mãe perseguiu o bicho até ele deixar cair o peixe e fugir para a floresta, temendo por suas penas. Eu sempre brincava que tinha o físico do meu pai (ele

tem mais de 1,80 metro de altura e é magro como eu), mas que minha mãe tinha me dado todo o talento de que precisava.

O ritmo de vida em Trelawny agradava à minha mãe e ao meu pai. Os dois eram pessoas do campo e não sentiam necessidade de viver em outro lugar movimentado como Kingston, mas trabalhavam *muito*. Não eram de ficar de perna para cima, nem por um segundo. Meu pai, por exemplo: ele era o gerente de uma empresa local de café. Produzia-se muito café na região de Windsor, que ficava a vários quilômetros ao sul de Coxeath, e ele era responsável por fazer a produção chegar a todas as grandes indústrias jamaicanas. Ele acordava cedo, viajava por toda a região, de um condado a outro. E, na maioria das noites, chegava em casa tarde. Às vezes, quando eu era pequeno e ia para a cama antes das seis ou sete da noite, não o via por vários dias, porque estava sempre trabalhando, trabalhando, trabalhando. Sempre que ele voltava para casa à noite, me encontrava dormindo.

Minha mãe era igualmente dedicada. Ela era costureira, e nossa casa vivia cheia de tecidos, alfinetes e linhas. Todas as pessoas da vila batiam em nossa porta sempre que precisavam consertar as roupas e, se não estivesse me dando comida ou me tirando de trás das cortinas, minha mãe estava sempre costurando, cortando tecidos ou pregando botões. Mais tarde, quando fiquei um pouco maior, me acostumei a ajudá-la, e logo era capaz de remendar, costurar e prender botões. Hoje, sei o que fazer quando uma camisa se rasga[2], embora ainda peça para ela resolver, porque minha mãe sempre gostou de consertar as coisas. Ela procurava descobrir como as coisas funcionavam, como um ferro de passar, por exemplo, e então consertava se o aparelho quebrasse. Acho que essa é uma das razões pelas quais me tornei tão despreocupado quando criança. Minha mãe estava sempre por perto para consertar qualquer coisa que eu quebrasse em casa.

Nunca passei fome enquanto vivi em Coxeath, porque era uma comunidade agrícola, e vivíamos de tudo o que se plantava na região, o que era muita coisa. Tínhamos inhame, banana, coca, coco, bagas, cana-de-açúcar, árvores-da-goma-elástica, manga, laranja, goiaba. Dava de tudo em nosso quintal e em volta dele,

tanto que minha mãe nunca precisava ir ao supermercado para comprar frutas e legumes. Sempre era época de alguma fruta ou legume, e eu podia comer quanto quisesse. Bananas davam em pencas, era só estender a mão e apanhar. Não importava se eu não tinha nenhum dinheiro no bolso. Se meu estômago roncasse, era só encontrar uma árvore e pegar as frutas. Sem perceber, estava me acostumando com uma alimentação saudável que manteria meu corpo forte e sadio.

E então o treinamento começou.

A vegetação de Coxeath era como um parque de diversões natural. Eu só precisava sair pela porta de casa para encontrar alguma atividade. Havia sempre um lugar para brincar, algum lugar para onde correr e alguma coisa em que subir. As florestas proporcionavam um programa de exercícios adequado para qualquer candidato a velocista, com clareiras onde podíamos brincar e trilhas para escalar feitas de coqueiros quebrados. Nada de ficar sentado o dia todo jogando no computador como as crianças de hoje fazem; eu gostava de brincar ao ar livre, mexendo em tudo, conhecendo todos os lugares e correndo descalço o mais rápido que pudesse.

Aquelas florestas podiam parecer selvagens e perigosas para um estranho, mas eram um lugar seguro para passar a infância. Não existiam crimes, e nada perigoso se escondia no canavial. É verdade, de vez em quando se avistava uma cobra local chamada jiboia-jamaica-na, e mesmo ela sendo uma intrusa inofensiva as pessoas sempre ficavam apavoradas quando uma entrava em casa. Certa vez, ouvi falar de um cara que tinha matado uma com um facão antes de jogar o corpo na rua. Para ter certeza de que a cobra estava cem por cento morta, ele a esmagou com as rodas do carro e ateou fogo ao corpo. Esse era o controle de pragas à moda Trelawny.

Eu corria por toda parte, e tudo o que queria fazer era ir de um lado para o outro e praticar esportes. Quando fiquei um pouco mais velho, com uns 5 ou 6 anos, me apaixonei pelo críquete e jogava sempre que podia sair para a rua. Qualquer chance que tivesse, eu estava rebatendo ou arremessando a bola com meus amigos. Na maioria das vezes, jogávamos com bolas de tênis, mas, se déssemos

uma tacada daquelas em que a bola se perde entre as árvores ou entre as pernas de uma vaca das redondezas, nós a substituíamos por uma de borracha ou outra feita do que tivéssemos à mão, como barbantes. Então, passávamos horas praticando arremessos e tacadas com as nossas bolas caseiras. Quando se tratava de fazer os postes da meta do críquete, eu era ainda mais criativo – pegava o tronco de uma bananeira e arrancava um grande pedaço de madeira. Depois, esculpia três tocos desde a casca e moldava a parte de baixo até que ficasse plana. Dessa forma, os tocos ficavam de pé no chão. Se estivéssemos desesperados, jogávamos até com uma pilha de pedras ou uma caixa cortada, em vez dos postes adequados.

Mas nem sempre era tudo tão divertido. Havia as tarefas a fazer para a família, mesmo sendo garoto e, cara, às vezes eu precisava dar duro! Meu pai tinha medo que eu não desse o mesmo valor ao trabalho que lhe haviam ensinado desde pequeno, então, quando tive idade suficiente, ele sempre me mandava fazer as tarefas mais fáceis dentro de casa, como varrer o chão. Na maioria das vezes eu me saía bem, mas, se alguma vez fugisse, ele reclamava sem parar.

– Ah, esse garoto é preguiçoso – ficava repetindo. – Ele deveria ter mais o que fazer aqui em casa.

Quando fiquei mais velho e mais forte, fui encarregado de tarefas mais pesadas em casa, o que eu odiava. Não tínhamos água encanada naquela época, por isso passou a ser minha função trazer baldes de água do córrego próximo ao quintal de casa, que armazenávamos em quatro tambores para nosso uso. Toda semana, se estivesse em casa, meu pai me mandava enchê-los, e isso era a pior coisa, porque precisávamos de uns 12 baldes no mínimo para encher cada tambor daqueles, o que significava umas 48 viagens de ida e volta ao riacho. Era um trabalho duro, os baldes eram pesados, e eu faria qualquer coisa para não ter de carregá-los.

Finalmente, percebi que não valia a pena fazer 48 viagens para encher os tambores, tomava muito tempo, então, em vez disso, passei a levar dois baldes ao mesmo tempo e voltava para casa bufando com o dobro do peso, apesar do esforço doloroso de todo aquele peso a mais. Nos meus pensamentos, estava economizando tempo, mas carregar dois baldes por vez me desenvolveu

fisicamente: eu sentia meus braços, minhas costas e pernas ficarem mais fortes e volumosos a cada semana. As tarefas logo desenvolveram meus músculos e, sem nunca precisar ir a uma academia nem levantar pesos, eu estava dando os primeiros passos para me tornar musculoso de verdade. Veja só: minha preguiça na verdade estava me tornando *mais forte*. Combinadas às minhas caminhadas, escaladas e corridas, as tarefas doméstica determinadas por meu pai me ajudaram a me tornar mais alto e forte.

O engraçado é que minha mãe nunca me forçou a fazer nada que eu não quisesse, ainda mais se meu pai não estivesse por perto. Se eu realmente choramingasse, conseguia me livrar do dever dos baldes, e ele nunca descobria. Os sermões só começavam se ele chegasse em casa mais cedo e me pegasse folgando. Era quando começava a chiar. Ele reclamava que minha mãe me amava demais, e acho que era verdade, mas, como disse, eu sou seu único filho, por isso nossa ligação é tão especial.

Às vezes, porém, meu pai era rigoroso demais. Ele não gostava que eu me afastasse de casa, e se ele estivesse em casa, e eu quisesse ir brincar, ele sempre me forçava a ficar à vista, geralmente no quintal. Mas sempre que meu pai saía para o trabalho, minha mãe me deixava passear à vontade. Ainda assim, eu não era burro. Aonde quer que fosse, sempre ficava atento à motocicleta do meu pai, que fazia um barulho característico quando descia o morro para chegar à aldeia. Assim que ouvia o motor, largava o que estivesse fazendo e voltava correndo para casa o mais rápido que pudesse, geralmente chegando antes que meu pai desconfiasse de alguma coisa.

Às vezes, eu saía sorrateiramente para brincar na casa de um amigo que ficava em um grande terreno longe do caminho habitual que meu pai fazia até em casa. Nessas ocasiões, era mais difícil ouvir o barulho da velha motocicleta, mas eu tinha um truque na manga. Quando fugia assim de casa, sempre levava Brownie, o cachorro da família. No momento em que a motocicleta do meu pai roncava a caminho de casa, as orelhas de Brownie denunciavam muito tempo antes que alguém pudesse ouvir o barulho. Assim que o cão se levantava para voltar para casa, eu sabia que era minha deixa para

começar a correr. De certa forma, meu cachorro estava me dando uma amostra do que seria a vida no futuro:

*Preste atenção na arma…*

*Bangue!*

*Salte dos blocos! Corra! Corra!*

Meu primeiro treinador foi um cachorro. *Ridículo.*

* * *

Vou explicar como é minha família. Tenho um irmão mais novo, Sadiki, e uma irmã mais velha, Christine, mas todos temos mães diferentes. Isso pode parecer estranho para muita gente, mas a vida familiar na Jamaica às vezes é assim. Meu pai tinha tido filhos com outras duas mulheres, e meus pais não eram casados quando nasci. Ainda assim, isso nunca foi um problema para minha mãe, e sempre que Sadiki e Christine vinham ficar conosco em Coxeath eram acolhidos em casa como se fossem seus próprios filhos.

Mesmo quando cresci e comecei a compreender os relacionamentos, o amor e a ideia do casamento, nossa situação familiar nunca me preocupou. Minha mãe e meu pai finalmente se casaram quando eu tinha 12 anos, e a única vez que fiquei chateado na ocasião foi quando não me deixaram levar as alianças – o equivalente a ser um padrinho. Eu queria entregar as alianças de casamento para meu pai durante a cerimônia, participar de tudo, mas essa responsabilidade foi dada a outra pessoa da aldeia, provavelmente porque eu era muito novo.

Nunca me incomodou o fato de ter um irmão e uma irmã de mães diferentes, simplesmente parecia natural. De qualquer maneira, nossa família é mais descontraída em relação a relacionamentos e amizades. Não somos muito tensos quanto a isso, principalmente nas conversas, quando ninguém se importa de falar de coisas pessoais. Tenho tanta intimidade com meus pais que posso falar com eles sobre qualquer assunto e, mesmo hoje em dia, quando estou conversando com minha mãe e meu pai pelo telefone, às vezes

eles podem comentar sua vida sexual, principalmente se for o meu pai.

É uma loucura. Posso estar conversando com ele sobre qualquer assunto – o tempo, ou quem sabe carros –, mas de algum modo a conversa vai acabar chegando ao que se passa no quarto. Lembro de uma vez, quando estava conversando com os dois, e eles estavam no viva-voz. Comecei a conversa com:

– Ei, pai, e aí, alguma novidade?

E foi então que a "Conversa sobre Sexo" começou.

– Oi, Usain – disse ele. – Está tudo bem. Eu estou bem, sua mãe está bem… agora a única coisa que fazemos é transar…

Eu não podia acreditar. Essa era uma imagem que eu não queria na minha cabeça.

– *Como é que é?* – exclamei. – Aaaargh! Mãe, mande ele parar!

Na maioria das vezes encaro esse tipo de conversa numa boa, porque escuto esse papo há anos, desde que eu era um garotinho. Às vezes, quando os amigos do meu pai passavam a caminho do trabalho, em geral às seis da manhã, gritavam da janela do carro todos os tipos de palavrões e grosserias.

A primeira vez que recebi um sinal de que nem tudo na vida é perfeito foi, provavelmente, quando tive minha primeira experiência com a morte. Meu avô, pai da minha mãe, faleceu em casa. Ele escorregou no chão molhado enquanto carregava um pouco de lenha para dentro de casa e bateu a cabeça quando caiu. Ele ficou frio. Isso aconteceu bem na minha frente, mas eu não sabia o que fazer enquanto olhava para ele, sem vida, deitado inconsciente. Eu me senti impotente. Tinha apenas 9 anos, não sabia nada sobre primeiros socorros. Entrei em pânico e corri para perto dele para ajudar, mas, quando minha mãe e os vizinhos se aproximaram, me disseram que não havia nada que pudesse ser feito. Ele tinha sofrido um ataque cardíaco e, como as estradas eram muito ruins, e Coxeath era muito distante, não havia como meus pais terem levado meu avô a um hospital a tempo. Ele morreu em seguida.

Quando criança, a morte não me marcou. Não senti nada, porque não sabia realmente o que estava acontecendo. Vi todo mundo triste quando fomos ao funeral, todo mundo chorando, e

minha mãe e suas irmãs aos prantos, mas, por causa da minha idade, não senti a mesma dor. Odiei ver minha mãe tão chateada, mas eu era muito jovem para realmente entender a morte e os funerais. Depois do enterro, saí para brincar com meus amigos.

A religião também me confundia, e esse era um grande problema para nossa família, principalmente para minha mãe. Ela era cristã, adventista do sétimo dia, e íamos à igreja todos os sábados, porque era quando ela acreditava que devia ter acontecido o sabá. Meu pai não estava tão interessado. Ele ia junto talvez duas vezes por ano, no Natal e na véspera do Ano-Novo, mas, apesar de não dar a mínima para a religião, ele sempre respeitou as crenças dela. Minha mãe tentou me incentivar quando eu era pequeno, mas não com muita convicção. Ela lia a Bíblia para mim, para me ensinar a distinguir o certo do errado, mas nunca tentou me forçar a aceitar suas crenças, por medo de me alienar.

– Se eu pressionar demais as pessoas, elas simplesmente vão se voltar contra as coisas que eu gostaria que fizessem – ela me disse uma vez.

Apesar de sua abordagem simples, eu realmente não gostava da igreja quando era pequeno. Quando fiquei mais velho e comecei a participar dos encontros, gostava quando aconteciam no fim de semana, porque significava que eu não teria de participar do culto. Assim, minha mãe me levava para o culto de manhã – o que significava 20 minutos de atividades que basicamente envolviam um pouco de canto, sermões e alguns versículos da Bíblia. Na cabeça dela, isso compensava o fato de eu não ir à igreja no fim de semana.

Mantive essa rotina daí em diante e me voltei cada vez mais para a religião quando fiquei mais velho, principalmente porque comecei a perceber que tinha recebido um dom importante. Comecei a notar que Deus sempre ajudava as pessoas que se ajudavam. Assim, sempre que eu estava na linha de largada e sabia que tinha cumprido a meta que meu treinador me dera no treinamento, segurava o crucifixo no pescoço, olhava para o céu e pedia a Ele força suficiente para dar o melhor de mim.

Depois dessa rápida conversa, só dependia de mim.

* * *

Um atleta realmente bom não pode apenas ir até a linha de largada em uma competição e achar que vai ganhar sem esforço. Não pode esperar ganhar medalhas de ouro ou quebrar recordes mundiais sem disciplina. E, cara, havia muitas tarefas árduas e disciplina na casa dos Bolt – *muita disciplina.*

Meu pai era atencioso comigo, ele me amava muito e fazia tudo o que podia por mim quando eu era pequeno. Mas também era o homem da casa, um pai rigoroso, tradicional, e acreditava em bons modos e respeito em todos os momentos. Eu não era um garoto mau, mas, quando saía da linha, ele sempre me punia com um sermão. Porém, se alguma vez saía demais da linha, ele me dava umas belas palmadas no traseiro. Ele me batia porque era "das antigas", e tinha sido criado assim pelo próprio pai. Essas palmadas eram sempre algo a temer.

Hoje em dia, acho que esse tipo de criação rígida pode parecer ruim para algumas pessoas, mas era o que acontecia quando as crianças faziam alguma coisa errada e criavam problemas na Jamaica. Comigo não era diferente, e meu traseiro levava palmadas por todo tipo de coisa, tanto que eu sempre sabia quando devia me esconder. Se fosse levado à frente do meu pai, já nos primeiros segundos eu sabia se deveria me preparar para apanhar.

Se ele estivesse visivelmente irritado, então eu sabia que meu traseiro estaria a salvo, porque ele preferiria uma conversa. As palmadas eram sempre o último recurso e, se tivesse escolha, ele preferia falar, falar, falar – e, quando falava, falava muito. Mas se meu pai estivesse calmo e quieto, isso significava que meu traseiro pagaria o preço. Quando era desobediente em casa, a surra seria de cinto. Se estivesse brincando lá fora, era com a mão, e, nossa, aquilo doía. *Pá*! *Pá!* Cada golpe ardia como o inferno, e eu não conseguia segurar as lágrimas, mas não me ressinto das palmadas nem um pouco. Elas me ensinaram a diferença entre o certo e o errado e fizeram de mim o homem que sou hoje.

Sabe, a questão era que meu pai nunca brincava com a ideia de "respeito". As boas maneiras eram importantes para ele, e ele queria que eu crescesse com os mesmos valores, então fui criado para ser uma pessoa educada e de boa índole. Ele também me ensinava por meio do exemplo. Meu pai sempre foi educado com todo mundo e esperava que as pessoas o tratassem do mesmo modo. Se alguma vez alguém fosse grosseiro perto dele, meu pai não deixaria ficar por isso mesmo. Não importava quem fosse em Sherwood Content, ou o que fizesse, ou o quanto a pessoa pensasse que era má ou durona, se viesse à nossa casa e perdesse o respeito, meu pai a colocava para fora.

Na época, eu odiava sua constante cobrança por educação. Lembro-me da única coisa que ele exigiu de mim quando comecei a estudar na Waldensia School, por volta dos 5 ou 6 anos: eu deveria dar bom-dia a todas as pessoas por quem passasse na aldeia a caminho da escola. E quero dizer *todo mundo*, não importava quem fosse ou o que estivessem fazendo no momento. Era um absurdo. Eu dava bom-dia a cerca de 20 pessoas diferentes ao longo do caminho. Devo ter parecido louco, com todos aqueles "Bom dia", "Bom dia", "Bom dia", enquanto passava pela rua.

Na maioria das vezes, todo mundo sorria, mas tinha uma velha, que ficava parada no portão, uma verdadeira megera, e todo dia eu subia o morro e dava de cara com ela. Lembrando o que meu pai tinha dito, eu sempre inclinava a cabeça e dizia "Bom dia", mas ela não costumava sorrir nem responder. Nem uma única vez. Apenas me olhava feio. No começo, não deixei aquilo me incomodar. Eu a cumprimentava diariamente, sabendo que ela ia me ignorar, mas um dia perdi a paciência.

"Que se dane!", pensei. "Por que preciso dar bom-dia se ela vai ser grossa e me ignorar?"

Aproximei-me de sua casa como de costume e, quando a vi ali, olhando, simplesmente continuei andando. Não houve movimento de cabeça, não houve um cumprimento educado de bom-dia. Apenas segui em frente sem pronunciar uma palavra. Não pensei mais nisso, mas devia ter pensado melhor, porque estávamos na Jamaica, e sempre recriminavam a grosseria das crianças. Quando cheguei em

casa naquela tarde, não pude acreditar: lá estava aquela senhora na sala, parecendo bem chateada. Ela me olhou bem *séria*. Estava com os braços cruzados e batendo o pé no chão. A única coisa que faltava era um rolo de macarrão para me acertar. E então meu pai me agarrou pela camisa.

– Bolt – disse ele devagar e em voz baixa, um sinal claro de que eu estava bem encrencado. – Eu não disse para você dar bom-dia a *todas* as pessoas que encontrasse pelo caminho, não importava o que acontecesse?

– Mas, papai – disse eu. – Eu dava bom-dia a esta senhora todos os dias, e ela nunca…

– Não importa! –repetiu ele.

Fiquei com tanta raiva daquela velha! Sabia que ela me faria levar um monte de palmadas no traseiro, mas essa foi uma lição valiosa para um garoto em crescimento. Quando as palmadas choveram no meu traseiro, me fizeram dar ainda mais valor às boas maneiras e ao respeito. E nunca mais ignorei ninguém dali em diante. Cara, eu não teria coragem.

[1] Pode ser traduzido como “cabine”. (N.E.)

[2] Sem essa, cara, fala sério – eu compro uma nova. Não seja ridículo.

CAPÍTULO 3

# MEU PIOR INIMIGO

Cheguei à Waldensia Primary vestindo meu uniforme cáqui, e as amizades aconteceram rápido. Eu tinha energia e boas maneiras, então me dei bem com a maioria das pessoas, mas na verdade gostava mais dos garotos que jogavam críquete, e jogava com qualquer um que tivesse um taco e uma bola. Fiz amizade com um garoto chamado Nugent Walker Júnior, porque ele estava tão animado quanto eu para ver figuras como Courtney Walsh e Brian Lara na televisão, e andávamos juntos na maioria dos dias, batendo bola no campo da escola.

Nugent morava no caminho da minha casa e ficava me esperando do lado de fora de sua casa quando eu ia para a escola. Nós nos tornamos inseparáveis. Quase imediatamente, ele foi apelidado de "NJ" pelos amigos, o que fazia sentido – afinal, o apelido era por causa de suas iniciais. Mas depois que estávamos andando juntos por um tempo, todo mundo na escola passou a me chamar de "VJ". Eu não fazia ideia de onde tinha vindo esse apelido, mas não me importei porque odiava meu nome. Ninguém conseguia pronunciá-lo direito e, sempre que acabava de conhecer alguém, era chamado de "Oosain", "Oh-sain" ou "Uh-sain". Alguns garotos pronunciavam meu nome como "Insane"[3] – o que dava a impressão de que eu era mau ou durão. Mas foi só quando as garotas começaram a dizer meu nome no colegial que finalmente o assumi.

– *Yooo-sain! Yooo-sain!* – gritavam elas.

"Ah, entendi", pensei quando ouvi pela primeira vez. "Usain soa bem quando uma menina me chama do outro lado da rua."

Eu ia muito bem na escola, especialmente em matemática e, quando as aulas começaram, fiz uma descoberta importante: cara, eu gostava de competir! Assim que aparecia um problema na lousa, eu corria para resolver. Muitas vezes, NJ competia comigo para ver quem conseguia terminar as somas primeiro, e foi aí que entrou em cena o "instinto assassino". Tudo em que me envolvia, era sempre para ganhar. Eu *precisava* ganhar. Ser o primeiro era tudo, ser o segundo só significava perder. E eu realmente odiava perder.

Passei com tranquilidade pelos primeiros anos na escola, e desde cedo o que mais me interessou foram os esportes. Graças a todas aquelas corridas pelos campos de Coxeath, eu era rápido. No críquete, quando batia a bola, corria até a meta adversária, bem rápido, e logo eu estava no campo. Meu tamanho me dava uma vantagem sobre os outros garotos, porque estava ficando cada vez mais alto e, aos 8 anos, eu ganhava no críquete de garotos mais velhos, que tinham 10 ou 11 anos de idade. Já tinha a mesma altura que eles, e não demorou muito para eu me tornar o primeiro a rebater no time de Waldensia uns dois anos antes de a maioria dos garotos sequer entrar no time.

Eu também era muito bom em corridas. Tinha potencial. Era rápido com os pés e, depois de vencer o Ricardo no evento esportivo de Waldensia, participei da minha primeira corrida para valer entre as escolas (em que o prêmio era feito de lata e plástico, em vez de arroz e ervilhas) e venci tudo. Em 1997, depois de mais algumas corridas, ficou evidente para todos que eu era o garoto mais rápido de Sherwood Content, e não demorou muito para, aos 10 anos, ganhar o campeonato da paróquia de Trelawny. As pessoas foram percebendo minha capacidade, e eu ganhei uma corrida escolar após a outra. Os móveis de nossa casa viviam cheios de troféus e medalhas de plástico que eu guardava depois de ganhar os campeonatos, mas não levava nada disso realmente a sério. Simplesmente corria por diversão. Adorava a sensação de chegar em primeiro, de vencer as outras crianças, mas de maneira alguma eu via o atletismo e as pistas como um futuro de verdade naquele momento. Como poderia? Era apenas um garoto.

Mas as portas estavam se abrindo. Depois de alguns anos competindo no nível escolar e ganhando as corridas das paróquias pela Waldensia, fui convidado para participar das corridas de 100 e 150 metros do Campeonato Nacional Escolar. Levei uma *surra* nas duas, mas como eu era sem dúvida um dos garotos mais rápidos da minha idade no noroeste da Jamaica, ganhei uma bolsa esportiva no colégio William Knibb, que ficava a uma pequena distância de carro de casa, perto de Falmouth, onde um monte de grandes cruzeiros deixavam seus turistas.

William Knibb era um ótimo lugar, uma escola agradável, com uma história esportiva fantástica. Um de seus ex-alunos, Michael Green, havia competido nos Jogos Olímpicos de 1996, em Atlanta, onde terminou em sétimo lugar nos 100 metros. A escola também tinha uma reputação importante no críquete, mas foi a minha capacidade de correr que me tornou um candidato para uma vaga em uma de suas salas de aula.

Aí está o porquê: nas escolas de ensino médio da Jamaica, o atletismo tinha uma importância enorme. A paixão pelo atletismo era tão grande quanto a paixão pelo futebol nas escolas inglesas, ou pelo futebol americano ou basquete nos colégios dos Estados Unidos. A maneira como o sistema funcionava – dos jovens talentos até o nível profissional – era que primeiro o garoto participava das competições locais. Se fosse bom e ganhasse algumas corridas interescolares importantes na categoria júnior, como fiz na Waldensia, então corria na paróquia, ou em campeonatos estaduais, em que o nível subia um pouco. Se chegasse ao colegial e tivesse uma boa presença nas competições mais importantes, o atleta logo competia em nível nacional do ensino médio. Era aí que a vida começava a ficar interessante. Um garoto com um bom desempenho na adolescência poderia chamar a atenção lisonjeira de faculdades americanas, que geralmente ofereciam bolsas esportivas. Os contratos profissionais e os milhares de dólares vinham em seguida.

Eu estava no primeiro degrau dessa escada, mas o fato de estar no William Knibb significava que eu tinha o potencial para participar de algumas corridas importantes nos próximos anos. Uma delas era o Campeonato Juvenil das Escolas de Ensino Fundamental,

ou o “Champs”, como todos o chamavam por lá. Para alguém de fora da ilha, a competição podia parecer um evento esportivo superdimensionado de um dia, mas o Champs era o máximo para qualquer atleta júnior da Jamaica e uma obsessão nacional. Na verdade, era provavelmente o maior evento escolar do Caribe.

O Champs era – e é – a base do sucesso no atletismo jamaicano. Foi instituído em 1910 para incentivar a competição entre os melhores atletas juvenis do país, e todos os anos, no mês de março, mais de 2 mil jovens de ambos os sexos se enfrentavam. As melhores escolas eram coroadas “Rei” ou “Rainha”, e o evento era sempre exibido na televisão. Nossa, saía até na primeira página dos nossos jornais. Um grande número de países em todo o mundo tinha dificuldades quando se tratava de conseguir financiamento para suas competições juvenis, mas o Champs era um negócio tão grande que havia uma série de contratos de patrocínio importantes que custeavam sua organização todos os anos.

Era fácil entender o interesse. Os quatro dias de competições em geral aconteciam no Estádio Nacional de Kingston, e os 30 mil ingressos para cada dia esgotavam-se rapidamente. A procura era enorme porque as pessoas queriam ver a próxima geração de superastros nacionais e, depois que os ingressos acabavam, muita gente pulava a cerca para entrar, o que significava que as arquibancadas estavam sempre lotadas. As pessoas dançavam no meio da multidão, ouviam-se buzinas estridentes, bandas escolares tocavam ruidosamente nos assentos. Se alguém quisesse usar o banheiro, estaria ferrado, porque levaria uma hora para chegar lá.

Por outro lado, o Champs era um excelente mercado para os treinadores financiados pelo governo da Jamaica. Em 1980, nosso ex-primeiro-ministro Michael Manley fundou o G. C. Foster College – uma instituição de ensino totalmente dedicada à educação física e ao treinamento esportivo. Essa é uma das razões pelas quais a Jamaica, com uma população de 2,7 milhões de habitantes, formou tantos medalhistas de ouro quanto muitos países maiores do mundo. O G. C. Foster College formava os treinadores, os treinadores recrutavam os melhores atletas juvenis no Champs, depois os transformavam em campeões profissionais.

É compreensível que os principais professores do país estivessem sempre procurando incluir entre seus alunos alguns novos talentos esportivos para o Champs. As escolas recebiam muitos benefícios para formar competidores de atletismo de sucesso, e a diretora do William Knibb, Margaret Lee, era uma professora com um bom olho para os esportes. Depois de ficar sabendo de alguns dos meus tempos de corrida, a senhorita Lee me disse que a escola pagaria uma porcentagem das minhas mensalidades como parte de uma bolsa esportiva. Eles tinham notado meu potencial atlético. A educação subsidiada pareceu uma boa troca pelo meu talento atlético em 1997, ainda mais se eu pudesse melhorar e chegasse ao Champs alguns anos mais tarde.

Isso agradou meu pai. Embora ele se dedicasse muito à empresa de café, não tínhamos dinheiro suficiente para pagar as mensalidades escolares caras; do ponto de vista financeiro, levávamos uma vida bem modesta. Mas meu pai acreditava que era importante que não me faltasse nada quando criança. Ele me amava muito e se preocupava comigo, então, se eu precisasse de algo para progredir na vida, como um par de tênis ou uma vaga no colégio William Knibb, ele dava um jeito de conseguir – quanto a isso não havia problema. Nunca fui mimado e sem dúvida não ganhava tudo o que pedia, mas meus pais sempre me ajudaram no começo da vida.

O único problema com a minha ida ao William Knibb era que a escola não queria que eu jogasse críquete, não para valer. Eu estava com 11 anos e esperava me sair bem nas aulas de Educação Física, pegar meu equipamento, um bom taco e realizar meu sonho de me tornar uma sensação na largada do campeonato. No entanto, os professores tinham outras ideias. Eles queriam que eu me concentrasse nas corridas e, na primeira semana na escola, quando fui até uma meta no meio do campo da escola para jogar, fui recusado.

– Não, Bolt – disse o professor. – Você não deveria estar aqui, não posso deixá-lo jogar. A pista de corridas fica para lá.

Isso foi um pouco chato. Naquela noite, depois de chegar em casa, reclamei, mas meu pai me explicou as coisas. Ele disse que,

para mim, o críquete era um jogo que dependeria de política, em vez de basear-se em meu talento e esforço. As escolhas do treinador para a equipe às vezes eram motivadas por favoritismo, mas no atletismo a pessoa era selecionada por seus tempos e recordes pessoais.

– Bolt, se você se der bem no atletismo, vai ser por sua causa e de mais ninguém – disse ele. – No críquete, há outras pessoas envolvidas, porque é um esporte de equipe. A coisa se complica. Você pode jogar bem, melhor do que todos, mas se o treinador tiver um favorito, então você talvez não seja escolhido. Isso acontece bastante na vida, e é injusto. Mas, no atletismo, você é seu próprio chefe.

Essas palavras tocaram fundo dentro de mim. Gostei da ideia de estar no comando. Quando chegou a aula de Educação Física, concentrei meus esforços na pista e, nos 12 meses seguintes, experimentei todas as modalidades de corrida em distância: 100 metros, 200 metros, 400 metros, 800 metros e 1.500 metros. Fiz corridas de revezamento, até tentei as de longa distância uma vez, mas odiei, porque correr tão longe me pareceu um esforço excessivo demais.

Acabei escolhendo os 200 e os 400 metros como minhas modalidades competitivas, porque estava claro que eu não tinha os pulmões nem a força de vontade para correr mais do que isso, pelo menos como atividade constante. Essas modalidades também me permitiam explorar melhor minha resistência em velocidade, minha disposição para correr em um ritmo forte sem me cansar. Todas aquelas horas correndo pelos campos em Coxeath e praticando esportes tinham valido a pena. Eu era rápido e forte em distâncias curtas a médias.

A modalidade de 100 metros estava fora de cogitação porque eu já tinha 1,80 metro de altura e continuava crescendo. Aparentemente, essa estatura me tornava grande demais para correr uma distância mais curta. Os treinadores do William Knibb acreditavam que eu demoraria uma eternidade para levantar meu corpo dos blocos e, quando saísse da posição inicial, segundo eles,

meus adversários mais baixos estariam a meio caminho de vencer a corrida.

Felizmente, não importava se fosse mais lento para sair dos blocos nos 200 ou 400 metros, pois, com meus passos largos e pernas rápidas, era capaz de alcançar os atletas mais baixos depois de 50 metros ou mais, mesmo que minha capacidade técnica fosse imperfeita na época. Eu corria com a cabeça erguida, olhando para todos os outros participantes da corrida, meus joelhos levantavam muito quando pisava na pista. Se movesse os braços um pouco mais, provavelmente levantaria voo.

Esse estilo meio maluco não me impediu de superar todos os outros garotos do William Knibb na pista. Quando corria nos 200 e 400 metros, às vezes me exibia um pouco, porque era fisicamente muito mais rápido do que todos os outros, e vencer era algo muito fácil para mim. Na Educação Física, todo mundo parecia ainda mais lento e, às vezes, eu ganhava uma enorme dianteira dos demais em uma corrida e parava no final para atravessar caminhando a linha de chegada em primeiro lugar, enquanto os outros me alcançavam.

Uma vez, lembro-me de correr a final dos 400 metros durante uma competição entre escolas e, por um tempo, estava cabeça a cabeça com o outro garoto mais rápido das pistas. Ele estava acelerando ao meu lado, dando tudo o que tinha. As veias foram surgindo em seu pescoço, juro que seus olhos estavam esbugalhados pelo esforço, mas eu nem sequer tinha engatado a segunda marcha. Quando cheguei à curva, olhei para ele e sorri.

– Ei, até mais tarde – gritei, ao deixá-lo para trás.

Quando chegou à linha, o que aconteceu muito tempo depois de mim, ele parecia realmente irritado.

Não pude deixar de brincar, porque a competição provocava essa característica minha, e ganhar era uma alegria. Tinha tanto talento natural que, nos dias de competição, ninguém se aproximava de mim, e eu me inscrevia em praticamente todas as corridas disponíveis e chegava em primeiro lugar. Uma vez, me inscrevi até para o salto em altura e o salto em distância porque achei que seria divertido. Quando terminei em primeiro lugar nos dois, os outros garotos estavam me xingando enquanto eu recebia todas as

medalhas, mas não podia culpá-los. Os garotos do William Knibb tinham de competir contra mim em um evento – qualquer evento – sabendo que o primeiro lugar já estava ocupado. Na escola, não havia nenhum garoto que tivesse chance de me alcançar depois do tiro de largada[4].

A escola notava que eu tinha talento para valer. Chegou a um ponto em que estava correndo tão rápido no treino que os treinadores não queriam me dizer meus tempos. Não queriam que eu ficasse convencido, porque estavam fora da escala para um garoto da minha idade. Mais tarde descobri que, quando um novo professor de Educação Física me cronometrou nos 200, precisou verificar duas vezes o tempo depois.

– *O que é isso?* – disse ele aos garotos ao seu redor. – O tempo de corrida de Bolt é um absurdo. Não pode ser verdade.

Ele reajustou o cronômetro e me fez correr de novo. E de novo. E mais uma vez. Toda vez que eu cruzava a linha e olhava para ele, encontrava a mesma expressão de choque, batendo no mostrador do cronômetro como se estivesse quebrado. Os resultados eram tão rápidos quanto antes – se não até mais rápidos.

* * *

Eu era meu pior inimigo. Apesar da disciplina do meu pai em casa, tornei-me preguiçoso. Na escola, também não estava muito interessado no treinamento. Nunca me esforçava nos exercícios e fazia apenas o suficiente para passar pelo treino sem desafiar meu corpo de verdade. Como meu talento natural não era deste mundo, eu costumava fazer os exercícios e seguir em frente. Em geral, me posicionar na linha de largada e correr era o bastante para ganhar um campeonato escolar, mas minha falta de esforço significava que não estava melhorando nem me dedicando a novas técnicas. Os troféus e elogios encobriam os pontos fracos – minha técnica de corrida tinha algumas falhas importantes. Com meu pescoço mole e meus joelhos altos, eu realmente não tinha nenhum estilo.

O problema era que ainda não conseguia encarar as horas de treinamento, especialmente nos 400 metros. Os exercícios nos 200 metros eram muito exaustivos, mas pelo menos não me deixavam destruído. Ali, só precisava correr intervalos de 300 e 350 metros, várias vezes, no que era chamado de treinamento de fundo: o árduo programa de resistência que cada atleta precisava cumprir para se preparar para a temporada seguinte. O treinamento de fundo me dava a força e a aptidão para correr em alta velocidade por períodos mais longos em uma corrida. Também me deixava em ótima forma física, por isso, se me machucasse em uma temporada, continuaria mantendo minha força e resistência quando voltasse à atividade.

Nos 400 metros, porém, o treinamento de fundo era algo completamente diferente. Precisava correr distâncias consecutivas de 500, 600 e 700 metros. Isso me parecia impossível, e eu muitas vezes vomitava na pista depois das sessões, implorando ao treinador para me dar uma trégua daquele sofrimento. Pior ainda, havia sequências de exercícios porque, se quisesse ser um corredor de nível superior, meus músculos centrais precisavam ser fortes o bastante para gerar uma força significativa nas pernas quando desse a volta na pista. Mas a prática dessas sequências era árdua. Um de meus treinadores mais severos era um tipo sargentão chamado sr. Barnett, e o cara era terrível de verdade. Ele nos obrigava a fazer 700 abdominais por dia. *Setecentas!* O pior era que todos os estudantes atletas precisavam fazer as sessões de abdominais ao mesmo tempo. Se alguém parasse, todos tínhamos de recomeçar do zero.

"Esqueça", pensei. "Não dá."

Daí em diante, comecei a fazer qualquer coisa para escapar dos exercícios, ainda mais se soubesse que teria de encarar uma daquelas corridas de fundo mais longas ou uma das sessões de tortura do sr. Barnett.

A verdade era que eu considerava a corrida mais um passatempo do que a principal razão para minha presença no William Knibb. Aos 12 anos de idade, faltava aos treinos no final de tarde na escola e ia para Falmouth com meus amigos jogar videogame no fliperama local. O dono do estabelecimento era um

sujeito chamado Floyd, e as instalações eram bastante simples: quatro consoles de Nintendo 64 e quatro televisores; ele cobrava 1 dólar jamaicano por minuto de jogo. Para conseguir o dinheiro para jogar, deixava de almoçar e guardava as moedas que minha mãe me dava para comprar comida. Meus jogos preferidos eram o Super Mario Kart e o Mortal Kombat, que eu jogava sem parar e, na maioria das noites, minhas mãos doíam por causa do *joystick*, por ter ficado tanto tempo jogando.

Toda vez que minha mãe ou meu pai queriam saber como tinha sido o treino, eu nunca dizia que tinha faltado. Em vez disso, dava de ombros e agia como se tivesse corrido de verdade – um bocejo ou dois costumavam ser suficientes para convencer. Mas a diversão logo acabou, pois uma prima me delatou. Ela havia se mudado para o bairro perto do fliperama e sabia que meu pai não gostava que eu fosse lá. Depois de me ver entrando na casa de jogos de Floyd, não esperou nem um minuto para contar aos meus pais, e meu pai me deu uma surra daquelas. Fiquei muito chateado com ela. Fui proibido de voltar ao fliperama, e o treinador-chefe da escola, um ex-velocista olímpico chamado Pablo McNeil, tentou me explicar a importância do treinamento.

– Você está fazendo tempos fenomenais, Bolt – disse ele. – Se levar essa coisa a sério, imagine os tempos que você pode alcançar.

O sr. McNeil foi uma força importante. Ele era um homem muito sério, de cabelos grisalhos e bigode, mas, na época em que era atleta, tinha um penteado afro enorme. Ele parecia estiloso na época. O sr. McNeil foi semifinalista nos Jogos de 1964 em Tóquio mas, apesar de sua experiência, o conselho dele não vingou, e continuei levando na brincadeira. Uma noite, depois de eu ter faltado de novo aos treinos, ele pegou um táxi e foi para Falmouth. E me encontrou no fliperama de Floyd junto com algumas das garotas do William Knibb.

O humor do meu pai só piorou com a notícia de que minhas notas estavam muito ruins, principalmente em matemática. A velocidade que eu antes tinha para fazer somas em Waldensia desaparecera, e eu não conseguia me concentrar nas coisas que os professores tentavam ensinar nas aulas. Fiquei confuso no início. Eu

pensava: “Droga, o que está acontecendo?” Então tentava me convencer de que não precisava de nenhuma das ideias que queriam me passar.

“Fala sério, quando é que vou precisar do teorema de Pitágoras na vida real?”, pensava. “Por que preciso conhecer a fórmula da hipotenusa? *Ah, faça-me o favor.”*

Ficou claro para todos que eu não me importava nem um pouco com a escola. Nos meus dois primeiros anos no William Knibb, fiz o que precisava fazer para passar raspando. Os professores tentavam me convencer de que as aulas me ajudariam na carreira esportiva, só para me dar um incentivo, mas isso também não ajudou, porque eu não conseguia imaginar que teria uma carreira de verdade no atletismo – de maneira nenhuma. Minha professora de línguas, a senhorita Jackson, chegou a me dizer um dia:

– Usain, você precisa aprender espanhol. Se for se tornar um atleta, vai ter de viajar, conhecer pessoas diferentes, e vai querer falar com elas. O espanhol é uma língua que você deve aprender.

Eu não ficava nem um pouco impressionado.

“Não, isso não é para mim”, pensava.

“Odeio espanhol.”[5]Os problemas do meu pai com meu mau comportamento tinham a ver com pagamentos anuais complementares que ele precisava fazer para a escola. Ele sabia que, se eu fosse reprovado em um ano, teria de repeti-lo, e isso significava mais uma porção de taxas escolares. Ele ficou bravo de novo. E levei mais uma surra.

– Se você ficar para trás, Bolt, será o fim! – gritou comigo uma noite. – Tudo pode acontecer no atletismo… você pode sofrer uma lesão e nunca mais correr tão rápido. Se não tiver algo na cabeça com que contar, não vai ter nada para ajudá-lo mais tarde na vida.

Para fazer eu me concentrar ainda mais, meu pai passou a me acordar às 5h30 todas as manhãs. Era uma loucura. As aulas só começavam às 8h30, mas ele queria que eu estivesse acordado ao amanhecer. Eu gemia todas as vezes que o despertador disparava.

– O que é isso? – gritava ele, se eu ficasse na cama. – Rapaz, por que você é tão preguiçoso?

Felizmente, minha mãe era muito mais tranquila. Assim que meu pai saía para o trabalho, ela me deixava voltar a dormir. Para garantir que eu não chegasse atrasado às aulas, minha mãe me mandava de táxi para a escola.

* * *

Embora eu não soubesse disso na época, minha atitude preguiçosa em relação aos treinos estava afetando todos os desempenhos competitivos mais importantes. Sem dúvida, eu era o melhor corredor do William Knibb, mas quando se tratava dos campeonatos regionais, eu estava perdendo para um garoto chamado Keith Spence, do Cornwall College. E isso me deixou louco da vida.

Spence era um garoto jamaicano mestiço cheio de músculos. A única coisa que tinha ouvido falar sobre ele na escola era que o pai dele pegava *pesado,* e mais tarde soube que fazia Keith ir à academia o tempo todo. Mas o esforço deu a ele uma vantagem sobre mim, porque ele era mais desenvolvido, mais maduro do que eu, embora nós dois tivéssemos apenas 13 anos. Seus fortes músculos abdominais lhe davam mais energia na pista, e eu não conseguia vencê-lo, não importava o quanto tentasse. Como não ligava para os exercícios da academia, como tinha faltado a muitas das sessões de abdominais do sr. Barnett, eu tinha ficado para trás na corrida.

Mas perder para Keith Spence era tão doloroso quanto aquelas 700 abdominais; então, depois de mais uma derrota em uma competição regional em 2000, decidi dar um basta. Fiquei furioso, e o aborrecimento me deu concentração. Como tinha acontecido na minha corrida contra Ricardo Geddes e a promessa do sr. Nugent da caixa de almoço, agora eu tinha uma meta. Queria vencer aquele garoto, mesmo que isso acabasse comigo.

– Não, Keith Spence – disse para mim mesmo no caminho para casa. – Isso não vai acontecer da próxima vez.

Foi outro grande desafio, eu tinha um outro adversário importante, e estava na hora de melhorar. Comecei a treinar um

pouco mais pesado, treinei e treinei durante as férias de verão e, conforme me dedicava cada vez mais aos exercícios, algo especial aconteceu. Tive meu primeiro vislumbre dos Jogos Olímpicos quando alguém me mostrou alguns vídeos dos Jogos de Atlanta em 1996.

Esse clipe mexeu com a minha cabeça. Foi uma das coisas mais incríveis que já tinha visto, primeiro porque assistir a qualquer tipo de esporte olímpico era uma raridade na Jamaica. Nós simplesmente não tínhamos a tecnologia nem o dinheiro para transmitir as competições esportivas de nível internacional na virada do século XXI. Se uma emissora de televisão de Kingston quisesse transmitir os Jogos ao vivo na época, teria custado uma quantia de dinheiro enorme. Também não existia televisão por satélite ou a cabo em Sherwood Content. Para captar uma imagem clara do exterior precisávamos de um poste e de uma antena parabólica para obter uma recepção decente. Não era só ligar o aparelho e ter imediatamente uma imagem da ESPN ou do Sky Sports, como acontece hoje em dia. Ver televisão exigia muito esforço, por isso assistir a um programa de atletismo me parecia uma grande coisa.

Esse primeiro vislumbre também foi importante porque pude ver como os 100 metros eram populares, assim como os 200 metros, os 400 metros e até mesmo os malditos 800 metros, e em todo o mundo, não só na Jamaica. A coisa era muito maior do que os campeonatos interescolares e paroquiais de que eu tinha participado. Até mesmo a multidão de 30 mil pessoas durante o Champs parecia pequena em comparação com aquilo. Dava para ver que os Jogos Olímpicos eram algo muito importante em todos os lugares. Até aquele momento, eu não sabia como a corrida de velocidade era de grande valor em todo o mundo.

Mas a parte mais maravilhosa de assistir aos jogos antigos foi ver Michael Johnson pela primeira vez, um atleta que corria os 200 e os 400 metros, as minhas corridas. Ainda melhor, ele ganhou medalhas de ouro nas duas modalidades e quebrou o recorde mundial dos 200 metros com o tempo de 19,32 segundos. Aquilo era emocionante, mas, antes de mais nada, a principal coisa que notei ao vê-lo correr pela pista era que suas costas ficavam muito eretas, e

a cabeça ficava inclinada, olhando para a pista. Foi estranho ver um sujeito correr daquele jeito.

Eu não conseguia entender de jeito nenhum como ele conseguia fazer aquilo. Johnson parecia tão tranquilo que fazia suas corridas parecerem muito fáceis. Mesmo quando estava cansado no final dos 400 metros – os segundos quando seus músculos provavelmente estavam ardendo –, cada parte de seu corpo mantinha-se na posição vertical. Quando ele cruzou a linha em primeiro lugar, lembro-me de pensar: "Cara, quero ser como Michael Johnson. Quero ser um medalhista de ouro olímpico". Foi a primeira vez que o pensamento passou pela minha cabeça.

Isso significou uma má notícia para Keith Spence. Na competição seguinte, quando entrei na formação da largada, tentei imitar o estilo de Johnson. Saí dos blocos e impulsionei meu corpo para a mesma posição vertical rígida, mas machuquei tanto as costas que desisti da ideia bem rápido. Mas isso não me fez desanimar de aprender e, para melhorar mais, assisti a vídeos, imagens antigas, documentários que contavam a história dos Jogos Olímpicos e falavam dos grandes atletas jamaicanos, como Herb McKenley, corredor dos 400 metros, e Arthur Wint, corredor dos 400 e 800 metros, que se tornou o primeiro medalhista de ouro olímpico do país em 1948.

Então um treinador me mostrou um vídeo de Don Quarrie, o jamaicano que ganhou a medalha de ouro nos 200 metros nos Jogos de 1976 em Montreal. Ora, se achava que Michael Johnson corria com estilo, Don Quarrie o fazia parecer um robô. Esse homem entrava na curva com tanta elegância que me pareceu quase uma arte. A primeira coisa que eu precisava fazer era aperfeiçoar esse aspecto da minha técnica de corrida e, no treinamento seguinte, comecei a imitá-lo na curva.

Depois de ver os atletas antigos, ficou claro que eu ainda tinha muito que aprender sobre a corrida de 200 metros. Havia uma grande quantidade de material técnico para colocar na cabeça sobre o que acontecia depois de deixar os blocos, ainda mais porque eu era alto. Idealmente, um velocista deve fazer a curva na pista o mais próximo da linha possível, porque é a maneira mais eficaz de correr

os 200 ou os 400 metros. Dessa maneira, o corredor percorre uma distância menor, mais ou menos como Lewis Hamilton cortando a curva na Fórmula 1.

Para Quarrie, correr apertado na curva dos 200 metros na pista era mais fácil, porque ele era mais baixo. Seu centro de gravidade era baixo. Isso significava que ele podia controlar seus passos curtos com facilidade. Ele não ia se mexer muito na pista e perder tempo. Eu não era capaz disso, era alto demais. Eu juro que tentei, mas, assim que ganhava velocidade, minhas pernas compridas me levavam longe, porque tinha menos controle.

Para tentar superar o problema, passei horas praticando essa linha de corrida, e o que rapidamente percebi foi que teria de correr os primeiros 50 metros dos 200 metros no meio da pista. Isso feito, quando chegasse à velocidade máxima, podia ficar mais perto da linha interna para fazer a curva de maneira mais eficaz. Assim, estaria perto da curva e disparando em direção à linha de chegada como um estilingue e poderia voltar ao meio da pista. Bem, essa era a teoria. Nem sempre deu certo na prática.

De repente, eu estava empolgado com os 200 metros. Perder para Keith Spence foi a inspiração por trás desse processo e, no ano seguinte, comecei a melhorar minha técnica. Mas houve também outro impulso muito importante para minha capacidade: eu tinha crescido de novo. Estava com 14 anos quando chegou o momento de um novo Champs regional, um ano depois, e tinha 1,85 metro de altura. Minha passada também estava bem mais longa. Quando nos alinhamos de novo para os 200 metros, Keith Spence não tinha chance. Ele parecia ameaçador como sempre, com os músculos desenvolvidos. Mas eu era mais alto, mais afiado e estava muito, muito mais rápido na curva do que antes.

*Bangue!* A arma disparou. Por causa dos músculos, Spence saiu dos blocos muito rápido, mas, assim que cheguei à curva, ele não conseguiu manter a liderança. Saí da curva com força, tinha começado no meio da pista e mantido um ritmo suave. Ao alcançar a velocidade máxima, disparei. Meus passos seguiam junto da linha e, quando cheguei à reta, cada passo me empurrava cada vez mais

para longe do meu adversário. Olhei por cima do ombro. O garoto estava com dificuldade para manter o ritmo.

No momento em que cruzei a linha, estava fora de vista.

– Ei, eu venci o cara!

Acho que aquele foi o momento de uma grande descoberta. Eu precisava correr os 200 metros com um estilo eficaz. Mas tinha criado um mantra que definiria minha atitude mental em relação aos adversários pelo resto da minha carreira. *Se eu o vencer em uma competição importante, você não me vence mais.* A partir desse momento, soube que, se derrotasse um atleta forte pela primeira vez, eu tinha chegado lá. Teria superioridade e confiança para vencer daí em diante, quantas vezes fossem necessárias. Foi um degrau psicológico e também uma percepção que me deu a mentalidade de um verdadeiro campeão.

Percebi que, sim, um corredor poderia me vencer em uma corrida isolada, uma competição secundária, mas em um campeonato importante, como a minha primeira corrida escolar na Waldensia, ou nos Champs regionais, isso não aconteceria – fim da história. Provei isso com Ricardo Geddes e depois com Keith Spence. Forcei um pouco mais, e vencer tornou-se um hábito estabelecido.

[3] “Maluco”, em inglês. (N.E.)

[4] Meus sucessos eram tão regulares que a senhorita Lee passou a garantir que as competições da escola acontecessem quando sabia que eu estaria fora, em alguma corrida internacional – só para dar uma chance aos outros garotos.

[5] Droga, se pelo menos eu tivesse escutado esse conselho… Nos últimos anos, conheci algumas garotas espanholas, e muitas delas eram muito bonitas. O único problema é que não conseguia conversar com nenhuma delas – em uma boate, em uma festa – porque não falava a língua. A senhorita Jackson tinha razão. Mais tarde, fiquei tão envergonhado com a situação que saí e comprei o programa de línguas Rosetta Stone para computador, para aprender nem que fosse algumas frases. Não perdi muito tempo nisso, só o bastante para descobrir que qualquer coisa soa romântico em francês e espanhol, mas em alemão é outra história.

CAPÍTULO 4

# QUANDO OS MORTAIS TREMEM, O SUPERASTRO VIBRA COM *O GRANDE MOMENTO*

Continuei aumentando a velocidade. Meus oponentes na categoria júnior caíam como peças de dominó, e, depois de Keith Spence, obtive uma série de vitórias em nível regional na Jamaica – eu era o máximo. Mas, apesar de meus sucessos, o atletismo continuava me parecendo apenas uma enorme diversão, nada mais.

Essa maneira descontraída de pensar era a mentalidade perfeita para um atleta: ia relaxado para todas as corridas, ficava tranquilo quanto aos meus desempenhos, não tinha medo em corridas difíceis, em que os adversários eram fortes para valer. E, definitivamente, não me estressava com a perspectiva de correr, como acontecia com alguns outros garotos. Eles ficavam nervosos antes da largada, obcecados em superar seus recordes pessoais. Eu tinha a confiança de um campeão, porque estava muito relaxado.

Logo depois da minha vitória sobre Spence, me dediquei com mais empenho aos treinos, mas não muito mais. O talento puro ainda era tudo de que precisava para ganhar a maioria das corridas, mas melhorei um pouco minha técnica. É claro, faltei ao treino algumas vezes, e, assim que minha ausência era notada, o treinador McNeil ia me procurar. Ele reclamava muito, me dava bronca, até eu me arrastar de volta para a escola, mas, depois que nossos exercícios recomeçavam na pista, eu corria quase todas as voltas que ele havia programado para o treino.

Só que, às vezes, só o trabalho duro não era o bastante. Considere o Champs no Estádio Nacional, em Kingston, por exemplo. Quando me classifiquei para a minha primeira aparição em 2001, aos 14 anos, nenhum treino de corrida no mundo teria me preparado para *aquilo,* porque era algo grande, verdadeiramente grande. Cheguei ao evento pela primeira vez, e minha mente entrou em parafuso. O Estádio Nacional era incrível, uma arena em forma de tigela com a pista encravada no chão e rodeada por uma imensa arquibancada transbordando de espectadores. O lugar foi construído para as competições importantes, e me senti um atleta importante.

Por dentro, o estádio era exatamente como eu tinha imaginado depois de vê-lo pela televisão e ler notícias nos jornais. Os espectadores estavam agitados, pareciam todos enlouquecidos. Era como estar em um grande campo de futebol da América do Sul, onde os torcedores são absurdamente apaixonados. Antes de cada corrida, quando os atletas entravam na pista, os garotos de todas as escolas gritavam a plenos pulmões, e era impossível ouvir qualquer coisa. Entrei naquele estádio para minha primeira corrida de 200 metros e fiquei mais energizado com o barulho. As pessoas batiam em tambores e tocavam cornetas. A energia que aquilo descarregava na arena me deixou arrepiado. Naquele momento, para mim, o Champs parecia o Superbowl, uma final da Liga dos Campeões e os Jogos Olímpicos tudo misturado em uma coisa só.

Eu ia correr na Classe Dois, que era a corrida sub-16[6]. Isso significava que seria um dos competidores mais jovens na linha de largada e, nessa idade, um ou dois anos às vezes podem ser uma desvantagem considerável em termos de força física e capacidade técnica. Mas não deixei isso me intimidar, estava lá pela emoção, mesmo que qualquer um que olhasse para a largada pudesse pensar que eu era o mais velho da corrida – eu me sobressaía em altura com relação aos outros adversários nas demais faixas.

Manter a cabeça fria era importante em uma competição como o Champs, porque o estresse podia ser um obstáculo significativo para inúmeros atletas do ensino médio. O orgulho e o prestígio da escola geravam uma pressão considerável para se sair bem na competição. Uma grande comoção acompanhava a expectativa de a escola ser

considerada a detentora do melhor programa de atletismo da Jamaica, então todo mundo dava o máximo de si. O padrão era elevado. Ia ser necessário correr no meu nível mais alto se quisesse que o William Knibb tivesse uma chance de ganhar alguma coisa.

A competição funcionava à base de um sistema de pontos por equipe, e os resultados individuais eram somados para determinar uma pontuação geral, por isso minha contribuição seria essencial. Mas também havia uma pressão individual. Os professores do William Knibb não paravam de comentar que o Champs sempre foi um trampolim para o sucesso para alguns dos grandes astros jamaicanos. Don Quarrie, Herb McKenley e Merlene Ottey, corredora dos 100 e 200 metros, todos eles tinham se saído bem no Champs antes de ir para o cenário mundial. Depois, havia a promessa de um futuro além da escola: todos os astros da categoria júnior em idade de terminar a escola muito provavelmente receberiam a oferta de uma bolsa de atletismo nos Estados Unidos, caso brilhassem no Estádio Nacional de Kingston; os mais novos poderiam ficar marcados para uma seleção futura.

Eu não pensava tão adiante assim. Minha emoção estava concentrada apenas na pista, no estádio e nos torcedores. Apesar da pouca idade e da inexperiência em lidar com grandes multidões, não estava nervoso, não sentia medo nenhum. Nos 200 metros, passei pelas eliminatórias e cheguei à final – parecia apenas mais um campeonato. *Bangue!* Quando saí dos blocos, disparei na frente por quase todo o campo e levei a medalha de prata com o tempo de 22,04 segundos. Nas arquibancadas, os torcedores do William Knibb enlouqueceram. A multidão inteira parecia estar fora de si. Foi incrível.

Com uma corrida, eu já tinha conseguido me destacar. Na segunda, fui o centro das atenções entre os fãs de atletismo do país. Eu ia correr a final dos 400 metros competindo com Jermaine Gonzales[7], uma potência de velocista. Sempre que corria, ele se tornava um turbilhão ensandecido de membros e cabelo trançado. Jermaine era o campeão nacional naquele momento, e eu sabia que o cara era sério, mas também percebi que não havia muita diferença entre mim e ele em termos de tempo, então ia precisar vencê-lo

usando o cérebro em vez de velocidade pura na nossa próxima corrida de 400 metros.

Nos últimos meses, tinha desenvolvido uma vantagem tática. Como um treinador de futebol, eu tinha começado a planejar estratégias antes das corridas. Quando vencia os melhores garotos do atletismo jamaicano, percebia que, para ganhar, às vezes precisava agir com inteligência, então, nas competições, eu procurava descobrir os pontos fortes e fracos dos meus adversários. Assistia à participação deles nas eliminatórias, para entender o estilo de cada um e como se comportavam durante uma corrida. Muitas vezes, meu primeiro passo em qualquer campeonato era descobrir se precisava mudar minha tática para enfrentar um adversário forte. Na maioria das vezes, sabia que seria rápido o bastante para vencer só com base no talento, mas, às vezes, usava uma estratégia para chegar em primeiro lugar.

Uma semana antes do Champs, NJ e eu nos reunimos na biblioteca da escola para conversar sobre táticas. Nós dois tínhamos conseguido ir juntos para o William Knibb e, enquanto eu me destacava no departamento de músculos, NJ exercitava a mente – era um estudante de primeiro nível. Mas também entendia da arte do atletismo, era louco por esportes assim como eu e, enquanto os outros garotos se debruçavam sobre os livros e faziam anotações no caderno, NJ dissecava o estilo de Jermaine. Ficamos ali sussurrando como espiões planejando um ataque secreto.

– Sei que ele é bom nos 400 – disse NJ. – Tão bom quanto você, mas acho que você é o corredor mais rápido dos 200 metros.

Eu assenti.

– Certo… e daí?

– VJ, se você entrar na primeira curva com tudo e continuar assim na primeira metade dos 400, isso vai deixar o cara maluco, ainda mais se sair dos blocos na frente do grupo. Se começar bem, o Jermaine vai entrar em pânico, perder o ritmo e ser forçado a se sobrecarregar. É aí que você pode ganhar a corrida, porque ele vai perder a técnica, e você vai chegar em primeiro fácil.

Na corrida seguinte do Champs, segui a tática de NJ e, *Bangue!,* quando a arma disparou, me afastei da largada com a maior

velocidade que pude. Estava 5 metros à frente de Jermaine na curva e, quando ele forçou os músculos em uma tentativa desesperada de recuperar o atraso, eu o ouvi gritar. Como NJ previu, ele tinha entrado em pânico, se sobrecarregado no esforço e distendido um tendão. Tudo o que tive de fazer foi disparar na reta final para chegar em primeiro lugar.

Eu e NJ nos sentimos gênios. Mais tarde soubemos que Jermaine tinha sofrido uma lesão, mas eu sabia que minha atitude em relação à tática de corrida tinha me ajudado a melhorar. Foi uma curva de aprendizagem importante. Depois disso, as pessoas começaram a me tratar como um competidor, um futuro astro, e meus resultados no Champs me classificaram para representar a Jamaica nos Jogos do Carifta de 2001, em Barbados. Era uma competição na categoria júnior organizada anualmente pela Associação de Livre Comércio do Caribe e realizada em todas as ilhas do Caribe, em lugares como Trinidad e Tobago e Bermudas.

Imagine a diferença. Os jogos de Carifta eram uma competição da qual participavam os melhores atletas da categoria júnior do Caribe. Aquela era também minha primeira chance de representar o país. Mas, mesmo vestindo a camisa de corredor da Jamaica em uma competição internacional, ainda assim não achei que nada de espetacular estivesse acontecendo. O Carifta me pareceu mais uma competição, e levei a prata nos 200 metros, estabelecendo um recorde pessoal de 48,28 segundos nos 400.

Era tudo aventura. A viagem de avião a Barbados foi a primeira vez que eu saí da Jamaica e, por um tempo, pareceu que estava de férias. Então tive saudades de casa e comecei a sentir falta da minha mãe. Uma noite, enquanto tentava dormir, cheguei a chorar porque queria voltar para casa. Na época, odiei a ideia de ficar longe da Jamaica por tanto tempo. Mas os dirigentes da Associação dos Atletas Amadores Jamaicanos (JAAA ou Jay-3-As) não ligaram para minha imaturidade e criaram um plano de atuação mais elaborado. Viram um potencial no meu estilo e nos meus tempos de corrida e, logo depois de Barbados, me escolheram de novo, dessa vez para envergar as cores jamaicanas na Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) no Campeonato Mundial Juvenil de

Atletismo, em Debrecen, na Hungria, e foi aí que quase tive um ataque para valer.

"Hungria? Vocês estão de brincadeira comigo?", pensei logo que soube. "Onde diabos fica esse lugar?"

Cocei a cabeça enquanto pesquisava no mapa-múndi de casa. Demorei uma eternidade para encontrar a Hungria e, quando finalmente a localizei em algum ponto no meio da Europa, Debrecen me pareceu o lugar mais distante da Jamaica. Cara, imagine a viagem! Primeiro, voamos para Londres e tomamos um ônibus de um aeroporto para outro; então voamos para a Hungria e fomos de carro até o Meio do Nada. A viagem parecia não acabar nunca.

"Uau, isso é sério", pensei, ao olhar pela janela do ônibus para as nuvens cinzentas e a chuva húngara (acredite, não era nenhum sol líquido). "Deve ter alguma coisa muito grande acontecendo se me fizeram viajar todo esse caminho até aqui."

Meu potencial como atleta importante passou pelos meus pensamentos pela primeira vez, mas viajar para a Europa também foi uma experiência educativa de outras maneiras. A comida era estranha, estava fazendo frio, e lembro que a única coisa com que todo mundo não cansava de se impressionar era a água engarrafada. *Era efervescente!* Pode soar ingênuo agora, mas não esqueça que eu era um garoto jamaicano, e nunca tinha tomado água com gás antes, por isso me pareceu uma grande surpresa. Lembro-me da primeira vez que provei – estava em um supermercado e dei um belo gole enquanto todos os outros garotos riam. Mas não demorou muito para a água com gás começar a voltar. Eu sentia bolhas por toda parte – na boca, na garganta e no nariz, provavelmente havia bolhas saindo das minhas orelhas.

Não suportava aquela bebida. Mas, depois de correr a etapa de 400 metros de revezamento *medley* em *sprint,* ou seja, em velocidade máxima, um ou dois dias mais tarde (o revezamento *medley* em velocidade é como o revezamento normal, mas os quatro atletas correm distâncias diferentes – 400 metros, 200 metros, 200 metros e 800 metros), essa atitude mudou. Meus músculos estavam exaustos, e meus pulmões ardiam. Quando saí da pista, alguém me entregou

uma garrafa de água com gás e esqueci completamente o gosto horrível. Engoli 2 litros daquela coisa em tempo recorde.

* * *

Não esperava chegar à Hungria e vencer alguma corrida. Tinha 14 anos, e o Campeonato Mundial Juvenil era uma competição sub-17. Mais uma vez, participavam muitos atletas mais velhos do que eu, então só estava indo lá para tentar dar o melhor de mim; mas, ao contrário do Champs, o melhor de mim não foi bom o bastante e corri muito mal nas corridas de 400 metros e *medley*. Apesar de conseguir um recorde pessoal de 21,73, fui eliminado das semifinais dos 200 metros, o que era inédito para mim.

No entanto, Debrecen foi apenas um tropeço no caminho, e logo comecei a melhorar meus resultados nas corridas. Mais adiante, quebrei os recordes dos Jogos do Carifta tanto nos 200 metros quanto nos 400 metros em 2002, em Nassau, aos 15 anos de idade, e, quando saí da pista, a multidão começou a gritar:

– Lightning Bolt! Lightning Bolt![8]

Senti calafrios. De repente tinha um apelido condizente com meu talento. No mesmo ano, repeti a façanha nos campeonatos da América Central e do Caribe na categoria júnior. Fui tão mais rápido que todos os outros nessas competições que nem teve graça. Eu dominava os garotos mais velhos porque estava me tornando fisicamente superior a todos eles.

O grande teste, eu sabia, seria com a chegada do Campeonato Mundial Júnior mais ou menos no final daquele ano. Considerado pela maioria das pessoas do atletismo como os Jogos Olímpicos da garotada do ensino médio e de faculdade do mundo todo, era a minha grande chance de fazer um nome. Estava fisicamente mais forte e mentalmente mais aguçado do que em Debrecen; tinha chegado ao máximo da minha envergadura com 1,95 metro de altura. Não havia muita gente capaz de acompanhar meu ritmo em uma corrida de 200 ou 400 metros.

A sorte também estava do meu lado, porque o prestigiado evento seria realizado em Kingston, em casa, e não em uma cidade chuvosa da Europa Oriental. Isso significava que não teria de viajar para longe, congelar de frio nem beber água com gás. Por outro lado, como um talento local, havia a expectativa de que eu fosse lá e vencesse. Os fãs me olhavam como sua grande chance de um sucesso em casa. O Champs tinha me destacado dos demais, e meus recordes nos jogos do Carifta me tornaram o grande favorito para o ouro nos 200 metros. Pela primeira vez, havia uma pressão, uma tensão de verdade.

Imagino que parte da empolgação era justificada. Eu estava correndo regularmente em 21,0 segundos nas competições escolares, o que era impressionante para um garoto da minha idade. Mas então comecei a correr em 20,60 segundos à medida que o Mundial Júnior se aproximava e tive a sensação de que algo especial poderia acontecer. Eu me sentia um gigante. Foi quando o treinador McNeil chegou à pista de treino com a lista dos 20 melhores tempos de juniores do mundo naquele ano.

Imagine a decepção – eu estava em sexto lugar. *Sexto.*

Os dois caras em primeiro nos Estados Unidos corriam em 20,47 segundos e 20,49 segundos, respectivamente; outro garoto corria em 20,52 segundos, e outro em 20,55. No começo, vi aquilo como um desafio.

"O que é isso?", pensei. "Preciso melhorar muito."

Mas então vieram as dúvidas. Eu não queria correr, não queria competir. Perder para aqueles caras seria ruim o bastante em um estádio estrangeiro, mas a ideia de perder com a camisa da Jamaica diante da torcida nacional me apavorou. Na minha cabeça, não valia a pena o desgaste.

"Não, acho que não devo competir", disse a mim mesmo. "Não sou tão bom quanto pensei que fosse e definitivamente não vou ganhar uma medalha, então, que diferença faz?"

Contei o que estava pensando para o treinador McNeil. Ele ficou desapontado e tentou me convencer a mudar de ideia, mas não cedi.

– Olhe, já levei um chute no traseiro no Campeonato Mundial Juvenil – disse. – Voltar à linha de largada e levar outro chute não

me parece nada engraçado.

Acho que, pela primeira vez, tinha perdido a fé e a autoconfiança, e imagino que tenha sido porque eu nunca vivenciara tanta pressão ou expectativa nacional antes. Era tudo novo. Minhas corridas anteriores tinham sido divertidas, mesmo quando representei a Jamaica nos jogos do Carifta. Mas esse estresse novo, o estresse que meus adversários normalmente sentiam no Champs e nas competições do ensino médio (e que em geral não me afetava), tomou conta de mim, e eu não conseguia me concentrar na corrida que teria pela frente.

O treinador continuou insistindo. Disse que eu precisava ir para o campo de treino todo fim de semana, porque queria ver se eu conseguia melhorar meus tempos. Achei que era a coisa certa a fazer, mas odiei cada segundo. A única coisa em que pensava era: "Vou comer poeira se for lá competir com aquele pessoal. Esqueça".

Toda noite eu ficava em casa, me lamentando. Depois dos treinos eu amaldiçoava o Mundial Júnior, meu programa de treinamento e o treinador. Cara, eu estava furioso. Uma noite, depois de me queixar com a minha mãe, sentei-me na varanda de casa em Coxeath para ver o mundo passar e tremer de frio. Era um lugar onde gostava de ir sempre que estava um pouco irritado. Era tranquilo, e a vista se estendia além da vegetação selvagem, do canavial e das árvores-da-goma-elástica, chegando até as montanhas do condado de Cockpit. Era legal, dava para espairecer um pouco.

Enquanto relaxava, minha mãe e minha avó se sentaram ao meu lado. Estavam chateadas com meu mau comportamento, e eu sabia que queriam conversar sobre o Mundial Júnior. Eu não queria falar sobre o assunto, mas não podia me esquivar delas, porque ficou uma de cada lado no banco. Eu estava preso.

– Mãe, não…

– Por que você não dá tudo de si? – perguntou ela, passando o braço em volta de mim. – Vá lá e pelo menos tente. Você não tem com que se preocupar.

Senti um nó na garganta. A emoção e o estresse eram demais. Comecei a chorar.

– Mas, mãe, não consigo.

– Não fique chateado com isso, VJ. Dê o seu melhor. Independentemente do que fizer, vamos entender. Ficaremos orgulhosas de você.

Enxuguei minhas lágrimas – eu precisava ser forte.

"Cara, meus pais são assim", pensei. "Se minha mãe me diz que tenho de fazer alguma coisa, bom, tenho que fazer isso mesmo. Não posso decepcioná-la de jeito nenhum."

No dia seguinte, quando encontrei o treinador McNeil, dei-lhe a notícia.

– Treinador, mudei de ideia sobre o Mundial Júnior…

Ele sorriu, parecendo satisfeito. O treinador McNeil também tinha uma notícia para mim. Ele agitava a prancheta todo animado.

– Usain, os atletas que fazem naqueles resultados rápidos não vêm este ano – disse ele. – Estão muito velhos para a categoria sub-20, então você não vai competir com eles.

Ao que parecia, os melhores talentos nos 200 metros tinham sido substituídos por atletas mais jovens, com tempos muito maiores do que os meus 20,60 segundos. Meu humor se iluminou. Foi como se tirassem um enorme peso dos meus ombros.

"Hum, que boa notícia", pensei. "Vamos nessa!"

Quando penso nessa conversa agora, vejo que foi outro momento decisivo na minha vida. Semanas antes, tinha pensado em desistir do Mundial Júnior porque estava desanimado, meu tempo nos 200 metros não era tão alucinante quanto eu pensava, e achava que ia perder. Mas, depois que decidi competir, depois que percebi que tinha chance de ganhar, minha atitude mudou. Fiquei animado e, como o passar das semanas, me empolguei cada vez mais.

No treino, corri com mais vontade, parei de faltar e me afastei do fliperama do Floyd por um tempo, mas as únicas dúvidas na minha mente eram os fãs. Não queria decepcioná-los, não queria dar um vexame na frente deles, porque o Campeonato Mundial Júnior era muito maior que o Champs. Era uma competição internacional, e minha corrida ia passar na televisão no mundo todo. Sabia que podia arcar com o peso das expectativas da minha escola, mas de um país inteiro? Isso me causou um estresse pesado e me atrapalhou um pouco.

“O que vai acontecer comigo se estragar tudo?”, pensei durante uma noite maldormida.

Ninguém podia me culpar por perder um pouco a cabeça – eu era um garoto de 15 anos de idade correndo na categoria sub-20 e prestes a enfrentar atletas três ou quatro anos mais velhos. Porém, quando cheguei à pista para as primeiras eliminatórias, a competição era tudo o que eu esperava e muito mais. Esqueça o Champs – desde a primeira corrida, as arquibancadas do Estádio Nacional transbordavam de gente. O barulho ecoava nos meus tímpanos enquanto todo mundo aplaudia os atletas nacionais, o que só aumentou a tensão que estava sentindo.

Apesar do nervosismo, passei pelas eliminatórias e pelas semifinais. Estava me sentindo bem. Quando chegou o momento da final, era um fim de tarde quente em Kingston. Apesar do ar abafado e seco, eu sentia muito frio. Lembrei-me de minha mãe e da conversa na varanda em Coxeath. Talvez ela tivesse razão, afinal. Talvez não tivesse nada com que me preocupar.

Vesti o uniforme. A jamaicana júnior mais rápida que eu conhecia, uma garota chamada Anneisha McLaughlin, ia correr a final dos 200 metros e decidi ir até a pista para assistir e também para ver alguns dos outros eventos. Queria absorver o ambiente.

Bem, foi um grande erro. Quando passei pelo túnel e cheguei à arena, vi a multidão. Estavam todos gritando e aplaudindo, agitando bandeiras jamaicanas e batendo tambores. No começo, achei que a corrida de Anneisha tinha começado, então apertei o passo, mas quando cheguei à beira da pista percebi que não tinha nenhuma competição acontecendo. Eu era o único atleta lá fora.

“Que diabos é isso?”, pensei.

Então ouvi uma cantoria em volta do estádio – vindo de uma arquibancada e movendo-se como uma onda.

– Bolt! Bolt! Lightning Bolt!

Os fãs estavam gritando meu nome. Ele soava por toda a pista, ecoando à minha volta. E foi aí que me dei conta: eu era o único jamaicano classificado para a final masculina dos 200 metros naquela noite. As pessoas estavam enlouquecidas lá no Estádio Nacional, e enlouquecidas por minha causa.

– Bolt! Bolt! Lightning Bolt!

Bom, fiquei muito confuso depois disso. Quando chegou o momento da corrida dos 200 metros, minhas pernas ficaram fracas, meu coração batia acelerado. Achei que não seria capaz de andar, muito menos correr. Imediatamente, sentei-me na minha faixa enquanto tudo girava ao meu redor em supercâmera lenta. Os outros corredores entraram na pista, fazendo aquecimento e alongamento, todos parecendo supercalmos, mas eu só conseguia olhar para os fãs acenando e gritando nas arquibancadas. Alguém gritou que Anneisha tinha terminado em segundo na final, e isso colocou ainda mais pressão sobre mim. Agora eu era o único jamaicano com uma chance de conseguir o ouro no Mundial Júnior. Meu cérebro entrou em colapso.

"Que diabo é isso?", pensei. "As pessoas enlouqueceram."

Eu estava com medo.

"Como foi que eu vim parar aqui? Eu sabia que era uma má ideia."

Nunca tinha sentido tanta pressão em toda minha vida.

"Sou um garoto de 15 anos, os outros que vão correr aqui têm 18, 19. Não preciso disso…"

Ainda assim, algo me dizia que precisava me mexer. Para começar, precisava colocar as sapatilhas, mas até soltar os cadarços parecia um grande desafio. Tentei calçar a primeira, mas por algum motivo ela não se encaixava. Puxei várias vezes o calcanhar, tentando desesperadamente enfiar mais os dedos do pé no sapato. *Não dava*. Enfiei os dedos dá mão lá dentro e puxei a língua. *Ainda não dava*. Foi só quando olhei para os meus pés, depois de dois minutos ou mais tentando, que percebi que estava tentando enfiar o pé esquerdo no direito. Esse era o grau do meu nervosismo.

O estresse faz coisas engraçadas com as pessoas, e eu estava me sentindo péssimo. Tentei me levantar, ficar de pé, correr, mas estava fraco demais por causa do nervosismo, então sentei-me de novo. Todo mundo estava dando seus passos, repassando suas rotinas finais, mas eu só queria uma rota de fuga – alguma coisa, qualquer coisa, para me tirar dali.

Foi tão estranho. Quando fui chamado para os blocos consegui me acalmar por um segundo ou dois, mas então um locutor gritou meu nome por um alto-falante, e o lugar inteiro explodiu de novo. Parecia que o teto do estádio estava prestes a sair voando com o barulho.

"Ah, meu Deus…", pensei. "E agora, o que eu faço?"

– Em suas marcas!

Subi nos blocos e comecei a suar, em grande estilo.

Estava oficialmente perturbado.

– Preparem-se!

"Não estrague tudo…"

*Bangue!*

Congelei, incapaz de me mexer, e parecia totalmente idiota. Fiquei preso aos blocos, como se minhas sapatilhas e mãos estivessem grudadas na pista. Demorei o que pareceu ser um segundo ou dois para reagir à arma, e a essa altura todo mundo tinha disparado pelas faixas. Eu era o último, porque minha largada tinha sido lenta demais – mas não por muito tempo.

Quando me levantei, tudo mudou. Comecei a avançar – e rápido. Vi os outros corredores cada vez mais perto quando fiz a curva, elegante como Don Quarrie, e então atingi a velocidade máxima. Depois disso, realmente não posso explicar o que aconteceu nos segundos seguintes, porque francamente não sei. Tudo o que posso dizer é que senti como se alguém, ou algo, me empurrasse pela pista. Parecia haver uma força motriz atrás de mim, como se tivessem prendido um par de foguetes às minhas sapatilhas. Mesmo com meu estilo estranho de correr, a cabeça para trás, os joelhos levantados, passei todo mundo até não sobrar um atleta à vista, apenas a linha de chegada. Então me dei conta: eu era o campeão dos 200 metros do Mundial Júnior.

E foi insano.

Todo mundo enlouqueceu. As pessoas na multidão gritavam e pulavam sem parar, agitando bandeiras. Alguém me entregou uma bandeira jamaicana. Enrolei nos ombros, porque foi isso que vi Michael Johnson fazer quando ganhou medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos para os Estados Unidos, e então fiz algo que mudaria para

sempre a maneira como encarava o atletismo. Corri em direção às arquibancadas e cumprimentei os fãs como um soldado saúda seu capitão. Foi meu primeiro passo para uma multidão em uma corrida, e a expressão no rosto de todos quando fiz aquilo me dizia que não seria a última. A energia que tinha tomado conta dos jamaicanos não se parecia com nada que já tivesse visto antes.

"Quer saber de uma coisa?", pensei. "Ser um campeão mundial júnior é muito legal!"

Enquanto as comemorações aconteciam ao meu redor, pensei em tudo o que tinha me acontecido, a conversa com minha mãe na varanda, minha sapatilha no pé errado. Por um segundo, eu tinha perdido a cabeça, minha mente ficara vazia, eu tinha fraquejado, mas mesmo assim venci. Como diabos isso tinha acontecido? Como tinha conseguido aparecer diante de uma multidão internacional e superar a pressão? Cara, tudo me parecia muito louco.

Acabei me tornando um astro do atletismo. Tinha encontrado a força mental quando a maioria dos atletas teria alucinado. Tinha superado o nervosismo e carregado nos ombros o fardo das esperanças de uma nação. Ainda melhor, me tornei um campeão. Sabia que nada ia me perturbar depois disso. Tinha vencido o nervosismo de antes da corrida; nenhuma pressão abalaria minha mente. O que poderia ser mais estressante do que a largada no Mundial Júnior diante da torcida jamaicana enlouquecida?

Então entendi como a confiança é importante para um velocista, ainda mais em um evento de curta duração como os 200 metros, em que a suprema força mental muitas vezes era a principal diferença entre mim e alguns outros corredores na competição. Eu sabia que nunca mais deixaria um pensamento negativo me prejudicar, porque a força mental era uma ferramenta vital em todas as corridas, tão importante quanto um início rápido ou um impulso potente. Não havia espaço para a dúvida, porque a disputa acabaria em um piscar de olhos. Uma distração por um centésimo de segundo podia ser suficiente para arruinar a corrida.

Foi meu primeiro passo para me tornar uma lenda olímpica. Enquanto caminhava pela pista do Estádio Nacional, percebi que era um atleta que vivia para o momento, como os superastros de

verdade viviam para aquele momento – o Apogeu. Enquanto os sujeitos comuns se preocupavam e tremiam quando chegavam aos Jogos Olímpicos ou aos campeonatos mundiais, os astros, os Michael Johnsons e Maurices Greenes deste mundo, ficavam empolgados com a pressão e a tensão. Eles melhoravam um pouco, tanto física quanto mentalmente. No Apogeu, seu desempenho fazia os sinos tocar.

Percebi que era capaz de canalizar esse mesmo poder mental. O Mundial Júnior foi meu primeiro Apogeu, e eu não tinha desmoronado sob o peso da expectativa jamaicana. Na minha saudação comemorativa aos fãs, já estava mentalmente transformado. Era um campeão mundial, tinha me tornado o Raio do planeta. Foi minha melhor corrida. Provavelmente sempre será.

[6] A Classe Um era a corrida sub-19, a Classe Dois era a sub-16, a Classe Três era para menores de 14 anos; eu poderia ter corrido na Classe Três, mas teria vencido com muita facilidade, então o treinador McNeil tinha me inscrito no grupo acima.

[7] Mais tarde, Jermaine ganhou bronze nos 400 metros no Campeonato Mundial Júnior de Atletismo, estabeleceu um recorde nacional jamaicano nos 400 metros de seniores e terminou em quarto lugar nos 400 metros no Campeonato Mundial de 2011.

[8] *Lightning bolt* significa “raio” em inglês, e é ao mesmo tempo um jogo de palavras com o sobrenome do atleta. (N.E.)

CAPÍTULO 5

# VIVENDO RÁPIDO

Minha vitória no Champs Júnior foi tão espetacular que, quando voltei para casa em Sherwood Content com a medalha de ouro pela minha corrida, fui levado de avião a Montego Bay, onde uma carreata me aguardava.

*Uma carreata.*

Sabe, aquilo era importante, absurdamente importante. As estradas que levavam à minha casa em Coxeath tinham centenas de pessoas dos dois lados e, quando o carro passou, elas correram atrás de nós, enfiando a mão na janela aberta para me tocar. Todas elas gritavam meu nome sem parar, bradando "Bolt! Bolt! Bolt!" enquanto corriam pela rua. A loucura era quase tão grande quanto a recepção que tive no Estádio Nacional.

Eu não podia acreditar. Sabia que os jamaicanos tinham muito respeito por seus esportistas, ainda mais do atletismo, mas um desfile de vitória era algo que eu não esperava. Ainda assim, acho que devia ter percebido isso antes. Estava muito claro que eu era a figura do momento. Depois da minha vitória nos 200 metros, recebi medalhas de prata no revezamento 4 × 100 metros e no revezamento 4 × 400 metros, estabelecendo recordes nacionais juniores nas duas modalidades com tempos de 39,15 segundos e 3:04,06 minutos, respectivamente. Todo mundo estava alucinado por minha causa.

Foi quando senti o gosto do que pode ser a fama. Por algum motivo idiota, decidi me sentar nas arquibancadas com Jermaine Gonzales depois da minha última corrida. Nós dois queríamos assistir à final dos 4 × 400 metros das garotas, mas o lugar ainda

estava lotado. Na mesma hora, percebi que tinha cometido um grande erro, porque enquanto tentávamos encontrar um espaço para sentar, todo mundo queria falar comigo. E quero dizer *todo mundo* mesmo. Em todas as arquibancadas, as pessoas, estranhos, ficavam me dizendo que eu era o futuro do esporte jamaicano. Até aquele momento, nunca tinha dado um autógrafo na vida, mas em poucos minutos devo ter assinado dezenas e dezenas, centenas, talvez. Os pedaços de papel continuavam aparecendo, de todos os lados. Levei duas horas para sair do meio da multidão.

Na manhã do meu retorno a Trelawny, ficou claro que tinha me tornado uma das pessoas mais famosas da Jamaica. Meu rosto estava em todos os jornais; os fãs falavam empolgados sobre mim nos bares. As rádios e TVs me bajulavam. Felizmente, consegui manter a cabeça no lugar no meio daquela loucura toda. Minha mãe e meu pai tinham me ensinado tanto sobre respeito que, durante a carreata, eu cumprimentei todas as pessoas, como fazia quando era pequeno, apesar de que teria sido muito mais fácil apenas acenar. As pessoas ficavam agressivas tentando apertar minha mão, mas me mantive humilde. Como já disse, meu pai levava a sério a questão da educação. Se tivesse agido com presunção em público naquele dia, ele provavelmente teria me deserdado.

Na escola, porém, a história era bem diferente. Eu era jovem, tinha uns 16 anos, e todo mundo em William Knibb sabia quem eu era. Todos os garotos, alunos para quem nunca tinha dado “oi” antes, me cumprimentavam e diziam que eu era o máximo. As pessoas me olhavam, e não apenas porque era alto demais; eu tinha chegado ao sucesso no cenário mundial, o que me tornava importante. Até mesmo os professores mudaram de atitude comigo. Alguns deles já não eram tão duros como antes do meu sucesso no Campeonato Mundial Júnior. Se as minhas notas fossem ruins ou eu me saísse mal em uma redação, eles facilitavam as coisas para mim.

Mas a atitude relaxada não durou muito. Depois de umas tantas provas em que fui mal, meu pai, logo que soube das minhas notas baixas, ficou muito bravo. Fui informado de que, se não passasse nas provas de fim de ano, a diretora, a senhorita Lee, me faria repetir de

ano. Aquilo significaria um ano a mais de mensalidades escolares, que minha família realmente não queria pagar, se pudesse evitar.

Ficou decidido que eu teria um professor particular para me ajudar à noite, e me apresentaram um sujeito chamado Norman Peart. O sr. Peart era um funcionário da receita pública em Montego Bay e professor em meio período, com uma reputação sólida, formado no William Knibb e no Jamaica College. Ele também tinha um histórico nos 800 metros, então conhecia alguns truques no que dizia respeito a equilibrar as tarefas da escola com o treinamento em atletismo. Estabelecemos um cronograma e combinamos que o sr. Peart viria à nossa casa algumas noites por semana. Entre nós, planejamos colocar minha vida em ordem.

No entanto, havia algumas distrações que precisavam ser resolvidas. Eu era o superastro local, e as garotas de Trelawny queriam sair com um campeão mundial, o que foi uma descoberta legal. Até aquele momento eu era ingênuo em relação ao sexo oposto. Era um garoto do interior, e viver isolado naquele fim de mundo significava que precisava aprender por conta própria a arte de namorar, o que era difícil às vezes. Não havia ninguém para me ensinar como impressionar uma garota por quem eu tinha me interessado na escola e não tínhamos revistas, como nos Estados Unidos ou na Europa, para nos dizer como seduzir as mulheres. Se eu morasse em uma cidade como Kingston, as coisas poderiam ser diferentes, e eu poderia ter conseguido as informações observando as pessoas ao meu redor. Em Coxeath, precisava descobrir tudo sozinho.

Antes de continuar, quero explicar como é o namoro na Jamaica porque, acredite, o cenário é muito diferente da Europa, da Austrália e dos Estados Unidos. No Caribe, os caras transam *muito* e, mesmo que as garotas não gostem disso, esse modo de vida parece ser aceito por algum motivo, ainda mais entre os adolescentes. Foi a mesma coisa comigo, mas eu não era tão terrível como algumas pessoas que conhecia, principalmente porque não entendia o “jogo” tão bem assim. Com certeza, não tão bem quanto alguns atletas que encontrei participando do Champs.

Antes do Mundial Júnior, meu recorde era mais ou menos igual ao da maioria dos garotos da minha idade – eu era inexperiente. Na oitava série, eu tinha uma namorada firme, mas o relacionamento se tornou estressante depois que comecei a me envolver com outra garota. Sem surpresa, logo fui descoberto. Um garoto em uma escola como William Knibb aprende rapidamente que não há nenhum lugar para se esconder, ainda mais quando se está saindo com duas amigas ao mesmo tempo, *da mesma escola*. Eu achava impossível – simplesmente não conseguia equilibrar dois namoros ao mesmo tempo e me meti em inúmeros problemas. Acredite, uma jamaicana desprezada é um problema.

As coisas mudaram depois do Mundial Júnior. De repente, eu tinha uma perspectiva diferente. As garotas queriam sair comigo porque eu estava em todos os jornais do país e era a celebridade local. Também aprendi melhor o "jogo". Aprendi truques com os caras da equipe jamaicana de atletismo. Vi o modo como eles se portavam e o estilo com que lidavam com as namoradas. Logo fiquei mais ambicioso, descobri como namorar taticamente e, em vez de sair com duas garotas da mesma escola, saía com garotas de escolas diferentes. Acho que o máximo que consegui ao mesmo tempo foram três e, quando isso aconteceu, me senti *o cara*.

Não só me comportava mal com as garotas, como também queria me divertir de outras maneiras. Uma vez até experimentei maconha, o que sei que parece uma confissão muito idiota vinda de um medalhista de ouro olímpico, mas, para ser sincero, foi uma coisa que fiz só uma vez e da qual me arrependi imediatamente, embora muitas pessoas na Jamaica fumassem de tudo.

Não estou inventando desculpas agora e não vou condenar isso, mas foi exatamente assim que aconteceu. Se estivesse jogando futebol no parque com meus amigos, sempre havia uma turma fumando um baseado, e um dia, quando passaram um desses pelo grupo, fiquei tentado. Pensei: "Quer saber? *Passe para cá!"* Mas, assim que traguei o cigarro enrolado, detestei. A coisa era horrível, e fiquei cansado quase no mesmo instante em que dei o trago.

Aquilo me pegou de jeito, fiquei tonto. Pensei: "Esqueça!" E, enquanto fiquei lá sentado, atordoado, cheguei à conclusão de que

aquele não era o caminho que queria seguir. Primeiro de tudo, porque meu pai teria me apunhalado no pescoço se alguma vez me pegasse agindo como o Bob Marley, e segundo porque eu sabia que aquilo me deixaria extremamente preguiçoso se fumasse muito. Já estava bastante relaxado, mas vi pelas pessoas ao meu redor que, se fumasse muita maconha, me tornaria um inútil. Em vez disso, eu queria ficar motivado, ainda mais quando se tratasse de corridas, porque correr e ganhar era muito divertido.

Como um atleta promissor, a JAAA me mandou de avião para todos os cantos do planeta. Não muito tempo depois do Campeonato Mundial Júnior, fui convidado a receber o Rising Star Award, um prêmio dado pela IAAF ao garoto mais promissor do atletismo. Imagine as duras lições de geografia. Tive que viajar a Monte Carlo sozinho, o que foi um desastre, porque, na volta, perdi meu voo de conexão de Londres. Cara, não tinha a menor ideia do que fazer.

Comecei pelo começo – fui até uma senhora no balcão de recepção mais próximo e pedi ajuda.

– Ah, não, querido – disse ela, quando perguntei se poderia tomar outro avião. – Sinto muito, não podemos arranjar um lugar ainda…

"Que diabo vai acontecer agora?", pensei. As lágrimas vieram abaixo. A senhora viu minha expressão e ficou toda preocupada.

– Não se preocupe – disse ela. – Quando isso acontece, a empresa manda você a um hotel para passar a noite, e depois o colocamos em um voo de volta amanhã de manhã. Você vai ficar bem.

Fiquei aliviado, mas, quando cheguei ao meu quarto, não conseguia dormir. Estava com tanto medo de perder o avião na manhã seguinte que decidi ficar ali sentado durante a noite toda, com a mala no colo, enquanto tentava desesperadamente ficar acordado. Meia hora antes do horário do ônibus que ia me levar de volta ao aeroporto, eu já tinha fechado a conta do hotel e estava esperando em um banco do lado de fora do saguão do hotel, tremendo por causa da chuva, olhando para o relógio. Mal podia esperar para chegar em casa.

Se aquilo acontecesse hoje, eu compraria outra passagem. Provavelmente encontraria uma festa para ir, poderia até pensar: “Que se dane! Londres é uma cidade muito legal para sair, vou ficar aqui por alguns dias”. Mas naquele dia estava assustado. Era um garoto de 16 anos, não tinha dinheiro e, por um tempo, pensei que ficaria preso na Inglaterra para sempre com o frio forte e a comida estranha.

Naquela época, o mundo me parecia um lugar enorme e assustador. O que eu não sabia enquanto estava ali sentado, congelando naquele frio, era que ele estava prestes a se tornar ainda maior.

* * *

Fora da pista, eu ainda era difícil de controlar e gostava de namorar. O treinador McNeil estava sempre irritado com o que eu aprontava e ficava louco comigo toda vez que eu fazia algo estúpido. Não que eu quisesse causar aborrecimentos de propósito, mas meu maior problema era que nunca levava as coisas a sério e só queria me divertir, raramente pensava nas consequências das minhas ações. Costumava fazer o que me dava na telha, muitas vezes por impulso, e quando as coisas davam terrivelmente errado, eu pensava: “Ei, não devia ter feito isso”.

Como quando desci da van escolar antes das provas do Carifta em 2002. O ar-condicionado tinha parado de funcionar, e fazia um dia quente, então decidi pegar uma carona até o estádio no carro de um amigo em vez de viajar com o resto dos garotos. O problema foi que não me preocupei em contar a ninguém e fugi pela porta dos fundos, quando ninguém estava olhando. Quando o treinador notou a minha ausência, entrou em pânico e chamou a polícia na hora. Uau, foi um espetáculo. Quando o carro em que eu estava chegou às portas do estádio, a polícia nos parou e me mandou esperar sentado na calçada até o sr. McNeil vir me buscar.

Também era capaz de fazer qualquer coisa para escapar da corrida dos 400 metros, porque odiava muito aquilo. Era por causa

do treino, não conseguia me acostumar com todo aquele trabalho duro, e as sessões de fundo eram muito difíceis. Não aguentava mais passar por aquilo e, quando competi no Campeonato Mundial Juvenil de 2003 em Sherbrooke, no Canadá, queria ficar longe daquilo. Nas eliminatórias dos 400 metros, fingi ter sofrido uma lesão em uma tentativa desesperada de ficar de fora da semifinal, parando assim que cruzei a linha de chegada. Para tornar minha encenação mais realista, segurei a parte de trás da perna como se tivesse levado um tiro, mas não convenci. Os treinadores perceberam meu fingimento e mais tarde me informaram que as regras estabeleciam que precisava correr a semifinal, quer eu gostasse ou não. Se não corresse, também seria desclassificado da corrida de 200 metros. Cheguei em primeiro na distância mais curta, quebrando o recorde do campeonato.

Apesar da minha brincadeira, ganhei mais medalhas de ouro nos Jogos do Carifta e venci os 200 metros no Campeonato Pan-Americano Júnior. Quando quebrei o recorde dos 200 metros e dos 400 metros no Champs, comecei a aparecer no radar de todo mundo. Os fãs falavam de mim como o sucessor de Michael Johnson – e fazia sentido. Aos 16 anos, eu tinha tempos que ele nem sonhava em alcançar antes dos 20 anos; um político jamaicano chegou a me chamar de “o velocista mais fenomenal já produzido pela ilha”. Ficou muito claro que não teria de me preocupar muito quanto à escolha de uma faculdade depois do William Knibb, porque um bom número de treinadores norte-americanos estava me procurando com a promessa de uma bolsa esportiva. Percebi que, se quisesse, poderia escolher qualquer faculdade americana que me interessasse.

Com suas aulas, o sr. Peart tinha conseguido me colocar de volta no bom caminho na escola e se tornou meu mentor, embora suas aulas fossem puxadas. Bom, elas tinham de ser, porque eu estava muito atrasado no William Knibb. Duas vezes por semana, depois da escola, estudávamos juntos, mas o esforço valeu a pena e recebi boas notas em cinco matérias, a qualificação mínima para a faculdade e para uma bolsa esportiva.

A maneira como funcionava o sistema de ingresso nas faculdades americanas era um presente para atletas jamaicanos com

boas notas. Os maiores astros do atletismo júnior eram abordados pelas universidades americanas com a promessa de ensino gratuito ou subsidiado com base em sua capacidade de competir. As instalações americanas eram tão competitivas quanto os colégios jamaicanos no que dizia respeito ao esporte. Elas queriam ser representadas pelos melhores e mais promissores atletas do mundo e, considerando que a Jamaica não tinha um sistema semelhante nem oferecia uma ampla escolha quando se tratava do ensino superior, um grande número de atletas caribenhos aproveitava a oportunidade de se mudar para o exterior.

Mas eu, não. Queria ficar na minha terra, pela simples razão de que era muito apegado à minha mãe. Não podia suportar a ideia de ficar longe de casa por muito tempo, mesmo tendo acabado de completar 17 anos. O sr. Peart sugeriu pela primeira vez a ideia de mudar para o exterior depois do Champs em 2003, quando várias universidades americanas se interessaram por mim, e choveram ofertas de todos os lados. Ele achava que a minha ida para os Estados Unidos poderia ser uma boa jogada, mas eu sabia que não era uma opção de carreira sensata.

– Não, não quero ir para os Estados Unidos – disse.

O sr. Peart não entendeu, ele quis saber por quê.

– Bom, antes de tudo, lá faz muito frio – eu disse. – Tem a questão da neve e tal, então esqueça. E, em segundo lugar, se me mudar para os Estados Unidos, não vou poder ver minha mãe.

O sr. Peart destacou que havia vários bons treinadores nos Estados Unidos e que lá ficavam alguns dos melhores centros de treinamento do mundo. Eles me transformariam em um astro mundial, ele achava. Mas eu tinha problemas com isso também, porque tinha ouvido que os atletas nos Estados Unidos eram tratados de uma maneira intensa, dura.

Aparentemente, naqueles dias, quando um atleta recebia uma bolsa de estudos para uma das grandes faculdades americanas, precisava fazer tudo o que os treinadores mandassem, porque, sem isso, não faria jus à escola. Havia uma pressão para satisfazer as faculdades, e, na maioria do tempo, a equipe de esportes queria seus atletas trabalhando *duro*. Os bolsistas muitas vezes tinham de correr

todos os fins de semana, porque havia campeonatos o tempo todo. Por outro lado, como os jamaicanos eram os melhores velocistas jovens, e as faculdades queriam ganhar prêmios, faziam forte pressão para que vencessem sempre. Eu ouvira histórias de atletas jamaicanos correndo 100 metros, 200 metros, 400 metros, 4 × 100 metros, 4 × 400 metros e *medleys* todos os fins de semana.

Cheguei à conclusão de que, se fosse para os Estados Unidos, teria de seguir a mesma programação pesada nas duas temporadas, interna e externa. Aquilo me pareceu uma loucura. Meu corpo não aguentaria uma campanha daquelas. Já me imaginava contundido e incapaz de me recuperar. Não queria ser mais um candidato fracassado, um dos muitos atletas universitários jamaicanos que iam para os Estados Unidos no auge da forma só para voltar ao Caribe por incapacidade física. No meu caso, aquela não era uma opção.

– Sabe, o negócio é o seguinte, sr. Peart – eu disse. – Sei que, se for para os Estados Unidos, pode ser que as pessoas nunca mais ouçam falar de mim, podem acabar comigo por lá. Por isso quero ficar na Jamaica.

O sr. Peart foi legal, entendeu meu ponto de vista. A Associação dos Atletas Amadores Jamaicanos também queria que eu ficasse, concordando com a minha opinião de que a estafante programação competitiva americana poderia prejudicar meu desenvolvimento. Então, em 2003, estava matriculado no Centro de Alto Desempenho de Kingston, um centro de treinamento da IAAF e da JAAA na cidade, com treinadores contratados em tempo integral para formar atletas promissores.

Era um lugar muito legal. A IAAF tinha criado o centro, além de outros como ele em todo o planeta, porque tinha interesse em melhorar a qualidade do atletismo em todo o mundo. O objetivo era elevar os padrões das corridas de velocidade e de obstáculos, maratonas, arremessos e saltos em países como a Jamaica. O centro de Kingston, que ficava dentro da Universidade de Tecnologia, tinha interesse principalmente em corridas de velocidade e de obstáculos. Era uma base ideal para um atleta jamaicano como eu, que queria ficar mais perto de casa.

Por causa do meu histórico, o Centro ficou feliz em me admitir, mas então tive de encontrar um lugar para morar em Kingston. Depois de algumas reuniões, o sr. Peart conseguiu se transferir para um escritório da receita na cidade e ficou combinado que eu continuaria a estudar com ele, assim minha mãe e meu pai poderiam ficar sossegados em relação ao meu bem-estar. Daí em diante, decidimos também que ele devia cuidar da minha carreira. Eu era oficialmente um atleta profissional.

Uau, foi uma mudança radical de cenário. Quando cheguei a Kingston, o mundo mudou da noite para o dia. Foi incrível. Eu era um adolescente do interior morando na cidade grande e de repente podia me divertir e ir a festas todas as noites, se quisesse. E, cara, eu queria! Estava longe do meu pai pela primeira vez e, apesar da minha nova vocação, o atletismo cedeu lugar para a diversão. Foi uma grande mudança de cenário.

Em Sherwood Content eu não ia a nenhuma festa porque meu pai nunca deixava; ele sempre me dizia para ficar em casa. Se alguma vez me deixasse sair à noite, sempre me obrigava a voltar para casa em um horário idiota, como 10 horas da noite. Em Kingston, havia todo tipo de tentações – clubes, festas, redes de *fast-food*, como o KFC e o Burger King, e no começo o sr. Peart tentou me manter em casa. Mas ele não tinha as mesmas regras férreas do meu pai, então eu sempre saía e me divertia até de madrugada. Em Kingston estava sem coleira.

Dançar era do que mais gostava. Havia duas boates na cidade, o Asylum e o Quad. O Asylum era mais central, então era mais um lugar para conversar, bater papo. Era a maior boate da cidade, e sempre havia uma multidão do lado de fora esperando a vez para entrar. Já o Quad ficava num bairro residencial da cidade, tinha quatro andares, e cada um tocava uma música diferente, do hip hop ao reggae, e isso significava que tinha tudo a ver com dançar. Eu ia sempre ao Quad. Depois de alguns meses, nem sequer precisava pagar para entrar, os caras na porta já me conheciam bem, porque eu estava sempre na fila. Também ajudou o fato de que muitas pessoas ainda me reconheciam por causa do sucesso no Mundial Júnior de 2002. Às vezes, os seguranças me deixavam usar uma

escada de incêndio nos fundos para entrar. Eu subia pela escada, batia na porta, e alguém sempre me deixava entrar de graça.

Eu adorava o Quad, porque era o lugar ideal em Kingston para me dar bem. Na pista de dança, costumava dançar muito e suar, rasgava a minha camisa e me empolgava; havia competições de dança. As pessoas costumavam dançar do hip hop ao rock dos anos 1990, além de uma dança chamada *nuh linga*, na qual os melhores dançarinos competiam para ver quem tinha o melhor estilo. Mas o estilo de dança que eu realmente adorava era o *whining*, no qual basicamente o casal dançava bem colado. Acredite, era *o máximo*.

Sabe, na Jamaica não dançamos como os europeus, dançamos *próximos. Juntos.* Nos esfregamos um no noutro. Acontece assim: o cara pega a garota por trás e a puxa para si, e os dois se movem ao embalo da música. Em uma boate quente nós começamos a suar, mas quando dançamos com a garota de que gostamos, é muito divertido.

No entanto, isso foi apenas metade da história porque, quando chegou a época do carnaval, em março, fiquei desvairado. Foi uma época simplesmente fenomenal – ainda é. As festas eram uma loucura, e o *whining* tocava em todos os lugares, mas o que diferenciava as festas de carnaval era a pintura. Enquanto as pessoas dançavam, jogavam baldes de tinta para todo lado até que a boate inteira estivesse coberta de cores diferentes. A primeira vez que vi isso em Kingston, não pude acreditar. As pessoas curtiam muito, dançando coladas, bebendo, esfregando tinta umas nas outras. Era tudo muito sensual, de verdade.

Como eu podia me concentrar na minha carreira no atletismo com tudo aquilo acontecendo?

* * *

Eu não bebia – talvez uma ou duas garrafas de Guinness quando saía, mas ficar bêbado definitivamente não era meu estilo. Ainda assim, quando chegava a hora do treino, eu estava sempre cansado. Em parte, porque ia demais ao Quad, ainda mais quando havia um

DJ mandando bem, mas também porque tinha um novo treinador chamado Fitz Coleman, o treinador-chefe do Centro de Alto Desempenho de Kingston.

O treinador Coleman tinha uma grande reputação. Era um respeitado treinador da equipe jamaicana de atletismo olímpico, e seus sucessos esportivos anteriores incluíam Richard Bucknor, que competiu nos Jogos Olímpicos de 1992, nos 110 metros com barreiras, e Gregory Haughton, um medalhista de bronze nos 4 × 400 metros nos Jogos Olímpicos de 1996. Com os Jogos Olímpicos se aproximando no ano seguinte, 2004, imaginaram que ele seria o mais indicado para aprimorar meu talento. Mas assim que começamos a trabalhar juntos no Centro de Alto Desempenho em outubro de 2003, meu corpo entrou em choque. Nunca tinha visto um programa de treinamento como aquele, e, como o meu ritmo no William Knibb era mais relaxado, tive dificuldade de acompanhar. Não tinha desenvolvido nenhuma força, pelo menos não o bastante para enfrentar um regime atlético sério.

O treinamento de um atleta profissional sempre começa com um duro programa de fundo e, quando nos preparamos para o início da temporada de 2004, descobri que a vida de um velocista era difícil – muito difícil. No colégio, tinha conseguido fugir de vários treinos. Podia afrouxar às vezes ou faltar a uma sessão ocasional e ainda ganhar campeonatos, porque meu talento bruto era muito grande. Na maioria das vezes, só corria quatro ou cinco repetições de 300 metros no treino. No nível profissional, descobri que não haveria espaço para a preguiça.

Foi criado um plano para a temporada e ficou decidido que eu me concentraria nos 200 metros, porque era minha modalidade mais forte. Mas o treino me pareceu mais um programa de 400 metros, e o treinador Coleman me fazia correr 700, 600 e 500 metros o tempo todo. As corridas mais longas foram uma dolorosa surpresa, e meu corpo simplesmente perdeu a força. Meus músculos doíam, particularmente os das costas e os isquiotibiais, nas pernas, que pareciam próximos da exaustão total a maior parte do tempo, e eu odiava acordar de manhã porque era quando sentia mais os exercícios. Aquilo era um martírio, tudo parecia errado.

Imediatamente, comecei a reclamar.

– Ei, treinador, não aguento todo esse treino – gemia eu. – Isso é ridículo. Não estou acostumado a esse estilo.

Só que o treinador Coleman continuou do mesmo jeito. Ele era um cara sério, calado e tranquilo, mas um homem que exigia respeito em todos os momentos. Parecia um chefe e, apesar de nunca gritar com seus atletas, não havia espaço para discussão. Como seu programa tinha funcionado inúmeras vezes no passado, ele acreditava que funcionaria comigo. Desesperado, sugeri que talvez ele devesse conversar com alguns dos meus antigos treinadores no William Knibb, só para saber como eu reagia melhor. Sem chance. O treinador Coleman acreditava em seu sistema e, por mais que eu me queixasse, isso não ia mudar.

Droga, aquilo doía. Expliquei à minha mãe e ao meu pai o que estava acontecendo, expliquei ao sr. Peart que eu parecia um pino quadrado sendo forçado a entrar em um buraco redondo, mas nenhum deles quis me ouvir – achavam que eu estava acomodado. Fui informado de que minha carga de exercícios tinha aumentado porque agora eu era um profissional e precisava treinar mais, se quisesse ter sucesso. Não tive alternativa a não ser engolir aquilo tudo.

– Tudo bem – disse –, mas se eu me machucar a culpa é de vocês. Falei que não aguento fazer isso. Meu corpo está ficando todo dolorido.

Meu pai não quis nem saber.

– Bolt, não discuta, obedeça! –disse ele.

Eu sabia que o programa estava me custando caro. Antes, estava correndo bem, e as dores nas costas e nos isquiotibiais só tinham começado com a nova rotina. O treino estava fazendo muita pressão no meu corpo. Eu também via que os outros garotos do Centro recebiam um tratamento melhor de seus treinadores. Eles pareciam estar mais felizes, se divertindo, talvez porque tivessem se exercitado mais na escola e encarassem o novo treinamento com mais facilidade. Eu podia estar conseguindo tempos melhores nas corridas, mas estava com inveja porque queria me divertir também.

Um sujeito chamou a minha atenção. O técnico Glen Mills era um treinador que eu gostava de observar. Já o tinha visto com a equipe júnior jamaicana, exercitando os outros velocistas, e ele parecia saber o que fazia de verdade – e ouvia atentamente os atletas que treinava. Naquela época, todo mundo sabia que o técnico Mills era o melhor na área. Ele tinha treinado o velocista Kim Collins, de São Cristóvão, e Nevis, que ganhara a medalha de ouro nos 100 metros no Campeonato Mundial em 2003, e todos os atletas do Centro de Alto Desempenho conheciam sua experiência.

Para começar, o treinador Mills nunca teve uma carreira própria no atletismo. Quando era garoto na Camperdown High School, em Kingston, na década de 1960, não tinha talento para ser velocista, mas nutria uma verdadeira paixão pelo esporte, e então começou a treinar os amigos atletas na escola. Com o tempo, foi se aprimorando e se destacou como um treinador com um bom potencial. Depois que amadureceu seu estilo, foi convidado para um cargo em tempo integral na escola, e seu primeiro sucesso como treinador aconteceu quando ajudou Raymond Stewart a conquistar a medalha de prata nos 4 × 100 metros nos Jogos Olímpicos de 1984.

O programa de atletismo de Camperdown logo foi apelidado de "A Fábrica de Velocidade" e, como o homem era muito dedicado, absorveu as técnicas de treinamento de Herb McKenley. O treinador Mills acabou fazendo cursos de especialização em lugares tão distantes como o México e o Reino Unido, quando ficou obcecado pela rapidez com que um homem poderia correr. Na verdade, seus métodos foram considerados tão bons que a JAAA depois o convidou a treinar a equipe nacional para os Jogos do Carifta. Não demorou muito para que se tornasse um treinador nacional e montasse sua própria instituição de atletismo de velocidade, o Racers Track Club, onde treinava o pessoal da Universidade de West Indies, de Kingston.

Quando conheci o treinador Mills, ele definitivamente não me pareceu um velocista. Tinha uma *bela* barriga e nunca usava uniforme de treinador; em vez disso, usava calças e camisa elegantes enquanto observava seus atletas. Ele parecia mais um urso que um homem, careca, faixas de pelos grisalhos na barba e olhos apertados

que pareciam espiar a alma do atleta. Eu diria francamente que ele tinha a capacidade de ler os pensamentos dos seus corredores, além de nutrir uma paixão para exigir o máximo deles. Só de vê-lo com os outros velocistas, eu sabia que era quem poderia conseguir o melhor de mim. Quando seus garotos falavam, o treinador Mills escutava.

Um dia, na academia de ginástica, estava conversando com alguns amigos, reclamando da minha programação de treinamento, quando o treinador Mills se aproximou. Ele estava trabalhando com outro atleta.

– Meu programa não está adiantando nada – eu dizia. – Acho que não está funcionando, não quero mais treinar desse jeito.

O treinador Mills se aproximou.

– Ei, quero fazer parte de um programa como o seu – eu disse, apontando para ele.

Eu estava sendo arrogante.

Ele me olhou de cima a baixo e fez uma careta como se eu estivesse louco, completamente transtornado. Então foi embora sem dizer uma palavra. Aquela era uma expressão que eu veria bastante ao longo dos anos.

CAPÍTULO 6

# CORAÇÃO DE CAMPEÃO, MENTE DE GRANITO

Quando a temporada de 2004 começou, eu não dava a mínima para os Jogos Olímpicos de Atenas. Não estava pensando em ir para a Grécia, a terra dos maiores campeonatos do planeta, nem em ganhar medalhas como Michael Johnson nos Jogos de Atlanta. Na minha cabeça havia um prêmio muito maior em jogo. O Campeonato Mundial Júnior aconteceria em Grosseto, na Itália, e eu estava desesperado para defender meu título nos 200 metros.

No entanto, meu Deus, como sofri por ele. Meus treinos não esmoreceram e, de outubro a fevereiro, cobri cada centímetro de terra na programação. Havia voltas e voltas de 500, 600 e 700 metros, dia após dia, semana após semana. É claro, eu estava mais forte, tinha mais resistência, sem dúvida, mas os exercícios provocavam graves dores por todo meu corpo, ainda mais em volta da coluna vertebral. Às vezes, parecia que tinham enfiado um garfo na base das minhas costas, e meus tendões estavam se retorcendo como fios de espaguete em meio aos dentes desse garfo.

Outra preocupação era que eu não tinha concluído nenhum exercício de velocidade, as explosões curtas e aceleradas de que um corredor de 200 metros precisa para aprimorar sua forma. Eu queria disparar dos blocos como uma bala no Campeonato Mundial Júnior e precisava que o meu treino nas curvas fosse perfeito, mas as minhas sessões se concentravam nos exercícios de fundo em vez de na velocidade. Quando chegou o momento de entrar nas corridas competitivas no início de 2004, não tinha feito nenhum exercício de

transição no programa e, mesmo com minha inexperiência, sabia que era uma jogada arriscada. Meu corpo não tinha tido tempo de se ajustar às intensas explosões de velocidade necessárias nos próximos torneios, e fiquei aflito ao pensar que a mudança repentina poderia acabar comigo.

Ainda assim, quando chegaram os Jogos do Carifta em abril, surpreendi a todos quebrando o recorde mundial júnior dos 200 metros com o tempo de 19,93 segundos. *Uau!* Quando vi o relógio, soube que era um tempo absurdo, todo mundo soube. Eu tinha tirado 0,14 segundo do recorde anterior, e todo mundo à minha volta se empolgou: minha mãe, meu pai, o senhor Peart e, claro, o treinador Coleman. Meu desempenho tinha dado todas as provas de que precisavam para silenciar meus resmungos. Comentaram que o programa de treinamento tinha sido um sucesso. O programa estava certo, e eu estava errado, sem dúvida.

A verdade é que eu realmente estava preocupado. Conhecia meu corpo, e não havia como manter a capacidade de correr um tempo tão incrível como esse, não sem um treino de velocidade. E foi um tempo incrível. Não havia muitas pessoas que corressem mais rápido os 200 metros em 2004 nos níveis sênior ou júnior, e eu era apenas um garoto de 17 anos[9]. Imediatamente, me ocorreu que meu novo recorde mundial júnior não tinha nada a ver com os exercícios que fazia. Eu tinha marcado aquele tempo por puro talento.

A notícia poderia ter agradado muitos atletas, mas fiquei infeliz por vários dias depois dos Jogos do Carifta. Sabia que algo não estava certo com meu programa de treinamento, que estava com dores sérias, mas com quem poderia reclamar? Sempre que me queixava, o sr. Peart dizia que a minha maior carga de exercícios era algo com que um jovem profissional como eu teria de conviver.

– Seu tempo no Carifta provou que o programa de treinamento está certo – disse ele. – Está funcionando!

Mas não engoli essa.

De fato, duas semanas depois, me machuquei no treino. Lembro-me do incidente claramente porque, antes de acontecer, estava ao lado da pista observando quando um garoto caiu no chão segurando

a perna em agonia. Ele tinha distendido um músculo em uma corrida de 400 metros, e aquilo me pareceu a coisa mais estranha.

"Como assim?", pensei. "Não sabia que as pessoas realmente se machucavam *nos treinos*."

Menos de dez minutos depois, eu estava na mesma situação, caído no chão e segurando minha perna. Tinha distendido um tendão durante uma volta rápida na pista e, cara, doeu. Meu músculo estirou, e senti uma dor aguda na parte de trás da coxa e do joelho. Estava em agonia, mal conseguia sair da pista e, quando acenei para pedir ajuda, a raiva borbulhou dentro de mim. Fiquei furioso com o programa, furioso com o sr. Peart por me dizer que precisava aguentar a dor, fiquei com raiva de todo mundo por não ouvirem minhas queixas. Fui para casa e liguei imediatamente para meus pais. Eles ficaram chateados, e meu pai ainda tentou se desculpar, mas eu estava zangado demais para me importar.

– Não adianta tentar dizer que está arrependido – disse. – Falei que tinha alguma coisa errada com esse treinamento.

A defesa do meu título no Mundial Júnior estava ameaçada. Eu já era, estava liquidado, e tudo tinha ido por água abaixo. Então me disseram para passar algumas semanas descansando e me recuperando, o que foi um grande aborrecimento. Tive de fortalecer o músculo distendido em treinos com diferentes exercícios e manobras, tomando cuidado para não danificar ainda mais meu tendão. A recuperação levou meses. O tempo todo, uma voz irritante na minha cabeça me dizia que tinha ficado muito para trás. Tornei-me rabugento. Durante alguns dias tive medo de nunca mais conseguir recuperar minha forma.

Tem uma coisa que os manuais de treinamento não dizem ao atleta sobre lesões no atletismo: elas têm tanto a ver com o autoconhecimento quanto com a recuperação; conhecer a mente é tão importante quanto compreender o corpo. Os limites da dor, da paciência e da força interior são coisas que não podem ser encontradas em uma revista sobre corridas. Ao contrário, um velocista precisa aprender as coisas sozinho, pela experiência, e, quando me recuperei, aprendi algo muito importante sobre mim – nos momentos de estresse físico, eu ficava em dúvida.

Uma lesão, mesmo que apenas um músculo estirado ou uma incômoda dor nas costas, me fazia perguntas. Ela dizia: “Ei, Bolt, será que seu corpo aguenta passar por aquela curva como um estilingue?” Ou: “Você vai sobreviver saindo dos blocos nessa velocidade?”

A plena forma física, como eu tinha tido depois do sucesso no Mundial Júnior, me dera uma sensação de invencibilidade. Tinha a impressão de que poderia vencer qualquer corrida que quisesse. Nenhum atleta no mundo me intimidaria na largada se eu estivesse cem por cento preparado, mas a lesão drenou minha confiança e, quando fiquei apto a correr de novo, os pensamentos negativos me perseguiam em todos os treinos.

Tentei deixá-los de lado e me concentrar em recuperar a forma. Superei a dor e o estresse, mas achava que outro golpe mortal estava me esperando. O treinador me disse para esquecer o Campeonato Mundial Júnior – ele percebeu que eu não estaria preparado. Imagine a chateação. Eu tinha passado o ano inteiro empolgado em correr na Itália, porque a defesa do meu título era importante. Vencer em Kingston tinha sido uma experiência maravilhosa que eu queria repetir, ainda mais porque meu tempo no Carifta, naquele momento, tinha me tornado mais rápido do que todos os seniores do planeta naquele ano.

Essa não era minha primeira decepção no atletismo. No ano anterior, eu tinha derrotado todos os seniores nas provas de classificação para o Campeonato Mundial de 2003 – o máximo –, que foram realizadas em Paris. Eu era o melhor nos campeonatos do Mundial Juvenil e do Mundial Júnior e, apesar da minha inexperiência aos 16 anos, também era capaz de me igualar aos corredores conhecidos. Isso me fez pensar: “Quer saber? Talvez eu possa começar a me esforçar para chegar ao nível mais alto…”

Eu não era idiota, não acreditava nem por um segundo que ganharia medalhas de ouro na minha primeira competição profissional importante, mas percebi que, se pudesse estabelecer um recorde pessoal, talvez tivesse uma chance de me sobressair na final. No entanto, quando o Campeonato Mundial chegou, eu estava com conjuntivite, ou “olho rosa” – como chamamos na Jamaica. Fui

forçado a descansar, e meu treino ficou em compasso de espera. A JAAA decidiu então que eu era muito inexperiente para competir no meu primeiro grande evento sem estar condicionado de fato e, mesmo que tenham me levado a Paris para ter a experiência de um grande evento, não pude competir. Fiquei arrasado.

Mas perder o campeonato em Grosseto em 2004 pareceu pior, porque eu queria enfrentar um garoto chamado Andrew Howe, um corredor italiano dos 200 metros com uma boca maior do que o ego dele (mais tarde, Howe especializou-se no salto em distância e acabou ganhando o ouro no Campeonato Europeu de 2006). Durante a preparação para o Mundial Júnior, aquele garoto tinha feito um monte de comentários e dissera várias besteiras sobre como ia me derrotar em seu próprio país. Não gostei nem um pouco, era desrespeitoso da parte dele, e eu sabia que poderia vencer Howe simplesmente correndo como sempre na pista, com ou sem lesão. Vencê-lo nos 200 metros teria sido uma maneira bem legal de silenciar todo aquele falatório.

Mas, droga! Meu tendão distendido tinha acabado com aquela disputa. Na hora em que o treinador me tirou da competição, não pude acreditar, e quando vi as manchetes sobre Grosseto no início do Mundial Júnior, meu humor ficou ainda mais sombrio. Howe tinha vencido os 200 metros em apenas 20,28 segundos. Apesar de ter sido a sua melhor performance e, como não a melhoraria pelo resto de sua carreira, eu poderia ter cronometrado 20,28 segundos dormindo, se tivesse tido a chance. Mas ele continuou falando mal de mim mesmo fora da pista.

– Gostaria que Usain estivesse aqui – disse ele. – Realmente, queria vencê-lo cara a cara…

"Meu Deus", pensei, quando vi a declaração. "O sujeito marca 20,28 segundos e continua se vangloriando? *Por favor."*

No entanto, o sensacionalismo de Howe não parou por aí. Alguns anos depois, enquanto competia no salto em distância em 2007, no Campeonato Mundial em Osaka, ele fez uma farsa igualmente ruidosa. Naquele ano, a competição foi apertada. Com uma rodada faltando, a medalha de ouro estava entre Howe e Irving Saladino, do Panamá, que viria a ganhar a primeira medalha de

ouro de seu país nos Jogos Olímpicos de 2008. Todo mundo em Osaka sabia que Saladino era *o* cara no salto em distância, mas Howe estava saltando em primeiro, e sua distância final o levou à liderança, quebrando o recorde nacional italiano no processo. O garoto endoidou. Começou a berrar, rasgando a camisa e batendo no peito. Correu para a multidão, gritando. Até sua mãe endoidou com ele na arquibancada.

Olhei a cena. “Fala sério! O que tem de errado com esse cara?”, pensei. “Relaxe, mano…”

E então aconteceu a coisa mais engraçada. Com Howe fora de si, Saladino tirou o agasalho de treino e entrou na pista. Sempre que corria para um salto, o panamenho nunca pisava duro na pista, corria suavemente antes de voar para o poço de areia. Seu salto final em Osaka não foi diferente, e a nova distância acabou na hora com a medalha de ouro de Howe por 10 centímetros. A multidão foi à loucura, mas Saladino não vacilou. Ele não pulou nem arrancou a camisa. Em vez disso, apenas espanou um pouco de areia do ombro e se afastou casualmente.

Ele disse a Howe:

– Fique calmo agora. Eu sou o Cara.

Foi uma das melhores cenas que eu vi com um dos grandes campeões. Só fiquei chateado por não poder fazer algo parecido por mim mesmo.

* * *

Meu verão não foi muito divertido. As dores nas costas e a lesão nos isquiotibiais que se danassem, pois ficou decidido que eu iria para Atenas, quer eu gostasse ou não. E, acredite em mim, não estava nada empolgado. Não dava para ficar animado em participar de uma competição quando não estava totalmente em forma. Os Jogos Olímpicos deveriam ser o ponto alto da carreira de um astro do atletismo, mas eu não estava preparado e não conseguia me livrar da decepção de ficar fora do Mundial Júnior. Eu mal tinha

competido toda a temporada, e minha má forma física era um problema sério.

Minha primeira temporada como atleta profissional não tinha começado até aquele momento. Perdera a maior parte das competições europeias de 2004 por causa da lesão, e várias participações em corridas que tinham sido marcadas no início da campanha foram canceladas. Ir para a Grécia me pareceu uma chateação.

O treinador Coleman ficou preocupado, pois não podia trabalhar comigo por causa das dores incessantes nas costas e pernas, então me arranjou uma consulta com o dr. Hans Müller-Wohlfahrt, um especialista alemão que tinha tratado lesões nas costas do astro do tênis Boris Becker e de alguns integrantes do time de futebol Bayern, de Munique. Aparentemente, o dr. Müller-Wohlfahrt era um gênio, então providenciaram minha viagem a Munique, onde eu faria um *check-up* completo com ele.

Tudo o que falavam se confirmou. Quando cheguei à Alemanha, ficou claro que o médico não era um especialista qualquer. Eu me deitei em uma cama plana, enquanto ele apalpava as protuberâncias e os sulcos na minha coluna e fazia pressão nos meus tendões. Quando olhei para cima, notei que seus olhos estavam fechados. O homem estava me tocando, sentindo minhas lesões, em vez de discutir as dores nas pernas e costas ou ouvir gritos de dor. Foi uma cena intensa e, quando o médico segurou meu pé com a mão e o girou no tornozelo, uma enfermeira disse algo do outro lado da sala. Ele abriu os olhos. Parecia irritado.

– Psiu! – gritou ele, antes de sussurrar algo em alemão. Não faço a mínima ideia do que ele disse, mas dava para perceber que não era nenhuma amenidade. A enfermeira pareceu envergonhada.

Então fui levado para tirar radiografias e, quando ficaram prontas, o dr. Müller-Wohlfahrt levantou uma chapa com a imagem da minha coluna – e, cara, a notícia foi muito ruim.

– Senhor Bolt, você tem escoliose – disse ele.

"Como assim?", pensei. Nunca tinha ouvido essa palavra até aquele momento.

– Basicamente, trata-se de uma curvatura da coluna vertebral, e é bastante comum – continuou ele, parecendo terrivelmente sério. – Em muitas pessoas, essa disfunção pode ser tratada com fisioterapia corretiva, mas receio que seu caso seja grave. A curvatura de sua coluna é muito severa.

Ele explicou que era um problema que variava de paciente para paciente e que pioraria quando ficasse mais velho. Um caso realmente grave poderia restringir os pulmões da pessoa e fazer pressão no coração, o que poderia até mesmo danificar os nervos. No meu caso, a coluna estava curvada, e minha perna direita estava um centímetro menor do que a esquerda. A dor nas costas que sentia era o principal sintoma. Era também a causa das minhas lesões isquiotibiais e do desconforto contínuo nas pernas. Na tentativa de compensar o formato em "S" da coluna, meu corpo tinha estirado os músculos em todas as direções. As coisas só pioravam por eu estar competindo nos 200 metros, quando me inclinava na curva da pista, geralmente posicionando a perna esquerda, mais longa, acima da direita, especialmente se estivesse correndo em uma das faixas internas mais apertadas, onde o ângulo era mais agudo.

Meu cérebro disparou. Meu primeiro pensamento foi não acreditar no diagnóstico, e disse a mim mesmo que as lesões tinham sido causadas pelo programa de treinamento intenso, em vez de por algum problema nas costas. Talvez minha mente estivesse me protegendo da verdade, mas percebi que era muito mais fácil culpar o programa que vinha seguindo do que enfrentar a realidade de um problema de coluna a longo prazo.

"Dane-se", pensei, "antes eu estava bem. Se mudar de programa de treinamento, vou ficar bom de novo."

Dei de ombros. Ficar estressado não ajudaria. Além disso, precisava deixar o médico fazer seu trabalho, sobretudo se quisesse voltar à pista o mais rápido possível. Primeiro, ele prescreveu fisioterapia para aliviar as dores musculares. A outra parte do tratamento envolvia medicamentos homeopáticos. Eu sabia por meio de outros atletas que ele costumava prescrever injeções de sangue de bezerro a seus pacientes, e isso me pareceu bizarro. Ainda assim, tudo o que aplicou nas minhas costas foi cuidadosamente

administrado dentro de todas as diretrizes legais – nada suspeito –, e as seringas do dr. Müller-Wohlfahrt eliminaram toda a pressão e as dores da minha coluna.

Apesar do diagnóstico inquietante, todos ainda eram de opinião de que eu deveria comparecer aos Jogos de Atenas. O fato de ser o cara mais rápido nos 200 metros naquele ano (e o primeiro na classificação mundial) significava que não precisaria passar pelas eliminatórias olímpicas. A equipe jamaicana sempre selecionava os dois melhores velocistas dos 200 metros no evento. A outra vaga dependeria dos resultados e, como eu ainda estava à frente do cara que tinha terminado em terceiro na classificação, fiquei com ela, mesmo contundido. Assim que ficou claro que eu acompanharia Asafa Pamell, velocista dos 100 metros, e o resto da seleção jamaicana, a pressão das lesões me atingiu como uma tonelada de tijolos. Todo mundo me exaltava como uma sensação, ninguém parecia se preocupar que estivesse contundido. Os fãs me viam como um astro, ainda mais depois do meu sucesso no Campeonato Mundial Júnior em 2002. Na mídia, as pessoas diziam: "Depois de ter superado os tempos dos atletas seniores no Carifta, Usain já é um grande sucesso no juvenil. Espera-se que seja o melhor agora".

Mas foi aí que me preocupei. Pensei: "Estou fora de forma. Como é que vou apresentar meu melhor desempenho?"

Isso mexeu com a minha cabeça. O povo jamaicano era louco por atletismo, e eu queria oferecer algo que o levasse ao delírio. Não queria decepcionar. Tive mais dúvidas, mais perguntas, exatamente como antes de Kingston. No entanto, dessa vez não estava assustado com as expectativas ou com as multidões, mas sim com a maneira como meu corpo reagiria sob a pressão da competição.

No momento em que a equipe jamaicana chegou à Grécia, eu tinha me recuperado o bastante das lesões para meu otimismo crescer ligeiramente, graças à fisioterapia e ao trabalho do médico, mas ainda não estava cem por cento em forma. E, embora não pensasse nem por um minuto que voltaria para casa com uma medalha, percebi que tinha uma chance remota de chegar à final. Seria uma conquista importante porque, naquele ano, vários atletas do mais alto nível competiam nos 200 metros. Os americanos Shawn

Crawford, Justin Gatlin e Bernard Williams estavam lá, assim como o medalhista de prata olímpico de 1992 e 1996, Frankie Fredericks, da Namíbia. Só o fato de competir com eles em uma final olímpica seria o máximo.

Enquanto exercitava a minha força e a minha técnica em Atenas, meus níveis de aptidão variavam. Toda vez que começava a ficar mais forte, uma nova lesãozinha me segurava. No treino na pista alguns dias antes da minha primeira corrida, outro velocista cruzou minha faixa e, quando me virei rapidamente para evitar uma colisão dolorosa, torci o tornozelo. O movimento brusco foi o bastante para torcer o tendão de Aquiles, e mais uma vez eu estava fora do caminho. Não havia como eu correr cem por cento nas eliminatórias[10], e não dava para saber se eu seria capaz de competir. Só na noite anterior à primeira corrida ficou decidido que eu poderia encarar o esforço.

Mas, no dia da primeira eliminatória, tudo desmoronou. O sol batia forte no Estádio Olímpico, e fazia calor, muito calor, o que é muito significativo quando dito por um jamaicano. Eu murchei. As arquibancadas estavam meio vazias, e a multidão estava calma – não havia nada que me desse um impulso psicológico como o que tinha sentido no Campeonato Mundial Júnior. Fui para a linha de largada, com o objetivo de terminar em primeiro ou segundo lugar, mas, quando a arma disparou, *bangue!,* saí devagar.

"Oh, Deus", pensei, enquanto dava os primeiros passos. "Vai ser difícil."

Minhas pernas estavam pesadas, e cada passo parecia horrível. Não tinha energia, e minha força tinha ido para Deus sabia onde. Saí da curva ainda perto do grupo, mas os corredores da frente tinham se afastado um pouco, tinham mais força. Apressei o passo, agitando as pernas em uma tentativa desesperada de ficar no pelotão da frente, mas tinha perdido velocidade. Estava esgotado.

Cheguei perto da linha em quarto lugar, o que seria o bastante para me levar para a próxima rodada.

"Ei, você pode se recompor daí", pensei.

Mas o cara ao meu lado estava na minha cola, me acompanhando de perto. Ele parecia querer aquele quarto lugar

muito mais do que eu. A respiração pesada, o som de seus pinos sulcando a pista, era só isso que eu ouvia; olhei de relance, e o homem estava com a mandíbula contraída, as veias do pescoço saltadas a ponto de estourar. Se ele me encontrasse em um dia normal, quando estivesse totalmente em forma, eu já estaria fora da vista dele. E foi aí que as dúvidas me assaltaram de novo.

"Não deveria estar aqui…"

"Malditas lesões…"

"O programa de treinamento foi exagerado, não estou cem por cento…"

Já não via mais sentido em me classificar. Sério, qual era o sentido? Naquela fração de segundo, concluí que minha força estava acabada e, mesmo com um dia de descanso, provavelmente ia terminar em último lugar na rodada seguinte. Para o inferno com aquilo, eu só competia para ganhar, e perceber que não tinha a chance de chegar à final me esvaziou. Quis desistir. Atenas tinha sido um estresse de qualquer maneira, então tomei a decisão de abdicar do meu lugar para o atleta ao meu lado.

"Tudo bem, irmão, fique com ele", pensei. "É seu."

Quando cruzei a linha em quinto, tive uma sensação de alívio. Minha estada em Atenas tinha acabado, e imaginei que a pressão diminuiria por ter deixado o campeonato. Mas deveria conhecer melhor os fãs jamaicanos. Quando chegou a notícia de que eu não havia conseguido me classificar, sem falar das lesões que vinha enfrentando durante toda a temporada, todo mundo se virou contra mim. Saíram manchetes negativas na imprensa nacional. O público queria saber por que tinha ido a Atenas, se não estava totalmente em forma; os fãs não conseguiam entender por que eu tinha me tornado uma sombra do velocista recordista mundial na categoria júnior dos Jogos do Carifta.

Quando regressei a Kingston semanas mais tarde, surgiram todos os tipos de teoria a meu respeito. Fui chamado de "bebezão" – a minha ausência no Campeonato Mundial de Paris por causa da conjuntivite foi considerada um sinal de que não era capaz de suportar a pressão de um grande evento, e Atenas era mais uma prova disso. Culparam até o crucifixo que usei durante as

eliminatórias no Estádio Olímpico. Tinha sido um presente da minha mãe[11], mas a cruz era muito grande e batia para cima e para baixo no meu peito enquanto corria, então a prendi entre os dentes. A história saiu em um artigo que criticava a corrente.

Se os fãs e a mídia não estavam comentando meus problemas de contusão ou o crucifixo no pescoço, então criticavam meu estilo de vida. Diziam que eu era preguiçoso e se queixavam que eu só queria saber de farrear. A imprensa tinha me visto entrar no KFC ou no Burger King em Kingston e tinha ficado irritada. Se fosse flagrado saindo talvez uma ou duas vezes do Quad, um repórter escreveria que tinha estado lá a semana toda. Eu sabia que havia outros atletas que também saíam, mas ninguém escrevia sobre eles, isso era ignorado. Eu poderia ir à mesma festa com outro atleta e, ainda que fôssemos fotografados juntos, só para relaxar, eu seria malhado pela mídia jamaicana, mas ninguém diria uma palavra contra o outro atleta. Era uma loucura.

Acho que os fãs e a mídia estavam certos em um sentido: eu gostava de comer porcaria e de me divertir de vez em quando. Muitas vezes ia treinar todos os dias da semana, então no fim de semana fazia apenas uma refeição em um período de 48 horas. Começava em uma boate na noite de sexta-feira, *a noite inteira,* onde haveria muita dança, *whining* e algum bate-papo. Então, depois de acordar ao meio-dia do dia seguinte, ia jogar videogame por horas a fio, geralmente até que meu estômago roncasse no final da tarde. Era quando ia de carro a New Kingston com meu irmão Sadiki e comprávamos um balde de frango ou alguns hambúrgueres. Na maioria dos fins de semana, comia *fast-food* durante umas 48 horas, sem intervalo, de dança e jogos. Não sei como sobrevivi.

A verdade é que, no final da temporada de 2004, tinha acabado de completar 18 anos, era imaturo e estava passando por uma curva de aprendizado, e ninguém levava em conta minhas dores de crescimento. Os fãs jamaicanos não me conheciam, não entendiam como gostava de batalhar e me divertir. Para eles, eu era uma estrela cadente, mais um atleta talentoso desperdiçando seu talento. Para mim, podiam pensar o que quisessem. Eu sabia que estava

bem. Meu maior problema era que o treinamento cobrava de mim um preço muito alto, tanto física quanto mentalmente.

* * *

O que ocorreu em Atenas me forçou a tomar uma decisão. Era a hora de incluir o treinador Glen Mills na jogada. Eu estava desgastado pelo trabalho que o treinador Coleman gostava de fazer. É claro, ele era um excelente treinador de corrida de obstáculos e tinha se saído muito bem com inúmeros outros atletas, mas os métodos que usava não eram adequados para mim, nem como atleta nem como pessoa. Não importava quanto ele tentasse, não funcionava – não era culpa dele, simplesmente às vezes era assim no atletismo.

Acho que uma das coisas mais importantes que muitas pessoas não entendem sobre o atletismo é que a relação entre treinador e atleta é tão importante quanto a que existe entre o técnico de futebol e sua equipe. E assim como alguém como *sir* Alex Ferguson conhece seus jogadores e seus humores, o treinador de atletismo precisa cultivar um entendimento com cada indivíduo na pista de treinamento. Alguns velocistas podem reagir bem ao treinamento duro, outros só conseguem treinar com calma, mas não é bom tentar forçar os dois grupos ao mesmo programa. Os atletas que não conseguem treinar duro vão se esgotar rapidamente, pois se cansam mais depressa do que um atleta com mais resistência física, e era exatamente isso o que estava acontecendo comigo. O sr. Coleman não tinha analisado como eu era como velocista. Ele não sabia o que funcionava para mim. Ele me forçava a cumprir o mesmo programa que seus outros atletas, e isso tinha me contundido feio.

É aí que os grandes treinadores se destacam. Eles sabem como ser um amigo e um mentor para seus atletas, além de um guia. Eles escutam. Orientam seus atletas em todo tipo de situação complicada dentro e fora da pista, como no caso das lesões, dos problemas pessoais e do estresse. A meu ver, o treinador Mills era um desses caras. Nos Jogos Olímpicos, eu o tinha observado de perto enquanto

treinava seus velocistas. Notei que sempre considerava as necessidades individuais e a personalidade do atleta, e essa era exatamente a relação que eu queria com meu treinador.

Percebi também que, como seu programa tinha funcionado tantas vezes no passado, Coleman não o mudaria, não importava quanto eu falasse das dores nas costas e nos isquiotibiais. Os resultados, em Atenas, haviam sido desastrosos. Depois de refletir sobre o assunto, falei com o sr. Peart sobre deixar o treinador Coleman. Era uma situação complicada, mas ele não tinha sido contratado por mim, e não era minha obrigação dar a notícia, então não sei como ele reagiu – nunca perguntei. Porém, toda vez que o encontrava no Centro de Alto Desempenho depois disso, o clima ficava meio frio. Pouco tempo depois, o treinador Mills concordou em trabalhar comigo.

Imagine a mudança de cenário! Quase imediatamente meu desempenho mudou. O treinador apareceu na minha casa em Kingston para conhecer melhor minha mentalidade e meus interesses. Ele queria saber sobre a minha atuação no colegial e qual era a história do meu programa de treinamento anterior. Na mesma hora criou-se o diálogo, e gostei do estilo dele. Ele era amigável, inteligente e receptivo. O treinador escutava e, quando conversamos, ele me explicou tudo no seu jeito lento, arrastado de falar, ele usava expressões pouco comuns para fundamentar seu ponto de vista. Por exemplo, meu cérebro foi chamado de “a sede” (“Você precisa colocar o que estou dizendo na sede, Bolt”), e ficou claro que havia um plano para minha carreira. O treinador Mills queria que eu entendesse cada palavra do que ele dizia.

– Bolt, você tem um talento formidável – disse ele. – Mas temos que ir devagar, para que esteja pronto em um período de três anos…

Foi o primeiro de alguns choques.

– Ei, espere aí, treinador. Três anos? – perguntei. – Isso me leva a 2007, 2008! O que está querendo dizer?

Eu estava impaciente, queria começar o treinamento. Já tinha estragado uma Olimpíada por causa das lesões, sem contar o Campeonato Mundial por doença. Precisava voltar à ativa imediatamente. Mas o treinador foi inflexível e explicou que eu

precisava ser paciente para poder estar perfeitamente preparado para a próxima temporada olímpica. Se acelerássemos o programa, ou tentássemos apressar as coisas, eu poderia ser afastado de novo por uma distensão muscular grave.

O palpite do treinador era que meu corpo tinha falhado porque fora forçado além da conta. A escoliose era um desafio que poderíamos vencer, mas um rompimento dos isquiotibiais e outras lesões secundárias ainda o perturbavam. Foi quando o homem deu um passo à frente. Ele prometeu cuidar da minha situação e reunir as anotações médicas do dr. Müller-Wohlfahrt. O treinador me disse que o diagnóstico era apenas o começo. Ele também estava ansioso para encontrar a solução e prometeu pesquisar todos os estudos existentes sobre escoliose. Antes de voltarmos a treinar algumas semanas depois, ele chegou a consultar diversos especialistas para ouvir seus conselhos sobre as melhores formas de tratamento. Informou-se sobre vários métodos de fisioterapia que poderiam fortalecer minha coluna. O cara se empenhou de verdade.

– Você vai ter de conviver com esse problema, Bolt – disse ele depois de concluir sua pesquisa exaustiva. – Os músculos das costas e os abdominais são fracos, e isso afeta seu quadril. Quando você corre com uma curvatura na coluna, os quadris puxam os tendões, fazendo-os se esticar ou dilacerar. No entanto, se fortalecermos suas costas e os músculos abdominais com exercícios físicos, eles vão ajudá-lo a resistir a qualquer disfunção.

Eu estava me acostumando a fazer ginástica laboral como um condicionamento de velocista. Parte do meu trabalho com o treinador Coleman tinha envolvido levantamento de peso para fortalecer os músculos básicos – a base das costas, o abdome, os isquiotibiais, os quadris. Também exercitava as panturrilhas e o tornozelo. Essas eram as minhas ferramentas mais importantes na busca de força explosiva para a corrida de 200 metros. O treinador Mills disse que a academia de ginástica continuaria sendo uma parte vital do nosso programa de treinamento, mas ele também criou mais um programa que incidia sobre os músculos das costas e os abdominais. Ele achava que eu teria de fazer uma quantidade

absurda de exercícios todos os dias por pelo menos uma hora se quisesse ficar em forma para vencer as corridas do campeonato.

Abdominais, diferentes exercícios básicos, alongamentos. Cara, quando vi pela primeira vez seu programa escrito em um pedaço de papel, senti uma tontura. Parecia pesado. Diria que cada um tinha sido projetado para aumentar a potência da minha força básica e desenvolver os músculos para sustentar a coluna, mas ainda assim resmunguei. Na mesma hora odiei o aumento da carga de exercícios. O treinamento era feito em casa e, como o treinador sabia que eu tinha uma reputação de preguiçoso, começou a acompanhar meu progresso de perto. Toda noite vinha ver como eu me alongava. Na maioria das vezes, ele me irritava. Já cansado de treinar na pista, eu estava desesperado para ter uma folga para jogar videogame, mas o treinador fazia questão que eu seguisse cada etapa do seu maldito plano.

Mas isso não era tudo. Fui a mais consultas com o médico e tomei injeções para aliviar a pressão nas costas. Na Jamaica, contratamos um massagista que trabalhava comigo antes e depois de cada corrida e cada sessão de treinamento. Mudei-me para o clube do treinador, o Racers Track Club, na Universidade de West Indies, nos arredores de Kingston. Antes de todas as corridas, minhas costas e meus músculos básicos eram manipulados e esticados em uma mesa de massagem durante uma sessão de fisioterapia. Minhas pernas eram puxadas, meus isquiotibiais, glúteos e minhas panturrilhas eram flexionados. Cada músculo era aquecido para não estourar sob pressão.

Foi uma vida totalmente nova, mas o treinador me acompanhava a cada passo do caminho. Por entender minha personalidade, ele sabia que eu precisava de amor e comunicação. Sempre que ficava estressado, sempre que me chateava com as lesões, ele discutia detalhadamente os problemas comigo. Havia momentos em que eu parecia irritado na pista. Ficava calado. Na manhã seguinte o treinador aparecia em casa para um bate-papo.

– Bolt, o que foi? – perguntava ele.

Eu dava de ombros a princípio.

– Nada, não, treinador.

– Vamos lá, Usain, o que está acontecendo?

Depois de alguma insistência, eu acabava explicando a situação: se era sobre o treinamento, ou sobre uma dor lancinante, ou quanto estava cansado, e ele sempre dava uma resposta sensata, geralmente enquanto me vencia em uma partida de dominó. Muitas vezes, suas respostas tinham a ver com mais empenho no treinamento – muito mais empenho.

Acho que, às vezes, ele era como um pai. Às vezes, um pai tem de convencer o filho do seu ponto de vista. Ele diz a mesma coisa várias vezes até chegar onde quer e, quando começa, o filho muitas vezes pensa: "Ai, meu Deus, cale a boca". Bem, o treinador era esse pai, eu era aquele filho. Por ser jovem, ainda não entendia o talento que eu tinha, porque não o via a distância, mesmo que tivesse quebrado recordes mundiais na categoria júnior e competido nos Jogos Olímpicos. Mas o treinador tinha certeza. Ele sabia que eu precisava me esforçar muito mais se quisesse melhorar.

Ele me incentivou a aceitar o treinamento, no nosso primeiro ano juntos, queria que eu desenvolvesse uma ânsia pelo sucesso. Toda vez que ficava sabendo que eu tinha saído para farrear em Kingston, ele explicava por que no meu caso era tão importante treinar mais. Devia ser frustrante para ele me ver saindo para me divertir, mas o treinador nunca me criticou diretamente, nem me censurava. Nunca discutíamos. Em vez disso, ele explicava o que tinha enfrentado na vida para se tornar treinador. Falava das metas que tinha alcançado ou dos atletas que tinham tido sucesso sob sua supervisão. Eu sempre escutava, porque sabia que ele tinha muito conhecimento, e nos primeiros dias provavelmente tivemos mais reuniões do que Bill Gates e *sir* Richard Branson juntos. Olhando para trás, foi o início de uma parceria maravilhosa.

* * *

Em 2005 comecei a me aquecer. Em junho, venci tanto o Grand Prix de Nova York quanto o campeonato jamaicano em Kingston. Um mês depois, cheguei em primeiro no Campeonato da América

Central e do Caribe em Nassau. Ainda corri os 200 metros em 19,99 segundos em Londres. Meus tempos me elevaram na classificação, e fui novamente considerado um dos melhores jovens talentos do momento. Aumentava a sensação de que estava prestes a realizar meu potencial e desafiar os grandes nomes.

A ideia inicial era passar a temporada de 2005 competindo em alguns eventos simples enquanto acabava de aprimorar a minha forma física. Os resultados foram melhores do que o esperado. Mentalmente, eu também tinha mudado e, quando o Campeonato Mundial de 2005 em Helsinque se aproximou em agosto, me senti forte. Esse foi o momento em que o treinador detectou pela primeira vez o instinto matador em mim. Ele disse que eu me tornara um campeão com uma mente de granito na final dos 200 metros daquele ano.

Enquanto voava pela Europa para a Finlândia, eu sabia que estava mais forte. Refleti muito sobre o trabalho inicial do treinador e quanto havia funcionado, tanto dentro como fora da pista; como de outubro para o meio do ano seguinte seu programa de treinamento tinha me fortalecido fisicamente. Meu estômago parecia cinzelado, as pernas estavam cheias de força, e as veias mapeavam as curvas das minhas coxas e panturrilhas. Mas também estava mais forte psicologicamente. Sem o estresse físico desnecessário de um intenso programa de treinamento de fundo, não havia distensões musculares. Sem distensões, não havia dúvidas nem questionamentos.

Também foram feitas mudanças técnicas, e o treinador encurtou minhas passadas na corrida. Aparentemente, eu estendia demais as pernas, o que me fazia perder o controle e, portanto, a velocidade, enquanto corria. Mas, apesar das minhas melhoras, nós dois ainda continuávamos em busca do nosso estilo. Naquele momento, era preciso encontrar um equilíbrio delicado entre aprimorar meu talento natural e lidar com a escoliose. Meu programa de treinamento de resistência foi reduzido, e acho que a mais longa repetição que fazia no Racers Track Club era a corrida de 500 metros. Até então, só fazia uma corrida longa a toda velocidade por sessão. Enquanto descansava na lateral na pista de treinamento, o

treinador ouvia o meu retorno. Ele era como um mecânico colocando o ouvido no motor de um carro esportivo. Com cada grunhido incomum ou queixa de minha parte, ele afinava melhor o treinamento de manutenção.

Nossos ajustes foram suficientes para melhorar meus desempenhos. Estava me sentindo bem confiante de que conquistaria uma medalha em Helsinque, e a mídia já me louvava como um competidor no páreo de novo, o que parecia muito bom. Mas foi combinado que, mesmo se não houvesse medalha, a Finlândia seria uma chance de prolongar minha curva de aprendizagem. Essa foi uma jogada inteligente. Para começar, foi mais um novo ambiente para competir: o tempo era muito frio e úmido, o que era algo que eu teria de enfrentar enquanto corria cada vez mais no norte da Europa.

Quando a competição começou, passei folgado pelas corridas geladas de classificação. Meu corpo estava forte, e meus passos, firmes e uniformes.

Corridas de classificação: primeiro lugar, 20,80 segundos

Quartas de final: segundo lugar, 20,87 segundos

Semifinal: quarto lugar, 20,68 segundos

Meu desempenho fraco na semifinal significava que, quando assumisse a posição para a largada na final, estaria em desvantagem. Tinha sido colocado na faixa um, o que era uma grande chatice para um velocista alto, porque colocava mais pressão sobre meu corpo quando me inclinava para a curva[12]. Mas ainda acreditava que, pela primeira vez, podia me destacar em um dos principais campeonatos.

"Vamos, Bolt, esqueça Atenas", pensei. "Vamos nessa!"

Mas eu sofreria um baque, porque o que aconteceu em seguida foi uma valiosa lição de concentração. Como o treinador tinha dito, Helsinque era um lugar muito frio, e naquela noite a chuva caía com força. Eu era um jovem velocista da Jamaica relativamente inexperiente tremendo dentro do uniforme molhado, mas o que aconteceu em seguida não ajudou a minha situação.

A princípio, John Capel, o velocista americano ao meu lado, não assumiu sua posição de largada. Em vez disso, entrou na pista e levantou a mão, o que forçou uma pausa, toda vez que éramos

chamados às nossas marcas, o início era adiado. Em seguida, ele descansou levemente os pinos da sola da sapatilha sobre os sensores de pressão localizados nos blocos. A tecnologia era projetada para registrar uma falsa largada, e cada atleta precisava colocar o pé firmemente sobre as almofadas, então aquilo suspendeu a corrida. Os árbitros o advertiram para não fazer isso. Quanto mais tempo ficávamos na chuva, mais frio eu sentia.

Fiquei aborrecido.

"Por que você continua fazendo isso?", pensei. "Cara, por que você simplesmente não começa a corrida?"

Eu não sabia o que diabo estava acontecendo. Meu traseiro jamaicano estava quase congelando naquela chuva e, a cada atraso, sentia um pouco mais frio, mas tinha concentração suficiente para encarar a arma e *crack!* Eu tinha partido e, quando fizemos a curva, estava à frente do grupo, o que era inédito para um corredor na faixa um. Quando cheguei à curva estava acompanhado por quatro americanos, Capel, Justin Gatlin, Wallace Spearmon e Tyson Gay. Minhas pernas e costas pareciam fortes, a força que tinha me faltado em Atenas estava de volta. Porém, quando tentei dar uma passada adicional, a coisa de repente ficou muito complicada. Eu tinha forçado demais e jogado a perna com muita força. Algo puxou a parte de trás da minha perna, senti uma cãibra no tendão. O atraso tinha congelado meus músculos contraídos e agora eles estalavam como elásticos.

"Droga, justo agora!", pensei. Era o momento de desacelerar.

Cerrei os dentes e corri em direção à linha de chegada em último lugar. Foi um tempo coxo de 26,27 segundos, mas, que inferno, ia chegar mesmo mancando, não iria recuar. Precisava terminar, e foi aí que a coisa mais estranha aconteceu. Quando saí da pista, o treinador parecia contente, seu rosto havia se aberto em um enorme sorriso.

"Como assim?", pensei. "Está contente com o quê?"

Ele passou um braço em volta do meu ombro.

– Bolt, vi uma pessoa diferente na pista – disse ele. – Você correu na faixa um, e uma porção de atletas teria parado antes mesmo de entrar na pista, mas você se transformou em um

competidor diferente, um animal diferente. Você descobriu o coração de um campeão.

O fato de eu ter melhorado meu desempenho em uma final importante mostrava uma determinação que não havia em mim antes. Tinha mostrado uma forte determinação interna, que talvez não esperava encontrar – não sei. Mas o treinador considerou isso um sinal, um lampejo de potencial de nível mundial. Mesmo que não tivesse percebido isso, Helsinque foi a primeira indicação que ele teve de que algo grande poderia estar acontecendo com nós dois. Achei simplesmente que ele estava louco. Para mim, não havia nada de bom em terminar em último – nunca.

[9] Lembre-se: era um ano olímpico e, em Atenas, apenas o medalhista de ouro, Shawn Crawford, superou meu tempo na final com uma corrida de 19,79 segundos. Eu estava liderando a classificação olímpica depois da minha primeira corrida da temporada.

[10] Para ter uma chance de ganhar uma medalha de ouro olímpica, o atleta precisa passar por quatro provas: a primeira rodada, a segunda, a semifinal e a final.

[11] Sabe como são as famílias. Se não o tivesse usado, minha mãe teria me ligado e dito: "VJ, por que não está usando a corrente agora?" Como disse, eu era o queridinho da mamãe. Fazia o que podia para deixá-la feliz.

[12] Correr na pista interna sempre foi mais difícil para mim por causa da minha altura – precisava me inclinar muito mais na curva, ao passo que não era um problema tão grande para os atletas de menor estatura, pois o baixo centro de gravidade deles facilitava o desempenho. No entanto, todo mundo prefere as faixas do meio ou a externa.

CAPÍTULO 7

# DESCOBRINDO O PONTO SEM RETORNO

Dizem que todos os velocistas são iguais. Que somos galinhas e vivemos atrás de garotas, dirigimos carros velozes e jogamos videogame. Também dizem que gostamos de dormir muito, aparentemente. Não tenho tanta certeza se a regra se aplica a todos os competidores de corridas curtas, mas, no meu caso, esse estereótipo se encaixava muito bem, ainda mais quando se tratava de ficar enrolando na cama.

Eu não era do tipo de acordar cedo, mesmo com uma suave manhã de Kingston nascendo por trás das Blue Mountains – a cordilheira de picos cobertos de florestas no horizonte da cidade. Se alguma coisa acontecesse antes do meio-dia, um telefonema de trabalho ou uma reunião, nem pensar. Se alguém quisesse tirar minha foto para uma revista ao nascer do sol, de jeito nenhum. Eu odiava levantar e, se alguma vez fui forçado a acordar cedo, ficava andando de um lado para o outro como um urso com dor de cabeça por horas depois.

Minha atitude preguiçosa causou uma preocupação séria no meu treinador ao longo de 2006, não que ele demonstrasse isso a princípio. Se a temporada anterior tinha sido dedicada a conseguir um equilíbrio entre treinamento duro e o controle do meu problema nas costas, 2006 era um impulso para a suprema forma física. E isso significava dor, muita dor. O treinador aumentou o programa de exercícios básicos, o que causou mais dor no meu estômago, na coluna e nos isquiotibiais. O treinamento na pista afetava minhas

pernas e meus pulmões, como sempre, mas a academia era pior, provocava dores por toda parte, da cabeça aos pés, por causa de um novo treinamento projetado para aumentar a potência dos músculos responsáveis pela aceleração nas corridas rápidas, ao mesmo tempo que criava mais apoio para a coluna na área das costas. Força adicional significava velocidade adicional na curva de uma corrida de 200 metros e também me dava energia para queimar nos últimos 30 metros.

O programa eu era capaz de encarar, mas depois ficou decidido que eu deveria me exercitar logo pela manhã, porque o treinador tinha percebido que o treinamento cardiovascular me estimulava com mais eficácia no início da noite. Meu corpo reagia melhor aos exercícios na academia antes do meio-dia. Bom, isso era uma má notícia de verdade, porque precisava levantar cedo, digamos às dez horas, e eu não suportava fazer nada pela manhã.

No início, quando o treinamento de base começou, segui o programa dele, mas depois de um tempo comecei a faltar a uma sessão na academia aqui ou ali. Às vezes, não colocava a quantidade certa de esforço quando chegava ao Health Club Spartan, o centro de treinamento em New Kingston, onde treinava com todos os astros do atletismo jamaicano. Descobri que era um lugar agradável para sair e relaxar com os amigos.

De certa forma, eu estava me tornando vítima do meu próprio sucesso. As mudanças feitas pelo treinador tinham me permitido melhorar em algumas competições importantes e eu não estava distendendo músculos nos treinos como costumava acontecer, além de a dor nas costas estar sob controle. Também ganhei cada vez mais corridas em 2006, embora o nível da competição tivesse melhorado consideravelmente. Em vez de me concentrar em eventos relativamente modestos como o Campeonato da América Central e do Caribe do ano anterior, estava desafiando as grandes feras dos Estados Unidos com mais regularidade – Tyson Gay, Wallace Spearmon e Xavier Carter – em grandes prêmios em lugares como Nova York, Londres, Zurique, Lausanne (onde bati um recorde pessoal de 19,88 segundos) e Ostrava. No final da temporada, cheguei em terceiro lugar na final do Mundial de Atletismo da IAAF

e terminei em segundo, atrás de Wallace, na Copa Mundial da IAAF em Atenas, correndo em 19,96 segundos.

Esses pequenos sucessos deveriam ter me dado o incentivo para me empenhar mais, me esforçar mais, mas, em vez disso, usei-os como motivo para afrouxar. Pensava: "Quer saber? Estou mandando bem. Posso faltar a uma sessão de academia às vezes". Algumas manhãs, quando deveria estar treinando no Spartan, ficava em casa na cama.

Os descuidos, quando aconteceram, me denunciaram. Como em março, quando estava competindo em um evento no Estádio Nacional em Kingston. Naquela noite, iria correr no revezamento 4 × 400 metros contra meu velho adversário Keith Spence e estava confiante de que ia fazer uma boa corrida. Mas, quando peguei o bastão e me encontrei com Spence na curva, senti a mesma velha fisgada de dor atrás da coxa. *Tóin!* Um tendão repuxou e tive uma lesão grave. Dessa vez, em Kingston, saí andando da pista. Não consegui suportar a batalha contra a agonia como tinha feito em Helsinque, talvez porque não havia nada tão importante em jogo – não sei. Segurando a parte de trás da perna, saí mancando para pedir ajuda.

Olhei para o treinador entre os rostos na multidão, mas, quando me aproximei mais da arquibancada principal, ouvi uma vaia. Depois outra e outra. O rumor foi ficando cada vez mais alto a cada passo. No momento em que cheguei às laterais, todo mundo na arquibancada estava me vaiando. Cara, o pessoal parecia furioso. Algumas pessoas estavam até mesmo gritando, xingando, dizendo que eu tinha parado de propósito porque sabia que não ia ganhar. Então me vaiaram por sair mancando.

"Que diabo é isso?", pensei, sentindo um enjoo – um profundo enjoo. "De onde isso surgiu?"

Meu mundo caiu, não podia acreditar no que estava acontecendo. Eu sabia de pessoas que tinham um pesadelo em que estavam sentadas em um lugar cheio de pessoas raivosas, todas gritando insultos. De repente, eu estava vivendo aquele horror na vida real, mas em uma escala muito maior. Sinceramente, nunca tinha imaginado um momento em que uma multidão jamaicana –

meu próprio povo, as mesmas pessoas que tinham me aplaudido tanto quando ganhei o Campeonato Mundial Júnior, em 2002 – me vaiasse enquanto saía da pista em Kingston.

Esqueça o tendão distendido, essa era uma dor em outro nível. Eu tinha apenas 19 anos, e as críticas me atingiram profundamente. Eu sempre demonstrava meu amor ao povo da Jamaica quando corria. Em Kingston, o fato de realmente ter me contundido representou um duplo golpe de azar, e deixei o estádio de péssimo humor. A viagem de carro para casa foi horrível. No momento em que cheguei à porta da frente, estava pensando em todo tipo de besteira.

Primeiro de tudo, questionei minha capacidade: "Não sou bom o bastante para esse esporte…"

Questionei os fãs jamaicanos: "Uau, fui vaiado na frente da minha torcida nacional quando estava dando meu melhor. Estava realmente correndo bem… Será sempre assim daqui por diante?"

Em seguida, piorou: "Faz três anos que comecei esta vida. Faz três anos que estou contundido. Será que isso está realmente funcionando? Devo mesmo continuar? Todas essas coisas que faço, não importa quanto tente… Talvez não seja para mim. Essa coisa de atletismo é muito dura…"

Eu sabia que era loucura e que não estava pensando em parar, não a sério. Mas, no dia seguinte, sentei com o treinador. Disse a ele que tinha algumas dúvidas sobre para onde minha carreira estava indo.

– Não sei o que está acontecendo – disse. – Por que estão me vaiando?

O treinador me acalmou.

– Você precisa entender como são os jamaicanos, Usain – disse ele. – Você precisa compreendê-los. Escute, se você se der bem, será aplaudido. Se você se der mal, vão vaiar. Assim é a Jamaica. Você também precisa entender que está fazendo isso para si mesmo em primeiro lugar e para ninguém mais. O país vem em segundo lugar. Você não pode ficar preocupado com o que as pessoas pensam. Se não perceber isso, então nada disso faz sentido.

O treinador sabia tudo sobre críticas, porque ele mesmo estava enfrentando um pouco do fogo. A mídia tinha começado a atacá-lo. Alguns jornais disseram que ele estava desperdiçando meu talento sob seus cuidados e, apesar de alguns dos meus sucessos em 2005, alegaram que não estava me treinando corretamente. Muitas vezes, diziam que eu deveria ter um treinador diferente cuidando de mim, mas não faziam ideia dos nossos planos ou das metas de longo prazo. Não que o treinador se importasse.

– Escute, se tivermos bons resultados, será um sinal para eles de que você e eu somos capazes de encontrar água no deserto – disse ele.

Fui para casa e pensei muito sobre o que o treinador tinha dito e no que eu faria. Sabia que ele estava certo, que teria de ignorar todas as críticas. Pensei: "Quer saber? Que se danem os fãs, vou fazer isso e vou fazer por mim". Eu tinha outro mantra para a linha de largada: *Não pense neles. Simplesmente faça.*

De repente, o atletismo estava em primeiro lugar, e os fãs jamaicanos, em segundo. Foi ótimo não me importar mais com isso.

* * *

Vieram mais conselhos, muitos mais. Se algum dia deixasse de ir à pista, o treinador me chamava para conversar. Se fosse farrear, o treinador me chamava para conversar. Se alguma vez deixasse de ir à academia ou parecesse que estava perdendo a forma, o treinador me chamava para conversar. Às vezes, ele só me chamava para conversar.

No início de 2007, o treinador me disse para ter um objetivo, uma inspiração, algo que pudesse visar sempre que treinasse, na academia ou na pista.

– Você precisa querer alguma coisa – disse ele. – Precisa definir metas para si mesmo para se esforçar mais. O desejo é o segredo do sucesso.

Era um conselho inteligente. Quando comecei a correr profissionalmente, queria ganhar dinheiro suficiente para dar coisas

aos meus pais. Minha mãe não tinha máquina de lavar e odiava lavar a roupa à mão, então queria comprar uma máquina nova para ela. Por outro lado, meu pai sempre se queixava de falta de dinheiro, o que me aborrecia muito. Um dia, quando ele começou a resmungar sobre as contas, cheguei a dizer: "Eu vou pagar *cada* centavo que você gastou comigo quando eu era criança!". Percebi que, se ganhasse o bastante, poderia até comprar um carro novo para ele.

Acho que é fácil se perder na riqueza do esporte – qualquer esporte. Quando entrei pela primeira vez no circuito profissional em 2004 e conheci outros atletas, descobri quanto os caras de primeiro nível em Kingston ganhavam e fiquei chocado. Como Asafa Pamell, corredor dos 100 metros. Essa era a corrida onde estavam o prestígio e o dinheiro. Naquela época, os atletas dos 100 metros ganhavam 16 mil dólares por uma vitória na Liga de Ouro, a série anual de competições organizadas pela IAAF, e os principais corredores ganhavam muitas vezes uns 40-50 mil para participar de uma corrida. Havia também alguns patrocínios muito lucrativos à sua disposição se você fosse um velocista campeão[13]. Mas Asafa realmente se tornou um astro no planeta todo quando quebrou o recorde mundial com o tempo de 9,77 segundos em 2005. *Bam!* De repente, ele valia muito e era um grande vencedor, então as empresas de material esportivo e os fabricantes de bebidas queriam patrociná-lo. Sempre que o via em Kingston ou em uma corrida, ele estava sempre sentado em algum veículo esportivo de luxo.

"Hum, quero um pouco disso", pensei.

Para mim, 2004 tinha sido um mau começo. Antes dos Jogos Olímpicos, havia um grande interesse por mim. Eu era o rei do Mundial Júnior e o campeão do Mundial Juvenil, e tinha quebrado todos os tipos de recorde. Os fãs queriam me ver correr. Eu era considerado um bem valioso, ainda mais na Jamaica, e as pessoas estavam dispostas a me pagar para competir, mas por causa de minhas lesões não recebi nenhum pagamento por participar ou por ganhar uma competição e no meu primeiro ano fui incapaz de explorar meu potencial financeiro.

O sr. Peart tinha me arranjado alguns patrocínios fora da pista, o que, olhando para trás, tinham pouca importância, mas eram uma indicação do interesse comercial por mim na época, mesmo aos 17 anos. Assinei um contrato de patrocínio com um supermercado chamado Super Plus e, em troca de ser o garoto propaganda de suas lojas, recebia uma certa quantidade de alimentos todos os meses. Depois, assinei um contrato modesto com a empresa de materiais esportivos Puma, o que significou que receberia caixas de tênis de graça. Fiquei bastante entusiasmado com isso. Até me tornei o embaixador de uma empresa de telefonia móvel chamada Digicel. Tinha dinheiro na minha conta bancária, mas não foi muito no início e, quando acabava, era isso. Não recebi enormes quantias de dinheiro para torrar e, assim que recebia meu pagamento, ficava louco e gastava tudo. Muitas vezes tive de pedir alguns dólares a mais ao sr. Peart para aguentar até a última semana do mês.

– Isso não é bom – dizia ele, sempre que eu explicava meus problemas de caixa. – Você precisa economizar seus dólares!

Aprendi algumas lições importantes nesse primeiro ano. Assinei contrato com um agente chamado Ricky Simms, da PACE Sports Management, de Londres. Ricky tinha sido escolhido pelo sr. Peart para ser meu agente porque a empresa dele atendia uma série de recordistas mundiais e campeões olímpicos. Nos demos bem imediatamente. Ricky era um irlandês que trabalhava com uma parceira, Marion Steininger, e conversar com eles era muito divertido, fácil. Assim como o meu treinador, Ricky me conquistou: ele fora um bom corredor meio-fundista, portanto entendia as pressões que recaíam sobre o atleta, bem como o potencial financeiro de sucesso. Quando foi a Kingston para me encontrar, Ricky explicou como a empresa funcionava e quanto dinheiro eu poderia ganhar – *se* atingisse meu potencial.

Ele me disse que, se começasse a correr em tempos menores, então meu salário subiria. Receberia cachês maiores por participações e prêmios em dinheiro por vitórias. Se ganhasse uma medalha de ouro aqui ou uma de prata acolá, de novo o dinheiro por participação aumentaria. Só precisava ganhar uma medalha em um grande campeonato, como os Jogos Olímpicos ou o Campeonato

Mundial, que o dinheiro jorraria dos patrocinadores e de outras oportunidades comerciais. Isso levaria, então, a outros negócios, como anúncios na televisão e aparições públicas. Fiquei animado.

"É um bom negócio", pensei. "Se conseguir manter a forma, as coisas podem melhorar de repente. Posso ganhar um bom dinheiro."

Em 2004, a lição de Ricky foi clara: para ganhar mais dinheiro, para comprar carros como Asafa, precisava vencer algumas das principais corridas do circuito. Mas, para ganhar as principais corridas, tinha de superar tipos como Shawn Crawford e Justin Gatlin nos 200 metros, e isso era mais fácil falar do que fazer. Quase não corri em 2004 e, em 2005, não sabia ao certo como obter uma vantagem sobre os caras do primeiro time.

Foi quando o treinador entrou em cena. No meio da temporada de 2005, ele descobriu uma falha no meu estilo que, se corrigida, poderia me incluir na disputa – uma disputa importante.

– Bolt, você continua olhando para os lados quando compete nas corridas – disse ele, em uma tarde na pista. – Você não faz isso nos treinos, mas, durante toda corrida, você fica virando o pescoço, observando os outros atletas. Isso está lhe custando tempo. Prejudica seu arranque. Se você fosse um cavalo, eu colocaria antolhos na sua cabeça para você parar de olhar para os lados a caminho da linha de chegada. Se você quer vencer os outros, basta olhar para a frente…

Ouvi com atenção e segui o conselho. Quando corri os 200 metros no Grand Prix Reebok em junho, fiz questão de não olhar para os competidores antes de passar a marca dos 150 metros. Quando olhei ao redor, eles estavam fora de vista, muito, muito, *muito* para trás.

"Oh, entendi o que está acontecendo aqui!", pensei.

Aquela iniciativa foi suficiente para melhorar meus desempenhos em 2005, o que me conferiu um notável poder aquisitivo. Estava ganhando cada vez mais em cachês por participações e bônus por vitória. Não demorou muito para ganhar dinheiro suficiente para comprar uma máquina de lavar para minha mãe.

Durante 2006 e no início de 2007, ganhar mais dinheiro tornou-se o meu objetivo – queria comprar aquele carro para o meu pai e também sonhava em ter um automóvel esportivo. Na época, dirigia um Honda, que eu adorava, mas queria algo com um pouco mais de estilo. Usei esse sonho para me ajudar a suportar as dores do treinamento, embora parecesse estar muito mais focado no meu futuro do que alguns dos outros caras que se exercitavam no Spartan ou no Racers Track Club. Notei que muitos dos atletas na Jamaica ficavam satisfeitos com as pequenas quantias que ganhavam. Sempre que conversávamos, eles diziam:

– Ok, ganhei algumas corridas, estou bem com o que tenho.

Mas eu, definitivamente, não era assim. Queria ganhar o máximo que pudesse como profissional. Queria maximizar meu potencial e ganhar muito dinheiro. Toda vez que via Ricky, fazia sempre a mesma pergunta:

– Ei, me explique como fulano e sicrano conseguem ganhar tanto?

Eu me lembrava do meu novo objetivo todos os dias. Se me sentisse fraquejando em algum momento, dizia a mim mesmo: "O que mais eu quero? Qual é a coisa que mais quero?" Em pensamento, imaginava o carro, as roupas, tudo o que esperava conseguir e me motivava. "Melhore, Bolt! Continue treinando se quiser conseguir!"

Mas ainda estava difícil. Havia sessões em que o treinador me dizia para fazer cada vez mais corridas de 300 metros em velocidade, apesar de ter percorrido as faixas durante a noite toda. Meu corpo inteiro estava morto, não conseguia ficar de pé na pista e, quanto mais corria, mais ardia e doía. Todos os meus músculos gritavam: "Não! Não quero fazer isso!" E era aí que precisava ir lá no fundo, ao encontro da minha motivação.

Felizmente, o treinador tinha me ensinado uma maneira de lidar com a dor. Ele chamava aquele enorme ataque de dor de "Ponto Sem Retorno" – um momento de pura agonia, quando o corpo diz ao atleta para parar, descansar, porque a dor é muito grande para aguentar. Era um ponto crítico de desequilíbrio. Ele considerava que, se o atleta fraquejasse nesse ponto, então toda a dor que tinha

sentido antes teria sido inútil, os músculos não aumentariam sua força atual. Mas se fosse capaz de suportar o repuxo e correr mais duas repetições, talvez três, então o corpo melhoraria fisicamente naquele momento, e era quando o atleta se tornava mais forte.

Também aprendi a suportar quaisquer pontadas ou explosões incomuns de dor. O treinador me disse para correr quando meu corpo sentisse uma onda inesperada de agonia, como um nervo ardendo no ombro ou o joelho arrebentado. Nesses segundos de confusão eu precisava me forçar. Passando por novas sensações, eu viria a compreender a capacidade do meu corpo de vencer em momentos de estresse. A teoria do treinador era bem clara.

– Nunca se sabe, Bolt – disse ele. – Você pode sentir uma dor em uma final dos Jogos Olímpicos e, se não compreendê-la no treinamento, acabará desistindo até em casos em que a sensação é apenas temporária, e não debilitante. Se parar, terá perdido sua chance de uma medalha de ouro olímpica, talvez para sempre. Mas se já aprendeu a correr com a dor anteriormente, vai entender. Isso significa que você sempre terá a chance de glória.

A cada explosão de dor, eu continuava correndo. A cada sessão de treinamento, o Ponto Sem Retorno tornava-se uma sensação dolorosamente familiar.

* * *

É engraçado como uma corrida pode mudar tudo. Em agosto de 2007, quando o Campeonato Mundial se aproximava, em Osaka, no Japão, eu estava forte, muito forte. Tinha superado O Ponto Sem Retorno no treino tantas vezes que o maldito tinha quase me matado, e fazia os exercícios básicos e para as costas com os dentes cerrados. Todo. Santo. Dia. Mas a academia era outra história. Odiava aquilo e inventava desculpas para não ir. Às vezes, quando aparecia de fato, só fazia os movimentos.

Já os exercícios na pista valiam a pena, apesar de tudo. Subi nas classificações profissionais depois de alguns tempos bons no início da temporada. Em junho, eu havia ficado em segundo lugar no

Grand Prix Reebok em Nova York. Sentia a minha técnica melhorando a cada evento, e meus recordes pessoais mostravam que estava cada vez mais rápido. Percebi que conseguia dar conta de ficar em segundo ou terceiro em uma competição se isso representasse um novo recorde pessoal. Enquanto estivesse correndo cada vez mais rápido, ficava muito feliz.

Em julho, eu chegara em segundo lugar no Athletissima, o Super Grand Prix no Stade Olympique, em Lausanne, na Suíça, e em primeiro em Londres, no Norwich Union Grand Prix. Certamente eu era um grande competidor no momento em que Osaka se aproximava, mas não o grande favorito, porque Tyson Gay estava correndo muito, mas muito mesmo. Ele tinha vencido as provas de classificação nos Estados Unidos com uma corrida em 19,62, e todo mundo pensou que ele era imbatível. Esse sentimento só foi reforçado antes da corrida dos 200 metros porque ele tinha derrotado Asafa na final dos 100 metros, o que senti como um verdadeiro choque, primeiro porque Asafa era o detentor do recorde mundial e *o cara* e, segundo, porque a vitória de Tyson sugeriu que ele era agora um candidato importante para os Jogos Olímpicos de Pequim, no ano seguinte.

Ainda assim, estava me sentindo muito bem. O treinador também parecia empolgado, mas, como quando nos preparamos para as eliminatórias, ele me lembrou da minha lesão em Helsinque. Ele queria que eu relaxasse nas primeiras corridas.

– Não force demais, Bolt – ele dizia sempre. – Não exagere.

Ele me explicou que eu precisava terminar entre os dois primeiros nas semifinais para obter uma boa faixa na final – do lado de fora, em vez de perto da curva. Assim que garantisse a minha posição de chegada em cada corrida, poderia ir com calma. O treinador não queria que me forçasse demais e lesionasse outro tendão.

*Bangue!* A primeira eliminatória foi fácil, o caminho até a linha não teve nenhum estresse. Um garoto quase quebrou o pescoço tentando me tirar o primeiro lugar, mas eu tinha o suficiente no meu tanque para ficar em segundo sem a necessidade de dar tudo. Ganhei a segunda rodada e a semifinal sem muito esforço, batendo

Wallace nas duas eliminatórias. Esse resultado me colocou na faixa cinco na final, entre Tyson e Wallace. Era o momento da verdade.

Quando nos alinhamos no Estádio Nagai, eu só pensava em uma coisa: "Ei, posso conseguir". Estava superconfiante, e o único estresse de verdade era a minha largada. Sabia que se eu tivesse uma reação ruim ao disparo Tyson se daria melhor, porque ele era um forte competidor, e bastava um vacilo meu para ele acabar com meu desafio em um piscar de olhos, ainda mais em uma corrida tão importante como a final do Campeonato Mundial. Quando havia muita coisa em jogo, o cara era implacável. Tyson quebraria alegremente o próprio pé para obter uma medalha de ouro.

Olhando para trás, não acho que ele realmente tenha imaginado que eu poderia vencê-lo na noite da final, nem por um instante. Na cabeça dele, Wallace era, provavelmente, a sua maior ameaça nos 200 metros. Acho que o principal indício de que Tyson não estava muito preocupado comigo foi ainda estarmos tranquilos na linha de largada. Antes das corridas, nós conversávamos, ele me cumprimentava sempre que nos cruzávamos e sempre ria quando eu fazia piadas. A verdade era que Tyson nunca, jamais, conversava com os caras que acreditasse serem um desafio à sua posição.

Era assim que rolava. Qualquer um que acompanhasse o atletismo sabia que Tyson era um cara intenso. Ele olhava para a faixa antes das corridas como se quisesse matar a pista, como se *odiasse* a pista. Ele ficava ligado, fechado, e essa era a sua maneira de se preparar. Não era do tipo de ficar de bobeira na frente das câmeras. Não brincava com os outros caras na sala de chamada, a área onde os atletas se reuniam antes das corridas. Então era fácil sacar o Tyson. Em sua mente, eu não era uma ameaça, por isso ele era legal comigo. Mas, caramba, eu queria muito ser o maior problema dele.

*Pop!* A arma disparou, e, quando saí dos blocos, diria que meu início tinha sido forte quando fui para cima de Wallace depois de 50 metros. Olhei para os lados. Não conseguia ver Tyson, mas sabia que ele estava logo atrás de mim. Voltei a me concentrar na pista à frente. Podia ouvir sua respiração curta e forte, e o atrito das suas pontas na pista. *Claque! Claque! Claque!* Nos primeiros 75 metros,

aquele som metálico agudo e ritmado estava bem no meu ombro. Não parecia estar se aproximando mais.

"Tyson não está me passando", pensei. "Ele não está me passando!"

Eu deveria ter sido mais esperto. No topo da curva Tyson partiu como um míssil. Ele se foi, quilômetros à frente, disparando para longe, e não havia como impedi-lo. Não pude acreditar – ele tinha se afastado 4 ou 5 metros de mim em um piscar de olhos. Não acreditei: "Que diabos aconteceu?" Mas, em pensamento, ainda acreditava que poderia alcançá-lo. Contraí a mandíbula e aumentei o ritmo.

"Vou chegar lá", pensei, enquanto a distância diminuía, e a linha ficou à vista. "Vou chegar lá!"

Mas estava errado, meu corpo não tinha entusiasmo suficiente. Meus motores não poderiam igualar a velocidade de Tyson.

"Não, esqueça o primeiro lugar", pensei. "Você não tem mais do que isso. Não vai ganhar dele."

Com 20 metros faltando, era fim de jogo. Tyson ficou em primeiro lugar com um recorde no campeonato de 19,76 segundos, mas a prata foi minha, com um tempo de 19,91, à frente de Wallace, e recebi minha primeira medalha em um campeonato importante. Imagine as declarações grandiosas.

Eu *era* capaz de ir melhor nas competições mais importantes. Eu *era* capaz de treinar duro e não estourar os músculos. Eu *podia* ganhar medalhas, apesar da escoliose. E para o inferno com o que todo mundo pensasse a meu respeito no meu país – estava na cola de Tyson Gay de verdade.

* * *

Também tinha dúvidas, frustrações. Saí da pista com a cabeça rodando. Queria assimilar o que tinha acabado de acontecer, porque tinha dado tudo ali, mas não consegui descobrir como Tyson me ultrapassara na curva. Em uma fração de segundo, vários metros tinham mudado de mãos, e eu tinha ficado para trás.

Naquela noite, quando cheguei à vila dos atletas, todo mundo estava empolgado com a minha medalha de prata, e eu também, mas continuava estressado. “Como assim? Como ele conseguiu me vencer?” Lá pelas 2 horas da manhã, com a cabeça a ponto de explodir, não conseguia relaxar e precisava de respostas. Atravessei o corredor até o quarto do treinador e bati na porta. Percebi que estava incomodando, ele estava com os olhos pesados, mas notou imediatamente que havia algum problema.

– Usain? O que foi?

Contei tudo.

– Como ele fez isso, treinador? Tipo, *de verdade?* Estava atrás de mim e depois saiu da curva daquele jeito… como? Realmente pensei que tinha vencido. Pensei que poderia vencer.

Era bem tarde da noite, e a maioria dos outros atletas estava dormindo, mas eu continuava psicologicamente na pista com meu maior adversário. O treinador já tinha seu discurso preparado. Talvez tivesse planejado antes, não sei. Com certeza parecia que sim.

– É porque você está acomodado na academia – disse ele. – Você acha que está fazendo seu trabalho, mas não está.

Eu o interrompi.

– Treinador, mas estou…

– Não está! – disse ele. – Você está fazendo parte do trabalho e, sim, parece difícil, mas você precisa fazer tudo. Leve isso a sério, porque você tem a velocidade, mas precisa de mais força.

Ele então me disse que eu precisava me esforçar e treinar mais no Spartan. Precisava ficar mais forte. Com mais músculos, poderia chegar na frente em uma corrida de 200 metros com força para levantar mais meus joelhos. Ganhar mais impulso desse modo. A diferença entre mim e Tyson, ele explicou, era que ele tinha uma reserva de energia para usar, mas a minha tinha acabado.

– Sério, treinador?

– Sério, Usain.

Naquele momento, o futuro pareceu claro, e senti meu espírito competitivo aumentando. Não suportava o fato de ser vencido por Tyson Gay, por qualquer pessoa, quando sabia que, no fundo, tinha

o talento nato para ser o melhor do mundo. É claro, chegar lá ia ser difícil, e precisava melhorar e me exercitar mais, mas dane-se a dor, eu queria ser o melhor. Estava pronto para o esforço, mesmo na maldita academia.

Acho que, depois de todos os sermões do treinador, a ficha tinha finalmente caído. Eu queria correr mais rápido do que todos os outros, queria ser o número um. Mas, acima de tudo, queria ser um campeão nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008. Tinha encontrado uma nova motivação para superar O Ponto e não era um carro para meu pai nem um relógio bonito para mim. Quando encostei a cabeça no travesseiro, só tinha um pensamento.

"Ei, Tyson Gay: você deu *sorte.*"

* * *

Aqui vai uma história que comprova quanto eu estava cansado no final de 2007. Na competição de final da temporada em Zurique, Xavier Carter, o velocista americano dos 200 metros, me venceu com tanto exagero em uma corrida que me irritou *muito*, tanto que acho que nunca fiquei tão chateado antes ou depois de uma corrida.

Xavier era um malandro com um histórico sombrio do qual não podia se livrar, não importava quanto tentasse. Em sua ficha constava uma detenção pela posse de uma arma de fogo escondida. Ele ganhou o apelido de "X-Man" e, sempre que cruzava a linha de chegada em primeiro lugar, fazia o formato de uma cruz com os braços, o que me pareceu estranho no começo, apesar de essa opinião não durar muito tempo.

Zurique foi logo depois do Campeonato Mundial em Osaka, e eu estava muito empolgado na competição, pronto para correr de novo. Enquanto isso, o X-Man tinha perdido em Osaka por causa de uma lesão, portanto não o registrei no meu radar. Não esperava que ele fosse uma ameaça, mas, pouco antes de fazer as malas para a Suíça, recebi um aviso de Wallace Spearmon.

– Ei, Usain, não corra esses 200 metros – disse ele.

Eu não pude acreditar no que estava ouvindo.

– Wallace, como é que é? – disse. – Você está brincando comigo.

Mas Wallace estava sendo direto.

– Sério, cara. O X-Man está em Zurique há três semanas – disse ele. – Ele tem feito um treino duro, apenas esperando nos vencer. Ele tem mandado textos e ameaças, dizendo todo tipo de merda sobre como vai acabar comigo, com você também. Ele está falando sério.

Wallace e eu éramos próximos, tínhamos ficado amigos desde uma competição em 2006 no Palácio de Cristal, na Inglaterra, quando o salvei de perder o início de uma corrida. Naquele dia, me lembro de estar aquecendo na pista e olhar em volta para ver quem fazia o quê. Wallace era um atleta que gostava de chegar à pista cedo para treinar as passadas e praticar a largada, mas naquela ocasião não estava em lugar nenhum.

"Onde está aquele cara?", pensei. "Sei que o Wallace está por perto… ele deveria estar aqui para o aquecimento."

Depois de 20 minutos ou mais de alongamento comecei a ficar um pouco preocupado.

"Não, tem alguma coisa errada. Ele deveria estar aqui."

Peguei meu uniforme e fui até as laterais. Para minha surpresa, vi Wallace estendido em um banco. Estava com o boné sobre o rosto e parecia estar dormindo. Fui correndo até lá e comecei a esbofeteá-lo na cabeça.

– Ei, Wallace, o que você está fazendo? – gritei. – Você precisa se levantar!

Ele pulou do banco.

– O quê? O que aconteceu? – murmurou, parecendo muito sonolento.

– Está na hora de se aquecer! – gritei. – Vamos lá, cara, já estou pronto.

Percebi que provavelmente tinha salvado Wallace de um vexame na pista. Sem um aquecimento adequado, seria pouco provável que ele se cobrisse de glória naquela noite, e, depois do meu gesto, ficamos amigos, provavelmente porque Tyson ganhou naquele dia, enquanto Wallace ficou em terceiro lugar e eu cheguei em quarto. Mas dessa vez as tabelas tinham mudado. Ao me dar a

dica sobre o X-Man, Wallace estava me abrindo os olhos à sua maneira. Meu maior problema foi que não queria ouvi-lo.

– Não, estou numa boa – disse eu, quando ele insistiu no quanto o X-Man estava preparado. – Estou numa boa, em grande forma…

Wallace não se convenceu.

– Não vou correr, cara. Só sei que está rolando alguma coisa. Ele está esperando desde Osaka. Tem certeza de que quer ir? Tem certeza de que não está cansado?

Respondi:

– Ei, *não* estou cansado.

– Você *está* cansado – disse ele. – Só não sente como seu corpo está esgotado.

Eu não ia escutar o que ele dizia, o X-Man não me incomodava. É claro, ele tinha me vencido no início da temporada com um tempo absurdo de 19,63 segundos, o mais rápido de todos os tempos nos 200 metros na época, mas eu estava pronto e ansioso para ir à Suíça, até o momento em que fui à linha de largada. Pouco depois que a arma disparou, as palavras de Wallace voltaram a me assombrar. A princípio, meu impulso tinha sido bom, mas, quando entrei no ritmo, e os metros foram passando – 40, 50, 60 –, meu corpo morreu na pista. Depois dos 70 metros eu não tinha mais nada, toda a minha energia tinha acabado. Então vi o X-Man sair correndo da curva. Ele estava assumindo a liderança.

"Ah, merda", pensei. "Vou perder a corrida. Wallace estava certo."

Eu me acomodei, sabendo que ainda podia ficar com o segundo lugar sem muito estresse.

"Deixa para lá", disse para mim mesmo. "Estou só me divertindo, estou correndo para casa…"

Em seguida, a pior coisa aconteceu. O X-Man cruzou a linha em primeiro lugar; ele estava muito empolgado e, para provar isso, mostrou à multidão sua marca registrada na comemoração, fazendo o "X" com os braços enquanto corria ao redor do trecho de volta. Aquilo me irritou.

"Sério? Você não vai ao Campeonato Mundial e é isso que vai fazer?", pensei. "Você vai fazer um 'X' para mim? Ah, você só pode

estar brincando.”

Fiquei bem chateado e, quando vi Wallace logo depois, ele estava rindo muito.

– Falei para você não correr! – disse ele. – Eu avisei.

Eu ainda estava furioso.

– Ei, na próxima corrida que você vir eu e o X-Man correndo juntos, não venha para a largada – disse.

– Como é que é? – disse Wallace.

– Agora é sério – eu disse, determinado. – Não entre nessa corrida. Vou dar o troco.

Eu estava falando sério, mas Xavier tinha me dado uma lição tão valiosa quanto as do treinador: precisava conhecer melhor o meu corpo. Precisava saber quando estava cansado. Sem saber isso, poderia esquecer a ideia de me tornar uma força importante no atletismo.

[13] A Liga de Ouro foi substituída pela Liga de Diamante em 2010. A Liga de Ouro realizou eventos em Zurique, Bruxelas, Oslo, Roma, Paris e Berlim.

CAPÍTULO 8

# DOR OU GLÓRIA

– Você devia tentar correr outra distância.

O treinador fez parecer que eu podia opinar a respeito, mas nós dois sabíamos que era uma orientação. Apesar da minha derrota para o X-Man em Zurique, tinha me tornado mais forte fisicamente ao longo da temporada, e minhas costas tinham reagido bem aos novos exercícios e tratamentos do médico em Munique. Tinha um novo massagista chamado Eddie, que aquecia meu corpo antes de cada sessão de treinamento e de todas as minhas corridas competitivas. Mas havia uma sensação de que a minha forma nos 200 metros poderia ser melhorada com um treinamento adicional. Correr em outra distância aumentaria minha força e resistência em velocidade, poderia aumentar minha força na curva e melhorar minhas chegadas à fita.

– Ei, boa ideia, treinador – disse, quando isso foi mencionado pela primeira vez em meados de 2007. – Gostei.

Então ele me deu a notícia idiota.

– Usain, acho que você devia aumentar para os 400 metros de novo, como fez no colegial.

"Como é que é? Os 400 metros? Esqueça!"

Para mim, essa corrida era simplesmente uma má notícia. Os 400 metros significavam dor, muita, mas muita dor. Lembrei-me das pistas de treinamento do William Knibb com o treinador McNeil e fiquei mal. Tinha visto como era puxado para os profissionais nos 400. Parecia a corrida do inferno. Sabia que O Ponto Sem Retorno acabaria feio comigo.

– Não, treinador – disse, pensando rápido. – Então vamos fazer os 100 metros[14].

O treinador fez uma careta – ele achou que eu estava falando besteira. Na opinião dele, a distância mais curta era uma corrida mais difícil porque era técnica demais. *Bangue!* Depois do disparo da largada, tudo precisava fluir suavemente, e um mínimo erro poderia estragar a corrida. Um mau começo – e esqueça. Falha técnica na fase de impulso – esqueça. Perder a cabeça nos momentos finais – esqueça.

Nos 200 metros eu podia cometer um erro, talvez dar um passo incerto, ou começar devagar e me recuperar na curva. Havia mais tempo e distância para me reajustar. Mas os 100 metros eram algo completamente diferente. Havia muita coisa que poderia dar errado na hora e muito pouco tempo para endireitar qualquer erro técnico. Tudo precisava ser perfeito, do primeiro movimento até o final.

O treinador também temia que os rompantes explosivos necessários para aperfeiçoar a corrida mais curta pudessem fazer mais pressão nas minhas costas e pernas. Além disso, ele argumentou então que eu sempre demoraria uma eternidade para sair dos blocos. Anos antes, meus treinadores do ensino médio tinham me dito que eu era alto demais para os 100 metros. Agora o treinador vinha com a mesma história.

Minha altura me tornava alto *demais* para os 100 metros. Era um argumento justo. Eu era muito mais alto que Tyson, que tinha 1,75 metro. Essa altura significava que ele era baixo o bastante para sair dos blocos em um piscar de olhos, mas alto o bastante para vencer em um ritmo notável. Era essa combinação que permitia que ele fosse um competidor tanto nos 100 quanto nos 200 metros.

O argumento do treinador era que a largada era o primeiro desafio em qualquer corrida curta. Quando a arma disparava, um velocista desdobrava seu corpo da posição de agachamento o mais rápido possível, um cara mais alto estava em desvantagem, pois levava mais tempo – era física simples, na verdade. Em tempo real, essa ação poderia equivaler a um centésimo de segundo, uma pulsação, um piscar de olhos, mas era muitas vezes suficiente para separar alguém como eu de um cara mais baixo como Tyson, ou

Asafa. Em tempo de corrida, esse piscar de olhos era a diferença entre um campeão e um perdedor.

O treinador tinha feito todas as contas. Ele também achava que era mais difícil para um cara mais alto como eu seguir um padrão de passos rápidos na pista, porque minhas pernas eram muito compridas. Um homem de 1,95 metro de altura não poderia dobrar as pernas rápido o bastante para correr a pista no ritmo, disse ele. Não na teoria, pelo menos. Mas, apesar de existirem inúmeras realidades físicas combinadas contra mim, continuei insistindo.

– Ah, treinador – eu disse, quase implorando. – Uma chance, é tudo o que quero. Me inscreva em uma competição. Se correr mal nos 100, corro os 400 metros na próxima temporada. Mas se correr bem, digamos 10,30 segundos ou melhor, então faço os 100 metros.

O treinador concordou com relutância. Parte de sua estratégia de formação envolvia desafiar os corredores com metas alcançáveis, porque criava uma motivação a mais no treinamento e os obrigava a treinar com mais afinco, ainda mais se houvesse uma recompensa no final de seu esforço. Uma vez alcançado o objetivo, o treinador criava outro. E depois outro. Era como um fazendeiro levando o seu jumento com uma cenoura na frente.

Minha apresentação aos 100 metros funcionou praticamente pelo mesmo princípio. O treinador disse que meu primeiro objetivo era quebrar o recorde nacional nos 200 metros, que era de 19,86. Se conseguisse, então ele me daria uma chance nos 100. Uma corrida modesta em Rethymno, Creta, em julho daquele ano, seria o local para meu “teste” – e um tempo de 10,30 segundos ou melhor significaria evitar os 400 metros e me concentrar na distância mais curta. A cenoura tinha sido pendurada. Mas se eu perdesse e não fosse bem, então podia me preparar para uma temporada de muita dor.

Eu estava entusiasmado e melhorei. No Campeonato Jamaicano de 2007, cumpri o primeiro objetivo do treinador, quebrando o recorde nacional de 36 anos de Don Quarrie nos 200 metros com o tempo de 19,75 segundos. Quando Rethymno chegou, cerca de um mês antes do Campeonato Mundial em Osaka, enfrentei meu “vai ou

racha” na corrida dos 100 metros, como um homem com uma recompensa importante em mente.

“Vamos lá, cara”, pensei enquanto caminhava para a linha de largada. “Você não pode ficar na parte de trás do pelotão, não hoje. Você vai morrer nos 400 metros…”

*Bangue!* A arma disparou, e eu saí em um piscar de olhos, queimando a pista. Não tive tempo para pensar no que estava acontecendo, apenas corri o máximo que pude, minhas pernas gingando, os braços dando impulso. Esqueci minha altura e as desvantagens das minhas pernas compridas. Em vez da imagem do treinador olhando para o cronômetro enquanto corria as voltas de treinamento de 700 metros, me forcei a seguir em frente. Quando olhei para o outro lado da linha, percebi que estava em primeiro lugar.

“Como assim?”, pensei. “Vou ganhar!”

A corrida acabou em um piscar de olhos. Olhei para o relógio, esperançoso, rezando por um tempo decente. Ele dizia: “1/BOLT: 10,03 segundos”.

*“Dez vírgula zero-três!”*

Eu estava salvo. Tinha vencido com um tempo tão baixo que sabia que nunca teria de correr os 400 metros de novo. Senti alívio e felicidade ao mesmo tempo – meu tempo significava escapar de uma prisão punitiva e infeliz. O treinador parecia bem animado também. Ele parecia abismado com a minha velocidade.

– Nunca acreditei que você pudesse correr a dez-zero – disse ele, sorrindo. – Pensei que conseguiria correr dez-um, dez-dois, mas não isso…

Eu tinha feito meu trabalho.

– Ei, tínhamos um acordo, certo? – eu disse.

O treinador assentiu, sem que nenhum de nós soubesse que a nossa aposta tinha selado a história do esporte.

* * *

De vez em quando, um atleta sente que algo especial pode acontecer. Não é uma sensação de destino ou de inevitabilidade, mais uma ideia de que todo o trabalho duro valeu a pena. Em 2008, tudo se encaixou, senti profundamente. Queria arrasar na temporada.

Como no treinamento de fundo iniciado em outubro de 2007, puxei todos os ferros que o treinador pediu, fiz todos os exercícios para as costas. Diabos, fui até para a academia quando ele mandava. Estava concentrado em Pequim e nada ficaria no meu caminho.

– Tudo bem, treinador – disse quando começamos. – Tudo o que me mandar fazer no treinamento, vou fazer. Se quiser que faça dez voltas de 300 metros, pode contar com isso. Não vou nem discutir.

A princípio, o treinador não acreditou em mim. Ele pensou que eu fosse enrolar, como sempre fiz. Provavelmente, esperava que faltasse à academia todas as manhãs. Nos anos anteriores, eu reclamava, ou tentava enganá-lo em uma ou duas voltas, sempre que havia uma sessão de treinamento de tempo na pista. Mas, para sua surpresa, fiz tudo, todas as vezes – mostrei a mesma seriedade do meu pai no trabalho em Coxeath e exigi muito de mim. Se em uma noite o treinador me pedisse nove voltas, corria as nove. Se me dissesse para correr mais rápido, corria mais rápido. Foi duro e doeu, mas, todas as vezes que O Ponto Sem Retorno apertava meus músculos, eu me lembrava do novo objetivo, da nova ambição: "Ei, esta é uma temporada olímpica. Isto é para o meu bem. *Preciso disto*".

Estava no ponto e, sempre que um campeonato ou competição se aproximava, eu me tornava o atleta imaculado. Cortei a maioria das porcarias que comia, desativei as mensagens pessoais e desliguei o telefone, ainda mais nas noites de sábado. Precisava relaxar em paz, sem as distrações dos amigos que queriam farrear. De repente, tornei-me um profissional exemplar.

Os resultados vieram quase imediatamente. Meu físico estava enxuto. Tinha me exercitado para valer na academia, e meus braços eram blocos sólidos; meus músculos abdominais tinham desenvolvido arestas cortantes, as panturrilhas e as coxas estavam bem talhadas. Tinha força e parecia tão impressionante que, sempre

que me olhava no espelho, pensava: “Uau, Usain, você está incrível”. Estava com tudo em cima.

Minha velocidade foi aumentando também. No Ano-Novo fiquei sabendo que Daniel Bailey, o velocista dos 100 e 200 metros de Antígua e Barbuda, estava vindo para a pista para o treinamento. Isso me animou, porque significava que tinha um novo adversário, alguém com quem me testar diariamente. Daniel tinha uma largada excelente, era uma fera quando se tratava de sair dos blocos, e as nossas sessões rapidamente se tornaram um desafio intenso em que os dois atletas odiavam perder.

*Bangue! Bangue! Bangue!* Nas primeiras semanas, com suas largadas potentes, Daniel estava sempre à minha frente no início das corridas. A primeira vez que passei por ele nos 40 metros, soube que era uma grande coisa. Então aconteceu de novo e de novo. Eu estava arrasando, tinha encontrado uma nova dimensão no trabalho com o treinador. Comecei a alcançar velocidades incríveis, e Daniel não me superava, mesmo com seus arranques explosivos.

Às vezes, eu dava muito duro, apesar de tudo. Havia noites em que minha energia simplesmente se esvaía mas, se o cansaço ficasse grande demais, implorava ao treinador por um dia de folga. Em geral, 24 horas de recuperação eram suficientes, porque estava forte – forte de verdade. Sabia que meu corpo forneceria o combustível de foguete para eu disparar na curva e ultrapassar Tyson, Wallace e qualquer outro nos 200 metros. Estava ficando mais rápido nos 100 também.

Minha formatura do terceiro período do plano de três anos do treinador foi um sucesso e não teve lesões. Como ele tinha previsto na nossa primeira reunião, eu estava pronto para meu ano olímpico.

* * *

O treinador continuou seu programa comigo nos 100 e 200 metros, e participei de todas as grandes competições contra todos os principais competidores.

Se tive dúvidas sobre suas táticas, decidi mantê-las em segredo na ocasião porque era um cara jovem, de 21 anos de idade, e não podia dizer a ele o que fazer. Assim, em cada corrida de que pudesse participar, estava lá na largada, pressionando os blocos ao lado de nomes como Tyson Gay e Asafa Pamell. Mas não me importei, porque estava ganhando nas duas distâncias, ainda mais nos 100, em que meus tempos chocavam as pessoas, inclusive a mim.

A primeira competição da temporada de 2008 seria em Spanish Town, capital da paróquia de Saint Catherine, no condado de Middlesex, na Jamaica, e para provar que os 100 metros de Creta não tinham sido um caso isolado, marquei outro tempo de 10,03 segundos. Depois da corrida, eu e o treinador voltamos à pista e discutimos números. O tempo em que eu acreditava que poderia correr os 100 metros (em um dia bom) seria de 9,87 segundos, talvez 9,86, mas provavelmente demoraria um pouco para chegar lá. Nenhum de nós pensou que tivesse físico para ir mais rápido. Mas então, em maio, veio Kingston.

Eu ia correr os 100 metros no Invitational Jamaican. Como a competição era relativamente nova e ainda não tinha gerado muita publicidade na época, as arquibancadas não estavam lotadas como no Campeonato Mundial Júnior de 2002 ou no Champs. Ainda assim, a energia naquela noite era forte, realmente forte. Os fãs estavam animados, e entrei na vibração, saindo dos blocos devagar, mas alcançando o meu ritmo na marca de meia pista. Faltando de 10 a 15 metros para a chegada, ultrapassei os outros atletas, diminuindo para levar o primeiro lugar com facilidade.

Eu estava desafiando a teoria popular. Ganhar corridas de 100 metros não deveria ser assim tão fácil por causa da minha constituição física. Mas o que eu e o treinador não tínhamos percebido no treinamento era que, nas últimas etapas dos 100 metros, a minha altura era realmente uma vantagem. De algum modo, podia converter meus passos largos em velocidade, o que era inédito para um atleta tão alto. Eu era um talento bizarro, 12,5 centímetros mais alto do que vários adversários, mas capaz de castigar a pista menos vezes do que qualquer um dos meus oponentes em uma corrida curta. Mais tarde, o treinador calculou

que eu poderia cobrir os 100 metros com 41 passos, enquanto os outros caras geralmente precisavam em torno de 43, 44 ou 45. Essa era uma boa notícia: era um progresso importante, mesmo com minha desvantagem nos blocos. Esqueça os maus começos, eu era fisicamente potente o bastante para recuperar o atraso em relação ao pelotão depois de 30 metros[15].

Em Kingston, alcançar a vitória vindo de trás do pelotão foi uma sensação nova, mas, quando olhei para o relógio, fiquei empolgado. Primeiro o tempo dava 9,80 segundos, o que era muito bom, melhor do que os números que eu e o treinador tínhamos previsto. Mas o tempo passa de um jeito engraçado na Jamaica – é um lugar onde se aplica a mentalidade "tudo pode ficar para amanhã", e meu tempo de corrida não foi exceção. Os dígitos do relógio viraram de novo instantes depois, o tempo foi corrigido, e agora tinha 9,76 segundos.

"Meu Deus", pensei. "Que tempo!"

Ouvi o burburinho em volta da pista. As pessoas aplaudiam, gritavam, enlouqueciam. Mas havia também um sentimento de descrença, como se algo incomum tivesse acontecido. Esse tempo só perdia para o recorde mundial de Asafa, que tinha ficado em 9,74, e, à medida que o resultado era transmitido para todo o planeta, inúmeros fãs do atletismo pensaram a mesma coisa: "Como isso é possível?"

Quando a notícia chegou aos Estados Unidos, surgiram comentários insolentes quase imediatamente. Meu tempo foi rejeitado. As pessoas diziam que o relógio estava quebrado, e os árbitros tinham me dado um tempo incorreto. Que aquilo era uma farsa. O relógio do Estádio Nacional de Kingston era famoso por exibir o tempo errado antes de mudar de repente e mostrar a marcação exata. A crítica, porém, não era totalmente inesperada. A rivalidade entre os EUA e a Jamaica existia dos dois lados havia um bom tempo no atletismo, principalmente porque tínhamos começado a desafiar o domínio deles nas provas de velocidade.

Mas não foram apenas os fãs que ficaram exaltados. Algum tempo depois, Wallace ligou para explicar que tinha tido problemas com sua equipe porque tínhamos passado um tempo juntos na pista. O pessoal não tinha gostado do fato de conversarmos nas

competições, ainda mais em um ano olímpico. Seus treinadores odiavam quando ele se referia respeitosamente a mim nas entrevistas e a certa altura, pelo jeito, o ameaçaram.

"Não fale bem de Usain Bolt!", veio a ordem. "Diga que vai vencê-lo! Pare de dizer que Usain Bolt é um excelente atleta. Pare de sorrir quando está na televisão e pare de confraternizar com ele. Seja *sério*."

A reclamação sobre o relógio foi outro exemplo da rivalidade constante entre os dois países. Queriam derrubar meu resultado, procurando defeitos na marcação de tempo da Jamaica. Quando corri 9,92 segundos em Port of Spain semanas depois, usaram esse tempo para rejeitar minha velocidade em Kingston.

– Estão vendo? Ele não era tão bom quanto todos pensavam! – bradaram.

Minha atitude? "*Que se dane – não estou nem aí.*"

E por que estaria? Tinha 21 anos de idade, aquela era apenas minha quarta corrida nos 100 metros e tinha surpreendido até a mim mesmo. O fato de que também tinha surpreendido os americanos era uma boa notícia no que me dizia respeito. Significava que estava me destacando em grande estilo no radar deles.

* * *

Olha só, a sorte tem um papel importante na quebra de um recorde mundial. Nem tudo é talento puro, embora ajude. Hoje, quando penso na minha quinta corrida de 100 metros em Nova York, no Grand Prix Reebok, sempre me espanto, porque ela me firmou como um competidor importante nos Jogos Olímpicos. Mas a coisa mais louca dessa corrida foi como uma série de fatores aconteceu no meu caminho bem no momento certo. Aquela facilmente poderia ter sido apenas mais uma competição. Em vez disso, foi uma corrida totalmente louca que me tornou O Homem Mais Rápido da Terra pela primeira vez.

O primeiro movimento de sorte foi a localização. Nova York era um reduto jamaicano havia muito tempo, inúmeros ex-cidadãos viviam nos seus cinco *boroughs* ou nos arredores, então, quando apareci no Icahn Stadium, uma arena não muito glamorosa na ilha de Randall, o lugar estava completamente tomado. Havia placas de "Lotado" penduradas do lado de fora das arquibancadas, os assentos estavam todos ocupados, e centenas de pessoas ficaram de pé em um gramado atrás das retas. Eu tinha muita energia com que me abastecer.

Foi surpreendente, porque tinha caído uma chuva forte naquela noite. Uma tempestade elétrica iluminava o céu, e os trovões rugiam. Um homem supersticioso poderia ter considerado isso um presságio, mas eu estava entusiasmado. Sabia que a pista molhada, às vezes, era melhor para o atleta, pois a superfície permitia uma reação melhor dos passos, facilitava o salto.

Eu não estava preocupado com meus recordes pessoais. Estava totalmente concentrado no cara ao meu lado na largada: Tyson Gay. Tyson era O Cara e o campeão mundial nas duas modalidades de velocidade. Ele era forte, o franco favorito naquela noite, o que era uma boa notícia, porque não havia absolutamente nenhuma pressão sobre meus ombros. A única coisa que eu tinha a fazer era comparecer, competir e mostrar um desempenho decente.

Esse foi meu segundo golpe de sorte. Psicologicamente, tinha sido colocado na *pole position,* porque não tinha nada a perder. Estava correndo contra o melhor, e queria saber se poderia vencê-lo. Se ganhasse, todos nas arquibancadas ficariam felizes. Se não, quem se preocuparia além de mim? Mas percebi que Tyson estava preocupado por causa do meu tempo na Jamaica. Eu era mais rápido do que a sua corrida mais rápida da temporada até aquele momento. Ele devia estar pensando: "Merda, será que esse garoto é mesmo o máximo? Talvez a coisa desande para mim esta noite…"

Minha mente estava bem mais fresca. Eu me sentia confiante, porque tinha treinado bem, e não tinha dúvidas porque me sentia em forma. Estava um pouco nervoso, mas era compreensível, pois aquele era meu primeiro verdadeiro teste nos 100 metros, e Nova York seria a minha chance de mostrar ao mundo e a Tyson do que

era capaz. Fora isso, me sentia muito bem. Não estava pensando em bater o recorde mundial, nem por um segundo.

Sério, era uma coisa que nunca considerava antes de qualquer uma das minhas corridas nos 100 ou 200 metros, e de propósito. Sabia que, para bater os melhores tempos, o atleta deveria estar frio, descontraído e totalmente à vontade. Estabelecer ambições tão grandiosas como um recorde mundial antes de alguma corrida só acumularia uma pressão desnecessária sobre o cara. Depois disso vinha o estresse. Com o estresse, seria impossível fazer uma boa corrida.

Também notei que a pressão era um problema rondando alguns dos outros atletas jamaicanos, incluindo Asafa. Quando ele quebrou pela primeira vez o recorde mundial em 2005, acho que ele nem estava se importando com o relógio. Tinha ido lá para ganhar, e o tempo fora um bônus bacana. Depois daquele dia inesquecível, no entanto, sua postura mudou, e ele parecia tenso na largada de todas as grandes corridas. Era como se estivesse dando uma ordem a si mesmo para repetir o feito, com o objetivo de ganhar medalhas de ouro: "Vou bater o recorde de novo e chegar em primeiro". Ele tinha criado essa pressão por si mesmo, ficava estressado e depois não havia como correr relaxado. Ele havia quebrado o recorde de novo em setembro de 2007, mas nunca aparecia nos grandes eventos como o Campeonato Mundial.

Minha postura mental em Nova York era o completo oposto. Estava ansioso para participar da corrida e ter certeza de que venceria os outros, mas o tempo não era um problema. Vencer primeiro, preocupar-me com o relógio depois – esse era meu pensamento. Só queria correr.

Eu me posicionei nos blocos: "Vamos lá, acabe com isso".

Ouvi a chamada: "Preparem-se".

Fiquei empolgado: "Vamos lá…"

*Bangue!* A arma disparou, mas, em um piscar de olhos, eu estava reduzindo a marcha, todos estávamos. Alguém tinha queimado a largada, e a corrida foi interrompida, mas, acredite ou não, essa foi realmente uma boa notícia porque, quando ouvi o disparo da arma inicialmente, minha reação foi muito lenta, como se tivesse sido

pego desprevenido. Meu primeiro instinto foi pensar: “O que foi isso? Ah, merda, a arma! Vai, vai, vai!” Tinha ficado nos blocos. A falsa largada foi outro golpe de sorte, eu sabia.

“Ei, preciso reagir”, disse a mim mesmo enquanto os atletas voltavam para as posições. “Não posso ficar dois passos atrás de novo, então vamos lá…”

*Bangue!* Dessa vez consegui, foi a largada perfeita. Minha reação foi suave, rápida e potente. Quando me levantei do impulso, minhas coxas e panturrilhas ricochetearam na pista molhada, e os braços impulsionaram com força. Depois de 30 metros, assumi a liderança e, quando espreitei de lado, não vi Tyson. Não podia nem mesmo ouvi-lo no meu ombro, como tinha acontecido em Osaka, e todos pareciam ter ficado atrás de mim. Então a coisa mais estranha aconteceu: disparei para a chegada, sabendo que a corrida estava ganha. Tinha acabado, e meu único pensamento quando rompi a linha em primeiro foi “A-há! Peguei ele!”.

Simplesmente continuei correndo e correndo, o coração na boca, as pernas mais leves do que o ar. Parecia que poderia ter corrido mais 100 metros no mesmo ritmo, aliás, talvez até 300. Eu estava verdadeiramente empolgado. Então levantei a cabeça e vi o tempo:

1/BOLT: 9,72 segundos.

*Um novo recorde mundial.*

“Meu Deus!”

Foi o caos. Minha cabeça girava, enlouqueci. Não sabia o que sentir, ou o que fazer. Deveria parar e acenar? Pular e correr como um desvairado? Deveria me jogar no meio da multidão? Bati no peito, apontei para os fãs e caí de joelhos, descansando a cabeça na pista. Deve ter parecido uma oração silenciosa de agradecimento. E provavelmente era.

O treinador ficou empolgado também. Ele veio correndo, as pernas mais rápidas do que nunca, e, quando me abraçou, a gritaria começou.

– Eu sabia que você era capaz! – gritou ele. – Sabia que ia ganhar.

O cara parecia feliz demais, mas tinha todo o direito, porque era o seu grande resultado, seu maior sucesso até o momento. De certa

forma, o treinador era como um técnico de futebol. Os resultados importavam, e a minha vitória em Nova York era tão importante para ele como ganhar a Liga dos Campeões foi para *sir* Alex Ferguson, ex-técnico do Manchester United. Ainda assim, o recorde foi um choque. Nenhum de nós esperava isso de mim quando eu disse que queria correr na distância mais curta.

Tyson não estava nada feliz e, quando me cumprimentou, dava para ver que era o fim da nossa amizade – se é que podemos chamá-la assim. Os sorrisos e acenos na linha de largada estavam perdidos para sempre. Não consigo lembrar do que disse, ou onde e como disse, mas foi a última vez que realmente nos falamos. Eu não era mais o "Usain Qualquer" para ele, era o inimigo, e a coisa nunca mais foi tranquila entre nós. Mas não me surpreendi com a frieza. Sabia que um atleta não devia se surpreender com a concorrência, porque todo mundo reagia de maneira diferente ao ganhar ou perder. Alguns queriam matar o adversário mais próximo, outros não se importavam. Entendi o motivo de Tyson estar chateado, porque, se alguém tivesse se aproximado de mim e tomado meu lugar na corrida seguinte, teria ficado com raiva também, mas não perderia a cabeça. Melhoraria de novo. Treinaria com mais afinco para vencer no campeonato seguinte.

Essa atitude vinha do treinador. Em um de nossos muitos encontros, ele tinha me explicado como precisava me colocar mentalmente se quisesse ser um vencedor.

– A única coisa que você precisa levar para a corrida é que cada atleta tem seu tempo – disse ele. – Tyson está no tempo dele, Asafa também, e, antes dele, os campeões olímpicos dos 100 metros Maurice Greene e Donovan Bailey. Mas esse tempo passa, e outro campeão aparece. Se você entender isso, quando perder, você não perderá a cabeça.

No entanto, aprendi que existem algumas vantagens em ser um recordista mundial. Meu resultado em Nova York tinha me dado um nível de confiança adicional para os Jogos Olímpicos, quando tive minha vitória sobre Tyson. De repente, a única pessoa que me preocupava um pouco era o Asafa. Ele agora era o único que eu temia, apesar de seu estado mental na linha de largada em

competições importantes, porque tinha visto o cara treinar. Tinha visto como disparava dos blocos e não conseguia entender por que não corria mais rápido. Suas largadas eram absurdas. Eu sabia que, se conseguisse uma largada como a do Asafa, apenas uma vez, facilmente correria em 9,30 segundos. E não estava pensando em correr pesado, mas em uma corrida em que me divertisse na pista, porque, quando se tratava de disparar da linha de largada, ele era impecável.

Uma vez, cheguei a vê-lo quebrar um conjunto de blocos. Foi em 2006, e estávamos nos aquecendo antes de uma competição. Asafa estava praticando a largada sem parar quando – *Bam!* – de repente, seus blocos simplesmente racharam.

"Nossa!", pensei. "O que será que aconteceu?"

A próxima coisa que vi foi Asafa balançando as placas de aço para os pés no ar. Tinham se partido ao meio, e aquelas coisas não quebram com facilidade. A força que ele tinha colocado na pista devia ter sido absurda.

Imaginei que Asafa poderia ser imbatível em Pequim, arrasador, se conseguisse se concentrar direito, mas eu ainda não tinha testado minha forma contra ele em uma corrida de 100 metros. Essa oportunidade surgiu em Estocolmo, em julho, poucas semanas antes do início dos Jogos Olímpicos. A competição foi uma enorme lição, principalmente porque todo mundo dizia para tomar cuidado com o árbitro da largada. Aparentemente, ele era rápido, o que era algo novo. Eu corria os 200 metros, e, na maioria das vezes, uma largada era uma largada. Elas eram praticamente a mesma coisa onde quer que estivesse. Mas assim que entrei nos blocos, o cara gritou:

– Preparem-se!

Então, antes de eu sequer respirar, a arma disparou, e fiquei para trás, em último lugar, os pés presos nos blocos. A primeira coisa que fiz foi entrar em pânico. Tinha acabado de começar a competir nos 100 metros e era inexperiente, por isso minha primeira reação foi levantar e sair o mais rápido possível, porque isso era o que minha mente me dizia para fazer.

"Corra, seu idiota!", ela gritava. "Me tire daqui!"

Foi isso, a corrida tinha acabado. Assim que o velocista saísse da fase de impulso, a competição estava perdida, não que eu soubesse disso na época. Corri, encontrando um lugar no pelotão, e logo avistei Asafa em primeiro. Quando chegamos aos poucos metros finais, eu estava rente atrás dele e soube que, se me inclinasse para a frente, o venceria na linha. Mas então meu cérebro me desligou, dizendo para esquecer.

"Não", pensei. "Não quero esta."

Deixei Asafa ficar com o primeiro lugar.

Tudo bem, o que vou dizer em seguida pode parecer loucura, mas dá uma visão do que penso sobre o desempenho. Como minha largada foi ruim, achei que não merecia vencer. Eu tinha ido mal, saído da fase de impulso; minha forma não estava boa, e nada naquela corrida tinha dado certo. Mas estava feliz por desistir, porque tinha adquirido um conhecimento de valor inestimável, não só sobre meu estilo, mas sobre o de Asafa. Mesmo com minha largada idiota, eu o tinha alcançado na linha, e ele só me venceu por uma ínfima margem.

"Ah, ele não é tão terrível", pensei. "Não vamos nos preocupar demais com esse cara em Pequim."

Quando contei ao treinador, ele ficou furioso.

– Como é que é? Está dando presentes de Natal mais cedo agora?

Mas eu sabia que tinha sido uma boa jogada. Estava mais confiante quanto ao meu desempenho nos 100 metros nos Jogos Olímpicos. Tinha convicção. Sabia que Asafa sempre me venceria nos primeiros 40 metros por causa de seu impulso poderoso na largada, mas, como minhas corridas em Kingston e Nova York tinham provado, poderia vencer na linha por causa das minhas pernas mais compridas. Matematicamente, a vantagem era minha, eram os meus 41 passos contra os 44 dele.

Em termos psicológicos, também tinha sido uma boa jogada. O resultado em Estocolmo tinha convencido Asafa de que seu desempenho era o bastante para me vencer e, por sua vez, Tyson também. A vitória tinha gerado confiança nele, talvez um pouco demais. Mas, na minha cabeça, eu sabia que era o fim.

* * *

No atletismo, os treinadores têm rivalidades com outros treinadores, e os clubes de corrida têm rivalidades com outros clubes de corrida. Às vezes, para o mundo exterior, os atletas poderiam parecer um bando de indivíduos cujo lema era "Cada um por si", mas a realidade era diferente. O orgulho da equipe estava em jogo, e com ele havia muitos rancores.

Cada rivalidade era diferente, mas, assim como o Manchester United lutava contra o City, ou Roger Federer combatia Rafael Nadal no tênis, cada uma tinha a sua própria intensidade e seu histórico exclusivo. Nesse caso, o maior adversário do meu treinador era Stephen Francis, ou Franno, do Velocity Maximizer and Power Track Club (ou MVP), que funcionava na University of Technology, em Kingston, onde eu tinha começado. Franno era conhecido por treinar Asafa. Como Mills me treinava no Racers Track Club, que funcionava na Universidade de West Indies, a competição baseava-se nos pontos fortes de seus atletas premiados, assim como as instituições de ensino envolvidas. Bem, era assim que parecia ao mundo lá fora.

No entanto, a história ia um pouco mais longe. Aparentemente, meu treinador e Franno já haviam trabalhado juntos, mas, por uma razão que realmente nunca descobri, os dois se separaram. Daquele momento em diante, começou uma competição sobre quem poderia ser o treinador mais bem-sucedido. Depois que comecei a correr os 100 metros, lembro-me de todos dizendo que meu treinador nunca conseguiria me deixar tão forte quanto Asafa, e isso o incomodava. Minha quebra do recorde naquela noite em Nova York acabou com a conversa, de vez. De repente, meu treinador era o cara com O Sujeito Mais Rápido da Terra no seu portfólio.

Acho que essa rivalidade era ótima para o atletismo da Jamaica, porque elevava cada vez mais os padrões nacionais. Mantinha todo mundo ocupado. Sempre que apareciam novos garotos no Racers Track Club, eu mandava uma mensagem clara: "Vocês não estão mais no colégio, estão no campo do Racers e, quando forem a uma

competição internacional, não pensem que estão representando a Jamaica, vocês estão representando o Racers. Precisam mostrar a todos que: 'Ei, estou treinando com o Usain Bolt: esse é o nosso padrão de qualidade'. Vocês precisam aparecer e provar àqueles caras que representam o nosso trabalho. E, se perderem, não voltem!" Estava só brincando, em parte.

Depois havia a grande discussão sobre quem tinha os melhores atletas. As pessoas queriam saber qual clube tinha o maior número de medalhas nos campeonatos importantes. Quando chegavam as provas de classificação para os Jogos Olímpicos a cada quatro anos, a pergunta não era: "Quem vai integrar o time jamaicano?" As pessoas estavam mais preocupadas com quantos corredores do Racers e do MVP chegariam lá. A coisa era séria nesse nível.

No instante em que o recorde mundial foi anunciado em Nova York, eu tinha levado meu treinador a uma guerra. O engraçado é que tinha levado eu mesmo a outra ainda maior.

*Tyson.*

E ia ser uma guerra feroz.

14 Acho que este é um ponto tão bom quanto qualquer outro para deixar bem claro por que eu queria competir nos 100 metros. Algumas pessoas acreditavam que minha única motivação para correr na distância mais curta era o dinheiro, mas esse nunca foi o caso. Sim, os valores oferecidos eram altos para um velocista de sucesso nos 100 metros – tinha visto isso com Asafa. Mas não me importava com os prêmios financeiros. Meu único objetivo era evitar correr os 400. Era isso, ponto final. E não imaginava nem por um segundo que seria incrível naquela modalidade.

15 Eis a anatomia da minha corrida nos 100 metros: *Bangue! Da largada, entro na minha fase de impulso, os primeiros 30 metros da corrida em que deixo os blocos e me impulsiono na pista – mantenho o corpo à frente, a cabeça baixa e me forçando bastante. Posso me meter na corrida a partir desse ponto, mesmo que meus primeiros passos depois do disparo sejam ruins.*

*Depois disso, me elevo enquanto corro. A cabeça vai para cima, levanto os joelhos e inclino os ombros para baixo como na aceleração forçada. É quando alcanço a velocidade máxima. A 50 metros, olho à esquerda e à direita, para ver como estou posicionado na corrida. Depois disso, me transformo num monstro. Domino a competição. Não importa quem ou quão bom você seja, os últimos 40 metros da minha corrida são a parte mais forte do meu desempenho e, se estiver à sua frente, acabou. Você não me pega. Com 10 metros para terminar, olho à direita e de novo à esquerda. Faço a pergunta: posso parar de correr? Sei nessa etapa se ganhei ou não a corrida porque, nesse momento, só preciso de três passadas e meia para cruzar os últimos 10 metros. Se não houver ninguém à frente, acabou.*

CAPÍTULO 9

# HORA DE PARTIR

Para entender como meu sucesso nos 100 metros foi inesperado, considere o seguinte: quando correra pela primeira vez essa distância um ano antes, eu e o treinador ainda não tínhamos pensado nos Jogos Olímpicos. *Sem chance*. Só nos preocupávamos com os 200. Mas, de repente, as coisas ficaram sérias, as pessoas falavam de mim como um potencial medalhista de ouro, e, com um recorde mundial no bolso, não havia como não correr os 100 nos Jogos Olímpicos. Eu era O Homem Mais Rápido da Terra. O que o mundo pensaria de mim se não corresse nos Jogos Olímpicos? Que era um idiota, provavelmente.

A decisão de competir foi fácil. A propaganda a meu respeito tinha aumentado, e a quebra do recorde mundial fez os fãs do atletismo acompanharem cada passo que eu dava. Diziam: "Ei, isso é sério. Esse cara está cada vez mais rápido nos 100 metros. Precisamos ficar de olho nele".

As pessoas me observavam para saber até onde eu poderia chegar e, depois de me classificar para os Jogos Olímpicos nas provas nacionais tanto nos 100 quanto nos 200, estava chamando a atenção de todo mundo no meio esportivo. Havia mais entrevistas, mais pedidos de autógrafos e muito mais comentários.

Para mim, porém, o engraçado era que sentia um burburinho diferente sempre que a palavra "Olimpíadas" era mencionada, fosse na Jamaica, no Racers Track Club, ou quando estivesse me divertindo com os amigos. Eu me sentia arrebatado, uma sensação que não tinha experimentado da última vez. Mas também se considerava que Atenas e 2004 não foram o momento certo, eu era

muito jovem. Como o treinador tinha dito, os atletas têm os seus dias de glória. Tyson, Asafa, Maurice Greene e Donovan Bailey tiveram os deles. Pequim seria o meu, porque estava colhendo os frutos de todo o treino pesado feito durante a temporada, toda a agonia, todo o suor e o vômito na pista da Universidade de West Indies. Todo mundo podia ver que eu estava no meu auge. Até meu pai veio me ver treinar algumas vezes no Racers, mas no final não conseguiu mais aguentar aquilo. Ficava arrasado de me ver suportar aquele inferno.

Apesar das dores pelas quais o treinador tinha me feito passar, nós dois estávamos firmes – realmente firmes. Nosso relacionamento agora era de pai e filho. Os problemas que tínhamos superado nos uniram, e minhas lesões e minha força tinham sido conduzidas com uma genialidade científica que eu não podia imaginar. Ele tinha dado um jeito de maximizar minha força sem estourar os músculos das costas e das pernas, e com a sua ajuda minha técnica de corrida tinha melhorado.

Que a escoliose fosse para o inferno: todas as vezes que tivéramos de enfrentar um obstáculo em seu programa, como a distensão do meu tendão em Helsinque, ou minha chegada decepcionante em Osaka, ele tinha encontrado uma maneira de contorná-lo. Quando minha mente tinha ameaçado me atrapalhar, como quando me xingaram no Estádio Nacional de Kingston, ele tinha me acalmado. Como previsto, o plano de três anos do treinador tinha me preparado para os Jogos Olímpicos, tanto mental quanto fisicamente.

Tem uma foto legal de nós dois, tirada pouco antes do início dos Jogos. Está em algum lugar lá em casa. Estamos relaxados na pista, rindo, conversando sobre alguma coisa – a NBA provavelmente, ou talvez um assunto bobo como "Qual foi a maior invenção: o avião ou o telefone celular?" (O treinador: "O telefone, Bolt. A menos que você queira sair da Jamaica".) Na foto, estou sem camisa, e toda vez que olho para ela, penso: "Uau, *bons tempos*", porque eu parecia ótimo. Os músculos estavam fortes, e meu corpo exalava potência. Estava no auge, e não via a hora de chegar a Pequim.

Também tinha chegado a um bom ritmo, estava correndo muito. Sem muito esforço, tinha marcado o tempo mais rápido do ano até então nos 200 metros, durante uma competição em Ostrava, na República Checa, e quebrado o recorde nacional jamaicano de novo, dessa vez em Atenas, com o tempo de 19,67 segundos. Mas um atleta precisava controlar sua impaciência, às vezes, porque era importante não dar muitas informações na preparação para uma competição importante. Quando a temporada começou naquele ano, o treinador me inscreveu em tantas corridas quanto achava que eu podia suportar. Faltando um mês para a minha primeira prova de classificação, ele decidiu que eu tinha competido o suficiente. Era hora de me preparar longe de olhares curiosos.

– Não precisamos de mais corridas – disse ele. – Vamos deixar todo mundo na expectativa.

De certa forma, pensei naquilo como uma tática de blefe no dominó: mostrar uma mão forte cedo demais poderia me prejudicar mais à frente na China. Se um astro dos 100 metros tinha melhorado sua largada ou seu impulso, por que anunciaria ao resto do mundo em uma corrida tão perto dos Jogos Olímpicos? Isso só incentivaria os adversários a acelerar. Não queria isso – sabia que o elemento surpresa era uma enorme vantagem tática, mesmo para alguém que tinha acabado de bater um recorde mundial.

Enquanto isso, acompanhava o progresso de Tyson nos Estados Unidos. Imaginei que minha vitória em Nova York o tinha irritado e, à primeira vista, sua forma parecia muito sólida. Nos meses seguintes à minha quebra do recorde dos 100 metros, ele registrou a marca de 9,68 segundos, ajudado pelo vento[16], nas provas de classificação para os Jogos Olímpicos, nos EUA. Mas então aconteceu o desastre, e ele machucou um tendão na final dos 200 metros na mesma competição. Esse era um grande problema para qualquer velocista, embora, ao que parecia, Tyson provavelmente estava tão preocupado com minha capacidade quanto com seus músculos lesionados. Durante uma entrevista a uma revista, ele declarou que os meus joelhos pareciam estar voando à frente do seu rosto quando passei queimando a pista para a vitória no Icahn Stadium. Era uma boa marca para deixar em um adversário.

Com os resultados do ano registrados no papel, eu sabia onde estava em relação aos demais na pista. Na véspera dos Jogos, com base no que tinha acontecido até então, eu meio que adivinhava o que aconteceria nos 100 metros em Pequim:

Primeiro, eu tinha derrotado Tyson.

Tyson tinha vencido nas provas de classificação nos EUA.

Asafa tinha me passado, mas eu tinha deixado.

Eu derrotaria os dois.

Estava assim tão confiante que, quando meu avião taxiou rumo a Pequim na pista de Londres, para onde tinha ido para minhas corridas europeias, relaxei e peguei meu celular para gravar uma mensagem. Para mim mesmo. Levantei a tampa do aparelho e, enquanto olhava para a tela, meus planos para os Jogos de 2008 foram lançados para a história.

– Ei, estou viajando para Pequim – disse. – Vou correr rápido, ganhar três medalhas de ouro e voltar para casa como um herói.

Estava ansioso para ver esse vídeo quando voltasse para casa.

* * *

Os primeiros dias em Pequim foram como a calmaria antes de uma enorme tempestade tropical. Eu caminhava pela vila olímpica e brincava com os outros atletas no refeitório. Ninguém me incomodava de fato. Um ou dois caras podem ter reconhecido meu rosto, se alguma vez saísse para dar uma volta, e então, às vezes, via um aceno de reconhecimento ou algum olhar distante do outro lado da rua, mas só isso. Não houve qualquer incômodo. Eu parecia anônimo para O Homem Mais Rápido da Terra.

Gostava muito de viajar para a Ásia, porque as pessoas de lá sempre foram carinhosas comigo. Tinha ido lá pela primeira vez no Campeonato Mundial em Osaka. Os garotos sempre gritavam meu nome quando descia do ônibus da equipe e nunca deixavam de pedir autógrafos e fotos. Até a mídia era legal e amigável. Sempre era entrevistado por uma emissora de televisão ou saía na imprensa

nacional, e os repórteres me davam um lembrancinha depois, como uma pequena câmera ou uma camiseta colorida.

Mas nem tudo era legal. Eu tinha sido avisado de que as instalações não seriam adequadas para um sujeito do meu tamanho e, quando fui ao Japão em 2007, tomar um banho de chuveiro tinha sido uma luta. A ducha ficava na altura da minha cintura, e usar aquela maldita coisa era uma competição esportiva em si. O boxe era do tamanho de um caixão e eu não conseguia me espremer nele. Acho que não lavei minhas costas direito durante toda a temporada.

Também achei a comida asiática um pouco estranha. Não caía bem, e, quando chegamos pela primeira vez a Pequim, a equipe técnica da Jamaica deu aos atletas um aviso severo para não fazer refeições fora da vila olímpica. Aparentemente, as autoridades chinesas haviam advertido os restaurantes locais de que algumas carnes não poderiam ser servidas aos turistas, sob quaisquer circunstâncias. Uma delas era a de cachorro e, definitivamente, eu não queria comer cachorro, ou nenhuma outra iguaria que pudesse mexer com meu estômago às vésperas de um campeonato olímpico.

Em vez disso, ia três vezes por dia ao restaurante da vila. Experimentava um pouco de frango aqui, um pouco de macarrão ali, mas não gostava muito de nada. Sou jamaicano, adoro porco marinado e assado, arroz, inhame e bolinhos. Frango agridoce não rolava. Alguns alimentos locais tinham muito sabor, alguns não tinham sabor nenhum, e eu precisava me preocupar com tudo isso. Os primeiros dias foram uma guerra.

"Esqueça", pensei em uma manhã, enquanto olhava para outra tigela de comida colorida. "Vou comer *nuggets* de frango."

No começo, comi uma caixa de 20 no almoço e depois outra no jantar. No dia seguinte, foram duas caixas no café da manhã, uma no almoço e depois mais duas à noite. Até peguei algumas batatas fritas e uma torta de maçã para acompanhar. Quando fiquei com fome às 3 da manhã naquela noite, acordei meu companheiro de quarto, o decatleta Maurice Smith, e nós dois saímos para pegar mais uma caixa.

As pessoas imaginam que não existe esse tipo de *fast-food* em um complexo olímpico, que todos comemos refeições

supersaudáveis, mas isso não poderia estar mais longe da verdade. Havia cadeias de restaurantes em todos os lugares em Pequim, para que todo mundo ali pudesse comer (e não apenas os atletas), e na hora do almoço do dia seguinte, quando comecei minha terceira caixa do dia, meus companheiros apontavam e riam. Eles não podiam acreditar que eu estivesse comendo tanto frango frito, mas Brigitte Foster-Hylton, corredora dos 100 metros com barreiras, achou que tinha visto o bastante e decidiu se pronunciar.

– Usain, você não pode comer tantos *nuggets*! – gritou ela. – Coma alguns legumes, cara. Você vai ficar doente.

Fiz cara de enjoado, como se estivesse incomodado.

– Argh, não sei…

Brigitte me pegou pelo braço e me levou por todo o restaurante da vila, escolhendo todos os tipos de verduras e legumes para eu experimentar, mas não gostei de nenhum. Minha atitude deve ter sido muito decepcionante, porque, em desespero, ela então me entregou um saquinho de plástico branco de molho Thousand Island. Nossa, quando derramei aquilo na minha salada pela primeira vez, a comida ganhou vida com aquele sabor. Daí por diante, encharquei tudo com esse molho e então consegui comer de tudo, misturando as verduras de Brigitte com uma caixa ou duas de frango frito. Foi um sucesso saudável em todas as refeições.

De qualquer maneira, fazendo as contas, o número de frangos que comi foi assustador. Em média, devorava cerca de 100 pedaços de frango a cada 24 horas. Ia passar dez dias lá, o que significava que, quando os Jogos terminassem, teria comido cerca de mil pedaços de frango. Cara, eu devia ter recebido uma medalha de ouro por devorar toda aquela comida.

A comida era minha única preocupação, no entanto, porque na pista eu estava afiado. O treinador tinha criado algumas regras claras para as eliminatórias dos 100 metros, assim como tinha feito no Campeonato Mundial de 2007. Era para eu terminar em primeiro ou segundo lugar em todas as corridas sem me forçar demais. Ele não queria que eu estourasse nenhum músculo nas primeiras rodadas, ainda mais se pudesse correr com facilidade. Em cada eliminatória segui suas instruções. Fazia um início rápido e me

divertia. Em todas as corridas de 100, terminei ou em primeiro ou em segundo lugar, mesmo que estivesse me contendo na maior parte do tempo.

Ficava de olho nos meus adversários o tempo todo. As corridas de Tyson foram boas, e, a princípio, ele não parecia alguém com uma lesão muscular, não que eu estivesse muito preocupado. Sempre que o via competir, lembrava-me de Ricardo Geddes, de Keith Spence e do meu mantra de longa data: *Se eu vencer você em uma competição importante, você não me vence mais.* Era assim que considerava a situação em Pequim, e nada tinha mudado, apesar de as apostas estarem muito mais altas. Tinha vencido Tyson em Nova York, então sabia que a regra se aplicaria. Tinha uma vantagem mental.

Isso também ficou evidente. Estava bem à vontade na semifinal, o que era incomum nos Jogos Olímpicos, porque os bons corredores muitas vezes se juntavam nessa fase e poderia haver três, até quatro corredores importantes em uma semi, com os primeiros quatro postos a serem conquistados. Isso significava que as margens de erro eram pequenas. Qualquer erro de um atleta forte poderia permitir que um estranho se classificasse. Não foi o meu caso, no entanto. Segui as instruções do treinador e cheguei à final sem nenhum estresse.

Mas havia um choque me esperando. Minutos depois da minha corrida, foi anunciado que Tyson tinha terminado em quinto na segunda semifinal. Seu tempo tinha sido péssimo, só 10,05 segundos, e meu adversário mais próximo estava saindo dos Jogos Olímpicos. Sabia que seria impossível para Tyson dar cem por cento, porque ainda estava em recuperação de uma lesão. Correr para valer em Pequim deve ter sido uma decisão difícil, ainda mais porque o acidente tinha acontecido tão perto dos Jogos. E então finalmente deu problemas.

Alguns atletas podem ter aplaudido essa notícia, mas eu fiquei desapontado. Queria que Tyson estivesse na final – totalmente apto também. Na minha cabeça, precisava vencer os maiores atletas do planeta. Se fosse ganhar o ouro, precisava fazê-lo sabendo que estava na competição mais forte possível. Na entrevista coletiva de

Tyson, ele declarou que seu tempo não teve nada a ver com o tendão lesionado, mas não conseguiu disfarçar a tristeza. Seu sonho dos Jogos Olímpicos de 2008 tinha acabado. O meu avançava mais uma marca.

* * *

A final dos 100 metros ia acontecer algumas horas depois da semifinal, portanto meu principal desafio era manter a concentração. Muitas vezes, antes de uma final importante, o maior problema do atleta é um colapso mental. A mente pode se cansar de se concentrar demais na tarefa pela frente, mas isso nunca seria um problema. Estava muito tranquilo. Eu me aqueci apenas o bastante para deixar os músculos no ponto, antes de sentar na pista e relaxar com o treinador e Ricky. Nós rimos, falamos sobre carros, a NBA, garotas. Parecia que só tinham passado 20 minutos, mas deve ter sido mais perto de 90, porque meu massagista, Eddie, logo veio gritando que estava na hora de me aquecer. A corrida estava prestes a começar.

Enquanto me alongava e me preparava, o treinador acompanhou cada uma das minhas flexões. Eddie massageava minhas costas, meu quadril e meus tornozelos. A escoliose parecia uma lembrança distante, e meus tendões pareciam molas firmes, cheias de energia.

Fiz uma sessão de aquecimento leve na pista com várias acelerações – uma corrida folgada, mas rápida – e senti o calor fluindo pelos braços e pelas pernas. Meus pulmões pareciam ótimos. Em vez de pisar nos freios no final de cada corrida, permiti que o corpo diminuísse suavemente a velocidade. Cada parte do meu corpo parecia fortalecida e suave.

Olhei para as faixas e vi Asafa fazendo seus exercícios de largada. *Bam! Bam! Bam!* Ele estava arrasando. Mas meu treinador achou que estava bom – na opinião dele, eu estava aquecido o bastante.

– Tem certeza, treinador? – perguntei. – Asafa está fazendo mais largadas. Acho que deveria correr um pouco mais também.

O treinador balançou a cabeça.

– Não, Bolt, seu corpo está totalmente aquecido. Você não precisa se preocupar.

Ele estendeu a mão e me puxou para fora da pista.

– Certo, vamos lá – disse ele. – Você está pronto.

Cara, com essa notícia me senti com 6 metros de altura – eu *estava* pronto. Passei a acreditar tanto no treinador que até mesmo o menor voto de confiança, como aquelas três pequenas palavras, era o bastante para me dar uma dose adicional de convicção. A adrenalina subiu pelas minhas veias, por alguns nervos também, mas não restava dúvida em minha mente. Eu tinha feito o meu trabalho e sabia que, se o executasse na pista, não haveria ninguém no planeta capaz de me deter.

Eu estava tranquilo. Dentro da sala de chamada, contava piadas e tentava alegrar os outros caras do Caribe. Minha verve estava alta para valer. O treinador me deu um último tapinha nas costas antes de eu ir, mas estava tão entusiasmado que decidi brincar mais uma vez. A câmera estava apontada para meu rosto, as imagens sendo transmitidas para todo o mundo e em uma tela enorme na arena. Quando a palma da mão dele pousou diretamente sobre meus ombros, me joguei para a frente com um grito, caindo no chão, o rosto contorcido em uma agonia simulada. A câmera fechou em mim. Para o mundo inteiro que observava, o treinador tinha contundido o detentor do recorde mundial dos 100 metros na preparação para o maior evento esportivo do planeta.

Quando levantei os olhos, vi que ele estava bravo e, instantes depois, seu telefone tocou. Era uma mensagem de texto de um amigo no meio da multidão. As pessoas tinham visto as imagens no telão do estádio e estavam pirando.

“O QUE VOCÊ FEZ COM USAIN BOLT?”, dizia.

Eu não conseguia parar de rir, estava muito relaxado. Minha postura mental estava perfeita.

Ainda assim, nenhuma brincadeira podia me distrair da sobrecarga sensorial de uma final olímpica. Nossa, quando cheguei à

pista, a multidão aplaudia e gritava, os *flashes* explodiam. O barulho era ensurdecedor. De repente, entendi como um artista como o Jay-Z devia se sentir quando entrava em uma arena superlotada. O estádio Ninho do Pássaro se agitou, as arquibancadas estavam lotadas, e eu diria por experiência própria que o som e as cores eram exatamente do que precisava para me soltar ainda mais. O burburinho da multidão era como uma bebida energética potente e absorvi até a última gota.

Mas nem todo mundo sentia o mesmo. Asafa não parecia nada bem, e eu diria pelos olhos dele que estava nervoso. A tensão o consumia por dentro, e isso *me* preocupava. Meu primeiro pensamento foi ajudá-lo, porque foi assim que me senti – ele era um compatriota, então queria que relaxasse e estivesse na sua melhor forma, mas conheço diversos atletas que não teriam demonstrado aquele interesse por um adversário olímpico.

Eu era diferente. Sentia carinho por Asafa, respeitava muito o cara. Tudo o que ele tinha feito pelo atletismo no nosso país eu considerava um presente, e ele tinha estabelecido um elevado padrão para a elite atlética da Jamaica. Sem seus recordes mundiais, atletas como eu não teriam um objetivo tão elevado. Nos últimos anos, tínhamos tentado viver de acordo com as velocidades de Asafa, correr mais rápido do que ele, embora eu fosse o único que tivesse conseguido isso. Sabia que, sem os tempos de Asafa, os 100 metros mais rápidos do mundo ainda seriam 9,79 segundos.

Também entendia o estresse pelo qual ele estava passando, a pressão nacional como jamaicano, porque em nosso país todos *adoravam* o Asafa, definitivamente, mais do que a mim. Ele era o garoto de ouro. Estavam desesperados que ele voltasse para casa com uma medalha, porque era um cara legal. Mas esse amor todo o estava esmagando, aumentando sua preocupação, e ele não tinha a experiência para neutralizá-lo.

Eu tinha expulsado aqueles demônios no Mundial Júnior em 2002, mas Asafa realmente não tinha passado pelo mesmo sistema que eu na Jamaica. Ele só tinha competido em alguns Champs, mas não conhecia nada maior no nível júnior. Quando garoto, não tinha enfrentado a pressão de correr em uma competição como os

Mundiais Júnior regularmente no nível internacional. Em vez disso, começou como profissional e dominou a partir daí. Isso significava que, quando sentia aquelas pressões como astro do atletismo em campeonatos importantes, não conseguia lidar com a atenção em torno dele e o estresse. Pelo menos, era o que eu sentia. Em Pequim, o nervosismo daquela grande corrida o atingia de novo, e ele não conseguia lidar com aquilo. Ele parecia paralisado.

Não consegui me segurar. Alcancei-o enquanto caminhava para o início.

– Ei, vamos fazer o seguinte – disse, tentando animá-lo. – Vai ser uma boa corrida. Jamaica, um e dois. Vamos lá. Vamos nessa…

Ele riu, batemos os punhos, e a princípio pensei que minha conversa tivesse funcionado com ele. Mas, enquanto fazíamos nossas passadas ensaiadas e os aquecimentos finais, vi como o brilho de medo voltava ao seu rosto. Então soube que Asafa não ganharia um ouro olímpico.

"Ah, merda", pensei. "Não há nada que eu possa fazer por ele agora."

Concentrei-me no meu próprio desempenho. O locutor chamou meu nome, e comecei a fazer coisas malucas. Maurice tinha aparado meu cabelo com uma máquina na noite anterior, então esfreguei o alto da cabeça e baguncei minhas costeletas como se esse fosse o penteado mais legal. As pessoas na multidão riram muito. Estava tão relaxado, só queria saber do primeiro lugar. E então as palavras soaram como um despertador.

– Em suas marcas…

A multidão ficou em um silêncio mortal.

"É isso aí."

Respirei fundo.

Entrei na minha faixa.

*"Vamos acabar com isso."*

Eu me acomodei nos blocos.

*"Por favor, Deus, vamos fazer essa largada direito. Deixe-me acertar essa largada. Deixe-me acertar essa largada…"*

– Preparem-se!

*"Vamos lá…"*

…

…

A arma disparou.

*Bangue!*

Cara, muita coisa passa pela mente de um velocista ao longo dos 100 metros, e falei muita besteira para mim mesmo em todas as corridas de que já participei. Pode parecer loucura para muita gente, porque nos medidores os metros voam em pouco mais de 9 segundos e meio, 10 em um dia muito ruim para mim, mas nesse tempo posso pensar em várias coisas: como sobre a minha largada quando ultrapasso a linha, ainda mais se deixei os blocos tarde demais. Penso em quem está fazendo o que à minha frente nas faixas, ou se alguém atrás está fazendo algo idiota como tentar me vencer. Sério, penso em muitas besteiras quando estou rasgando pela pista em alta velocidade.

*Bam!*

Disparei dos blocos, mas Richard Thompson, velocista de Trinidad e Tobago, estava na pista ao lado e teve uma largada excepcional na história dos Jogos Olímpicos.

*"Merda! Como ele fez isso? Agora não posso ver onde estou na corrida, porque ele está bloqueando minha visão de Asafa do outro lado."*

Fiquei de olho nele o tempo todo, estendendo as pernas ao sair do impulso. Dei um, dois, três passos e então cambaleei – tinha dado um mau passo e oscilei para a direita –, mas me recuperei rapidamente e mantive a calma. Já tinha passado por corridas antes em que tivera uma largada ruim, ou que não tinha ido bem nos primeiros 20 metros, então não pirei.

*"Como em Estocolmo, cara. Lembre-se de Estocolmo. Não entre em pânico. Passe pelo impulso e fique frio. Frio, frio, frio. Thompson não se afastou. Ele está ali na sua frente…"*

Olhei rapidamente a linha.

*"Ele é o único liderando o grupo."*

E então lá estava eu.

*Continue frio.*

Eu podia sentir meu arranque crescendo, minha passada maior me fazendo ultrapassar Thompson e, depois de ultrapassá-lo, pude ver o resto da linha. Olhei rapidamente – estava à frente, mas nada de Asafa.

*"Onde diabos está o Asafa?"*

Todo mundo estava lá, amontoado. Thompson, Walter Dix (EUA), Churandy Martina (Antilhas Holandesas), Michael Frater (Jamaica), Marc Burns (Trinidad e Tobago) e outro corredor americano, Darvis Patton, mas ainda nada de Asafa. Isso me pareceu idiota, ele deveria estar lá.

*"É meio estranho. Ele deve estar por aí…"*

Aos 75, 80 metros espiei de novo. Digo espiei, mas na verdade olhei para trás por cima do ombro. Precisava saber onde ele estava.

*"Onde está você, mano? Você é o cara que deveria estar mandando ver aqui agora. Tyson não está correndo. O que está fazendo? Preciso correr mais? Posso relaxar?"*

Então me dei conta.

*"Oh, merda, oh, merda… Vou vencer esta corrida!"*

Imagine se perdesse. Fique completamente transtornado apesar de estar a apenas 10 metros da linha. Atirei as mãos para o ar e agi como louco. Bati no peito, porque sabia que ninguém me pegaria. Tinha acabado, era o campeão olímpico, e todo o treino com o treinador tinha compensado – todas aquelas voltas na pista tinham me levado à fita em primeiro lugar.

*"Ele me disse que eu seria capaz. Ele me disse que eu estava pronto…"*

O caos me acompanhou depois disso, igualzinho ao que tinha acontecido em Nova York. Virei e vi Asafa terminando em quinto, os outros corredores tentando me alcançar enquanto eu disparava ao redor da pista, um dedo apontando para o céu. Richard Thompson estava enlouquecido também, dançando e fazendo todo tipo de movimento. Qualquer um teria pensado que fora ele quem levara a medalha de ouro, pela maneira como agia tão espalhafatosamente. Mais tarde naquela noite, ele disse a um repórter de televisão que *tinha ganhado* a corrida.

– Peguei o primeiro lugar – disse ele. – Usain estava fora, correndo sua própria corrida. Ganhei a final dos 100 metros normais.

Corri para as arquibancadas. Uma multidão de fotógrafos me cercou, todos enfiando suas câmeras no meu rosto enquanto tentavam enquadrar a foto perfeita. Puxei meu braço para trás como um arqueiro projetando uma flecha de seu arco voltada para o céu – era uma mímica, um raio de luz para o meu primeiro ouro olímpico[17]. O lugar inteiro explodiu em *flashes*, havia tanta gente ao meu redor. Fui assediado pelos fãs, mas, acima de todo o barulho, ouvi minha mãe chamando meu nome. Vi seu rosto na multidão – ela parecia tão orgulhosa. Aproximei-me dela.

– VJ! VJ! – ela gritou, me puxando para perto e entregando a bandeira jamaicana.

O sr. Peart também estava lá. Dei um passo para trás. Parecia que meu coração ia saltar do meu peito.

– Ei, este é o número um – disse.

Queria correr ao redor da pista de novo – precisava ver o treinador, Ricky e meus amigos – mas um sujeito continuava puxando a minha camiseta. Ele estava gritando, acenando, e no começo não conseguia ouvi-lo através de todo o barulho. Mas, então, sua voz me atingiu como um gancho do Muhammad Ali no queixo.

– Usain, vamos lá! – disse. – Você precisa tirar sua foto com o relógio e o novo recorde mundial.

*"Como assim?!"*

Por um momento, não tinha considerado meu tempo. Como tinha acontecido com Tyson e no Grand Prix de Nova York, minha concentração estava clara: vencer em primeiro lugar; me preocupar com o relógio em segundo. Nem tinha olhado para o cronômetro olímpico, uma tela enorme no final da pista, mas então olhei naquele momento e lá, ao lado da imagem do meu rosto enquanto cruzava a linha – toda a alegria, suor, um grito alto de comemoração – estava o tempo.

9,69 segundos.

Um novo recorde mundial.

*Caramba!*

* * *

Não lembro o que pensei naquele exato momento. O que passa pela cabeça de qualquer atleta quando quebra seu próprio recorde mundial em uma final olímpica? "Uau", provavelmente, além de todo tipo de emoções que ele realmente não consegue lembrar. Mas fiquei surpreso, porque o objetivo era a medalha de ouro, e não meu nome no topo de uma lista de tempos e superastros inesquecíveis e impressionantes.

A coisa mais estranha, acho, é que não fiquei muito abalado com isso. Nos últimos meses, tinha a impressão de que havia encontrado a paz sendo O Homem Mais Rápido da Terra. Desde Nova York, minha atitude em relação a isso tinha sido, bem, indiferente – *não importa*. É claro, sabia que era uma grande conquista, mas não era um fã dessa expressão e tinha me dado conta de que ser um campeão olímpico era muito maior do que ser O Homem Mais Rápido da Terra.

Minha teoria em relação a isso era clara: a qualquer momento alguém poderia se tornar mais rápido. Um cara como Tyson poderia aparecer em uma competição apenas algumas semanas depois, pegar o vento perfeito, disparar em uma ótima largada, correr a corrida de sua carreira e melhorar meu tempo. Eu poderia estar sentado lá em Kingston, me divertindo, e então atender o telefone e ouvir o treinador dizer: "Usain, houve uma competição em Doha, e você não vai acreditar nisso… Tyson acabou de correr em 9,50 segundos. Você não é mais O Homem Mais Rápido da Terra". Com esse telefonema, o título já era.

Eu entendia isso porque tinha acontecido com Asafa. Ele provavelmente tinha visto o Grand Prix de Nova York pela televisão em casa, torcendo por mim contra Tyson. Ele não esperava que eu ganhasse – de jeito nenhum. No fundo, teria pensado: "Usain bater Tyson? *Esqueça*". Então, diante de seus olhos, o recorde mundial era meu. De repente, seu título já era.

Acabou.

Fim.

*Boa noite.*

Mas entrar para a história para a eternidade era outro assunto, e era por isso que estava feliz. Quando ganhei o ouro na final dos 100 metros em Pequim, levei o título de campeão olímpico para sempre. Recebi a coroa, um prêmio absoluto que ninguém poderia riscar dos livros. Nem Asafa, nem Wallace, nem Tyson, nem ninguém. Estava ciente de que o título de O Homem Mais Rápido da Terra me tinha sido dado pela primeira vez em Nova York, mas poderia perdê-lo a qualquer momento. Mais importante, percebia que os recordes eram a cereja, mas as medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos eram o verdadeiro bolo. Agora estava faminto. Acredite, eu queria mais.

[16] Um forte vento por trás pode ser uma ajuda para um atleta. Segundo as regras, permitia-se um vento máximo de trás de 2,0 m/s para o registro de um recorde mundial. Na corrida de Tyson, o vento estava acima desse limite.

[17] A ideia original foi de um amigo meu, um dançarino da Jamaica. Eu tinha combinado que, se ganhasse os 100 metros, faria algum movimento de dança maluco. Esse ficou conhecido como “To Di World” (ou “Para o Mundo”): girei o corpo e fiz pose enquanto apontava os braços para o céu.

CAPÍTULO 10

# AGORA VÁ PEGAR O QUE É SEU

O Ninho do Pássaro estava silencioso quando finalmente escapei para a noite. Era mais de meia-noite. Os holofotes tinham sido apagados, as arquibancadas estavam desertas. O único ruído era provocado pelos voluntários que recolhiam o lixo e varriam as arquibancadas; ouvi o zumbido de um carrinho elétrico que carregava uma pilha de equipamento. O silêncio parecia tão assustador depois da explosão de sons e cores algumas horas antes… Meu Deus, eu estava esgotado. Tinha passado pelo controle de *doping* e pela mídia – horas e horas de mídia – e agora queria os meus *nuggets* de frango, ver minha família, o treinador e ir para a cama. Precisava relaxar um pouco.

Liguei para NJ, que estava trabalhando nos Estados Unidos durante o verão. Pequim ficava a uma enorme distância das nossas reuniões de estratégia de corrida na biblioteca do William Knibb, mas o impacto da minha corrida o tinha atingido com força, assim como a todos os outros ao meu redor.

– Ei, NJ – gritei, minha voz ecoando nas arquibancadas vazias. – Finalmente chegamos ao auge!

No instante em que cheguei na vila olímpica, tive a primeira pista de que tudo tinha mudado, e quero dizer *tudo mesmo*. Enquanto estacionava o carro em frente ao prédio do alojamento da Jamaica na vila olímpica, uma multidão se aglomerava do lado de fora. A princípio, me parecia uma simulação de incêndio ou algum outro incidente; todo mundo estava de pé na rua, esperando. Olhei por cima de Ricky.

– Ei, o que está acontecendo?

– Acho que estão aqui por sua causa, Usain – disse ele.

Ele estava certo. Quando saí do carro, a multidão se virou e correu na nossa direção. As pessoas estavam loucas, pedindo fotos. Voluntários, atletas, amigos dos atletas, havia todo tipo gente ao redor, agitando canetas e papel, gritando:

– *Foto! Foto!*

Não sabia que diabo estava acontecendo. Alguém gritou:

– Faça a pose do raio!

Minha vida tinha mudado para sempre.

Tinha imaginado que, por ganhar um ouro olímpico nos 100 metros, mais pessoas me reconheceriam. Mas aquilo parecia algo em um nível muito mais amplo do que apenas mais alguns fãs. Era maior, mais absurdo do que qualquer coisa que já tinha acontecido comigo. Era uma verdadeira histeria acontecendo na minha frente.

Eu precisava da calma no interior do alojamento da Jamaica, só para assimilar o que estava acontecendo. Quando entrei, o treinador e Eddie, o massagista, estavam esperando, assim como todos os outros atletas. Todo mundo estava empolgado e tinha uma festa animada rolando. Maurice Smith trouxera uma câmera de vídeo para a China e apontou-a para o meu rosto.

– Ei, aqui está O Homem Mais Rápido da Terra… – gritou ele.

Eu ri e olhei para a lente.

– Sou um grande campeão agora – disse, achando graça, aproveitando o momento.

Fiquei feliz por chegar em casa, se é que poderia chamá-la de casa. Estava longe da loucura e da intensidade dos Jogos Olímpicos por algum tempo. A equipe jamaicana tinha um clima legal, havia muito carinho entre os atletas, e o humor no alojamento era ótimo. Em muitos aspectos, era como o grupo de juniores com quem tinha ido à Hungria e a Kingston. Naquela época, a equipe parecia mais um time de jogadores de futebol do que um grupo de atletas cada um na sua modalidade, e havia uma forte camaradagem entre os garotos. Dávamos incentivo para os companheiros antes das competições, motivávamos uns aos outros; consolávamos e dávamos conselhos aos que tinham sido derrotados em uma competição.

Nos Jogos Olímpicos de Pequim compartilhamos o mesmo espírito, embora no grupo houvesse alguns atletas bastante concentrados e talentosos, como Shelly Ann Fraser, a medalhista de ouro nos 100 metros feminino; Melaine Walker, que venceria os 400 metros com barreiras; e Veronica Campbell-Brown, vencedora do ouro dos 200 metros feminino. Minha medalha foi a primeira da delegação. Com ela, dei o chute inicial para o lote recorde de medalhas olímpicas da Jamaica.

O treinador fez piada – bem, pelo menos achei que ele estava brincando.

– Descobri algumas coisas para aprimorar nos seus próximos 100 – disse ele. – Sempre se pode melhorar, Bolt.

Tentei me lembrar de cada parte da corrida, para poder conversar com os outros, contar como a gente se sentia ao ganhar um ouro olímpico. Eddie queria saber que tipo de emoção eu senti quando disparei rumo à linha de chegada.

– Só alegria, cara – disse. – Como quando larguei no começo da pista. Senti um calor como sempre, mas era maior. Tive uma sensação de liberdade, algo que não poderia encontrar em nenhum outro lugar. Era diversão, emoção, uma energia intensa, tudo de uma vez. Foi lindo.

Alguém me disse que corri com os cadarços desamarrados por toda a corrida. Comecei a rir. *Sério?* Nem tinha notado, de tão ligado que estava no momento durante aqueles breves segundos.

Eu respirava com dificuldade, estava esgotado. Quando fui para o meu quarto para relaxar, Maurice estava lá. Adorava sair com ele. Na maior parte da viagem éramos como uma dupla de garotos longe de casa pela primeira vez. A gente conversava e contava histórias, mas na maioria das vezes fazíamos piadas. Ele deixava o treinador furioso, porque o quarto dele ficava do outro lado do corredor, e ele vivia dizendo para falarmos mais baixo, mas de uma certa maneira Maurice e nossa animação de acampamento escolar tinham criado o ambiente perfeito para ganhar medalhas. Tínhamos formado a nossa bolha, longe das multidões e da pressão dos Jogos Olímpicos. Sempre que relaxávamos, raramente eu pensava no estádio Ninho do Pássaro, em Tyson, em Asafa ou nas corridas. Em vez disso,

falávamos sobre garotas, futebol e críquete. Dificilmente a gente se estressava com alguma coisa.

Aquela noite foi diferente. Pela primeira vez, Maurice queria falar sério.

– Ei, o que você pretende fazer em relação ao recorde mundial nos 200?

Minha cabeça bateu no travesseiro, zumbindo com o pensamento. Sabia que era uma grande coisa, todo mundo sabia. O tempo de Michael Johnson era de 19,32 segundos, o que parecia fora do meu alcance. Ninguém o derrubara nos 12 anos desde a sua corrida nos Jogos de Atlanta em 1996 – a corrida que pela primeira vez me dera a ideia de ser um campeão de atletismo. O próprio Johnson imaginava que estivesse bastante seguro. Aparentemente, ele tinha dito à imprensa que eu não tinha a resistência para manter o mesmo nível de velocidade que ele, pelo menos durante todo o caminho até a linha afinal.

– Não sei – eu disse. – Não acho que seja capaz de batê-lo. Estamos falando de 19,30, 19,31… e nunca cheguei perto disso.

Mas Maurice achava que eu ia conseguir. Ele estava empolgado.

– Mas, Usain, você acabou de correr os 100 metros em 9,69 segundos na maior, cara!

– Eu sei, mas os 200 são dureza – eu disse. – Não sei. Só estou dizendo…

Era verdade, realmente não sabia. Essa foi minha reação sincera, não estava mentindo para o Maurice. É claro, estava confiante de ganhar os 200, mais confiante do que nos 100, mas sabia que o tempo de Johnson era um objetivo enorme, e meu corpo de repente parecia muito esgotado depois da energia e da emoção de ganhar minha primeira medalha de ouro.

Ainda assim, sabia que precisava tranquilizar minha cabeça, porque havia algo importante entre mim e os 200 metros, algo que muita gente não se dava conta, talvez porque todos estivessem tão envolvidos com meu sucesso na distância mais curta. A verdade é que os 200 eram a minha competição favorita. Esqueça os 100. Sim, sabia que todos consideravam os 100 como a superestrela das corridas e que queriam que eu corresse cada vez mais rápido, mas

meu sonho era ser campeão nos 200 metros, mais do que qualquer outra coisa. Era o meu objetivo final e, nesse caso, ganhar o ouro olímpico era algo com que tinha fantasiado durante toda a vida.

Para mim, os 200 eram O Máximo, enquanto via os 100 metros como um prazer, uma corrida para me divertir. Mas sabia que o técnico não pensava assim. Ele queria que eu vencesse nos 100 porque era um homem de velocidade, sempre fora obcecado por quão rápido um atleta pode correr. Isso era legal, eu entendia, mas os 200 metros eram a minha paixão e eu estava concentrado como nunca em conquistá-los.

Enquanto Maurice e eu conversávamos sobre outra coisa, rindo muito, ouvi vozes vindo pelo corredor. Alguém bateu na porta. Era o treinador.

– Certo – disse ele, olhando a cena. – Você conseguiu os 100, agora pode ir lá pegar o que é seu.

Nós dois sabíamos do que ele estava falando.

* * *

No começo, eu disse a Maurice e aos outros que a coisa se acalmaria, que a empolgação ia passar. Depois achei que desapareceria quando chegasse em casa na Jamaica e me escondesse por algumas semanas. Mas estava tentando me convencer; realmente não sabia por quanto tempo duraria o burburinho em torno da minha vitória nos 100 metros. Era muito grande e, para onde quer que eu me virasse, as pessoas queriam algo de mim. Não podia deixar o alojamento, não conseguia nem sair do quarto. A China tinha uma população de bilhões de pessoas, e, às vezes, parecia que todas elas estavam rondando a vila olímpica, esperando para pegar um vislumbre meu.

Minha viagem para o alojamento na noite da corrida tinha sido uma amostra, mas o caos realmente começou na manhã após a final dos 100 metros, quando peguei o ônibus para ir ao refeitório dos atletas. Assim que saí pela porta da frente do alojamento jamaicano, fui cercado e não consegui entrar no ônibus. Depois que finalmente

embarquei, não conseguia descer de novo, porque muitos trabalhadores e voluntários queriam me parabenizar. Mas, acima de tudo, queriam autógrafos. Folhas e folhas de autógrafos.

Pensei que estaria livre dos problemas quando finalmente chegasse ao restaurante, mas, quando entrei no salão, todo mundo se virou para me ver. Acho que eu era uma propaganda ambulante. Um cara de 1,95 metro se destaca naturalmente e, sem um lugar para me esconder, não sabia como lidar com isso. Comer um prato de *nuggets* de frango com todo mundo aglomerado ao redor e pedindo autógrafos não era a minha ideia de diversão, então pedi ao Eddie para pegar algumas caixas para viagem e voltei para o meu quarto, assinando pedaços de papel por todo o caminho.

*Então, isso é o que é ser um superastro.*

De repente, a vida estava um pouco mais complicada. Não podia passear pela vila como fazia no início dos Jogos e sabia que também não poderia andar por Pequim sem causar tumulto. Não me entendam mal, não estava reclamando. Agora, nenhum segurança de boate no mundo me impediria de entrar por usar tênis, mas tinha sido pego de surpresa e estava um pouco assustado.

Ouvi dizer que a loucura estava igual na Jamaica. Vi as fotos e os vídeos na internet. Milhares de pessoas assistiam às transmissões em telões nas ruas de Kingston, e os bares de beira de estrada estavam cheios de fãs aglomerados em volta das televisões. Meu pai me ligou e disse que as ruas em Trelawny tinham ficado congestionadas de carros buzinando depois que ganhei meu ouro e, quando liguei para NJ do estádio, ele contou que a reação fora igualmente insana nos Estados Unidos.

De certa forma, era fácil se sentir isolado do mundo exterior na vila olímpica. O cenário era muito semelhante ao de um campus universitário. As equipes ficavam alojadas em prédios separados por nacionalidade. Cada "casa" tinha quartos onde os atletas se alojavam juntos. Havia cozinhas comunitárias e salões de descanso, para que todos pudessem sair e jogar videogame ou assistir a DVDs. Às vezes, o mundo lá fora parecia um lugar distante.

Depois de Atenas, em 2004, me acostumei com o ambiente, gostava dele. Ficar com os caras era uma festa. Naquela época,

minha inexperiência me tornava o novato do grupo jamaicano, o que significava que fazia os pequenos serviços na rua, e os atletas mais velhos estavam sempre me mandando fazer coisas. Estava jogando videogame quando alguém gritava: “Ei, Usain! Me traz uma garrafa de água!” Mas as idas à geladeira faziam parte do processo de iniciação para os mais jovens da turma, e na maioria das vezes jogávamos muito dominó e nos divertíamos juntos.

Ficar lado a lado com as maiores estrelas do esporte da época também era uma experiência. Vi Yao Ming, a sensação do basquete, na vila dos atletas e fiquei empolgado. Em Atenas, estava igualmente feliz por competir ao lado de tipos como Asafa Pamell pela primeira vez, porque o admirava. Tínhamos quase a mesma idade, mas o cara já corria tão rápido nos 100 metros que ele estava se tornando um deus na Jamaica. Gostava de vê-lo treinar e pensava: “Esse cara é incrível demais”. Era simplesmente um privilégio estar perto dele e apertar sua mão. Saber que conhecia Asafa Pamell era fantástico. Era ainda mais alucinante vê-lo de perto.

Já em Pequim, os tempos eram outros, mas o clima ainda era o mesmo. Nós nos divertíamos, brincávamos, mas havia uma ligeira sensação de isolamento, e o que estava acontecendo na Jamaica muitas vezes me parecia estar a 1 milhão de quilômetros de distância. A única vez que realmente tive contato com a agitação dos Jogos Olímpicos foi quando entrei na pista e, quando isso aconteceu, me senti vivo.

Vinte e quatro horas depois da minha primeira vitória no Ninho do Pássaro, Maurice me pressionou de novo com a mesma pergunta.

– Ei, o que você pretende fazer em relação ao recorde mundial nos 200?

Na coletiva de imprensa naquele dia, eu tinha declarado que estava relaxado em relação à corrida. As eliminatórias tinham sido um passeio, assim como os 100 metros. Tyson estava fora do páreo por causa da lesão, então a única ameaça existente era Wallace Spearmon, mas eu sabia que ele estava fora. Meu único problema, disse, era que estava muito cansado. Mas, quando Maurice me

perguntou de novo, me senti intimamente revigorado. Tinha mudado de ideia.

– Que se dane – eu disse. – Simplesmente vou até lá dar tudo o que tenho. Não sei o que vai acontecer, mas é isso que vou fazer. Vou dar tudo de mim na pista. Esse é o plano…

A boa notícia era que eu me dava todas as chances. Nas semifinais, passei fácil por Wallace e Shawn Crawford com um tempo de 20,09 segundos para entrar na faixa cinco, o que me agradou, porque não era tão perto da curva. Também estava me sentindo forte. Qualquer fadiga que tivesse sofrido tinha desaparecido.

O treinador também parecia descontraído, e ficou claro que não haveria repetição das instruções detalhadas que recebera para os 100 metros. Na preparação para a corrida, ele tinha me acompanhado em cada passo do caminho. Me ajudara a relaxar e me dera instruções estritas sobre meus aquecimentos.

– Não acelere demais – gritava ele. – Treine duas vezes os passos longos. Faça uma largada dos blocos. Agora você está pronto, não faça mais nada. Esqueça o que o Asafa está fazendo. Blá, blá, blá…

Mas agora, antes da final dos 200, ele parecia muito mais relaxado, embora tivesse sido assim o ano todo. Notei que, quando ele vinha para os treinos dos 200, raramente determinava uma sessão de curvas, o que era, provavelmente, a parte mais difícil da nossa programação. Fazer a curva com consistência era um exercício penoso, ainda mais por causa das minhas costas, porque precisava me inclinar na pista. Mas tinha feito tanto isso ao longo dos anos que o técnico parecia confiante de que estava em forma. Ele me deu apenas duas sessões durante toda a temporada.

– Não se preocupe com os 200 – disse ele. – Você é bom.

– Bom? – ri. – Acho que você não gosta dos meus 200, treinador. Eu estava brincando, mas em parte achava que era verdade, a princípio. A aparência descontraída do treinador nos Jogos Olímpicos mais tarde confirmou essa teoria e, depois da massagem com o Eddie, ele foi para as arquibancadas para assistir. Quando entrei no estádio, nossos olhares se cruzaram, e ele acenou da arquibancada com os polegares para cima. A única maneira de ele

parecer mais sossegado seria se estivesse tomando um sorvete naquele momento. Foi quando a ficha caiu.

Talvez ele só estivesse relaxado porque tinha mais confiança na minha forma nos 200. Nesse caso, ele estava certo porque, quando a arma disparou, fiz a corrida perfeita.

*Bam!*

Passei disparado pelo atleta do Zimbábue, Brian Dzingai, tão rápido que foi absurdo. Ninguém poderia me alcançar. Cheguei à curva e passei com suavidade, como Don Quarrie naqueles vídeos antigos, e estava forte. A força desenvolvida nos meus isquiotibiais, abdominais e minhas panturrilhas me lançou em direção à linha como combustível de foguete e senti a energia subindo pelas pernas. Meus músculos seguiam tensos e flexionados como pistões. Esqueça Osaka. Eu tinha a força.

Olhei em toda a linha, não havia ninguém perto de mim. Faltando 50 metros, eu estava longe e sabia que a corrida estava ganha.

*Vitória em primeiro lugar, pense no tempo em segundo lugar.*

Olhei para cima.

"Vamos, Usain", pensei. "Você está correndo para o relógio agora…"

Avistei 16 segundos.

"Dezesseis! Oh, merda, vou conseguir!"

Então 17…

18…

19…

Um…

…

último…

…

esforço!

Houve uma explosão de luz e um estrondo, a multidão tinha ido à loucura, uma mistura louca de cores enquanto milhares de câmeras piscavam, e as pessoas agitavam bandeiras. O tempo era fantástico: 19,30 segundos – um novo recorde mundial – e, se as minhas comemorações pelos 100 metros tinham sido loucas, então

nesse momento eu surtei, não sabia o que fazer. Abri os braços, queria arrancar a camisa e jogá-lo no ar. Minha mente entrou em parafuso. As cenas do Michael Johnson quebrando o recorde em 1996 plantaram as sementes em mim quando criança, quando considerei pela primeira vez as implicações de ser um campeão. Mais de uma década depois, tinha ganhado o ouro olímpico nos 200 metros e, com ele, o recorde mundial. Duas palavras cintilaram no meu cérebro: eu consegui.

Foi fantástico.

"Eu consegui."

Isso é incrível.

"Eu consegui."

Foi a coisa mais importante para mim – *em todos os tempos*.

"Eu consegui."

* * *

No dia seguinte, depois da cerimônia das medalhas, sentei na beira da cama na vila olímpica e fiquei olhando para a medalha de ouro na minha mão. Eu era todo sorrisos. Aquele pedaço de metal significava tudo para mim. Alguém falou atrás de mim, Maurice talvez, não tenho certeza. Estava em outro lugar.

– Cara, você ganhou os 200 e os 100 metros – disse ele. – Deve ser muito bom.

Eu expliquei as coisas.

– Olha, esqueça essa coisa dos 100 metros. Cale a boca sobre isso. Olhe para isto.

Levantei a medalha.

– O ouro olímpico dos 200 metros, depois de todos esses anos fazendo curvas e ouvindo as pessoas falando besteiras sobre como não fazia jus à torcida. Bem, eles que se danem, tenho meu título agora. Isso é maravilhoso.

Foi um dos momentos mais felizes da minha vida.

Abri meu *laptop* e assisti à corrida de novo na internet. Enquanto via as imagens, e os 19,30 segundos passavam, dava para

notar o esforço estampado no meu rosto. Dei um duro danado. Não estava de brincadeira quando disse a Maurice que planejava dar toda a minha energia naquela pista. Então ouvi outra voz por cima do meu ombro. Dessa vez era o treinador.

– Sabe, Usain, se não tivesse lutado tanto consigo mesmo, você teria corrido aqueles 200 muito mais rápido…

Caí na gargalhada.

– Sério, treinador? *Sério*? Me dê um pouco de crédito, só quebrei o recorde mundial aqui.

O homem não conseguiu se conter. Ele teve de jogar um pouco de água fria em mim, de tanto que estava me deleitando com aquele pouco de glória. Em parte, achei que era sua maneira de me fazer cair na real. Mas, de novo, talvez ele realmente acreditasse que havia uma maneira de me tornar ainda mais rápido.

* * *

Acho que posso ter sido subestimado nos Jogos Olímpicos, porque às vezes, quando corria, parecia que estava brincando. Pareceu ao mundo que estava relaxado demais. Os atletas me viam dançando na pista, fazendo caretas e brincando com a multidão, e devem ter pensado: "Hum, esse Bolt acredita que pode simplesmente chegar à linha de largada e vencer, não é? Hoje, não". Mas foi um descuido da parte deles.

A verdade é que parecia relaxado porque eu vivia para a energia de uma competição importante, não existia nada maior do que os Jogos Olímpicos. O Campeonato Mundial Júnior tinha me dado confiança para brincar sempre que entrava em um estádio lotado, mas os Jogos de Pequim levaram isso a outro nível. Eu vibrava ao brincar na frente dos fãs e das câmeras. Fazia poses, pulava para cima e para baixo, e acenava para as pessoas. Às vezes, isso era planejado, e imitava os movimentos de pista de dança ou um gesto de mão de um DJ jamaicano. Outras vezes, era uma coisa do momento. Quando recebi a medalha de ouro pelos 200 metros, e 90 mil fãs no Ninho do Pássaro cantaram "Feliz aniversário" para

comemorar a proximidade do meu aniversário de 22 anos, fingi chorar.

No entanto, isso não era nada comparado à pose do “Para o Mundo”. Posar depois da final dos 100 metros deu início a uma onda de atenção que não poderia ser interrompida. Depois do meu recorde mundial nos 200, fotógrafos e fãs começaram a gritar, me dizendo para fazer a pose. Toda vez que eu puxava os braços para trás e apontava para o céu, a multidão gritava, todo mundo ficava louco. A sensação de ser capaz de aumentar o ruído em um estádio com apenas meus dedos pareceu bem gostosa.

Minha pose foi estampada em capas de revistas e jornais nos quatro cantos do mundo. À medida que os dias passavam, vi fotos de pessoas em todo o planeta copiando meu gesto. Alpinistas apontavam para o céu em montanhas distantes, e andarilhos na selva amazônica faziam a pose para os amigos em casa. Os pais até tiravam fotos de bebês fazendo o raio no berço. Sério mesmo, foi maravilhoso de ver.

O mais estranho era que essas cenas de exibicionismo me ajudavam a relaxar. Também me ajudavam a cortar o bate-papo sobre a corrida por algum tempo, e brincar assim na linha de largada me impedia de pensar demais sobre o que poderia ou não acontecer quando estivesse tensionando as pernas nos blocos antes da largada. Isso é o que os outros atletas faziam. Meu estilo descontraído significava que poderia fazer a corrida perfeita.

Os fãs também ajudavam. Sempre que entrava no Ninho do Pássaro e acenava e brincava, inspirava o barulho da multidão e o usava para me fortalecer. Ele me inspirava. A explosão ruidosa me dava arrepios todas as vezes, porque significava que a Hora da Verdade estava se aproximando. E quanto mais alto a multidão rugia, melhor para mim.

Naquele momento, me sentia sensacional.

Naquela situação, não conseguia parar de sorrir.

Naquele momento de confiança, quando sabia que estava cem por cento em forma, não havia nenhum sentido qualquer outro atleta sequer tentar me alcançar, porque ninguém mais ia vencer. Já tinha acabado.

Essa atitude energizava todo mundo. Minha confiança contagiava o resto da equipe jamaicana e, quando chegou a hora da final do revezamento 4 × 100 metros rasos, eu e os outros caras – Asafa, Nesta Carter e Michael Frater – não estávamos só pensando em ganhar a medalha de ouro. Estávamos todos querendo quebrar o recorde mundial em grande estilo. Nenhuma equipe de revezamento fora tão comentada antes de qualquer final olímpica quanto a nossa.

O engraçado era que nunca fazíamos nenhuma preparação para as nossas corridas de revezamento. Ninguém na Jamaica jamais praticou trocas de bastão e, como nós quatro éramos muito rápidos (eu, Asafa e Michael tínhamos estado na final dos 100 metros), considerávamos a corrida ganha. Nossa atitude era muito despreocupada: "Bem, sempre nos saímos bem, não importa que as trocas sejam confusas, por isso não vamos nos preocupar".

Pensando melhor, provavelmente praticamos a passagem do bastão umas três vezes naquele ano, e uma delas acontecera na vila olímpica.

Talvez devêssemos ter planejado um pouco mais, porque pode acontecer todo tipo de coisa durante uma troca de bastão. Os atletas podem tropeçar, a passagem pode dar errado, e as pessoas podem entrar em pânico – e, acreditem, a pior coisa que pode acontecer em uma corrida de revezamento é alguém entrar em pânico. Mas as garotas da Jamaica tinham um problema semelhante e, enquanto nos aquecíamos antes da corrida, paramos para assistir à final feminina. O quarteto de Shelly-Ann Fraser, Sherone Simpson, Kerron Stewart e Veronica Campbell-Brown disparou em volta da pista, mas, na troca entre Sherone e Kerron, o bastão caiu.

Não pude acreditar. Todo mundo se apavorou. As garotas eram as quatro mulheres mais rápidas do planeta e poderiam ter ganhado a medalha de ouro brincando. Vê-las vacilar foi um momento estressante para todos nós.

– Ok, reunião de equipe! – gritou Michael, batendo palmas para nos reunir. – Vamos treinar com o bastão na pista, certo?

Todos assentiram. De repente, as conversas sobre os recordes mundiais tinham parado. A falha das garotas nos fez nos concentrar bastante e, quando a arma disparou, Nesta voou para fora dos

blocos. Michael era o próximo, e eu corria na curva, mas, quando o vi caindo em cima de mim, me apavorei. Não tinha certeza se seria capaz de tirar o bastão da mão dele corretamente, não tinha certeza de quando deveria começar a correr. Era a minha primeira vez correndo na curva no revezamento, e Michael vinha para cima de mim como uma bala na reta de trás. Tive dúvidas.

"Ok, Usain, apenas relaxe", pensei. "Confie em si mesmo, mantenha o braço estendido. Mesmo que ele chegue rápido, tenha fé de que ele vai entregar o bastão…"

*Bangue!* A mudança foi tranquila, e disparei na curva, partindo para cima de Asafa como um raio. Gritei: "Pegue!" e o alcancei enquanto ele ainda estava em sua fase de impulso. A mão de Asafa agarrou o aço, mas então ele tropeçou. Tive de me afastar rapidamente para abrir espaço para ele dar impulso para a frente.

– Corra, Asafa! – gritei. – Corra!

Acompanhei-o por todo o caminho até a chegada, verificando o relógio a cada passo. O recorde mundial era de 37,40 segundos. Pertencia à equipe americana com Michael Marsh, Leroy Burrell, Dennis Mitchell e Carl Lewis, em 1992. Mas Asafa os derrubou, arrebentando pela linha em 37,10 segundos.

Três corridas, três medalhas de ouro, três recordes mundiais. Como tinha previsto na minha mensagem de vídeo no voo, estava voltando para casa como um herói e também com um pouco de bagagem adicional.

CAPÍTULO 11

# A ECONOMIA DA VITÓRIA

Havia uma desvantagem. Como um triplo campeão olímpico, eu era o alvo número um de cada velocista no atletismo. As Olimpíadas eram o maior evento esportivo do planeta, e eu tinha saído em todas as manchetes, portanto o treinador achou que a minha condição líder da matilha inspiraria todo mundo a se esforçar mais – muito mais. Asafa, Tyson, algum garoto na Europa envergando os pinos da sapatilha pela primeira vez: todo o mundo das corridas queria me derrubar do meu poleiro.

– A culpa é toda sua – disse ele, enquanto relaxávamos na vila olímpica depois do revezamento 4 × 100. – Se não tivesse corrido tão rápido, ninguém estaria pensando em treinar muito mais, mas agora todos eles vão cair em cima de você. Estão sonhando em superá-lo. Você está no topo, e os outros caras não gostam disso.

Pensei nisso como a síndrome do Manchester United. Ninguém gostava de um vencedor, ainda mais se continuasse arrasando os adversários, mas o que eu não sabia era que os fãs dos outros atletas às vezes me atacariam, os jornalistas também, e tive minha primeira amostra de polêmica na coletiva de imprensa no final dos Jogos. A princípio, era o cenário padrão: a sala lotada de repórteres internacionais e cinegrafistas de televisão, todos se revezando para fazer as perguntas usuais sobre os meus desempenhos, as medalhas de ouro e minha experiência olímpica, embora já tivesse respondido a tudo isso um milhão de vezes.

Então ficou interessante. Um repórter americano me perguntou como me sentia em relação à ausência de Tyson. Alguns

especialistas achavam que as corridas tinham oscilado a meu favor, uma vez que ele tinha ficado de fora por causa de uma lesão.

– É verdade, as pessoas que dizem isso têm toda razão – respondi. – Tyson Gay é um dos melhores atletas na pista, então, sim, não venci o melhor. Mesmo que tenha ganhado medalhas de ouro e quebrado recordes mundiais, vou ter de me pôr à prova de novo, vencendo-o da próxima vez.

A conversa passou para Jacques Rogge, presidente do Comitê Olímpico Internacional. Ele era o sujeito no comando dos Jogos – O Cara Mais Importante. Mas Rogge tinha criticado minhas comemorações na vitória da final de 100 metros, alegando que meu gesto de braços abertos poderia ser interpretado como um golpe desrespeitoso nos outros atletas.

– Seria bom não ter uma repetição do gesto "Venha me pegar" – ele disse à imprensa.

Expliquei aos jornalistas que, quando Rogge fez sua crítica, fiquei chocado, porque nunca quis desrespeitar ninguém. Meu pai tinha me criado muito bem nesse sentido e teria dito alguma coisa se eu tivesse agido de maneira rude, ainda mais na frente de milhões e milhões de pessoas. Mas admiti que fiquei preocupado por um momento. Pensei, "Merda, será que fui longe demais?". Conhecia todos os caras do Caribe na corrida, então perguntei se algum deles estava chateado com a brincadeira.

– Não, cara – eles disseram. – Se um de nós tivesse vencido, teríamos feito a mesma coisa.

Em seguida, um jornalista me fez uma pergunta importante. Aquela que praticamente todo atleta campeão enfrenta em algum momento da carreira.

– Então, Usain, você acabou de aparecer no cenário – disse ele, microfone na mão, a sala inteira observando, cadernos e gravadores a postos. – O que devemos pensar sobre você correr tão rápido… assim, do nada?

Ele estava insinuando que algo suspeito poderia estar acontecendo: *doping* por uso de drogas que melhorassem o desempenho ou esteroides. Isso em si já era uma acusação séria, mas foram suas primeiras palavras que me deixaram louco, porque o

homem tinha os fatos todos errados. É claro, você pode me fazer algumas perguntas importantes e legítimas sobre fraude e abuso de substâncias, mas basear uma acusação na informação de que eu tinha acabado de aparecer no cenário do atletismo? Isso me deixou um pouco irritado.

– Espere um pouco – disse eu. – Eu *acabei* de começar a correr rápido? Há quanto tempo você trabalha na área?

Todos na sala explodiram em gargalhadas.

– Er, cinco anos – disse ele, parecendo envergonhado.

– Estou correndo rápido desde que tinha 15 anos, o que significa sete anos de trajetória de sucesso no atletismo – disse eu. – Ganhei o Mundial Júnior e detenho o recorde mundial júnior nos 200 metros. Ganhei medalhas nos Jogos do Carifta e o prêmio Rising Star do IAAF. Vamos lá, faça a lição de casa antes de aparecer com perguntas idiotas. Você nunca me acompanhou em todos esses anos? Mesmo que não tenha me acompanhado, vá fazer uma pesquisa. Digite "Usain Bolt" no seu laptop e veja o que aparece.

Eu não estava tentando humilhar nem perturbar, cara, mas aquela pergunta tinha passado do limite, porque ele tinha me atacado pessoalmente, sem entender minha carreira. Eu não tinha *saído do nada,* estava em cena havia muito tempo, por isso meu sucesso não era totalmente inesperado, nem um momento de aberração na história esportiva, ainda mais nos 200 metros. Se havia alguma dúvida sobre minha integridade, ele deveria ter me feito a pergunta diretamente: *Você usa drogas?* Ficava contente quando faziam essas perguntas. Estava limpo, sempre estive e sempre estarei.

Sempre há dúvidas envolvendo os atletas quando eles têm um desempenho fantástico no palco mundial. Eu entendia isso. As pessoas desconfiavam porque alguns astros tinham enganado o sistema no passado. Alguns atletas tinham tomado esteroides para ficar fisicamente mais fortes, outros tinham usado substâncias que melhoram o desempenho para ter uma vantagem na linha de largada. Diversos atletas com medalha de ouro chegaram ao fim da carreira e admitiram ter tomado medicamentos, enquanto outros tinham sido pegos pelas autoridades durante campeonatos

importantes, como o corredor de 100 metros Ben Johnson em Seul em 1988. Suas ações decepcionaram o público, a confiança tinha acabado entre alguns fãs.

Então, entendi por que os jornalistas poderiam ficar desconfiados de todos os sucessos esportivos, ainda mais no caso de um sucesso tão incrível quanto o meu, mas eu não tinha nada a esconder. Era honesto. Meus pais me criaram para ser competitivo e para ganhar, mas não à custa da minha integridade. Eu chegava a odiar a ideia de ganhar uma corrida se soubesse que tinha tido um desempenho inferior, como em Estocolmo, quando deixara Asafa levar o primeiro lugar na linha. O engodo não era uma opção. Além disso, o *doping* era para quem não tinha a capacidade física para competir, e eu não tinha esse problema.

Para ficar longe de problemas com os exames de *doping*, tinha o maior cuidado com tudo o que bebia ou comia. Cheguei ao ponto de nem tocar em cafeína, porque sabia que tinha causado problemas aos atletas no passado. Antes de Pequim, havia uma história de um corredor americano que tinha bebido três latas de um energético antes de um teste de drogas. Depois disso, sua amostra tinha "brilhado" nos exames, e ele foi vetado. Uau, aquilo me deu um susto. Sempre que ia às boates, misturava minha bebida com energéticos, mas depois dessa história, passei a substituí-los por suco de *cranberry*.

Eu tinha tanta preocupação com isso que, quando adoecia, não tomava nenhum remédio. Se tivesse uma tosse, contava com a ajuda da vitamina C, em vez de medicamentos de venda livre nas farmácias. Talvez tomasse um analgésico se a coisa estivesse realmente grave, mas xaropes para tosse estavam fora de cogitação, porque eram tão cheios de produtos químicos que havia risco de ter problemas sérios se inocentemente colocasse aquilo no meu organismo. Se tivesse uma gripe, precisava vencê-la. Era um mundo cruel para qualquer atleta com gripe.

Mas e daí? Sabia que as consequências a longo prazo na minha carreira estavam muito acima da dor de qualquer gripe, que durava apenas alguns dias. Arriscar minha vida no atletismo com um xarope para tosse era burrice, porque estava sempre sendo testado.

Nas competições eu era testado. Se havia um escândalo de drogas no esporte, eu era testado[18]. Sempre que ia para a Alemanha para me consultar com o dr. Müller-Wohlfahrt, muitas vezes chegavam os caras do *doping* com seu uniforme e suas pranchetas, e eu era testado. Durante uma viagem, fui testado três vezes por três autoridades diferentes. Foi um exame pela WADA (Agência Mundial Antidoping), um pela IAAF e outro por uma agência alemã. Na terceira visita, eu já estava bravo.

– *Sério?* – disse. – Vocês não conversam entre si?

Seja como for, prefiro fazer exames demais do que de menos. Era costume o pessoal do atletismo reclamar sobre o sistema *antidoping* jamaicano, em especial os americanos. Eles reclamavam e faziam muito barulho sobre o fato de não sermos examinados o suficiente, em especial fora das competições. Aqueles eram os exames que aconteciam entre as temporadas, durante os treinos de fundo. Os caras dos Estados Unidos imaginaram que os atletas jamaicanos estavam aproveitando essa janela para se drogar. A teoria era de que os caras do atletismo "usavam", assim podiam ficar em melhor forma e mais fortes na preparação para as competições importantes.

Então diziam que o nosso sistema de exames era irregular, um pouco como o relógio no Estádio Nacional de Kingston, porque os exames fora de competição desse tipo eram organizados pela JADCO (Comissão Antidoping Jamaicana) em vez de pela WADA ou pelo IAAF. Uma porção de organizações atletismo rivais achava que os exames eram espaçados demais, mas, depois dos meus primeiros anos competindo como profissional, a JADCO aprimorou sua atuação, e os exames se tornaram mais regulares. Eu precisava ir até as autoridades o tempo todo e, de certo modo, ficava feliz com isso, porque os falatórios diminuíram. Isso também significou que o nosso esporte estava muito mais limpo. Quanto mais exames houvesse, menos as pessoas se sentiriam tentadas a trapacear. Quanto menos trapaças houvesse, mais todo mundo confiaria nos atletas.

Mas, cara, fazer todos aqueles exames era uma chatice. Segundo os regulamentos, eu precisava informar às autoridades onde estava e quando, todos os dias. Meus movimentos eram anotados no que

chamavam de uma folha de “paradeiro”. Não poderia nem desaparecer para umas férias sem contar aos sujeitos no comando, porque em dias aleatórios, sem aviso, eles poderiam aparecer em casa ou no hotel, se estivesse em Kingston, Londres ou na Alemanha, em busca de uma amostra de urina – e, se eu não estivesse lá, ficaria em sérios apuros. O objetivo era detectar se um atleta usava esteroides ou agentes que melhorassem o desempenho. Meu xixi era, então, levado para exame, e os resultados, enviados às autoridades.

Essas visitas aconteciam sempre no início do dia, porque com isso os testadores tinham uma janela registrada, na qual poderiam me encontrar entre seis e sete horas da manhã de qualquer data, não importava se fosse conveniente para mim ou não. Então, toda noite precisava lembrar de não levantar para ir ao banheiro, para o caso de chegarem ao amanhecer. Se cometesse o erro de esvaziar a bexiga, muitas vezes isso me fazia demorar séculos para sentir vontade de novo quando os homens do controle de *doping* chegassem. Era sempre um incômodo, porque eles ficariam lá sentados a manhã toda esperando minha vontade surgir e me observando constantemente, porque havia o risco de que um atleta trapaceiro trocasse sua urina por uma amostra “limpa” por trás de portas fechadas. Quando finalmente a vontade chegasse, eles me acompanhavam até o banheiro e ficavam olhando para a minha virilha. No começo, não gostava disso, um cara olhando o meu pau, me observando enquanto urinava em uma garrafa. Isso me aborrecia de verdade.

– Está procurando alguma coisa? – reclamei da primeira vez. – Não precisa olhar diretamente para ele!

No entanto, eles olhavam, e geralmente ficavam envergonhados com o processo, então só olhavam um pouco. Mas havia outros examinadores que realmente gostavam de olhar. Houve uma manhã em que um funcionário me disse que precisava abaixar meu *shorts* para provar que não estava escondendo alguma coisa, e então quis que eu tirasse a camisa.

– Sério, cara? – eu ri. – Mas assim você já consegue ver tudo o que está rolando!

Fosse como fosse, regras eram regras. Preferia passar pelos exames e ser capaz de competir do que deixar de fazer um e nunca mais voltar a correr. Isso teria sido mais constrangedor do que qualquer exame de drogas no mundo. Meu trabalho era manter o plano tático, correr o mais rápido que conseguisse e disponibilizar tantas amostras quanto as autoridades quisessem. E passava em todos os exames; eu sabia que estava limpo.

* * *

Diziam que eu era uma lenda, mas eu sabia que não era verdade. Não na época, ainda não. Para alcançar uma posição desse tipo, teria de ganhar outras três medalhas olímpicas em Londres em 2012, mas o povo da Jamaica não pensava assim. Estavam todos muito empolgados com meu sucesso em Pequim e, por mais advertências que meu pai me fizesse, ou clipes que eu visse no YouTube mostrando as pessoas enlouquecidas nas ruas, nada poderia me preparar para a histeria no momento em que voltei ao país.

Quando o avião aterrissou no aeroporto Norman Manley, de Kingston, olhei pela janela e demorei alguns segundos para me acostumar com o que via. Havia milhares de pessoas aglomeradas à minha espera. Não dava para ver a pista de tão cheia de gente. Os fãs levavam bandeiras e faixas, e eu os via acenando e pulando sem parar. Até mesmo o primeiro-ministro estava lá, esperando para apertar minha mão. Tinha ouvido falar que era ilegal as pessoas invadirem a pista de um terminal internacional, mas regras desse tipo não tinham muita influência na Jamaica. Parecia que meu retorno era maior do que qualquer lei aeroportuária.

Foi então que aconteceu uma reviravolta do destino, embora eu só tenha percebido sua importância quando pensei sobre isso muito mais tarde: começou a chover. Enquanto abria caminho na pista até um carro à minha espera para me levar a New Kingston, o distrito comercial da cidade, as pessoas me abraçavam e me beijavam, estendendo a mão para tocar minha pele e segurar minhas roupas.

Mas quando as nuvens jorraram, parte da multidão correu para se abrigar. Havia planos de que eu viajasse para Kingston em um carro conversível com o teto abaixado, mas o tempo impediu essa ideia.

Graças a Deus. Quando o nosso carro saiu da rodovia Norman Manley e entrou na Harbour View, tive meu primeiro vislumbre da vida que me esperava, durante os próximos meses, pelo menos. Milhares e milhares de pessoas tinham se aglomerado para me ver e, quando o carro pegou o caminho para a cidade, elas nos cercaram. O povo jamaicano pode ser um pouco agressivo às vezes. Se eles querem ver alguém, ou tirar uma foto, dão um jeito de fazer isso e que se danem as boas maneiras. Mãos entravam pela janela para me tocar, pessoas gritavam meu nome. Fui arranhado, o carro ficou bem amassado. Aquilo me lembrou o filme *Guerra dos mundos*. Há uma cena em que Tom Cruise dirige o único carro que ainda funcionava para sair de Nova Jersey e, enquanto ele acelera através de uma multidão de gente louca, todo mundo quer pegá-lo. Eu me senti assim: estava encurralado, os fãs cercando o carro, e era assustador. Se o teto estivesse abaixado, provavelmente eu teria sido agredido.

Uma entrevista coletiva tinha sido marcada no Hotel Pegasus, no centro de Kingston, mas, quando vi o prédio, me apavorei. Nunca tinha visto tanta gente em um só lugar. O saguão estava abarrotado, o estacionamento, completamente cheio, a rua toda estava tomada. Os fãs ficaram na frente do carro e se recusaram a sair até a polícia aparecer para afastá-los. Era a primeira vez na vida que eu via o povo jamaicano expressar assim seu amor. A carreata depois da minha medalha de ouro no Campeonato Mundial Júnior em 2002 tinha sido bem expressiva, mas até ela parecia minúscula em comparação com a minha volta dos Jogos Olímpicos. O único pensamento que passou pela minha mente foi: “Ei, o que diabos está acontecendo aqui?!”

Acho que pareceu ainda mais impressionante porque eu sabia como os fãs de esportes agiam na Jamaica. Eram tranquilos e era preciso algo grande para impressioná-los. A empolgação era um sinal de que eles realmente valorizavam o que tinha acontecido em Pequim. Mas eu não ia me deixar iludir. Assim que consegui escapar de toda aquela loucura e ter um momento de calma, procurei

entender bem o que estava acontecendo comigo e com a minha carreira no atletismo.

– Não se iluda com tudo isso – disse para mim mesmo. – Lembre que assim são os jamaicanos. Você sabe que o que fez por eles foi bom e, se for bem de novo, vão lhe dar mais carinho. Mas não se engane com isso. Lembre-se das vaias em Kingston da última vez. Se fracassar de novo, vão cortar sua garganta.

Também percebi que minha vida no país tinha mudado para sempre. Nessa época, alugava meu próprio apartamento em Kingston, longe das censuras do sr. Peart, mas ele ficava em uma rua movimentada, e todos na cidade sabiam onde eu morava. Aparentemente, os fãs já tinham se aglomerado na porta da frente.

– Ah, acho que você não vai poder voltar para casa por um bom tempo – disse o sr. Peart. – Vamos providenciar para você ficar no Pegasus até o alvoroço diminuir.

Não demorou muito para que essa medida se tornasse problemática. Depois de algumas semanas, os fãs invadiram o saguão, esperando para me ver, nem que fosse só de passagem. Eram o fim das noites em que saía para comer um sanduíche com meu irmão, e até ir para as festas se tornou um estresse, porque as pessoas corriam para cima de mim em todos os lugares aonde eu ia. A primeira vez que fui ao Quad, um DJ agarrou o microfone e gritou: "Usain Bolt está aqui!" Todo mundo se virou e correu na minha direção e precisei me esconder atrás dos meus amigos, porque todo mundo ali queria uma foto. As pessoas apontavam o celular para mim a noite toda, e me senti encurralado – mas, como disse o treinador, a culpa era toda minha por correr tão rápido.

Ainda assim, havia um lado bom em toda aquela atenção desvairada. As mulheres se jogavam em cima de mim. Acho que não era uma coisa inteiramente nova; eu conseguia garotas antes, em especial depois de me destacar no meio dos atletas profissionais, mas depois de Pequim foi diferente. Eu podia ter a mulher que quisesse e, depois que a histeria inicial sossegou, bastava ir a uma festa e escolher. Ia a uma boate e pensava, "Hum, certo, qual? Você…? Você…? Ah, você! *Vamos lá!"*. Para um jovem como eu, era

um sonho se realizando. Imagine só: 22 anos de idade e na minha melhor forma, era como uma criança em uma loja de doces.

Tenho certeza de que não era diferente de qualquer outra pessoa famosa quando chega ao auge. As garotas ficavam empolgadas e pensavam: "Ah, quero esse cara!" Eu era o novo gostosão do pedaço, mas tinha uma namorada na época. Logo que me mudara para Kingston, começara a namorar uma garota chamada Mizicann Evans. Ela era dois anos mais nova do que eu, uma aluna da University College of the Caribbean (UCC), e nos conhecemos em uma praça de alimentação em Kingston onde eu costumava aparecer às vezes. No começo, ficamos amigos – Mizzi era divertida e estava sempre com um grande sorriso no rosto –, mas não demorou muito para começarmos a levar o relacionamento mais a sério. Na época de Pequim estávamos namorando havia cinco anos.

A coisa boa sobre nós era que entendíamos um ao outro, ainda mais no que dizia respeito à fama e à atenção que muitas vezes se concentrava em mim, além de tudo o que passamos juntos. Ela era tranquila com relação às outras garotas que ficavam à minha volta, o que Mizzi considerava como parte do pacote de me namorar, mas tínhamos uma regra: eu poderia fazer o que fosse com outra pessoa, contanto que Mizzi não soubesse, aí tudo bem para ela. Mas se ela descobrisse algo entre mim e outra garota, então essa pessoa precisava sumir, mesmo que fosse apenas fofoca.

Eu até conseguia lidar com toda aquela atenção, não era um estresse, mas descobri que alguns encontros com celebridades poderiam ser meio bizarros. Uma vez fui a uma boate em Londres, e o ex-atacante do Chelsea, Didier Drogba, veio conversar. Não acreditei que ele soubesse quem eu era porque, sempre que assistia aos jogos da Liga dos Campeões em casa, vibrava com a sua habilidade como centroavante. Teria ficado feliz com um olá e um aperto de mão, mas depois ele me disse quanto tinha gostado de assistir às minhas corridas nos Jogos Olímpicos, e aquilo me deixou louco.

"O que ele está falando?", pensei. "*Assistir às minhas corridas?* Esses caras da Liga dos Campeões são meus ídolos. Uau, isso é bem incrível, caramba…"

Mas acho que o mais estranho foi quando conheci Heidi Klum e Sandra Bullock certa noite em Los Angeles. Estava em Hollywood em um evento promocional e depois fui a um restaurante em Beverly Hills. Essas duas garotas, que estão entre as mais belas do cinema, estavam sentadas em outra mesa. Quando estávamos saindo, o gerente do restaurante me pediu uma foto. Foi quando Sandra e Heidi olharam. As duas estavam muito bem-vestidas e muito bonitas.

– Ah, os rapazes estão se divertindo? – disse Heidi.

Eu nunca tinha encontrado nenhuma delas antes, mas o poder da minha recém-descoberta celebridade atraía a atenção para mim. Assim como Drogba em Londres, elas tinham me reconhecido.

– Sim, querem vir com a gente? – eu disse, rindo.

– É claro. Se não for um problema…

*Se não for um problema?*

Cara, que noite! Fomos todos a uma boate e relaxamos, saímos pela cidade e nos divertimos, conversamos, dançamos e bebemos champanhe – mas nada mais aconteceu, apesar do que alguns sites de fofocas possam ter dito na manhã seguinte. Ainda assim, bem que eu tive alguma esperança, apesar de tudo. Qual é, eram Heidi Klum e Sandra Bullock. Que cara não teria?

* * *

O treinador precisava me manter motivado. Ele me disse que, como o atleta número um do mundo, precisava me exercitar ainda mais, se quisesse permanecer no topo. Tive mais algumas semanas de folga antes de retomar os exercícios de fundo, para poder colocar a cabeça em ordem e me acostumar com as mudanças radicais na minha vida, mas, depois disso, o programa pesado recomeçou em um nível ainda mais intenso do que o normal.

– O trabalho duro começa agora, Usain – disse ele, quando retomamos as voltas de treinamento, as dores musculares e os vômitos. Comecei a rir.

– Sério, treinador? Só começa agora? O que tanto fizemos nos últimos quatro anos?

Mas o treinador tinha um plano bem definido de como eu precisava treinar se quisesse permanecer no topo.

– Se quiser manter essa vida de superastro, vai ter de correr ainda mais rápido do que antes… mais rápido do que nunca – disse ele. – É ótimo ser o número um, todos no planeta querem você, sr. Superastro. Mas se Tyson o vencer, ou se Asafa o vencer, não vai ser nada bom. Seu dinheiro vai diminuir, porque os patrocinadores não vão querer pagar um dinheirão por um cara em segundo lugar…

Isso me fez pensar. O fluxo de caixa era algo que havia mudado quase da noite para o dia. Os tempos de correr por cheques modestos de participação tinham ficado para trás, e minhas medalhas de ouro em Pequim tinham me tornado uma máquina de dinheiro. Tinha ultrapassado Tyson e Asafa como um nome para encher os estádios, o que significava que poderia ganhar os maiores cachês do circuito. Mas os números eram enormes, de arregalar os olhos, porque eu dava uma nova emoção à pista sempre que corria. Tinha uma *imagem*.

Os fãs me adoravam porque eu brincava e mexia com eles o tempo todo, e nenhum outro atleta se comportava dessa maneira. Por causa da emoção gerada em Pequim, as pessoas enlouqueciam comigo em todas as minhas corridas, e, quando começou a temporada de 2009, ficou evidente que eu era um grande atrativo para os patrocinadores das corridas. Lotava os estádios sozinho, e, toda vez que meu nome era anunciado em um cartaz de corrida, os ingressos da competição se esgotavam pouco depois.

Dei aos meus pais dinheiro suficiente para nunca mais precisarem se preocupar em trabalhar. Porém, mesmo com o dinheiro no banco, meu pai se recusou a pendurar as chuteiras. Usou o dinheiro que dei para abrir uma pequena loja na comunidade, a fim de ajudar as pessoas que viviam em Coxeath. O homem não queria se aposentar.

Com o dinheiro, porém, aumentou ainda mais a responsabilidade. Precisei aprender algumas grandes lições sobre quem eu era e o que fazia para viver. A verdade era que tinha me

transformado: de um velocista a uma marca mundial. Não era apenas mais um atleta, tinha me tornado um exemplo e um artista, e, embora continuasse me matando na pista da Universidade de West Indies para ser o melhor competidor do momento, também precisava exibir uma personalidade, como a que o mundo tinha visto pela primeira vez em Pequim. As pessoas queriam delirar com os meus tempos nas corridas, mas também queriam ver o espetáculo que eu exibia na pista. Os fãs perguntavam: "O que será que ele vai inventar dessa vez?" Havia uma expectativa toda vez que eu corria.

Isso podia mascarar um ocasional mau desempenho. Não muito tempo depois do início da temporada de 2009, corri em 10 segundos cravados em uma competição em Toronto em dia de tempo ruim, o que foi bem terrível para os meus padrões na época, mas ainda houve euforia nas arquibancadas quando cruzei a linha. Ficou claro que as pessoas não se preocupavam com meus tempos, mas ficavam felizes em me ver brincando, dançando e fazendo a minha pose "Para o Mundo". Isso criou uma nova mentalidade, e cada vez que viajava a um país diferente, entrava em sintonia com o burburinho local, para deixar a multidão vibrando. Corri no Brasil e fiz uns passos de samba na pista. Quando viajei para Roma, peguei a bandeira italiana de um fã e corri ao redor da arena, agitando-a no ar. O lugar inteiro foi à loucura.

Eu me dei conta de que minha carreira não tinha a ver apenas com correr bem. A velocidade era uma parte importante, com certeza, mas a personalidade e o estrelato se tornaram igualmente importantes, como para alguns outros atletas do passado. As grandes personalidades eram um atrativo para muitos fãs. Eu tinha visto de perto que as pessoas na Jamaica amavam Asafa porque ele era um cara legal, mas nos Estados Unidos as pessoas deliravam com Maurice Greene, porque, no auge, ele era convencido. O americano Justin Gatlin, porém, era outra história. Ele tinha fãs, mas as pessoas não o amavam da mesma forma, porque não havia nenhuma história, nenhuma imagem. Ele era apenas um atleta sério. Eu sabia que precisava representar o personagem que as pessoas tinham curtido pela primeira vez em Pequim, porque era isso que atraía a

atenção. Por sua vez, essas multidões atraíam os patrocinadores. Eles diziam:

– Hum, esse cara está fazendo bonito, e as pessoas gostam do estilo dele. Vamos contratá-lo!

Quando começou a temporada de 2009, choveram convites, contratos e ofertas de promoção aos montes, e às vezes era assustador. Ricky administrava as oportunidades internacionais, e o sr. Peart cuidava disso na Jamaica. Logo estávamos fechando negócios com marcas de telefone celular e de bebidas, relógios e empresas esportivas.

Minha obrigação em tudo isso era aparecer e fazer a minha parte, então corri muito e fiz muita palhaçada. Mas sempre havia a noção de que precisava ter um comportamento exemplar, o tempo todo, porque qualquer deslize nas relações públicas seria desastroso. Em uma reunião, Ricky explicou como minha imagem pública tinha mudado. Ele disse que eu precisava pensar nas consequências de minhas ações em todos os momentos, porque poderiam afetar o modo como um patrocinador ia me ver. Uma escorregada poderia prejudicar meu valor de mercado e meu potencial de ganho.

– Não se esqueça – disse ele –, você não é mais apenas o Usain. Você é o Usain Bolt, a marca, o negócio, o tempo todo.

Eu precisava me lembrar disso todos os dias, o que significou dar adeus a certos aspectos da minha vida. Sabia que ser flagrado em uma lanchonete qualquer de Kingston não era uma coisa boa; tampouco ser fotografado com bebidas alcoólicas em uma noitada no Quad. Mas eu tinha limites. A maior parte do tempo eu ficava feliz de ficar em casa e relaxar com os amigos, mas a única coisa que não podia passar sem era uma festa de vez em quando.

Sabia que o técnico ficaria furioso ao receber a notícia, e talvez Ricky também, mas eu tinha a compreensão do que era necessário fazer se quisesse ser eficaz como atleta. Tinha aprendido a entender meu corpo na pista, e depois de Pequim, entendia minha mente também. Sair às vezes, dançar e relaxar com os amigos era uma válvula de escape das pressões da minha vida, do fato de ser sempre o centro das atenções. Isso me ajudava a agir corretamente na pista, e ninguém, ninguém mesmo, iria me dizer o contrário.

Acontece que tinha visto muitas pessoas no atletismo e em outros esportes estragarem sua carreira só porque permitiam que as pessoas lhes dissessem o que fazer e o que não fazer, quase desde o momento em que sua vida tinha se tornado bem-sucedida, se não antes. Perdiam toda a alegria de viver. Para compensar, sentiam necessidade de usar drogas, se embebedar todas as noites ou enlouquecer. Alguns ficavam muito perturbados quando a carreira terminava e acabavam machucando outras pessoas. Um ou dois astros do esporte morreram por causa de seus vícios. Percebi que, para manter minha sanidade, precisava me divertir e, a meu ver, desde que fosse correto e não machucasse ninguém, estaria bem.

Para mim, não havia sentido em levar uma existência rígida. Acho que, nesse aspecto, era como a maioria dos outros caras. Queria me divertir e sabia o que aconteceria se meu estilo de vida fosse contido de alguma forma. Um dia li numa revista sobre vários jogadores de 21, 22 anos de idade da Premiership que estavam se casando com a namorada. Pensei: "Você acabou de ficar rico, acabou de ficar superfamoso e *acabou de se casar*? Como assim? É agora que a diversão deveria começar!" Então li num jornal sobre vários outros jogadores da Premiership que estavam traindo as esposas com quem tinham se casado aos 21, 22. Parecia loucura.

Para me divertir, comprei uma moto – e todo mundo ficou louco. Diziam para não andar com ela. Insistiam que era muito perigoso, como se eu não soubesse, mas pilotar aquela moto era uma escolha minha.

– Ei, vocês não podem me dizer para não andar de moto – eu dizia. – Sei que é perigoso, mas quero pilotar, porque me traz alegria. Quando estou na minha moto, meus problemas desaparecem, não me preocupo com nada, estou me divertindo.

O treinador enxergava aquilo de outra maneira. Por ele, eu treinava de manhã, à tarde e à noite, seis dias por semana. Quando não estivesse treinando, ele preferiria que eu ficasse em casa, jogando videogame. Ele me disse para não andar de moto, não jogar futebol nem basquete. Uma vez, chegou até a me dizer para evitar o sexo.

– Não me preocupo com você quando está fora de forma, Usain – disse ele. – É quando você está forte que fico estressado, porque a sua testosterona vai lá no teto… fura o telhado. Você tem o potencial para arranjar problemas.

Se tivesse seguido o conselho do treinador, porém, teria enlouquecido. Provavelmente, ficaria entediado só de me olhar no espelho. Meu plano era claro. Para correr rápido e ganhar muito, sabia que de vez em quando precisava viver rápido. Era a única maneira de manter a concentração.

18 Toda vez que há um escândalo envolvendo drogas, eles me testam. Quando ocorreu tudo aquilo com Lance Armstrong em 2012, lembro-me de pensar: “Legal, não vai demorar para aparecerem na minha casa”. E não deu outra, uma semana depois estavam lá. Eles apareceram duas vezes. Mas acho que vai ser sempre assim.

CAPÍTULO 12

# A MENSAGEM

Mas, às vezes, eu vivia rápido demais.

*O acidente de carro.*

As consequências daquela colisão que mudou a minha vida na rodovia 2000 em 2009 sempre me fazem pensar. A estrada, a chuva e minha pressa em chegar em casa para assistir a uma partida do Manchester United na televisão[19]; o caminhão se aproximando; meu carro capotando várias vezes antes de cair na vala; a garota gritando no banco do passageiro. Como diabos sobrevivi?

Pensando nisso, não foi essa a pergunta que me ocorreu nos segundos imediatamente depois da colisão. Naquele momento, meu corpo vibrava com o choque, e escancarei a porta com força, me arrastando para fora para ver o estado do carro. Não parecia nada bom. Fragmentos do para-choques e do pisca-alerta estavam espalhados por toda a grama e pela estrada. O capô estava amassado como uma lata de refrigerante, e o para-brisa, quebrado. Nenhum trabalho de funilaria poderia recuperá-lo. Mas essa era a menor das minhas preocupações.

*Ei, e as moças no carro?! Onde estavam?*

Achava que as duas tinham se arrastado para fora pela porta lateral atrás de mim, mas, quando olhei para os lados, elas não estavam lá. Abaixei para ver o interior do veículo. O chão estava coberto de espinhos compridos e afiados que rasgaram meus pés descalços e penetravam na minha pele como pequenas seringas, mas não senti nada no início. A adrenalina tinha cuidado disso, porque eu estava totalmente em pânico e precisava ter certeza de que as garotas estavam bem.

*Por favor, estejam bem; por favor, estejam bem.*

Notei um movimento. A garota que estava no banco traseiro apareceu com um gemido – estava com alguns cortes e parecia sentir dor. Enquanto a puxava delicadamente dos escombros, procurei sua amiga, e meu estômago quase deu um sobressalto quando vi seu corpo mole, de cabeça para baixo e torcida em um ângulo estranho. O impacto a atingira em cheio. Ela não estava se mexendo, e o pensamento de que poderia estar morta passou pela minha mente.

*Ai, meu Deus, por favor, não a deixe ir.*

Corri para o outro lado do carro para tirá-la dos destroços, mas, quando puxei a maçaneta, a porta não cedia, por mais força que fizesse. Ela estava presa. Comecei a enlouquecer – não tinha certeza se o motor ia explodir.

– Ei, fique calmo – disse, respirando fundo. – Fique calmo agora.

Estendi o braço pela janela e soltei o cinto de segurança, apoiando cuidadosamente seu pescoço e suas costas enquanto deslizava seu corpo inerte para fora. Outro par de mãos passou por mim e agarrou os braços dela. Um cara, outro motorista que tinha visto o acidente, havia parado e ajudava a puxá-la.

Fiquei mal. Ela ainda estava inconsciente quando a arrastei pela janela, deitando-a de costas na grama. Cronometrei a suave subida e descida de seu peito e, por um breve segundo, ela abriu os olhos antes que se revirassem nas órbitas. Aquilo não parecia bom, mas pelo menos ela ainda respirava. Fiz uma oração silenciosa.

– Por favor, não deixe essa garota morrer comigo agora.

Todos estávamos estressados, ligeiramente perturbados. Ofereceram-nos uma carona até o hospital, mas as estradas estavam congestionadas. A rodovia estava lotada porque as pessoas raramente caminhavam quando chovia na Jamaica. Em vez disso, pegavam o carro. A unidade de emergência mais próxima do local do acidente ficava no bairro de Spanish Town, e, enquanto o carro em que estávamos se arrastava debaixo da chuva, eu lançava olhares nervosos para o banco de trás. Minha amiga continuava inconsciente, e me senti culpado, temendo por ela.

Aquilo era ruim, e eu sabia.

* * *

Juro que nenhum de meus acidentes de carro anteriores aconteceram por culpa minha, e tinham sido dois. O primeiro foi quando me mudei para Kingston, em 2003, na época em que dirigia um Honda. Estava com 17 anos e tinha acabado de tirar a habilitação, então, como a maioria dos garotos, dirigia para todos os lugares. E quero dizer *todos os lugares* mesmo: até para o restaurante Fridays' para encontrar uma garota, que era o que eu iria fazer naquela noite do acidente. Eu parei no semáforo num cruzamento. Poderia ter seguido o fluxo, atravessando o cruzamento antes que o sinal ficasse vermelho, mas decidi relaxar.

"Simplesmente desacelere, Bolt", pensei. "Calma. Tente ser respeitoso."

Esperei. As luzes ficaram verdes, um cara piscou a luz para eu seguir e, quando avancei, outro veículo veio do nada e bateu na minha lateral com toda a força. *Pá!* A frente do carro ficou uma zona, tudo estava destroçado, e fiquei tão abalado com o impacto que não conseguia pensar direito. Em pânico, meu primeiro instinto foi passar por cima da alavanca do câmbio e me esgueirar para fora da janela do banco do passageiro, do lado esmagado. Então rolei sobre o capô do carro do outro motorista como uma pessoa louca. Ainda não sei por que fiz isso, poderia ter aberto a porta do lado do motorista e saído normalmente. Mas era o tanto que estava abalado.

O segundo acidente, porém, foi ainda mais absurdo. Aconteceu em 1º de janeiro de 2006. Eu tinha acabado de concluir 12 meses no plano de três anos do treinador e começado o primeiro dia do ano com um pensamento positivo.

– Quer saber de uma coisa? – disse. – É Ano-Novo, vamos começar com força! Vou para a academia agora, para começar o ano direito…

Eu me exercitei por uma hora, mas, quando saí do estacionamento do Spartan para ir para casa, o treinador ia saindo também, logo atrás de mim. Dava para vê-lo pelo espelho retrovisor. Mas na hora vi que devia relaxar. Quando chegasse à pista mais

tarde naquele dia, não queria ouvir mais um dos seus sermões sobre como dirigir com cuidado. Em vez disso, fui para casa, sem pressa, dirigindo com cuidado.

No entanto, foi a mesma história de antes. Cheguei ao semáforo e parei, mas dessa vez um cara saiu de uma estrada secundária. Enfiei o pé no acelerador para desviar, mas quando fiz isso ele mudou de pista na minha frente, sem sinalizar, e virou para a direita na frente do meu carro. Não havia como desviar dele, porque senão teria ficado no caminho do tráfego em sentido contrário e *Pá!* – ele bateu direto do meu lado, e seu carro antigo de 1950, que parecia ser feito de aço superforte, rachou meu capô. Enquanto eu cantava os pneus para parar, tudo ficou confuso, e meu carro, em pedaços. Pior ainda foi o fato de que não havia nenhum arranhão no carro antigo do outro cara. Aquilo me tirou do sério e perdi oficialmente a cabeça.

Quando o outro veículo parou, soltei o cinto de segurança e saí do outro lado da rua, pronto para brigar, mas quando o motorista saiu, fiquei totalmente sem jeito. Ele tinha uns 70 anos e usava aqueles óculos grossos, quadrados, de armação pesada, que as pessoas de idade na Jamaica usam quando não conseguem enxergar mais nada. Tive de me afastar.

"Ai, meu Deus", eu gemia. "Não posso bater nesse velho, posso?"

Então, sentei na calçada e fiquei olhando para o meu boné amassado, xingando enquanto o treinador tentava conversar com o homem. *Ele estava pondo a culpa em mim!* Pela primeira vez, fiquei grato que o treinador estivesse atrás de mim, fiquei feliz com a ajuda.

Dessa vez, na rodovia 2000, era diferente – a situação era muito, muito pior. Sinceramente, era um milagre estarmos vivos. Minha amiga ainda estava fria e realmente eu não sabia se ela ia sobreviver. Mas, quando finalmente conseguimos sair do congestionamento e chegar ao hospital, algumas enfermeiras correram em nossa direção.

– Usain, você está bem? – disse uma delas.

Assenti.

– Sim, estou bem.

Ela me avaliou. – Mas seu pé está sangrando.

Olhei para o chão: havia pegadas vermelhas na sala de espera. Os espinhos da vala tinham aberto feridas nas minhas solas, mas meus cortes não eram nada em comparação com a garota inconsciente sendo levada na maca ao meu lado.

– *Mulher*, ela está gelada! – eu disse, apontando para o seu corpo mole. – Esqueça de mim, cuide dela!

Os médicos se aglomeraram ao redor dela, uma lanterna foi acesa contra seus olhos, para verificar os sinais vitais. Enquanto esperava para saber como ela estava, uma das enfermeiras me levou para outro quarto, para meus cortes serem tratados, e enfiaram pinças nas minhas feridas sanguinolentas a fim de arrancar os espinhos. Imagine a dor! Minha enfermeira simplesmente tinha as mãos mais desajeitadas de Kingston.

Veio a notícia de que minhas amigas ficariam bem, mas quanto à remoção dos espinhos dos meus cortes profundos, foi uma agonia. As pinças entrando e rasgando só empurravam os espinhos mais fundo no meu pé, e cada toque do aço fazia o sangue jorrar e escorrer pela cama. Ficou tão doloroso que por acaso mencionei como minha mãe tinha cuidado das minhas feridas de espinhos quando era criança, em uma tentativa de orientar a enfermeira, mas ela não quis ouvir.

– Mas, moça – eu disse. – Ela fazia isso o tempo todo…

Era verdade. Quando era pequeno, sofri uma série de ferimentos com espinhos por correr descalço pelo mato em Coxeath. Pensando nisso, eu era muito idiota naquela época. Quebrei um dedo, quebrei unhas, pisei em um espeto de metal que entrou até a metade da minha sola como uma lâmina cirúrgica – tinha tanta coisa presa ao meu pé na época que foi um milagre ter começado a correr.

Uma vez, quando era pequeno, um espinho infeccionou no meu pé, o que foi muito ruim, perigoso mesmo. Minha mãe via que eu estava com dor, então, com toda a delicadeza, com todo o cuidado, como só uma mãe faz, tentou tirar a madeira com um alfinete e uma pinça.

– O que há de errado com você? – perguntou ela, enquanto as lágrimas caíam.

– Não, mãe, dói – eu gemia.

Então meu pai apareceu. Eram 9h30 da noite e ele estava dormindo no quarto ao lado depois de um árduo dia de trabalho nas beneficiadoras de café. Meus lamentos deviam tê-lo acordado, porque entrou no quarto e me mandou levantar o pé machucado. Meu pai então agarrou meu tornozelo e o cutucou à procura do espinho. Não conseguia me livrar do seu punho, ele era muito forte, e o espinho foi logo arrancado da carne enquanto eu gritava de dor. Quando fiquei mais velho, brincava com ele sobre isso o tempo todo.

– Ei, você era mau, cara – disse a ele.

Mas minha enfermeira em Spanish Town foi tão bruta quanto ele. Os espinhos entravam cada vez mais fundo na pele, e havia sangue por toda parte. Nada acontecia. No final, o plano foi deixado de lado, e chamaram um médico experiente para consertar a bagunça. Ele deu uma olhada nas minhas solas laceradas e explicou que precisaria de uma pequena cirurgia para remover os espinhos antes que pudessem infeccionar. Seria doloroso, ele disse, mas tinha duas opções em se tratando de entorpecer os sentidos.

– Ou damos uma injeção na coluna e eliminamos a dor da cintura para baixo…

– Claro que não – eu disse, rindo. – Não vou deixar você fazer isso.

– Ou podemos anestesiar a área em torno do pé.

Entendi que essa era a escolha mais sensata, dadas as circunstâncias, mas rapidamente acabou sendo um erro enorme. A agulha, quando chegou, tinha cerca de 20 centímetros de comprimento. O médico encostou a ponta na pele macia e fina mais ou menos no meio da minha perna e, quando picou a carne e injetou devagar, pude ver o aço da agulha movendo-se pelo osso na parte superior do pé. Foi como uma horrível cena de tortura de um filme de terror. Comecei a gritar quando uma dor ofuscante e aguda atravessou meu corpo.

“Ai, meu Deus, seja forte”, pensei, rangendo os dentes e agarrando os apoios da cama. “Seja forte…”

O médico administrou o anestésico, mas a agonia não acabou. Outra parte do pé precisava ser anestesiada, mas, em vez de remover completamente a seringa da minha tíbia, ele retirou a agulha até a ponta e mudou o ângulo uns 45 graus. A agulha escorregou pelo osso pela segunda vez e, quando a dor me atingiu, todos os tipos de cor passaram diante dos meus olhos. Queria vomitar.

– Não, esqueça – gritei. – Pode picar a coluna.

Minutos mais tarde, a injeção nas minhas costas me apagou, fiquei inconsciente e, quando acordei, estava morto da cintura para baixo. Meus pés, minhas pernas e meu tronco estavam paralisados. Foi uma sensação que nunca tinha experimentado antes, e aquilo me abalou.

O médico me avisou que demoraria cerca de 12 horas para voltar a sentir a metade inferior do meu corpo, e eu não via a hora de esse momento chegar, porque não ser capaz de sentir meu pau foi a experiência mais estranha do mundo. Continuei olhando para o relógio, beliscando as pernas e esperando recuperar um pouco das sensações. O tempo parecia se arrastar. Senti um pouco de formigamento nos dedos do pé e alguma sensibilidade nos pés e nas panturrilhas, mas mais nada.

*Ah, merda, nada no meu pau.*

Meus joelhos estavam bons, as coxas também.

*Por favor, Deus,* não *deixe acontecer nada com o meu pau. Nada…*

Meus quadris.

*Que diabo está acontecendo com meu pinto?*

Quando um lampejo de sensação finalmente se manifestou, soltei um enorme suspiro de alívio. Esqueça o acidente de carro – a virilha dormente foi, provavelmente, a situação mais estressante de toda minha vida.

* * *

No momento em que o treinador ligou no noticiário e viu as imagens do meu carro destroçado, achou que eu estava morto. Ele ficou louco.

– Não tem como alguém ser sortudo o bastante para sair de um carro destruído como esse – ele disse depois, quando NJ ligou para dizer que na verdade eu estava bem.

O treinador não acreditaria se fosse outra pessoa que tivesse dado a notícia. Deve ter sido a maior emoção de sua vida me ver andando por aí depois, com apenas alguns centímetros de curativos nos pés para recordar o acidente horrível. Ele e eu sabíamos que quase fui embora de vez.

De repente, o acidente mudou minha maneira de pensar. Entendi que Deus tinha me salvado, que Ele tinha um plano para mim. Quando era criança, o fato de ser maior, mais forte e muito, muito mais rápido do que qualquer outra pessoa era algo que considerava certo. Agora não. Compreendia que tinha recebido algo especial, e carrego uma Bíblia comigo em minhas viagens. Minha tia Rosa, irmã do meu pai, começou a me enviar um versículo por mensagem de texto todos os dias, que anoto para poder lembrar as palavras.

Eu então me senti seguro sabendo que havia alguém zelando pelo meu bem-estar. Pouco tempo depois, tomei um avião para Miami. O voo foi agitado e, enquanto nos debatíamos em meio às turbulências, todo mundo se apavorava ao meu redor. Eu estava calmo, apesar de tudo. Empurrei meu assento para trás, fechei os olhos e relaxei.

“Não, não vou morrer em um acidente de avião… ainda não”, pensei. “Ainda tenho um pouco mais de corridas para fazer…”

Fiquei mais agradecido. De repente entendi o que me tinha sido dado e queria dar o máximo. Queria correr ainda mais rápido. Também passei a conversar com os outros atletas no Racers. Era a minha vez de ensinar e dar conselhos aos garotos mais jovens sobre as suas técnicas e estilos de corrida. Queria passar o que aprendi sobre o atletismo, porque sentia que, se pudesse ajudar ao máximo, então isso poderia mudar a vida deles para sempre, sem que soubessem.

Um dia, enquanto seguia o meu árduo caminho de volta à boa forma na pista, observei alguns atletas mais jovens correndo os 4 × 100 metros. Durante as sessões de aquecimento, um cara corria lentamente, esticando e flexionando os músculos enquanto se movia pela curva. De vez em quando, porém, ele explodia em uma corrida forte. Era um treino amador, e bem arriscado, a propósito, então o detive na mesma hora.

– Ei, não faça isso – disse. – Se seguir esse estilo, vai deixar seu tendão em estado de choque, e ele vai estourar.

Ele inclinou a cabeça e voltou a correr em um ritmo normal. Pode não ter parecido uma grande coisa para ele na ocasião, mas percebi que, se aquele garoto evitasse ferimentos graves e tivesse sua chance de ganhar um campeonato naquela temporada, então eu teria feito a minha parte. Era o início de uma nova visão de mundo da minha parte.

O fato de estar vivo era um milagre; de poder andar, mais sorte ainda, e os únicos problemas físicos com que tive de lidar nas semanas seguintes ao acidente foram meus pés feridos, que sabia que iriam demorar algumas semanas para se curar. Essa era uma boa notícia, porque 2009 era um ano importante para mim, e o Campeonato Mundial em Berlim estava se aproximando rápido. Toda a conversa sobre a ausência de Tyson Gay nas finais olímpicas tinha me aborrecido depois da temporada e eu queria provar a todos que era o melhor corredor do planeta. Enquanto descansava, recuperei a concentração, como sabia que Tyson faria.

Então o sujeito cometeu um erro de cálculo. Ele disse à imprensa que meu recorde mundial estava ao seu alcance e que iria conquistá-lo. Quando soube das suas palavras, enquanto me recuperava dos ferimentos e desenvolvia o treinamento de base, não conseguia entender aquilo. Se outro corredor queria derrubar meu tempo, por que anunciar ao mundo assim de repente? Agora Tyson precisaria fazer os 100 metros mais rápidos de todos os tempos, caso contrário, pareceria bem bobo. Ele tinha colocado uma grande carga de pressão em si mesmo.

Essa notícia foi de grande ajuda, pois me permitiu descobrir as táticas mentais do meu adversário. Se o atletismo é um jogo de

pôquer psicológico na preparação para um dos principais campeonatos, então Tyson tinha exagerado a mão em grande estilo. Aquela bravata me fez perceber que ele não tinha notado minha força interior. Não tinha analisado como eu estava e como meu cérebro funcionava na preparação para uma corrida importante. É claro, Tyson poderia ter entendido minha aptidão física. Mas devia ter percebido que as ameaças, de qualquer adversário, sempre me inspiravam a me empenhar mais. Ele tinha despertado o competidor em mim. Todo mundo sabia no Racers que falar besteira comigo era um grande erro, porque me forçava a melhorar.

Acho que estávamos em polos opostos em matéria de atitude. Declarações desmedidas não eram o meu estilo, não importava quão confiante eu estivesse em ir para o Campeonato Mundial. O treinamento e a experiência tinham me ensinado que tudo podia acontecer em uma corrida para me tirar do curso. Assim que eu pisasse na pista e a arma disparasse – *Bangue!* – estava à mercê de inúmeros fatores aleatórios diferentes, cada um capaz de desencaminhar minha tentativa de recorde mundial. Poderia dar um mau passo ou distender um tendão, ou poderia tropeçar e cair. Tanta coisa poderia dar errado para me impedir de viver a minha empolgação. Mas, depois, era uma questão diferente. Se quisesse, poderia alegar que sabia que o recorde mundial estava lá à minha espera. Ninguém seria capaz de dizer nada diferente – quem poderia provar isso? Nem Tyson, nem ninguém. Então deixava minha conversa para as entrevistas ou coletivas de imprensa após a corrida.

No começo, as sessões do treinador foram duras de aguentar. Por causa das lesões nos pés, eu começava meu desafio no Campeonato Mundial em desvantagem; estava atrasado no meu programa de treinamento de fundo e incapaz de pegar o ritmo por um tempo. Toda vez que corria, os cortes no pé ardiam. Usava sapatos com espuma protetora para poupar a carne cortada nos dedos e na planta do pé, o que aliviava a dor um pouco, mas correr na curva era impossível. Toda vez que treinava na curva, meus ferimentos eram triturados.

O treinador observava como eu enfrentava a dor, seu rosto raramente registrando alguma preocupação, apesar do meu esforço.

Aquele era um olhar indecifrável que eu viria a reconhecer como atleta. Sim, sabia que ele sentia muito pelos meus problemas, com certeza. Mas muitas vezes o treinador avalia os corredores do mesmo modo como o proprietário do cavalo avalia os animais campeões na cocheira. Ao lado da pista, meu treinador não era diferente, e estudava os músculos como se fossem as ferramentas de seu ofício. Enquanto eu me desenvolvia nas faixas da Universidade de West Indies em alta velocidade, ele calculava minha forma e força. Meu potencial para a vitória era analisado a cada sessão.

Então, ele revelou seu plano básico para Berlim.

– Certo, Usain, é assim que vai funcionar – disse ele, uma noite depois do treino. – Você precisa me dar seis semanas de treinamento intenso se quiser vencer Tyson no Campeonato Mundial. Dê um tempo nas festas e corte a *fast-food*. Eu cuido do resto.

Na pista, minha programação foi reajustada. Eliminamos os exercícios de fundo e nos concentramos no treino de velocidade explosiva. Fora isso, me tornei um atleta modelo de novo. Desliguei o telefone e o *messenger* por seis semanas inteiras, cortei a *fast-food* e as noitadas. Em pouco tempo, corria os 100 metros em 9,70 segundos, sem forçar. Também estava arrasando na curva nos 200. Mais uma vez, o treinador tinha descoberto uma maneira de me deixar fisicamente pronto, apesar do tempo perdido por causa do acidente.

Se a minha forma servisse como referência, Tyson teria motivo suficiente para se preocupar. Eu estava preparado.

* * *

Berlim era muito importante. Se os Jogos Olímpicos eram considerados no atletismo o equivalente à Copa do Mundo da FIFA, então o Campeonato Mundial era mais parecido com a Copa Africana das Nações, ao Campeonato Europeu ou à Copa América. A propaganda sempre era imensa, os fãs ficavam muito empolgados, e os melhores atletas do planeta chegavam dispostos a exibir sua melhor forma.

Para mim, a Europa era uma bela parte do mundo para correr: Zurique, Roma e Lausanne sempre me deram muito carinho quando apareci em eventos da Liga de Diamante, mas Berlim, quando cheguei, era outro nível. O local escolhido foi o impressionante Estádio Olímpico, uma enorme arena que comportava 74 mil pessoas. O campo era cercado por uma faixa azul vivo, as arquibancadas estavam lotadas quase todos os dias, e, quando os atletas partiam depois do disparo, o barulho da torcida tornava-se ensurdecedor.

Mas o Campeonato Mundial me parecia apenas mais uma corrida. Estava relaxado, me sentia forte. Minhas costas estavam sob controle, graças a toda a fisioterapia e o exercício físico na academia, sem contar o tratamento do dr. Müller-Wohlfahrt e, por isso, os músculos das minhas costas estavam duros. Meus tendões vibravam com energia. Não havia nada para me estressar. Passei tranquilamente pelas provas de classificação, tanto nos 100 quanto nos 200 e, no momento em que cheguei à pista para o aquecimento antes da final dos 100 metros, estava para lá de empolgado.

Sentia-me tão relaxado que, uma hora antes da corrida, enquanto Eddie alongava meus músculos em sua mesa de massagem, comecei a brincar, como tinha feito em Pequim.

– Ei, quem quer apostar meu resultado?

Todo mundo riu.

*Sim, tudo bem, vamos fazer isso.*

Todos arriscamos um tempo: Ricky falou 9,52 segundos; Eddie, 9,59 segundos; eu arrisquei 9,54.

Acho que havia uma confiança no meu desempenho e não apenas porque estava em forma, mas também porque a final dos 100 metros reunia os melhores dos melhores. Tyson estava lá, Asafa também. Todos estávamos correndo a cem por cento, e eu sabia que, se conseguisse o primeiro lugar, ninguém nunca seria capaz de colocar em dúvida a minha posição de melhor velocista do planeta, ninguém poderia dar desculpas aos outros atletas.

Mentalmente, em vez de me abalar, como acontecia com alguns atletas, esse raciocínio me animava. Era um motivo para ser feliz, porque sabia que sempre me dava bem nos maiores desafios. Tyson

deve ter se assustado quando me viu andando pela área de chamada até a linha de largada. Apesar da dimensão da competição, eu estava calmo. Até comecei a brincar com o corredor de Antígua e Barbuda, Daniel Bailey. Rimos um pouco e ensaiamos passos de dança. Tínhamos competido juntos em todas as eliminatórias do Campeonato Mundial até aquele momento, e no processo nos envolvemos em uma disputa de brincadeira sobre quem conseguiria sair mais rápido depois do disparo da largada.

*Bangue! Bangue! Bangue!* Depois de cada corrida, fazíamos a repetição da cena para ver quem tinha deixado os blocos mais rápido. Mas o que começou como um pouco de diversão se tornou uma ameaça de descontração para um de nós, porque na semifinal queimei a largada. Estava tão ansioso para chegar à frente dele que saí rápido demais, e os atletas foram chamados de volta para um reinício.

Naquela época, as regras sobre as falsas largadas e os corredores eram bastante claras. Qualquer atleta que se adiantasse dentro de 0,10 segundo antes do disparo era considerado uma falsa largada. Esse tempo baseava-se no fato de que a ciência havia calculado que, a essa velocidade, qualquer julgamento humano era feito com base na suposição, e não na reação. Era impossível para o cérebro reagir a um ruído tão rapidamente. Após a primeira falsa largada, os atletas recebiam uma advertência. Se alguém tornasse a queimar a largada, seria imediatamente desclassificado.

Essa regra, porém, estava sujeita a uma manipulação grave. Percebi que alguns atletas americanos queimavam deliberadamente a largada para tirar a concentração dos outros caras. Era um truque usado por profissionais experientes, ainda mais aqueles que tendiam a ser lentos na largada.

Vou explicar: se houvesse uma linha de largada de atletas de 100 metros em uma corrida, e um cara soubesse que ia queimar a largada, isso o colocava na posição mais forte, psicologicamente. Ele não seria afetado pelo choque do reinício, pois isso estava na sua cabeça o tempo todo. Quando a corrida fosse reiniciada, de repente os outros caras teriam de se preocupar porque, se alguém se adiantasse à arma de novo, seria imediatamente desclassificado. Um

árbitro da corrida se encaminharia até a sua faixa e mostraria o cartão vermelho. Isso significava que os atletas com largadas mais rápidas no grupo eram obrigados a se acalmar. Precisavam se mover um pouco mais devagar no *Bangue!*, por via das dúvidas. Os caras com largada mais lenta no grupo competiriam em condições de mais igualdade.

Eu não queria perder uma corrida por desclassificação, quando minha posição de número um estava em jogo. Puxei Bailey de lado.

– Ei, por favor, vamos esquecer essa coisa da largada – disse. – Só quero correr. Quando começamos a colocar pressão sobre o outro, acabamos fazendo coisas idiotas…

Ele concordou. Bailey me entendia mais do que a maioria dos corredores – tínhamos ficado amigos desde que ele começara a treinar no campo do Racers e sabia que eu gostava de brincar antes de uma corrida. Isso me ajudava a relaxar. Naquela noite, ele também sabia que o que estava em jogo para mim era muito importante, mas isso ainda não nos impediu de dançar, fazendo uns passos de pista de dança. Olhei para as faixas e sorri. O rosto de Tyson era a imagem de uma concentração intensa. Ele devia estar pensando: "O que há de errado com esses caras? Isto aqui é a final do Campeonato Mundial, e eles estão dançando e brincando?"

Quando os atletas foram chamados para a linha… *Pá!*, tive uma largada forte, e meus primeiros passos foram suaves. Afastei-me sem perda de tempo e, quando cheguei aos 50 metros, olhei para os lados para ver meus adversários, mas sabia que era uma espiada de precaução. Tinha feito uma largada perfeita. Não havia como qualquer outro corredor do grupo me alcançar.

Olhei de novo, só para ter certeza.

"Não", pensei. "Esta está no papo."

A corrida estava ganha e, faltando 20 metros, olhei para o relógio. Os segundos passavam quase em câmara lenta e, em um piscar de olhos, vi que o recorde mundial estava ao meu alcance. O engraçado é que estava calmo. Não tive nenhum sentimento de choque nem surpresa, como quando quebrei o recorde em Nova York e Pequim. Em vez disso, mantive a calma e cruzei a linha.

O rugido da multidão me disse tudo o que precisava saber: 9,58 segundos. Um novo recorde mundial. Eu era o número um do mundo, e todos podiam ver, então corri pela pista azul vivo do Olympiastadion de braços bem abertos. Fiz a pose do raio, deixei a multidão enlouquecida, e alguém jogou uma bandeira da Jamaica perto dos meus ombros. Esta estava se tornando uma experiência familiar.

Mais tarde soube que Tyson estava furioso – bem furioso. As pessoas o viram xingando depois, enraivecido e agitando a mão. Ele realmente achava que tinha chance de me vencer, mas eu sabia desde o instante em que chegamos à pista que estava em melhor forma – mentalmente, pelo menos. Tyson ficou tenso demais pensando em não perder, enquanto eu não me deixei perturbar nem um pouco. Minha única preocupação era vencer a aposta de 100 euros com Eddie e Ricky. Enquanto isso, Tyson pensava em títulos e recordes mundiais, duas coisas que causavam fortes pressões. Se ele tivesse aliviado um pouco, teria feito uma corrida melhor; com menos estresse, teria ficado mais relaxado e corrido mais à vontade.

No dia seguinte, soube que Tyson tinha desistido dos 200 metros. Corriam rumores de que tinha decidido não me enfrentar de novo, que a ideia de ser derrotado era demais para ele. A verdade era que tinha machucado a virilha e não podia competir, mas eu não estava nem um pouco preocupado, porque já tinha mostrado que podia vencê-lo em uma final importante. O fato de ele não ter competido em Pequim foi esquecido, até onde sei.

Olhando para trás, eu pensava muito diferente de 2008, ainda mais em relação aos 200 metros. Em Pequim, tinha ficado inicialmente inseguro sobre meu tempo e se conseguiria bater o tempo de Michael Johnson. Mas, em Berlim, quando chegou a final dos 200 metros algumas noites depois, estava bastante confiante de que poderia melhorar meu próprio recorde. Meu tempo nos 100 metros confirmou essa crença e, depois que a arma disparou, fui buscar com todas as forças.

É engraçado, aquela corrida teve a ver com correr no limite. Minha arrancada foi forte, fiz a curva com energia e rasguei na reta tranquilamente. Mas não precisei me esforçar demais nem me

exceder. Estava revigorado, tinha a força de que precisava. E assim que concluí que a corrida estava ganha, olhei para o relógio. Sempre que corria uma de 200 metros, era capaz de dizer mais ou menos com que rapidez correria só de avaliar a minha distância da linha e conferir o tempo. Quando me aproximei da chegada, soube que meu recorde estava garantido. Nem me incomodei em me inclinar para a frente.

19,19 segundos.

Outro recorde mundial.

A verdade é que, se tivesse mergulhado na linha, teria ido mais rápido, talvez 19,16 segundos, mas, como fiz parecer fácil, as pessoas começaram a falar besteira sobre como me contive. Os fãs sabiam que, quando um atleta quebrava um recorde mundial, recebia um bônus de seus patrocinadores, e assim surgiu uma teoria da conspiração de que eu estava relaxando, assim quebraria meu tempo várias vezes seguidas em um plano maluco para ganhar mais dinheiro.

Como se fosse tão simples assim. O atletismo é difícil e, embora fosse capaz de calcular se bateria meu próprio tempo ou não, enquanto terminava de correr a pista, era impossível avaliar exatamente com que rapidez terminaria. A realidade da vida de um velocista é que vários fatores entram em jogo na quebra de um recorde mundial, incluindo a força, a forma física, o estado de espírito e a sorte. Naquela noite, tudo se juntou, e fiz a corrida perfeita. Bem, achei que tinha feito. O treinador tinha outras ideias.

– Não, seus ombros estavam um pouco altos demais – disse ele. – Você ficou olhando por cima deles.

Foi a gota-d'água. Naquele momento, decidi nunca mais perguntar a ele sobre os meus desempenhos. Imagine: tinha corrido bem, quebrado o recorde mundial e levado o ouro. Para mim, era bom o bastante. Mas não para o treinador. Ele ainda conseguia encontrar falhas.

Achei um pouco deprimente.

19 Eu sou fã do United desde criança. Assisti pela primeira vez a uma partida do time quando os jogos da Liga dos Campeões passaram a ser transmitidos pela televisão jamaicana. O atacante holandês Ruud van Nistelrooy fazia parte do time naquela época, e eu ficava realmente impressionado com a habilidade dele, era um bom atacante. Adorava aquele momento e todos os domingos ligava a televisão esperando que o Manchester United estivesse jogando.

Quanto mais velho ficava, e mais viajava pelo atletismo, mais assistia a seus jogos. Então descobri que era o maior clube do mundo, portanto acho que tive sorte pelo United ter jogado a primeira partida de futebol que assisti pela televisão. Ah, cara, você é capaz de imaginar como poderia ter sido ruim se fosse o West Ham ou o Blackburn Rovers?

CAPÍTULO 13

# UM LAMPEJO DE DÚVIDA, UMA VIDA INTEIRA DE ARREPENDIMENTO

Era hora de festejar.

Depois que recebi minha medalha de ouro pelos 200 metros em Berlim, estava morto. Tinha sido um ano difícil, e minha falta de treino de fundo após o acidente de carro significava que não estava tão bem quanto gostaria. Quando o revezamento 4 × 100 metros deu a volta no Olympiastadion, eu era um atleta diferente daquele que tinha ajudado a Jamaica a quebrar o recorde mundial em Pequim. Assim que adiantei a perna, minha energia desapareceu. Podia ouvir outro atleta respirando no meu pescoço, mas não conseguia fazer nada para ficar longe dele. Desmoronei no chão depois de fazer a troca com Asafa, que correu para o primeiro lugar, mas eu estava acabado. Michael Frater precisou me levantar da pista depois, porque estava esgotado demais para comemorar.

Só queria descansar, precisava relaxar. A temporada seguinte, 2010, prometia ser um ano calmo – não havia nada pela frente em termos de campeonatos importantes, por isso tomei a decisão de pegar leve por 12 meses. É claro, treinaria e tentaria dar o melhor de mim para correr rápido. Só não queria empregar toda a minha força como fizera em anos anteriores.

Logo após o Campeonato Mundial, expliquei ao treinador o que eu tinha em mente.

– Ei, 2010 é minha temporada de descanso – disse. – Quero relaxar. Vou treinar sério, mas não ralar tanto como no ano passado, ou no anterior…

O homem não pareceu contente.

– Não, Usain! – disse ele. – Você precisa treinar. Você não pode relaxar. Você tem mais campeonatos para ganhar.

Entendi seu raciocínio. Ele era meu treinador, precisava me motivar a ser o melhor do mundo. O treinador sempre me lembrava que eu estava sendo pago e que precisava ganhar corridas, mas eu tinha decidido não me esforçar demais até 2011. Sabia que precisava queimar algumas calorias. Meu corpo estava fraco, meu cérebro estava cansado de todo o trabalho duro, queria me divertir um pouco. Além disso, sem uma pausa, não seria capaz de melhorar quando realmente importasse.

Fora da temporada, as festas vinham uma após a outra. Tão logo voltei para casa, organizei uma "Superfesta dos 9,58" em St. Ann, na Jamaica, para comemorar meu novo recorde mundial. Todo o dinheiro arrecadado iria para a construção de um centro de saúde em Trelawny, e muita gente compareceu para apoiar a iniciativa. Asafa esteve lá, até o Wallace apareceu. Os melhores DJs da Jamaica se apresentaram para todos os fãs. Foi incrível.

A única desvantagem em relação ao meu sucesso é que algumas pessoas passaram a me ver como um astro nacional no nível de Bob Marley, ainda mais depois da quebra dos recordes mundiais. É claro, ficava feliz em representar a Jamaica e promover a imagem do país, mas a comparação com Marley – o mais famoso jamaicano de todos os tempos – me apavorou. Na viagem para a Hungria, quando garoto, para o Campeonato Mundial Juvenil de Atletismo, levaram-me a um show e observei maravilhado como as bandas europeias tocavam as canções dele. Não podia acreditar. A multidão ia à loucura. Sabia que Marley tinha sido o maior nome da Jamaica, mas não que sua popularidade chegava tão longe.

"Como é que é?", pensei. "Isso é o máximo! Será que está acontecendo de verdade?"

Então, naturalmente, me sentia estranho quando as pessoas me comparavam a ele. De repente, sentia uma pressão. Isso me incomodou e, sempre que alguém fazia essa sugestão, eu dava de ombros e arrumava uma desculpa.

– Não… – dizia. – Não vamos dizer que sou maior do que Bob Marley. Sou um dos ícones da Jamaica, sim, e ser comparado ao Bob é uma honra, mas ele é o máximo, cara.

Ainda assim, não podia escapar do fato de que eu era o atleta mais famoso do planeta. Em 2009, recebi o Laureus World Sports Award, o prêmio concedido aos esportistas de maior destaque do ano (eu ganharia três vezes ao todo, mais tarde em 2010 e depois em 2013), o que era uma coisa da maior importância, porque os vencedores anteriores tinham sido o tenista Roger Federer, o golfista Tiger Woods e o corredor de Fórmula 1 Michael Schumacher. Todos esses caras eram o máximo. Foi surpreendente saber que fazia parte dessa categoria.

Além disso, a loucura que tinha explodido inicialmente em 2008 não diminuíra. Aonde quer que fosse, era bombardeado por pedidos de autógrafos, muitas vezes por parte de outros esportistas, ou celebridades. Após os Jogos Olímpicos, era convidado a eventos no mundo todo, e todas as noites a fila para o meu autógrafo se estendia pelo corredor. A fila era cheia de rostos famosos, incluindo esportistas, artistas da música e empresários famosos. Preciso admitir, não sabia quem eram alguns deles e geralmente pedia a ajuda de Ricky.

– Quem é esse? – sussurrava, quando o cara se afastava da minha mesa com o autógrafo.

– Oh, esse é o campeão mundial em tal esporte – ele me informava.

Era uma loucura.

Eu não me queixava, conheci muita gente legal em lugares incríveis. Pouco depois de Berlim, estava em uma boate de Londres, relaxando com os amigos e com uma garrafa de champanhe, quando de repente fui abordado por um cara louco com cabelos compridos bagunçados e uma camisa ainda mais maluca. Quando olhei para aquilo, as cores se fundiram minha mente. Era uma explosão de vermelho, azul e verde, com bolinhas e manchas brilhantes. Uau, nem as habilidades de costureira da minha mãe teriam criado uma camisa daquelas!

– Ei, Usain, sou o Mickey Rourke – disse ele, estendendo a mão. – Quer apostar uma corrida?

Conhecia o Mickey dos filmes. Ele era um superastro de Hollywood, mas o desafio me pegou desprevenido. Eram quatro horas da madrugada, e o cara parecia bêbado, mas achei que seria divertido, por isso fui. Quando a pequena multidão que se reuniu em torno de nós gritou: "Já!", deixei ele me vencer por alguns centímetros. Mickey devia estar com uns 60 anos na época, não havia como forçá-lo no meio da rua às 4 da manhã. Teria sido rude.

Sem dúvida, o mundo estava girando tão rápido que nem mesmo eu conseguia acompanhar. Felizmente, tinha meus amigos comigo para me ajudar a manter os pés no chão: Ricky e o treinador, além de Pascal Rolling da Puma. A Puma era minha patrocinadora de longa data e, sempre que um time de futebol ou uma escola da Jamaica me pedia ajuda, Pascal sempre me mandava uns uniformes ou equipamento de treino para distribuir. Nessa época, comprei uma casa nas colinas de Kingston e pude ter paz e sossego. NJ voltou à Jamaica para trabalhar como meu gerente executivo e se mudou para a casa, assim como meu irmão Sadiki. Na maioria das noites, sentávamos juntos para jogar videogame ou dominó.

Apesar da minha postura relaxada, quando a temporada começou, não estava em má forma. Havia algumas corridas de 100 metros na programação, além de algumas de 200. Tive também uns bons resultados, incluindo 9,86 segundos em Daegu e 9,82 em Lausanne, nos 200 fiz tempos de 19,56 e 19,76, em Kingston e Xangai. Ainda fiz uma corrida de 300 metros em Ostrava, onde quase quebrei o recorde mundial, mas, sem um Campeonato Mundial ou uma Olimpíada no cardápio, não era um desafio grande o bastante para me inspirar. Quando acabavam as corridas, tentava encontrar uma festa.

No entanto, era cuidadoso: sempre que saía, fazia questão de não beber muito e me mantinha longe da atenção do público a maior parte do tempo. A única vez que fui pego de surpresa foi durante uma festa na praia na Jamaica. A princípio, não estava

convencido de que devia ir. Era em plena luz do dia, a multidão ao ar livre, o que significava que todo mundo podia ver o que eu fazia.

No final, pensei, "Ah, que se dane". E, cara, fiquei feliz por ter ido, porque foi a festa mais incrível que vi na vida. Havia garotas seminuas na praia, as pessoas bebiam, e tinha batucada por toda parte. Era *uma loucura.* Então um amigo me deu um enorme funil cheio de cerveja. O tubo plástico parecia continuar pela eternidade. Deviam ter derramado várias garrafas da bebida no recipiente.

– Vamos lá, você acha que é O Homem Mais Rápido da Terra – disse ele. – Vamos ver com que rapidez engole isso.

Era a chance da minha vida. Era um atleta, nunca tinha ido a um baile de faculdade ou a uma festa de fraternidade antes. Era minha chance de agir como as outras pessoas, então engoli a cerveja rapidamente. Mas, droga, no dia seguinte a foto do meu feito estava por toda a internet, e o treinador não gostou nem um pouco. Não podia culpá-lo.

Às vezes os fãs também se irritavam ao me ver farreando. Uma vez, um cara se aproximou de mim em uma boate em Kingston e começou a reclamar.

– Sabe, cara – disse ele. – Você vai a festas demais.

Parei e olhei para ele.

– Ei, qual é o problema de ir a festas? – disse. – Não faço a minha parte?

Ele pareceu confuso. Tentou retrucar, mas eu não tinha terminado.

– Pense por um instante: eu vou a festas e ainda assim venço. Não vou a festas e venço. Qual é a diferença?

O coitado ficou sem palavras depois disso.

O único cara capaz de me dar um sermão com autoridade era o treinador. Ele tentou me forçar a me empenhar mais na pista e na academia, mas depois deu de ombros. Era o primeiro verão em quatro anos que eu voltava à Jamaica no meio da temporada. Era a época em que em geral aconteciam o Campeonato Mundial e os Jogos Olímpicos, mas sem eles poderia relaxar em casa, e no verão as festas do Caribe eram memoráveis. Em agosto, quando voltei a correr na Europa – o DN Galan, em Estocolmo, foi minha primeira

competição –, não estava preparado adequadamente. Tinha ficado em festas até tarde muitas noites antes do meu voo para a Suécia, onde deveria correr os 100 metros contra Tyson e Asafa.

O treinador me deu uma olhada quando nos encontramos no hotel, e percebi que participar seria um desperdício de tempo. Estava horrível. Só de olhar nos meus olhos ele sabia que não seria capaz de encarar a competição. Não estava energizado e, dias depois, terminei em segundo nos 100 metros. Minhas costas tinham se enrijecido, porque não tinha feito os exercícios de que precisava para fortalecer o corpo, e as pernas doíam. Meu ritmo natural já era. Voei para Munique a fim de fazer um *check-up* com o dr. Müller-Wohlfahrt.

– Não, não, não, Usain – disse ele. – É como se as suas costas e seus isquiotibiais fossem feitos de pedra. Chega de corridas para você nesta temporada.

Era hora de pegar mais leve nas celebrações.

* * *

Não era só o treinador que estava pegando no meu pé para me esforçar mais. Tinha surgido um cara novo na pista, um jovem chamado Yohan Blake – ou apenas Blake, como o chamávamos –, e ficou claro do instante em que chegou ao Racers em 2009 que o garoto seria um atleta forte. Para começar, ele corria tanto os 100 quanto os 200 metros. Mas também era rápido, muito rápido, e seus tempos na categoria júnior eram quase tão impressionantes quanto os meus. Em julho de 2009, tinha feito corridas em 9,96 e 9,93. Estava com 19 anos na época.

Fisicamente, Blake era muito diferente de mim. Era mais baixo, em torno de 1,78 metro, e três anos mais jovem. Mas tinha a constituição de um buldogue. Os músculos de seu corpo começavam no pescoço largo e nos ombros e pareciam explodir para fora daí por diante. Seus braços pareciam ter uma força incrível, assim como o centro do corpo e as pernas, e, quando saía dos blocos, parecia um animal desembestando pela faixa.

Admirei de imediato sua dedicação ao trabalho, além do fato de ser um cara legal. Descobri quase imediatamente que adorava críquete, o que nos dava um assunto para conversar. Mas, enquanto eu tinha paixão por esse esporte, Blake era obcecado. Ele vivia para aquilo e, nos fins de semana, jogava em uma equipe em um dos campeonatos jamaicanos. Também se resguardava. Não bebia e com certeza não ia a festas. Ao que parecia, também era um pouco ingênuo em se tratando de garotas. Um dia, enquanto relaxávamos na pista, falando sobre sexo (como era costume entre os homens), ele me disse que o treinador do colégio tinha alertado que, se transasse, isso prejudicaria suas corridas, e ele não conseguiria correr para valer. E o pior era que Blake tinha realmente acreditado.

*"O quê?",* pensei. "Fala sério! Eu era muito mais esperto quando estava na escola."

Mas o cara sentia o desejo. Desde que chegou ao Racers, Blake me atacava na pista. Ele gostava de competir e me enfrentava todas as vezes que nos encontrávamos nos treinos. Se o treinador nos mandasse correr acelerando ao máximo por 10 metros, ele tentava me vencer. Se tivéssemos de correr repetições de 300 metros, ele precisava terminar em primeiro. Acho que cruzar a linha na minha frente quando nos exercitávamos juntos o fazia se sentir melhor consigo mesmo, mas isso não me incomodava. Entendia que tínhamos atitudes diferentes em relação ao treinamento.

– Cara, maneire um pouco – disse eu uma tarde. – Relaxe. *Sério.*

Embora eu estivesse descansando na época, ainda assim achava que ele estava com prioridades erradas. Depois de trabalhar com o treinador por muitos anos, aprendi a ouvir meu corpo. Sabia quando precisava me exercitar mais, ou se não estava correndo direito. Em uma tarde, se estivesse correndo acelerado com os ombros altos demais, percebia antes que o treinador começasse a gritar comigo. Na maior parte do tempo, também sabia quando podia relaxar sem ter problemas com ele. Sempre fiz a quantidade certa de treino para chegar em boa forma à linha de largada dos campeonatos importantes – nunca demais, nunca de menos. Se o treinador me pedisse para correr uma determinada distância em 25 segundos,

então eu corria em 25, talvez até 26. Nunca forçava mais que o necessário. Sabia que era assim que precisava ser feito.

Mas Blake era diferente, ele forçava demais. Se o treinador dissesse para correr em 25 segundos, ele fazia a corrida em 23. Era muito competitivo. Também tinha muito que aprender. Um pouco mais adiante na temporada, o treinador foi obrigado a lhe dar uma semana de folga, porque ele estava em forma demais.

– Vá para casa, Blake – disse ele. – Seu corpo não vai ficar mais em forma do que agora. Não faz nenhum sentido treinar mais. Você só vai se cansar e não vai estar preparado para a próxima corrida.

*Em forma demais?* Essa era a primeira vez que eu ouvia falar disso no Racers.

Se Blake pensava que estava me preocupando com seus desempenhos no treino, estava errado. Ele ainda não conseguia me entender. Algumas pessoas podem perder o ânimo quando são continuamente superadas por um adversário mais jovem no treino. Podem perder a confiança. Pensam: "Ah, merda, esse garoto vai tomar o meu lugar". Eu não pensava assim. Deixava passar as competições diárias, porque sabia que só me empolgava de verdade quando havia muita coisa em jogo, muito mais do que um treino de fundo ou exercícios de largada.

Ainda assim, gostava de ter um adversário forte em campo. Todo mundo sabia que Blake tinha a ambição de tomar o meu título – ele queria ser o velocista número um do mundo –, mas eu achava muito conveniente que treinasse perto de mim. Sempre que a temporada começava, um dos meus primeiros pensamentos era: "Hum, como será que está a forma de Tyson? E a de Asafa? E a do cara tal e do outro cara…"

Com Blake, eu não tinha essa preocupação, porque ele vivia ali do meu lado. *Podia observá-lo.* Podia ver de perto como seria sua atuação como competidor. Se seria um desafio, podia ver isso todos os dias e melhorar o meu desempenho. Se ele estivesse ficando mais forte, podia ver de imediato. Mas também estava em uma posição de conhecer seus pontos fracos e o que o fazia vibrar.

Um ou dois atletas achavam que aquele poderia ser um mau negócio para nós dois. Kim Collins dizia que era um desastre,

porque “dois caranguejos machos não podem viver no mesmo buraco”. Mas eu não entendia por que todo mundo se estressava com isso. Eu podia acompanhar tudo o que estivesse acontecendo com Blake. Isso significava que podia fazer o necessário para estar um passo à frente dele quando realmente fosse importante.

* * *

Mas melhorar era penoso.

Pela primeira vez, me preocupei que a magia tivesse acabado para sempre. Temia o momento em que não fosse mais capaz de corresponder à expectativa na pista. A vida do atleta é curta, seu tempo no topo passa rapidamente, e eu sabia que em algum momento no futuro poderia perder minha vantagem. Quando a temporada de 2011 começou, algumas vezes corri mal, e outras vezes precisei dar realmente duro para ganhar corridas nos últimos 10 metros, o que era incomum em mim. Nesses momentos, duvidava da minha forma enquanto cruzava a linha.

“Que diabo foi isso?!”, pensava. “Hum, não sei não se ainda consigo…”

Os lampejos de insegurança eram breves, mas compreensíveis. Até o início da temporada de 2011, continuei me contundindo. Viajei a Munique para consultar o médico de novo, mas, apesar do tratamento, ainda não conseguia correr perfeitamente, e, quando começou o treinamento de fundo, senti dores incômodas nos isquiotibiais, nas panturrilhas e nos pés. Meus tendões de Aquiles acabavam comigo. Era como se todo o meu corpo estivesse fora de controle. Toda vez que fazia algum progresso, outra lesão aparecia – não conseguia uma trégua.

Quando consultei pela primeira vez o dr. Müller-Wohlfahrt em 2004, fui avisado de que, quando amadurecesse mais, teria de me exercitar mais para manter a forma à medida que o metabolismo se tornasse mais lento; não poderia mais comer tanta porcaria. Mas também teria de me exercitar mais do que a maioria dos astros do atletismo só para manter minhas costas fortes, e estava claro que, se

quisesse evitar mais lesões, precisaria me esforçar mais e levar a sério a academia de novo.

De janeiro a março, fui incapaz de participar do que seria considerado um treino normal. Eu mais fazia um *cooper* do que corria de fato e, em vez de praticar largadas ou me exercitar em sessões de fundo, pela primeira vez fiz exercícios de reabilitação na piscina, para desenvolver minha forma física. Isso me estressou.

Era um ano importante. Se 2010 tinha sido uma entressafra, então 2011 seria a defesa dos meus títulos no Campeonato Mundial em Daegu, na Coreia do Sul. De repente, começou a pressão. Precisava fazer as finais dos 100 e dos 200 metros na melhor forma.

O treinador controlava a minha mente. Sempre que tinha uma preocupação, quando consultasse o calendário e começasse a contar os dias de janeiro a março, eu o procurava para me tranquilizar.

– Ei, estamos bem? – perguntava.

– Sim, temos tempo suficiente, Usain.

De novo, era como nos nossos primeiros anos juntos. Minha fé em sua experiência era suficiente para me fazer continuar, o que era importante porque, em momentos em que não corria bem, sabia que precisava me manter confiante. Precisava confiar na minha capacidade de chegar em plena forma às competições mais importantes – sempre que uma dessas competições se aproximava, meu corpo ou minha mente voltava ao passado, quase ao instante em que entrei na vila dos atletas. Sabia que, depois de me instalar nos alojamentos de Daegu, o burburinho e a intensidade do lugar me animariam tanto quanto as preleções do treinador; meus níveis de estresse cairiam.

"Sim, *campeonatos",* pensava. "Esse é o meu negócio."

Então, a princípio não me preocupava. O programa do treinador acabaria sendo o bastante para me deixar em forma, estava certo disso. Quando finalmente cheguei à linha de largada em Roma e Ostrava naquele mês de maio, ganhei todos os 100 metros de que participei, mas as minhas largadas foram ruins, provavelmente as piores de todos os tempos, e não consegui recuperar meu ritmo. Aconteceu o mesmo nos meus 200 metros em Oslo, Paris e Estocolmo, em junho e julho. Antes do Campeonato Mundial, só

corri competitivamente seis vezes e, embora tivesse terminado em primeiro lugar em todos os eventos, os desempenhos não foram convincentes. Ainda não estava tão em forma como gostaria.

A arrancada, aqueles primeiros passos depois dos blocos, começou realmente a me incomodar e, quando cheguei ao estádio de Daegu para as provas de classificação nos 100 metros, precisei fazer um esforço extremo para chegar ao desempenho esperado, algo que não tinha experimentado antes, principalmente porque minha rotina normal tinha sido interrompida. Como em 2004, em Atenas, temi que minha forma física me decepcionasse. Deixei as preocupações confundirem meu julgamento.

Continuei pensando a mesma coisa todas as vezes: "Preciso acertar esta largada… Preciso acertar esta largada…"

O treinador percebeu. Um dia, na pista de treinos em Daegu, ele se aproximou enquanto eu recuperava o fôlego nas laterais.

– O que está acontecendo, Usain? – disse. – Você não parece estar no seu estado normal. Precisa relaxar. Você vai ter sucesso nas corridas…

Ele via que eu estava preocupado, e no começo tentei minimizar isso, porque os atletas em campo naquele Campeonato Mundial eram provavelmente os mais fracos que já tinha enfrentado em uma competição importante. Mais tarde, quando venci facilmente as provas de classificação, a ansiedade começou a desaparecer, como se uma chave tivesse sido desligada na minha cabeça. Próximo à final dos 100 metros, havia uma sensação de que poderia fazer algo especial, a corrida parecia fácil, nenhum dos meus rivais importantes competia. Tyson estava fora do campeonato por causa de uma lesão, assim como Asafa. O pelotão consistia nos velocistas do Caribe: Blake, Kim Collins, Daniel Bailey e Nesta Carter, mais o americano Walter Dix, além de Christophe Lemaitre e Jimmy Vicaut, da França. Percebi que poderia ganhar a final apenas passeando pela pista.

Ainda assim, havia uma pressão extra, porque as regras sobre a linha de largada tinham mudado. Em 2010, foi anunciado que haveria uma política de "tolerância zero" para quem queimasse a largada. Não haveria segunda chance para quem fizesse uma falsa

largada, e qualquer movimento inicial significaria a desclassificação do atleta. A exigência nas eliminatórias aumentou um tanto, e minha ansiedade voltou enquanto me aquecia na pista.

"Preciso acertar esta largada", pensei.

Então me xinguei.

"Não, esqueça isso! Sem estresse. A largada vai ser ruim, mas não se preocupe. Você ainda vai ganhar porque, no final da corrida, vai correr mais que todos, como sempre."

Fomos chamados às nossas marcas. Não conseguia conter minha tagarelice sobre a corrida.

"Preciso acertar esta largada."

"Usain, esqueça esse negócio de 'Preciso acertar a largada'! Concentre-se…"

*Preparem-se.*

O mal já estava feito. Mentalmente, eu não me sentia seguro. Estava ansioso demais, desesperado para dar aqueles primeiros passos. As pessoas não acreditam em mim quando conto, mas, em uma fração de segundo, provavelmente, um batimento antes do disparo – *crás!* –, ouvi uma voz na minha cabeça. Um sussurro. Uma palavra.

*Já!*

E saltei à frente, explodindo na pista. Os músculos dos meus braços, panturrilhas e tendões tensionaram e em seguida se soltaram enquanto eu saía dos blocos com um estouro. Saí cedo demais e não podia fazer nada para deter meu impulso. Percebi de imediato a estupidez do que tinha feito. Meu coração parou; sabia que estava em apuros. Tinha pirado, me antecipado ao disparo e estava prestes a ser desclassificado. Meu Campeonato Mundial chegara ao fim.

Nem sequer precisei olhar para os árbitros – entendi o que estava por vir e fiquei furioso. Arranquei meu colete e comecei a xingar.

"Porra! Não… é fácil demais! Fácil demais! O grupo é fraco. É a corrida mais fácil de que você já participou. Você podia ter vencido brincando…"

Um árbitro se aproximou. A princípio, ele apontou para onde eu deveria me encaminhar. Queria que eu saísse da pista. Como não me

movi, ele me pegou pelo cotovelo e tentou me levar para fora. Isso me deixou ainda mais irritado. Desceu uma névoa vermelha – queria dar um soco nele. Precisei de cada milésimo de autocontrole para me conter e não fazer uma coisa horrível.

– Não encoste em mim – disse, puxando o braço e caminhando em direção ao túnel do estádio.

Quando cheguei lá, batia nas arquibancadas com a palma das mãos, enquanto a dor do ocorrido me atingia com toda a força. Comecei a bater em tudo – nas paredes, nos enfeites coloridos que pendiam das arquibancadas. Os fãs me observaram dos seus lugares. Minha mágoa se manifestava perante milhões de pessoas em todo o mundo. Era o maior estresse que já tinha passado na pista.

A largada foi retomada e, enquanto observava do lado de fora, sabia que Blake levaria o ouro. Agora que eu estava fora, não havia ninguém na pista melhor do que ele. A arma disparou e, enquanto acompanhava a ação na pista, ardia de raiva, mas o aplaudi quando ele chegou em primeiro, porque fiquei realmente feliz por ele. Sabia quanto o garoto havia treinado duro no Racers para sentir seu primeiro gostinho da glória.

O incidente, quando me dei conta dele, foi difícil. Afastei-me das multidões e repassei todas as razões do meu equívoco. Não parecia eu. A dúvida que se seguiu às lesões tinha mexido com meu raciocínio, me tornado obcecado pela largada. Tinha colocado muita pressão ao meu desempenho.

À medida que a noite avançava, e eu relaxava na vila, ouvi todo tipo de teoria idiota sobre o motivo de eu ter estragado tudo. Todo mundo tinha uma opinião. Um cara acreditava que Blake tinha deliberadamente se contorcido nos blocos ao meu lado. Ele achava que isso tinha me influenciado, eu tinha avançado porque Blake se mexeu, e esse foi o motivo da minha largada antecipada. Não gostei da ideia nem por um instante.

– Ei, não vamos culpar ninguém nem falar essas besteiras – eu disse. – Não vi nada disso. Ao longo dos anos, aprendi a não olhar para os outros atletas, porque alguém sempre queima a largada, e naquele momento nos sentimos muito competitivos uns com os outros; por isso, se alguém se mexe ou se contorce, pode ser o

suficiente para me fazer largar antes da hora. Então não vamos pensar nisso…

As pessoas culparam as novas regras, dizendo que eram injustas – eu era uma das primeiras vítimas de destaque, afinal. Mas para mim todos deveríamos obedecê-las. Então soube que uns comentaristas de televisão disseram que eu devia ter me feito de desentendido. Argumentaram que, quando a corrida foi interrompida, deveria ter agido como se nada tivesse acontecido. Eles sugeriram que, se não tivesse arrancado o colete, se tivesse mantido a calma, os árbitros teriam achado muito mais difícil me desclassificar por quem eu era e o que tinha conquistado no esporte. Mas também não concordei com isso. Se tivesse aplicado esse tipo de golpe, não teria me sentido bem comigo mesmo. A ideia de ser ardiloso não combinava comigo. Estaria trapaceando, e não sou disso. Passaria o resto da vida sabendo que não merecia aquela medalha de ouro.

Nem todo mundo pensava assim. No instante em que fui desclassificado, parte do público no Estádio Daegu deixou as arquibancadas e foi para casa. Para eles, o espetáculo tinha acabado.

* * *

O treinador não me disse uma palavra sobre a falsa largada. Até hoje, nunca fez um comentário a respeito. Esse foi o ponto mais baixo da minha carreira no atletismo, e ele nunca mencionou isso uma única vez, nem mesmo de brincadeira. Talvez porque soubesse quanto isso tinha me magoado. Acho que confiou em mim para superar a situação sozinho.

Nos dias que se seguiram à minha desclassificação, foi um esforço me recompor. Joguei videogame com a equipe jamaicana, incluindo Blake. Assisti a um jogo do Manchester United pela internet. Apesar de um dia inteiro de descanso, minha energia estava baixa. Minha mãe e meu pai tinham vindo da Jamaica para me ver competir. Encontrei com eles uma noite e fizemos algumas piadas, porque sabia que teria de sair da crise para a final dos 200

metros. Mas estava cansado de ouvir as pessoas me perguntando o tempo todo: “O que vai fazer quanto à sua largada na próxima corrida?”

Sinceramente, não sabia, mas precisava dissipar a névoa de preocupação que pairava sobre mim. Felizmente, o estímulo, quando surgiu, aconteceu na pista e, quando saí do túnel para o enorme rugido da multidão antes da final dos 200 metros, minha mente vibrou.

“Realmente, preciso deixar minha posição clara agora”, pensei. “Mas não estou na melhor forma… o que será que vai acontecer?”

Então vi uns garotos no meio da multidão. Eles acenavam, sorrindo e muito animados. Cheguei perto para cumprimentá-los e, enquanto confraternizávamos, me dei conta da realidade da minha situação.

“Quer saber de uma coisa? Dane-se esse estresse todo!”, pensei. “Eu devia estar me divertindo. Até agora, relaxar foi o que fez de mim um campeão, como no Mundial Júnior. Então, pare de se preocupar e seja você mesmo.”

Quase no mesmo instante, fiquei mais feliz. Tinha menos preocupação, me recuperei rapidamente. O peso sumiu dos meus ombros. Aqueles garotos tinham me lembrado de quem eu era; lembrei de quando calcei o pé errado da sapatilha em 2002 e mesmo assim venci. Eu era um campeão e, quando saí dos blocos na hora certa, corri para valer. Fui colocado na faixa três, que era muito próxima da curva, e senti os músculos das costas repuxarem quando acelerei para contorná-la. Mas isso não bastou para me atrasar. No instante em que cheguei à linha estava em primeiro lugar, terminando com um tempo de 19,40 segundos. Mais tarde, ajudei a equipe do revezamento 4 × 100 metros a quebrar o recorde mundial de novo, com o tempo de 37,04 segundos. Eu realmente tinha deixado os problemas para trás.

Depois, enquanto relaxávamos na vila, avaliei a situação. Cheguei à conclusão de que tudo na vida acontecia por um motivo.

“Se não tivesse queimado a largada aqui”, pensei, “os problemas poderiam me acompanhar na próxima temporada.”

Teria sido um desastre. Londres em 2012 estava no horizonte, e eu não queria estragar a defesa dos meus títulos – não lá.

"Meu Deus, espero ter aprendido a lição", pensei.

Quando olhava para minhas medalhas de ouro, rezava para que meus problemas com a forma física e o estresse tivessem acabado para sempre.

Não devia ter caído nessa.

CAPÍTULO 14

# CHEGOU A MINHA VEZ

O treinador odiava quando eu discutia minhas lesões com a mídia. Ele me dizia que reclamar só aguçava a preocupação dos repórteres com a dor – e a minha também. Mentalmente, isso era ruim, porque eu precisava esquecer meu tormento, e falar dele só agravava o problema. Além disso, podia parecer que estava inventando desculpas quando culpava o mundo pelas minhas dores e distensões.

Mas, caramba, quando começaram os preparativos para 2012, ainda colecionava lesões. Minhas costas viviam contraídas por causa da escoliose, e os dois tendões de Aquiles doíam. A manhã depois de uma sessão de treino duro era difícil: quando me levantava da cama, às vezes sentia como se meus ligamentos tivessem sido substituídos por arame farpado enferrujado; em outros momentos, parecia que eu era uma marionete de madeira, mas que os cordões que me seguravam estavam todos embaraçados.

Eddie massageava os meus tendões de Aquiles duas vezes por dia, todos os dias, para soltar as articulações do tornozelo e relaxar minhas panturrilhas antes do treino; massageava as costas e a coluna, dissipando com os dedos a inflamação e a pressão. Também fui a Munique para consultar o médico. Os Jogos Olímpicos de Londres em 2012 estavam se aproximando, e eu não podia arcar com muitos atrasos no programa de treino.

No início, me exercitei pesado, mas pesado mesmo, em cada sessão. Tanto que muitas vezes ficava atordoado e enjoado depois dos exercícios na pista. Colocar alguns dedos na garganta me fazia vomitar, o que aliviava a náusea, mas vomitar não impedia que o ácido lático queimasse minhas pernas, e O Ponto Sem Retorno me

destruía todos os dias. Houve momentos em que precisava gritar para o Eddie arrancar a dor das minhas pernas. Caía na pista sofrendo depois de uma sessão de corrida intensa, os músculos das costas se retorcendo em espasmos, e, enquanto ele soltava minhas fibras tensas e os tendões, eu sonhava com o momento em que a dor acabaria para sempre.

– Vou relaxar muito depois do atletismo, Eddie – brincava. – Só vou jogar golfe…

Como a maioria dos atletas, sentia dor quase o tempo todo e todos os dias sentia uma dor depois da outra. A academia causava dor, a corrida acelerada causava dor, os exercícios básicos causavam dor. Tudo significava dor. O pior eram os exercícios de fundo no início da temporada. Dia sim, dia não, precisava correr várias repetições de cerca de 300 metros o mais rápido que pudesse, para desenvolver resistência em velocidade e esforço. Era permitido apenas um breve descanso entre corridas, então no final de uma sessão de treinamento saía da pista com dificuldade. Meu Deus, era demais. Como disse certa vez o lendário velocista americano Jesse Owens: "[É] uma vida inteira de treinamento para apenas 10 segundos". Mas, nos meus pensamentos, a dor precisava valer a pena. *Precisava valer a pena.*

À medida que o programa de treinamento prosseguia, não era apenas o esforço físico que me impedia de progredir; de novo, minha mente estava despreparada. A Coreia do Sul tinha me assustado, talvez mais do que imaginara, e a falsa largada não saía da minha cabeça. Ainda preocupado que isso pudesse se repetir em Londres, ficava obcecado com a minha reação à arma. Aprimorar minha atitude nos blocos tornou-se uma nova preocupação, uma obsessão. Disse ao treinador que queria disparar da linha de largada como uma bala, mas minha atitude o aborreceu.

– Ouça, esqueça essa coisa de largada – disse ele uma noite, quando conversávamos sobre a minha atuação nos blocos. – Você nunca foi bom na largada, só tinha uma largada boa. Em Pequim, você começou bem, ganhou e ainda bateu o recorde mundial. Então pare de se estressar com a largada e siga em frente.

Não ajudou. Quando a temporada começou, faltou consistência: uma corrida de 9,82 segundos foi o bastante para vencer o Jamaica Invitational, mas depois, em maio, cravei um tempo capenga de 10,04 segundos em Ostrava, na República Checa. Minha reação à arma foi ruim, mas depois tudo na corrida ficou ruim. Minhas pernas pareciam mortas, e nada em mim estava no ponto, embora não estivesse muito preocupado, porque todo mundo tinha corridas ruins – eu era humano, afinal de contas, e sabia que não podia bater recordes em todas as competições.

Mas podia vencer a maioria delas, então, nas duas corridas seguintes, em Roma e Oslo, venci Asafa com tempos de 9,76 e 9,79 segundos. Dessa vez, porém, ao contrário de nossa corrida em Estocolmo, quatro anos antes, quando ganhei uma vantagem psicológica, o resultado me desestabilizou. Fiquei muito acomodado. A ideia de que estava em perfeita forma me iludia a diminuir os níveis de intensidade no treino e relaxar muitas noites, como tinha feito antes de Osaka, em 2007. Claro, executava todos os exercícios que o treinador me pedia para fazer na pista, ia ao Spartan quatro dias por semana, mas raramente me forçava a alcançar O Ponto. Deixava rolar e me comportava como se 2012 fosse apenas um ano normal, quando na verdade era um dos mais importantes da minha carreira. A realidade de que poderia perder a aptidão física tão rapidamente quanto tinha ganhado não me ocorria, e minha forma, minha velocidade e minha força iam se esvaindo.

Não que sentisse isso a princípio, e essa era uma verdadeira má notícia, porque as provas olímpicas se aproximavam, e os competidores classificados pela Jamaica eram fortes – muito fortes. Eu estava competindo junto com Yohan Blake e Asafa, e os velocistas Nesta Carter e Michael Frater também estavam envolvidos. Era um grupo de campeões em potencial, e todos tinham velocidade para vencer. A maioria das pessoas considerava as provas de classificação da Jamaica as mais difíceis do mundo, porque nossos padrões eram verdadeiramente altos, tão difíceis quanto algumas finais de campeonato, e apenas três atletas poderiam se classificar para Londres em cada uma das provas de velocidade.

Não havia espaço para a acomodação. A competição prometia ser intensa, mas, na semana que antecedeu a competição, meus tendões das duas pernas se enrijeceram. Eddie me massageava o tempo todo para soltar minhas pernas, mas, conforme progredia nas eliminatórias e semifinais no Estádio Nacional de Kingston, alguma coisa ainda não estava certa. Não me sentia no meu estado normal. Minhas pernas pareciam um pouco estranhas, meus tendões estavam tensos e eu não pisava na pista com a elasticidade de costume.

"Mas não se estresse", pensei enquanto me preparava para a final. "Você vai chegar lá."

Minha crença vinha da arena. O burburinho da grande multidão me alimentava. Todos os ingressos para as provas tinham se esgotado, e havia uma energia em torno do Estádio Nacional, embora eu apostasse que a maioria dos fãs estaria torcendo por Asafa e não por Blake nem por mim. Kingston era a cidade dele, e seu povo sempre o apoiou nos grandes eventos.

A popularidade de Asafa era uma sensação que eu havia vivenciado pela primeira vez na Jamaica alguns anos antes, em um campeonato nacional. A reação que ele recebera me chateara um pouco, porque fazia um tempo que o estava derrotando, e esperava que ficassem do meu lado, mas, quando competimos no mesmo grupo, o público mostrou todo o amor que sentia por ele. Não aguentei. Perdi a concentração na corrida. E então tentei descobrir o que tinha feito para aborrecer o público jamaicano.

"Mas tenho corrido tão bem", pensei. "Bem, achei que estivesse me saindo bem… Quando foi que Asafa me venceu em uma medalha olímpica?"

Naquele dia, esqueci minha própria regra (*Faça isso por si mesmo em primeiro lugar, pela Jamaica em segundo*), me perdi, e isso quase me custou o primeiro lugar.

Dessa vez, nas provas de classificação, estava pronto para o entusiasmo em torno de Asafa e, enquanto me aquecia com Blake, dei-lhe uma advertência amigável.

– Escute, quando chegar lá, não se assuste com o amor que eles têm por Asafa aqui – disse. – Aqui é a terra dele. Lembre-se disso. Aconteça o que acontecer, somos apenas convidados. Por pior que

seja a corrida de Asafa, as pessoas vão sempre amá-lo, portanto não se iluda pensando que essas pessoas são suas fãs.

Eu também estava certo. Quando nos alinhamos na largada, ficamos os três ombro a ombro, Asafa no meio. O locutor chamou meu nome, e aplausos percorreram as arquibancadas. Foram aplausos significativos, mas não exagerados. Então o nome de Asafa foi citado, e o lugar quase veio abaixo, as pessoas aplaudindo com mais entusiasmo do que antes. Blake inclinou-se para trás e chamou minha atenção. Ele tinha entendido a popularidade de Asafa, e nós dois sorrimos. Foi uma lição.

No entanto, nem toda a concentração mental no mundo poderia ter me salvado da minha má forma. Quando os atletas foram chamados para suas marcas, Nesta Carter ficou do lado de dentro em relação a mim.

*Preparem-se…*

A arma disparou – *Bangue!* –, e ele saltou um pouco à frente do grupo, oscilando para a frente antes de disparar pela pista. Aquele movimento foi o bastante para me perturbar, e eu estava em último lugar nos blocos. Ainda pior, meu início fora tão ruim como nas rodadas anteriores. Não tinha nenhuma força e, faltando 50 metros para o término, diria que ganhar a corrida seria uma luta. Blake tinha uma liderança forte.

"Porra, não vou alcançar Blake. Não vou alcançar Blake…"

Eu tinha visto o garoto tornar-se um corredor de ponta nos últimos dois anos no Racers. Ele sempre era bom nos últimos 30 metros dos 100 e dos 200, assim como eu. Se algum dia o deixava muito à frente depois do disparo no treinamento, muitas vezes era difícil alcançá-lo até a chegada. Com 60 metros passados, soube que o primeiro lugar estava fora de alcance. Ele tinha 3 ou 4 metros à minha frente, e eu teria lutado para vencer essa distância em um bom dia. Mas Asafa era outra questão.

*Não vou deixar o Asafa me vencer!*

Forcei tudo, esticando cada músculo nos últimos 20 metros, e terminei em segundo lugar, à frente de Asafa. Quando olhei para o relógio, Blake tinha registrado seu melhor tempo até então – 9,75 segundos –, e o garoto estava empolgado; era a sua corrida mais

rápida do ano até aquele momento. Foi quando percebi que minha atitude relaxada quanto ao treinamento quase tinha me custado um lugar em Londres em 2012. Fiquei furioso.

"Preciso melhorar e me concentrar", pensei, enquanto dirigia para casa naquela noite. "De jeito nenhum vou deixar Blake levar os 200 também. Essa é a *minha* competição."

No dia seguinte, na hora da final, fiz a curva com força, muita força, mas ainda não foi o bastante. Blake se afastou na reta e, quando me aproximei da linha de chegada, minha velocidade simplesmente desapareceu. Minha força tinha se esgotado, e, não importava quanto castigasse a pista, não importava quanto me esforçasse, meu corpo não respondia. Estava emperrado, e a força adicional que tinha feito de mim um batedor de recordes mundiais em Nova York, Pequim e Berlim tinha desaparecido.

Assim como na noite anterior, fiquei em segundo lugar, o que era o bastante para me classificar para Londres, mas não o bastante para mim, pessoalmente. Sentei na pista, irritado. Estava destruído, meus tendões doíam, as pernas estavam exaustas, sentia-me esgotado, mas ainda tinha força suficiente para mandar uma mensagem a um dos meus adversários. Quando me levantei e corri pela pista, alcancei Blake e o segurei de leve pela cabeça. Para o mundo que assistia, provavelmente parecia que ia parabenizá-lo. As pessoas podem ter pensado que dizia algo agradável e amigável, como: "Parabéns, boa corrida. Estou feliz por você".

Mas esqueça: estava chateado, e foi meu momento de colocar o garoto em seu lugar.

– Ei, Blake, isso nunca mais vai se repetir – disse. Estava rindo, sendo amigável, mas a intenção era importante. – *Nunca.*

Estava falando sério.

* * *

Nos dias seguintes aos meus dois segundos lugares, o povo jamaicano me desprezou. Disseram que era o momento de Blake brilhar no cenário olímpico, que ele era, afinal, o campeão do

mundo. Aparentemente, eu estava acabado, e a empolgação que me impulsionara a Pequim e Berlim tinha acabado.

Isso era ótimo – pelo menos entendia por quê. Tinha ido mal no treinamento, achado que tinha energia suficiente para vencer provas sem ranger os dentes ao passar pelo Ponto, e a força do início da temporada se acabou. Sabia que a culpa era minha e que estaria mais preparado para Londres, mas isso não tornou mais fácil de engolir a sensação de terminar em segundo lugar atrás de Blake.

Senti raiva de mim mesmo por vários dias depois. Sempre fui um crítico severo de mim mesmo e, quando errava, fosse em uma corrida ou em uma partida de futebol, me censurava, me chamava de idiota – ou coisa pior. Estava sempre maldizendo meus erros e, uma semana depois, assisti a uma reprise das provas jamaicanas em casa. Realmente, não devia ter me enganado, mas não pude deixar de repassar as dores da derrota. Precisava reviver o ocorrido, para ver a dor, para me dar outra leva de palmadas no traseiro.

Afundei no sofá e assisti ao início ruim nos 100 metros, com Nesta oscilando nos blocos. Captei a tensão no meu rosto enquanto tentava vencer Blake nos últimos 30 metros dos 200. Foi horrível. Mas então, algo aconteceu, algo que criaria um incêndio em mim. Na televisão, Blake cruzava a linha e corria para a multidão. Não tinha visto isso acontecer naquela noite porque tinha caído na pista, esgotado, mas o que perdi me causou imensa fúria: o garoto correndo até lá e comemorando na frente das arquibancadas. Um dedo foi pressionado contra os lábios.

*Psiu!*

Pareceu que dizia para o resto dos atletas calar a boca – inclusive eu.

Voltei o vídeo e repeti o trecho. Lá estava ele de novo.

*Psiu!*

“Espere aí… o que é isso?”, pensei. “Fala sério, cara! O que está acontecendo aqui?”

Assisti ao clipe de novo. E de novo. Não podia acreditar no que via. Não estava feliz em perder para Blake, mas agora havia alguma ostentação em jogo, e fiquei irritadíssimo porque, nos dois anos em que estava competindo no mais alto nível, sempre o tinha apoiado.

Quando ele começou a treinar conosco na pista do Racers, eu o tinha incentivado. Nas entrevistas, fazia questão de dizer aos jornalistas: “Ei, fiquem de olho nesse garoto. Ele tem algo especial”.

Acima de tudo, considerava-o um amigo e um companheiro de equipe, tinha tentado ensinar o esporte para ele, com tudo o que vinha junto. Dava até umas dicas nas competições, como quando avisei para não se impressionar com a popularidade do Asafa na Jamaica. Até seu apelido tinha vindo de mim. Eu disse a alguns repórteres que ele era um animal em treinamento, e a expressão pegou.

A Fera: era um apelido legal.

Agora a Fera se voltava contra mim.

Tudo bem – eu achava que todos deveriam mostrar confiança e querer ser o melhor, um atleta precisava se enaltecer um pouco em público, para provar aos outros competidores que também era durão. Mas fazer isso de uma maneira desrespeitosa em relação a mim? Era o que esperava dos outros.

Sabia que Tyson Gay não gostava de ser vencido por mim, mas ele nunca me destratou publicamente. Asafa Pamell também tinha dito coisas à mídia sobre mim, mas até aí tudo bem, porque ele treinava em um campo longe do meu. Vai saber o que seu treinador lhe pedia para dizer ou fazer.

Com Blake era diferente. Ele estava no mesmo grupo que eu. Sabia como eu tinha treinado pesado nos últimos anos, mas também sabia como era competitivo. Todo mundo sabia. Era de conhecimento geral que eu odiava perder. Recentemente, eu tinha comentado com os rapazes do Racers Track Club sobre a ocasião em que jogara golfe com NJ, e eles riram muito quando contei como ficara chateado ao perder[20].

Blake sabia isso sobre mim, talvez até estivesse lá quando contei a história. Portanto, se eu era o tipo de pessoa que ficava fora de si por causa de um jogo de golfe, um esporte que não considerava minha praia, como ele achava que reagiria ao ser derrotado por ele nos 200 metros – *a minha competição?* Não ficaria exatamente contente. Ele também devia saber que falar de mim, ou dar a entender que eu poderia ser superado, seria como um pano

vermelho para um touro. Aquilo criava um desafio. E quando tinha um desafio, como na minha primeira corrida na escola, como com Keith Spence, como com Tyson, eu sempre melhorava.

Depois de ver a reprise da corrida, fiquei chateado de verdade e não falei mais com Blake na pista por alguns dias. Acho que fiquei meio cansado dele, mas isso passou um pouco depois. Até mesmo o parabenizei pelo seu desempenho uma noite. Sabia que a minha atitude precisava ser de aceitação, pois éramos amigos no treino, inimigos na competição.

Pensando nisso, deveria ter agradecido a ele, porque aquele gesto colocou o meu motor em funcionamento. Em um instante, estava empolgado, acelerado. Cada passo que dei na pista depois daquela noite no sofá era motivado pelo orgulho, porque estava treinando contra Blake, além de defender os meus títulos olímpicos. Queria aparecer em Londres e provar para ele e para o mundo que era um campeão.

Não o deixei notar como estava me sentindo, não queria que visse a minha decepção, mas por dentro sabia que era hora de partir para a luta, e para valer. Tinha uma disputa para ser acertada.

* * *

Londres, 2012: imagine a loucura.

Desde o instante em que cheguei à capital inglesa, a empolgação foi fantástica. A cidade estava em clima de festa, e as ruas, cheias de bandeiras e cores. Em todos os lugares havia cartazes e faixas exaltando os Jogos, e meu rosto estava em quase todos eles. Um grafiteiro chegou a pintar uma foto minha ao lado de um prédio no East End da cidade – ficou muito legal.

O mais decepcionante foi ver tudo isso em segunda mão pela internet, porque não podia andar pelas ruas para testemunhar pessoalmente. Ao contrário de Pequim, não era um momento de calma anterior à tempestade e, desde o instante em que cheguei, a vila olímpica tinha se tornado a minha casa, onde precisava ficar longe dos olhos, longe dos caçadores de autógrafos e dos fãs. Era

difícil. Havia um centro de compras no Parque Olímpico e meus amigos estavam sempre me ligando para dizer como estava cheio de garotas lindas.

Mas eu não precisava de distrações. Tinha levado quatro anos para chegar a um ponto da minha vida em que poderia ser maior do que qualquer outro atleta. Depois de Pequim, muitas pessoas me chamavam de ícone, um fenômeno esportivo daquela geração, assim como Muhammad Ali, Pelé e Jesse Owens antes de mim. Mas eu não encarava desse jeito. Pensava em mim como qualquer outro campeão olímpico, e havia muitos deles ao meu redor. Sim, tinha ganhado três medalhas de ouro da última vez, o que era bem impressionante para os padrões de qualquer um, mas, para me destacar, teria de fazê-lo duas vezes. Se conseguisse repetir os meus feitos em Londres, então seria o máximo.

A verdade era que estava com 25 anos de idade e imaginei que Londres fosse minha melhor chance de ganhar o *status* de lenda. O Rio de Janeiro estava a mais quatro anos de distância e muita coisa podia acontecer nesse meio-tempo. Estaria com 29 anos em 2016 e, embora ainda fosse possível ganhar três medalhas de ouro, seria um feito muito mais difícil. Então, estava sério, concentrado como nunca. Dizia aos meus amigos: “Ei, parem de me falar de garotas, tenho um trabalho a fazer”.

A grande fofoca na mídia era que os atletas só pensavam “naquilo”. Os jornalistas britânicos podiam ser bastante fanáticos e havia uma reportagem em um jornal de que tinham sido distribuídos 150 mil preservativos na vila olímpica. Aparentemente, todos os atletas das Olimpíadas tinham recebido uns 15 para o período da competição – não que eu tivesse visto. Depois, uma goleira da equipe de futebol feminino dos Estados Unidos jogou lenha na fogueira, ao dizer aos repórteres que tinha visto casais transando como loucos nos gramados dos alojamentos dos atletas.

Tudo parecia muito louco para o mundo exterior, como se uma orgia absurda estivesse rolando a portas fechadas, mas não vi nada disso na primeira semana. Ninguém da equipe jamaicana participou de uma coisa dessas (ou foi o que me disseram), mas isso não impediu as fofocas. Acho que o motivo era o mito muito discutido

sobre os atletas olímpicos: de que damos em cima uns dos outros desde o momento que nosso avião pousa em uma cidade olímpica. Corria a ideia de que, como estamos fisicamente preparados, e os nossos níveis de testosterona atravessam o telhado, não conseguimos controlar nossos impulsos.

Talvez tenha sido assim com quem compete por medalhas no primeiro dia, os caras do arco e flecha ou do tiro, que sempre encerram sua participação logo no início, mas, para os competidores do atletismo, a ação só estava marcada para começar na segunda semana dos Jogos, e depois haveria competições praticamente todos os dias. Se envolver com o sexo oposto era a última coisa na minha mente, pelo menos até minhas corridas terminarem.

Mas isso não impediu o falatório, e, pouco depois de chegar a Londres, fui a uma coletiva de imprensa com Asafa. Um entrevistador perguntou sobre a história das camisinhas. Nós nos entreolhamos e rimos. Nenhum de nós sabia do que diabos ele estava falando.

– Nunca vi uma camisinha em uma vila olímpica – respondi. – Nenhuma. *Nunca.*

Fiquei confuso. Enquanto voltávamos ao alojamento jamaicano em um carro oficial, Asafa e eu tentamos descobrir de onde tinha vindo a história.

– Onde eles estão dando essas coisas? – eu disse.

Asafa deu de ombros.

– Quem recebeu, então? Para nós, não deram nenhuma. Quem sabe entregaram à federação, e a federação não quis distribuí-las, para não incentivar nenhum dos atletas?

Isso não quer dizer que vivêssemos como monges. Com o passar dos dias, vi alguns atletas jamaicanos se divertindo. Seus compromissos haviam acabado, então tinham o direito de sair em Londres à noite para uma farra. Toda vez que os via na manhã seguinte, sempre pareciam cansados. Estavam fisicamente exauridos e com os olhos vermelhos. A princípio, ria um pouco deles. Então pensava: “Ah, cara, tenho os 100 para fazer, os 200, o revezamento 4 × 100… Não vou conseguir me divertir. Tenho um dever a cumprir”.

No entanto, o trabalho era divertido. O tempo estava bom, o estádio era maravilhoso, e assim que pisei na pista para a primeira bateria de 100 metros, todo mundo nas arquibancadas foi à loucura. Aquilo me deu calafrios. Quanto mais saía para a pista, mais alto o ruído soava, e quanto mais alto soava, melhor. Ficava energizado a cada passo.

O Estádio Olímpico estava transbordando no primeiro dia das eliminatórias, e as multidões de Londres o encheram desde o minuto em que os portões foram abertos. Todo mundo no país era louco pela competição. A atmosfera era fantástica, e eu nunca tinha sentido uma energia assim antes – nem mesmo em Atenas ou Pequim. Olhei em volta, absorvendo aquilo, e pensei: "Por que será que tem tanta gente aqui?" Em geral, sessões matinais eram meio vazias na melhor das hipóteses, até mesmo nos campeonatos importantes. Havia sempre uma área lotada, enquanto o resto da arena ficava vazio.

No Estádio Olímpico de Londres foi diferente. Ele vibrava com a agitação dos fãs, e havia muitos jamaicanos na cidade. Londres sempre foi popular entre os povos do Caribe, e muitos deles estavam ali na arena para festejar. Muita gente torcia pelos nossos atletas, o que só aumentava minha energia, mas a pressão aumentava também. Por causa do sucesso olímpico da Jamaica nos Jogos de 2008, as pessoas nos consideravam os favoritos nas provas de velocidade. De repente, a expectativa era importante, e o povo jamaicano exigia a repetição das medalhas de ouro de Pequim, obtidas por mim, Shelly-Ann Fraser (100 metros feminino), Melaine Walker (400 metros com barreiras feminino) e Veronica Campbell-Brown (200 metros feminino), para não mencionar a equipe masculina de revezamento 4 × 100 metros.

A empolgação era imensa em toda parte, porém, e todo mundo queria saber por que nossa pequena ilha no Caribe produzia tantos velocistas de primeira classe. Em artigos de jornais e documentários de televisão, havia uma série de teorias. Algumas pessoas, incluindo meu pai, alegavam que era por causa do nosso inhame – o amido vegetal que fazia parte da dieta tradicional jamaicana. Outros creditavam o sucesso ao fato de que muitas vezes os velocistas

jamaicanos começavam treinando em pistas de grama, como eu, na escola. A superfície melhorava nossa técnica, e havia a sensação de que um atleta que fosse capaz de correr rápido na grama poderia correr rápido em qualquer lugar.

Michael Johnson tinha participado de um documentário de televisão no qual sugeria que o nosso sucesso e o sucesso de uma série de atletas americanos poderiam se dever ao fato de sermos descendentes de escravos do oeste africano. Aparentemente, naquela época, os caras teriam passado por um rigoroso processo de seleção antes de ser transportados para a América Latina e para o Caribe. Só os mais fortes foram escolhidos para a viagem e, desses, apenas os mais fortes conseguiram desenbarcar na Jamaica, o ponto mais distante a que chegavam os escravos. A viagem era tão infernalmente difícil que matou um monte deles.

Johnson acreditava que o "gene escravo" tinha chegado a astros do atletismo como ele próprio – além de mim, Blake e os outros –, que era o que nos dava tanta vantagem física sobre os adversários. Éramos naturalmente mais fortes, mais aptos e mais rápidos. Mas havia outra teoria. Para mim, a principal razão pela qual a Jamaica produzia tantos velocistas de elite era uma única coisa: o Champs.

Os jamaicanos consideram o atletismo como os brasileiros consideram o futebol – são loucos por ele. Em todos os lugares do Brasil, os garotos já nascem chutando bola: nas ruas, na grama, até mesmo na praia, onde fazem campos de futebol de areia em Copacabana e jogam sob os holofotes. Foi apenas natural que produzisse tantos jogadores de alto nível, como Neymar, Ronaldo e Ronaldinho. Na Jamaica, por sua vez, todos os jovens se interessam pelo atletismo, e o Champs tornou-se o apogeu para qualquer atleta júnior com ambição.

Não foram apenas os garotos de Kingston e das cidades maiores que se destacaram no esporte. Das áreas rurais mais distantes também saíram grandes atletas, como aconteceu comigo na competição de 2001, e fiquei sabendo pelo treinador que os treinadores do país tinham uma abundância de escolha em eventos recentes. Bastava aparecerem no Estádio Nacional em Kingston e

escolher os melhores talentos expostos como se estes fossem cavalos de corrida puros-sangues.

"Ah, aquele garoto tem potencial", diziam sobre um campeão dos 200 metros. Ou: "Aquele ali está no último ano, não vai ficar mais rápido".

Um garoto mais novo, que terminasse em quarto lugar em sua competição, poderia ter mais talento do que um campeão um pouco mais velho, e assim o treinador o colocava sob seus cuidados e o moldava em um astro olímpico em potencial.

Eu sabia de onde vinha a força da Jamaica e, se aqueles garotos do Champs seguissem o caminho certo, então nas eliminatórias dos Jogos Olímpicos de 2016 dariam um espetáculo muitíssimo mais impressionante do que o meu. Minha derrota para Blake já tinha provado que eram um acontecimento mais intenso do que qualquer outro. Então me ocorreu que a paixão da Jamaica pelo atletismo aumentaria o padrão nacional mais um ou dois níveis, porque alguns desses garotos talentosos eram incrivelmente fortes.

Além disso, eram confiantes. Lembro-me de um estudante que apareceu na pista poucos meses antes dos Jogos de Londres. Ele era um velocista dos 200 com estilo, mas falou um monte de besteiras sobre como quebraria meu recorde no Champs daquele ano. Eu o encarei e falei entredentes.

– Sério, mesmo? – disse. – Quer saber? Vá lá e quebre o recorde mundial de 200 metros de juniores no Mundial Júnior em primeiro lugar e depois fale comigo.

O garoto perdeu por um ducentésimo de segundo no Champs e, quando voltou à pista uma semana depois, parecia todo envergonhado. Passei por ele com Blake, falando em voz alta de propósito para que pudesse ouvir cada palavra minha.

– Esses garotos jovens… falam todos os dias que vão quebrar meus recordes e como vão me vencer e todo tipo de besteira. Acho que agora devem estar aprendendo.

Ele ficou em silêncio, balançando a cabeça. O treinador inclinou-se para ele.

– Eu falei para não vir aqui – disse ele. – Vão acabar com você por correr só da boca para fora.

Eu só estava mexendo com ele, mas tentei lhe ensinar uma lição também, porque os atletas não podiam simplesmente mirar o cara número um quando ainda são tão jovens. Em vez disso, deveriam procurar crescer. Mas os garotos não percebiam isso no início. Ao contrário, eles me olhavam no primeiro lugar e pensavam: "Vou vencer o Usain Bolt". Não entendiam que primeiro precisavam vencer Tyson, Asafa, Blake e Wallace Spearmon. Então, talvez, podiam vir para cima de mim depois.

Eu dizia aos garotos:

– Ei, vejam o tamanho da fila. Passem por ela primeiro. Não podem vir direto ao topo para me ameaçar.

Com tantos atletas produzidos no Champs, até havia a chance de um candidato me superar, mas isso estava a anos de distância. Por ora, Londres, 2012, era a minha vez, e da Jamaica também.

* * *

Se havia um cara com quem estava ansioso para correr nas eliminatórias dos 100 metros era Justin Gatlin. O velocista americano tinha sido pego em 2006 em um teste de *doping* com altos níveis de testosterona e cumprido uma suspensão de quatro anos, mas essa não era a causa da minha irritação[21]. Queria vencê-lo porque Gatlin gostava de falar antes das corridas e adorava intimidar os outros velocistas do grupo, o que me parecia idiotice.

Eu tinha visto isso acontecer durante uma corrida em Doha naquele ano. Todo mundo sabia que ele estava empolgado com sua segunda chance no primeiro time e que queria causar boa impressão, mas Asafa era o único jamaicano competindo com ele naquele dia, e a pressão para não perder era grande. Até avisei: "Asafa, você não pode deixá-lo vencer. Não tem nenhuma chance de ele voltar depois de tantos anos sem competir e vencer você".

Quando os dois chegaram à largada, Gatlin fez o de sempre. Antes das corridas, ele fazia uma cena, como aquele outro velocista americano, Maurice Greene – um figurão em sua época. Maurice tinha sido medalhista de ouro olímpico nos 100 metros nos Jogos

Olímpicos de Sydney em 2000 e um ex-recordista mundial, com um tempo de 9,79 segundos. Também era um cara intenso. Costumava fazer caretas e encarar os outros atletas na sala de chamada, o que devia ser assustador, porque era grandalhão, muito musculoso. E sabia que, se outro competidor ficasse intimidado com seu exibicionismo, então não conseguiria se concentrar na corrida, o que daria a ele uma vantagem.

Os tempos tinham mudado desde aquela época e, quando comecei como profissional, havia um respeito verdadeiro entre os atletas, mas Gatlin não jogava nesse time. Ele parecia pensar que estava em uma luta de boxe, achando que poderia agir como Maurice. Em Doha, encarou Asafa nos olhos, e Asafa se apagou. Gatlin o venceu na linha e, cara, isso o deixou chateado. Depois de roubar o primeiro lugar, ele correu pela pista e fingiu puxar uma arma, disparando seis tiros imaginários para o ar. Mas seu exibicionismo não parou por aí e, na coletiva de imprensa em seguida, começou a falar besteiras para a mídia.

– Um a menos – disse ele. – Faltam dois.

Estava falando dos velocistas jamaicanos. Aparentemente, Blake e eu seríamos os próximos alvos.

"Ai, meu Deus", pensei. "Que vergonha…"

Enquanto assistia à cena na televisão, tive vontade de pegar Asafa e apertar o pescoço dele, ninguém ficou bem com o resultado. Fiquei chateado, Blake ficou chateado e, no dia seguinte, no treinamento, nós dois fizemos a mesma pergunta: "Como Asafa deixou esse cara pensar que era tão bom?"

Mas, até aí, Gatlin já tinha tentado aplicar o mesmo golpe em mim quando nos encontráramos no World Challenge da IAAF em Zagreb. Acho que ele imaginou que conseguiria me assustar como tinha feito com Asafa porque, enquanto nos alongávamos e ensaiávamos nossos passos diante dos blocos, ele me encarou, baixou os olhos e cuspiu na minha faixa. A saliva voou de sua boca quase em câmera lenta e caiu na faixa à minha frente. Não acreditei, ri muito – era muito engraçado.

"Como é que é?", pensei. "*Fala sério!* Você acha que vai me intimidar? Cuspindo na minha faixa? *Faça-me o favor!*"

Era preciso muita coisa para me irritar, principalmente pela maneira como meu pai tinha me disciplinado quando criança, mas também porque eu não me deixava assustar nem incomodar por alguém como Gatlin. Ele não tinha nem arranhado a superfície, não era uma ameaça, era mais um incômodo. Além disso, uma pessoa precisava fazer algo realmente muito ruim para me tirar do sério, e eu raramente perdia a paciência, porque considerava os bons modos uma coisa importante. Ainda assim, o fato de eu ter ficado calmo diante de toda essa provocação deve ter chateado Gatlin, porque ele tornou a disparar outra cusparada na minha faixa.

O segundo ataque concentrou ainda mais a minha mente. Rapidamente, meu cérebro fez algumas contas: "Vejamos, ele está correndo em 10,10 segundos no máximo este ano", pensei. "Estou correndo em 9,60, e ele acha que vou ficar com medo porque está cuspindo na minha faixa? Uau, ele deve ser o maior idiota do mundo."

Na mesma hora, eu soube que não perderia. As únicas perguntas que surgiram na minha mente foram: "Qual vai ser minha velocidade? E por quanto vou vencer esta corrida?"

A próxima vez que encarei Gatlin foi quando a corrida terminou. Atravessei a linha em primeiro lugar e, quando olhei para trás, eu o vi 5 metros atrás. Não havia mais nada a dizer, a vontade de cuspir e de olhar para baixo tinham desaparecido. Eu tinha dado uma surra nele, meio que no estilo do meu pai. Ainda assim, isso não impediu a empolgação dele e, pouco antes de Londres em 2012, Gatlin voltou a abrir a boca para os repórteres.

– [As pessoas] estão cansadas de assistir ao "show do Bolt" há alguns anos e estão querendo ver algo novo no pedaço. De minha parte, fico feliz em contribuir para isso acontecer.

Acho que devo ter parecido fora de forma para ele, em especial depois das eliminatórias da Jamaica e de Ostrava. A questão é que Gatlin era um pouco como eu, louco por competição. Bem, era isso o que meu treinador pensava, pelo menos.

– Vocês são duas pessoas que melhoram quando chega "A Grande Ocasião" – disse ele.

Não importa. Para mim, Gatlin era um estorvo antes dos Jogos Olímpicos, e eu pretendia vencê-lo.

No meu caso, o mais importante era que me sentia forte nas eliminatórias. Podia dar o máximo sem temer uma lesão em todas as corridas e estava afiado para os primeiros 60 metros. Depois disso, concluí a competição sem muita dificuldade nos 100 e fiz o mesmo nos 200. Mais importante, também tinha parado de me estressar com as largadas. Minha confiança estava acima do telhado.

A confiança de Blake também estava alta, talvez alta demais. No primeiro dia das eliminatórias, dei um passeio na classificação para os 100 metros. Poucos minutos antes, Blake também tinha vencido a sua corrida e, enquanto caminhava pelo estádio, avistei-o no meio da multidão. Jornalistas e radialistas aglomeravam-se em torno dele na zona mista, uma área onde a imprensa era autorizada a fazer perguntas aos atletas. Também vieram em minha direção. Microfones e câmeras apontaram para mim de todos os cantos.

Enquanto eu passava pela fileira de entrevistadores, falando, a notícia da autoconfiança de Blake começou a correr entre os jornalistas. Ele estava a poucos metros de distância, falando com alguns repórteres, mas falando demais.

Enfiaram um gravador no meu rosto.

– Usain, Yohan acabou de dizer que ficou nervoso na prova de classificação dos 100 metros – gritou um jornalista. – Mas ele acha que vai ser muito diferente nos 200.

*Ah, é mesmo?* Aquilo me pareceu um desafio, como se ele estivesse dizendo que venceria a final dos 200 metros. No entanto, não pensei muito no assunto. Imaginei que Blake poderia ter sido mal interpretado, então deixei por isso mesmo. Também sabia que ele estava confiante e, por causa de sua idade, nem sempre sabia expressar direito essa confiança. Mas escutei de novo. E mais uma vez.

Então alguém afirmou em bom inglês:

– Ele disse que você não vai vencer nos 200… com essas palavras.

Sorri comigo mesmo.

“Por que as pessoas continuam fazendo isso?”, pensei. “Por que continuam me subestimando como se fosse só mais um atleta, como se fosse um ninguém? Respeito todo mundo. Mas será que sou o único que tem respeito aqui? Primeiro Gatlin e agora isso? Isso vai de mal a pior…”

Decidi tomar uma atitude – então chamei Blake. Atrás de mim, havia um voluntário dos Jogos Olímpicos com um microfone, que eu sabia estar ligado a um conjunto de alto-falantes. Tinha sempre um por perto na presença da imprensa. Os organizadores os usavam para conversar com os atletas e os representantes da mídia ao mesmo tempo. Vendo a minha chance, peguei o microfone.

– Ei, Yohan Blake – disse, minha voz ecoando na zona mista.

Ele virou, olhei nos olhos dele e ri.

– Yohan Blake – repeti. – Você *não* vai me vencer nos 200 metros.

Ele sorriu nervoso. Tinha percebido que eu estava um pouco chateado, apesar dos sorrisos. Não queria discutir com Blake, porque ele era um companheiro de equipe e um cara legal, então me mantive amigável. Odiava a ideia de causar problemas aos companheiros jamaicanos, ainda mais para ele, mas tinha tomado minha decisão naquele momento.

*Tudo bem, seja como for, Blake. Vou vencer você…*

20 Foi muito engraçado, apesar de tudo. Não estava convencido de que entrar para valer em um esporte como o golfe seria uma boa ideia a princípio, porque eu não fazia nada que não fosse para vencer e não conseguia me ver como o próximo Tiger Woods. Enfim, ignorei meu lema e concordei em jogar em um belo campo jamaicano. NJ disse que seria "divertido", e eu tinha muitos equipamentos sofisticados para testar, então parti para o primeiro buraco parecendo Rory McIlroy, mas sem o cabelo encaracolado – usava meus sapatos de golfe e uma bela camiseta polo, calças sob medida, os tacos, o saco, tudo, até mesmo uma luva de golfe. Parecia um profissional. Então mandei os papagaios para longe ao jogar uma bola para dentro da floresta.

"Que diabos!", pensei. "Isso não devia acontecer!" Peguei outra bola do saco e voltei à posição, mas dessa vez acertei a tacada em uma lagoa do outro lado do gramado. Realmente não consegui entender aquilo, porque tinha tomado a liberdade de ir a um campo de treino de golfe pela manhã para me aquecer. Lá, eu tinha dado umas boas tacadas em linha reta, uma depois da outra. Mas na hora que resolvi jogar "para valer", foi aquela lástima. Não foi nada "divertido". Perdi sete bolas logo de cara e, depois do quinto buraco, pensei: "Dane-se, vou embora para casa". Saí do campo e joguei os tacos caros no porta-malas do carro. Nunca mais os usei.

21 Não tinha nenhum problema pessoal com a volta de Gatlin ao esporte. Quando acabou sua suspensão de quatro anos, não reclamei. Se a IAAF sentia que era certo ele correr de novo, então quem era eu para reclamar? Ele tinha cumprido sua punição, e eu só queria chegar à minha melhor forma para poder vencê-lo. Estava pronto para correr contra qualquer um, estava confiante em mim mesmo.

Os amigos sempre me diziam: "E se alguém vencesse você usando drogas?"

Minha resposta era sempre a mesma: não me importava. Se perdesse para alguém, quem quer que fosse, treinaria mais para vencê-lo na próxima vez. Mas se essa pessoa estivesse dopada, então ela saberia a verdade lá no fundo – Usain é melhor do que eu. Era assim que eu considerava as coisas. Estava feliz, correndo livre com a consciência limpa. Mas, se eu fosse ele, não abriria a boca para falar tanto.

CAPÍTULO 15

# SOU UMA LENDA

Aprendi a reconhecer as emoções de um adversário. É uma habilidade importante, como um jogador de cartas que observa os adversários para ver se estão com uma mão boa ou blefando. Em uma fração de segundo, posso perceber um lampejo de medo, uma preocupação, algum estresse. Em geral, isso se vê nos olhos. Mas, às vezes, sei se preciso me preocupar com um atleta (ou não) pela maneira como ele anda na sala de chamada, ou como se prepara na linha de largada.

Quando entrei na pista para a final dos 100 metros, dei uma olhada rápida nas faixas para observar os outros atletas. As câmeras dispararam flashes, um burburinho louco de emoção incendiou o estádio, enquanto todos esperavam o disparo da largada. A energia brotava da terra como faíscas. Sentia meus músculos tensos.

Olhei à esquerda, depois à direita. Todo mundo estava se alongando nas suas posições iniciais – Gatlin e Tyson, Asafa e Blake – e pude ver quem estava preocupado com a pressão e quem não estava. Tyson e Gatlin estavam bem, mas eu sabia que os nervos realmente nunca incomodavam Gatlin; Tyson estava em grande forma na preparação para Londres e devia estar confiante.

Eram os jamaicanos que pareciam inseguros. Asafa parecia um pouco nervoso – a velha história de antes. Mas Blake também parecia estressado, e isso, a meu ver, era a coisa mais estranha. A confiança que ele tinha demonstrado nas entrevistas desapareceu. Vi seu humor mudar pela primeira vez mais cedo naquela mesma noite, quando treinamos juntos na pista de aquecimento. Ele estava ali sentado, relaxado, provavelmente demais. Não estava se

preparando tão intensamente como deveria, e eu sabia que, se um corredor parasse de se movimentar antes de uma final importante, então os nervos poderiam se alterar, as pernas, começar a tremer. Pensar demais na importância de um prêmio e no que aconteceria em uma final importante era uma forma ruim de qualquer atleta se preparar. Era autodestrutivo.

Não queria que isso afetasse Blake. Apesar da nossa rivalidade, éramos amigos e colegas de equipe – éramos do *Racers*. Além disso, queria vencê-lo em sua melhor forma. Tentei animá-lo.

– Ei, você devia fazer mais aquecimento de velocidade – gritei enquanto Eddie me atendia.

Ele se sentou na pista e balançou a cabeça.

– Estou bem – disse.

Eu não estava convencido.

– Tem certeza?

– Pode crer!

"Certo, cara", pensei. "Você é que sabe. Se diz que está bem, então tudo bem…"

Podia jurar que não queria mais me ouvir. Acho que devia estar pensando: "Mas que coisa! Por que esse cara quer me ajudar?" Talvez não confiasse nos meus motivos. Ainda assim, deveria me conhecer melhor. Eu era sincero e queria o melhor para ele. Assim como tinha dado ao Asafa um breve impulso de confiança antes da final olímpica em Pequim, estava tentando ajudar Blake.

Sabia por que ele estava nervoso: o palco olímpico era enorme. Claro, vencer o Campeonato Mundial tinha sido importante, mas os Jogos Olímpicos em Londres eram um passo à frente, e o tamanho da competição muitas vezes mexia com a mente dos atletas. Eu dizia isso às pessoas o tempo todo:

– Sim, é fácil competir consigo mesmo, mas, quando você se alinha com os melhores velocistas do mundo, a vida fica um pouco mais difícil. Os maiores campeões estão nessa linha de largada olímpica, e um deslize significa que você não vai receber uma medalha. E, se não se controlar, vai voltar para casa de mãos vazias.

Dava para ver que Blake estava começando a enxergar exatamente isso, mas, se o garoto não queria minha ajuda, então

pronto. Deixei que resolvesse seus problemas sozinho.

Independentemente de quem estivesse mentalmente preparado e de quem não estivesse, eu estava feliz porque os integrantes da largada eram fortes. Sabia que não poderia ser uma repetição de 2008, quando os fãs apontaram para a ausência de Tyson como a razão para as minhas medalhas de ouro. Dessa vez não haveria "mas" nem "talvez". Ao contrário, quando olhei para as faixas, todo mundo que era alguém na corrida em velocidade estava presente. Estaria competindo com os melhores, o que significava que poderia apagar todas as dúvidas sobre minha capacidade e provar que era O Cara, o atleta Número Um do atletismo.

Mas, de repente, senti uma pontada de preocupação. Ela surgiu assim, do nada: aquelas palavras idiotas que eu achava que tinha abandonado para sempre piscavam na minha mente, um lembrete perigoso do que tinha acontecido antes.

"Não queime a largada…", diziam elas. "Não queime a largada…"

Era uma loucura. O estresse ainda estava lá! A lembrança de Daegu tinha ressurgido no pior momento possível.

"Ai, meu Deus, por que estou pensando nisso *agora?* Vamos, cara, supere isso!"

Quando me concentrei de novo, tornei a me lembrar das palavras do treinador.

"Sim, é isso mesmo, Bolt. Apenas relaxe."

Então ouvi outra voz, mas dessa vez ecoava por todo o Estádio Olímpico.

– Em suas marcas…

A multidão se aquietou, as pessoas começaram a sussurrar. Uma chamada de "Psiu!" correu pelas arquibancadas e soprou todas as faixas como um vento frio. Caí de joelhos, me benzi e disse uma pequena oração para o céu.

*Por favor, me dê a força para ir lá e fazer o que tenho de fazer…*

Outra chamada.

– Preparem-se…

*Não queime a largada…*

*Bangue!*

Saí depois do disparo da arma e, enquanto levantava o corpo, avaliei rapidamente a situação. Não houvera nenhuma falsa largada. *Legal, você está no ponto. É hora de correr…*

Sempre consegui avaliar imediatamente quando tinha feito uma grande largada ou não. Se fosse boa, sentia o impulso suave, os músculos fortes e a energia bombeando pelas pernas. Era como uma explosão que me afastava dos blocos. Mas o começo perfeito de uma corrida competitiva raramente acontecia, talvez uma vez a cada dois anos. Se fosse ruim, eu sempre me sentia horrível. Manco. Fraco. Sem nenhuma energia.

Assim que saltei da linha, sabia que meu impulso tinha sido ruim, e quando olhei para o grupo, percebi que Gatlin tinha feito uma das melhores largadas que já vira na vida: potente e elegante, e não era nada boa para mim a maneira como ele se afastava tão rapidamente. Vi quando deu dois passos antes de eu sequer ter dado um e, enquanto ele arrancava na pista, pensei que estava vendo coisas.

*Como é que é?*

O falatório mental na corrida tinha começado, me xinguei.

"Bolt! Que diabo foi essa largada? Foi horrível. O que há de errado com você?"

O resto do grupo tinha entrado na pista antes de mim, mas eu sabia que precisava me concentrar nos meus próprios passos em vez de em qualquer outra pessoa. Apesar da minha largada imbecil, o ouro ainda estava ao meu alcance.

*Relaxe… Relaxe… Acalme-se…*

Voltei a me concentrar na minha técnica, minha arrancada tinha sido boa, e depois de um segundo, olhei para todo o grupo. A corrida tinha se igualado. Podia ver uma fila de pessoas. Todo mundo igual.

*Tudo bem, estamos todos juntos, ninguém está se afastando. Acabou…*

Meus passos largos me distanciaram dos outros atletas, era como um carro esportivo avançando em velocidade máxima. Ultrapassei a marca dos 60 metros, depois a dos 65. Estava em alta velocidade, enquanto os demais ficavam atrás de mim. A final dos Jogos

Olímpicos de 2012 provou ser uma competição de matemática simples, como tantas outras: os melhores do mundo e os seus 45 passos lutando contra os meus 41.

Antes do começo da corrida, minha única preocupação era terminar como o atleta Número Um. Fazer um tempo de arrasar ainda não era uma questão na minha mente. Depois que percebi que o ouro seria meu, me lembro de pensar: *"Ei, você conseguiu!"* O que, em retrospecto, era simplesmente a pior coisa que poderia ter acontecido, porque essa compreensão me permitia desligar. Relaxei. Desacelerei. Então alguma coisa explodiu na minha cabeça como um alarme de incêndio.

*Merda! O recorde mundial! Bolt, o recorde mundial!*

Droga! Tinha levantado o pé muito cedo, tinha esfriado, e quando a terrível constatação de que poderia ter perdido a chance de deixar uma marca recaiu sobre mim, comecei a acelerar para a linha. Mergulhei para a chegada, na esperança de ganhar alguns centésimos de segundo da minha velocidade, mas me inclinei muito cedo, e meu ritmo caiu. Foi um movimento desajeitado e imediatamente soube que tinha estragado tudo.

Olhei para o relógio.

Usain Bolt: primeiro lugar.

9,63 segundos – os mais rápidos 100 metros olímpicos de todos os tempos.

Eu tinha deixado de superar meu próprio recorde mundial por causa de um lapso de concentração.

Correr por impulso é uma coisa engraçada. O velocista precisa correr direto nos 100 metros se quiser ganhar em grande estilo, não pode diminuir no meio e depois tentar recuperar o passo ou acelerar no final. Se fizer isso, vai perder tempo, porque perderá impulso. Eu tinha cometido esse erro e mergulhado para a chegada cedo demais. Se não tivesse esfriado faltando 20 metros ou mais da linha de chegada, poderia ter feito um tempo louco, como 9,52 segundos. Em vez disso, avaliei meu mergulho totalmente errado e fiquei aquém.

Enquanto contornava a curva, lá estava o caos habitual depois da corrida – fotos, abraços, uma pose para os fãs, mas o treinador não estava contente. Quando saí da pista, ouvi ele me chamar. Após

o Campeonato Mundial de 2009, aprendi a não pedir a opinião dele quando ganhasse uma medalha de ouro, mas estava claro que o homem ia falar, gostasse eu ou não.

– Amador! – disse ele, me acompanhando. Estava resmungando e balançando a cabeça.

– Hã?

– Bolt, você é um amador – repetiu ele, como se eu não tivesse escutado.

– Como é que é? Por quê? Acabei de ganhar o ouro!

– Bem, sim, você ganhou, mas se privou da possibilidade de quebrar o recorde mundial por meio passo. Você diminuiu antes da hora para o mergulho na linha e perdeu o impulso. Não era o que eu esperava de alguém com o seu profissionalismo. É por isso que digo, *foi um mergulho amador.*

Balancei a cabeça.

– Então, tudo bem, treinador, quão rápido acha que poderia ido então?

– Potencial é uma coisa abstrata… E é adivinhação. O que quero dizer é que você atualmente é capaz de correr mais rápido do que já correu antes. Quanto aos limites, não sei adivinhar, acho. Não tenho a tendência a olhar para além do aqui e agora…

– Ei, treinador: quão rápido?

– Você devia estar correndo a 9,52. Estava em forma para correr isso hoje, mas brincou muito na linha. Se fosse sério, poderia até ter feito um tempo de 9,49.

Desde os primeiros resultados chocantes nos 100 metros e meus recordes mundiais em 2008 e 2009, o treinador nunca tinha se enganado com meus tempos. Ele julgava com bastante precisão o que eu conseguiria, com base na minha aptidão e forma física. Essa última previsão fundiu a minha cabeça.

* * *

Se os 200 metros eram a minha corrida, então defenderia o título olímpico com tudo o que tinha. Ainda mais de Blake.

Saí daquela curva como se um estilingue tivesse me impulsionado. Depois de 80 metros, atingi a velocidade máxima e liderava a linha. Meu coração batia forte; sentia um ímpeto interior, uma maravilhosa sensação de liberdade que resulta em uma corrida suave. Foi absurdamente divertido. Olhei para o pelotão quando entrei na reta, mas tinha passado todos. No entanto, havia um perigo. De canto de olho, vi que Blake tinha ganhado impulso, então pisei forte na pista. *Mais forte*.

Minha liderança aumentava, mas sabia que precisava manter a concentração. Não conseguia relaxar. Várias vezes em uma corrida de 200 metros, quando um corredor atinge a marca dos 180 metros, a velocidade naturalmente diminui. É impossível manter o ritmo máximo na distância toda, e o trecho final é um momento perigoso para qualquer velocista, porque o adversário pode aparecer e roubar o primeiro lugar na linha de chegada.

Não dessa vez. Blake não tinha o bastante para me pegar. Faltando 70 metros, sabia que eu tinha ganhado outra medalha de ouro, só precisava manter meus passos e um ritmo constante. Ao me aproximar dos últimos 10 metros, pisei no freio e desacelerei para uma corrida leve, porque queria deixar minha marca. A corrida estava ganha com certeza, então olhei para Blake. Ele estava bem atrás de mim. Encontrei seu olhar e lentamente pus um dedo nos lábios.

*Psiu!*

Era uma mensagem. Dizia: “Ei, nunca mais me desrespeite”. E a expressão no rosto dele confirmou que tinha entendido.

Bati no peito e apontei para a multidão, gritando, berrando:

– Consegui!

Caí no chão e fiz cinco flexões – uma para cada medalha de ouro olímpica que tinha ganhado até então. Tinha deixado claro: os 200 metros eram a minha competição, e de mais ninguém.

Tinha mostrado a todo mundo que ainda era o Número Um, apesar das dúvidas e do falatório que se seguiu às eliminatórias dos Jogos Olímpicos. Fiquei de pé e, quando corri ao redor do estádio, com uma bandeira jamaicana em volta dos ombros, senti uma mão me segurar. Era Blake e, apesar do que disse, era hora de esquecer.

Demos um abraço, porque não tinha nenhum problema com ele. Tinha acabado.

Naquele momento, não falei mais nada sobre nossa situação. Demos nossa volta da vitória juntos e fiquei feliz por ele – que tinha levado a prata. Realmente, não havia necessidade de tornar a mencionar as eliminatórias jamaicanas. Não precisava dizer: "Ei, você errou em me desrespeitar lá", porque: a) não queria que ele perdesse a concentração para a final do revezamento 4 × 100 metros mais tarde e b) não queria uma vibração ruim na vila para o resto dos Jogos Olímpicos.

Como meu pai me ensinara quando criança, quando me dava palmadas no traseiro: seja sempre educado. E, se a situação esquentar, então esqueça – em geral significa que não há nada mais a discutir. Eu tinha superado. A vida era boa de novo.

* * *

Finalmente, eu podia me considerar uma lenda do esporte.

Sei que parece arrogante, mas era verdade. Ganhar o ouro nas finais olímpicas dos 100 e dos 200 metros pela segunda vez provou que eu era O Máximo. Ganhar três medalhas de ouro em Pequim não fora o bastante para me tornar um dos maiores esportistas de todos os tempos, mas fazê-lo duas vezes era algo memorável.

Era imenso. Isso me destacava de muitos outros atletas, e ninguém poderia disputar a minha posição, não depois de Londres. Tinha conquistado muita coisa no atletismo. Provara ao mundo que era o melhor no que fazia e era melhor que todos onde quer que corresse. Isso me permitiu retribuir muita coisa ao esporte. Nos últimos anos, sempre que eu aparecia para uma competição, os ingressos se esgotavam; eu era capaz de lotar um estádio sozinho, e todos os olhos recaíam sobre mim quando chegava à largada. Se competisse na Europa, todas as arquibancadas do estádio estariam cheias. Sem mim, alguns desses lugares estariam vazios.

Tinha sido a mesma coisa em Londres. Quando foram liberados os ingressos para as finais dos 100 e 200 metros, eles se esgotaram

em um tempo louco. Na Inglaterra, quem estava sem ingresso ficou estressado por não poder me ver em carne e osso. Em 2008, 3 bilhões de pessoas assistiram à minha quebra do recorde mundial dos 100 metros pela televisão, bilhões de pessoas em todo o mundo assistiram aos Jogos Olímpicos em 2012. Esses números traziam muito dinheiro ao esporte em patrocínios e acordos comerciais. Eu tinha elevado os padrões.

Depois da minha volta de honra, sentei na coletiva de imprensa e abri o jogo.

– Sou uma lenda viva – disse. – Sintam a minha glória.

Todo mundo riu. Ninguém se preocupou em me questionar. Bem, como poderiam? Era a verdade.

* * *

Ninguém além do treinador.

Se ele tinha ficado contrariado com meu desempenho nos 100 metros, foi ainda mais rápido em observar que minha vitória nos 200 tinha tido um preço. Ao cruzar a linha daquela maneira, silenciando Blake, de novo tinha perdido a chance de bater o recorde mundial. Eu tinha diminuído a velocidade quando deveria ter dado um mergulho em direção à linha. Em seguida, o treinador me disse que estava correndo rápido o bastante para quebrar facilmente meu tempo de 19,19 segundos.

– Amador – disse ele, de novo. – *Amador!*

Dessa vez, não me importei tanto. Tinha deixado as coisas claras, então dei de ombros. O mundo estava empolgado com minhas conquistas e, como em Pequim, via que todos queriam mais de mim. Quase toda aquela atenção era boa, mas, como sempre acontece no atletismo, veio um lado negativo junto – o tema do *doping* veio à tona outra vez.

Como em 2008, surgiram perguntas na mídia depois do meu ouro nos 100 metros, mas entendi por que uma ou duas pessoas franziram a testa com as minhas conquistas. Eu tinha sido incrível demais, e a estranheza da dúvida era algo com que estava

acostumado. Além disso, sabia que as acusações eram uma besteira, então, como em Pequim, não tive qualquer problema em responder às perguntas relacionadas a drogas. Mas então um repórter me perguntou se eu sabia quem era Carl Lewis.

Dei de ombros. Expliquei que sabia que era um ex-atleta americano, mas só isso, não tinha muita certeza. Acho que uma das coisas mais estranhas sobre mim e o atletismo era que eu realmente não conhecia sua história, sobretudo o que tinha ocorrido antes da década de 1980, quando Lewis corria.

Em seguida, o jornalista me disse que ele vinha fazendo comentários sobre minhas conquistas[22]. Era o mesmo velho argumento de que os atletas jamaicanos não eram examinados tão rigorosamente quanto os de outros países. Mas o impacto de um homem chamado Carl Lewis dizendo algo sobre atletas jamaicanos realmente não me ocorreu a princípio. Não fazia ideia de quem ele realmente era, ou de todos os eventos de sua vida. Meu interesse pelos 100, pelos 200 e pelo atletismo começara com Michael Johnson e Maurice Greene. Não pensei mais naquele nome até que, ao relaxar na vila no dia seguinte, alguém me disse para pesquisar a carreira dele no Google.

Quando abri meu *laptop*, vi sua história e percebi que tinha ganhado nove medalhas de ouro olímpicas nas décadas de 1980 e 1990 – incluindo alguma nas minhas modalidades, os 100 e os 200 – e fiquei com raiva por ele dizer tanta besteira a meu respeito. Então fiquei bravo com os caras do jornal que repetiram as palavras de Lewis – eles sabiam que era mentira. Na minha visão, o atletismo, a WADA, a JADCO e a IAAF estavam tentando seguir em frente.

Eis os fatos: durante a temporada, a Comissão Antidoping Jamaicana realizava exames até cinco vezes por dia durante 40 semanas. Havia também os exames sem aviso prévio para todos os atletas jamaicanos. O país tinha assinado a Declaração de Copenhague sobre o Antidoping no Esporte em 2003, e trabalhávamos com as regras estabelecidas pela WADA. A JAAA seguia as mesmas leis que todos os outros.

Todo mundo estava sendo examinado e, quando as pessoas fraudavam, eram pegas. A meu ver, isso significava que as

autoridades estavam fazendo um bom trabalho, e os poucos atletas que se desviaram do caminho estavam pagando o preço com suspensões. Os demais, os que seguiam as regras e davam duro, agora ouviam sugestões e insinuações lançadas por ex-atletas, sem nenhuma prova.

"Apoie, Carl Lewis", pensei. "Não critique."

Quando cheguei para a coletiva depois da final dos 200 metros, soltei esta:

– Agora vou dizer algo polêmico – disse. – Carl Lewis, não tenho respeito por ele. As coisas que ele diz sobre os atletas de pista são realmente degradantes. Acho que ele está apenas querendo atenção, porque ninguém realmente fala muito sobre ele. […] Foi muito triste ouvir no outro dia o que ele anda dizendo.

Mas nem tudo foi tão ruim. Havia muita atenção positiva dos fãs na vila olímpica. Mas dessa vez eu adorei. Em 2008, estava assustado com a súbita onda de atenção depois das minhas medalhas, mas depois de quatro anos estava acostumado com as pessoas correndo na minha direção com câmeras e pedaços de papel pedindo autógrafos.

Também estava acostumado com o fato de os Jogos Olímpicos serem algo diferente – algo um pouco especial. No Campeonato Mundial, ninguém nunca me pedia fotos ou assinaturas na vila, porque todo mundo ali era do atletismo. Todo mundo era legal uns com os outros. Mas nos Jogos Olímpicos, havia muitos esportes, representados por pessoas que raramente tinham o mesmo nível de atenção que o pessoal dos 100 metros, como judô ou esgrima. Quando me viam, aqueles caras enlouqueciam.

Lembro que, depois do meu sucesso nos 100 metros, estávamos relaxando no refeitório da vila quando três garotas da equipe de handebol da Suécia vieram conversar. Não sabia nada sobre o esporte, então não conhecia nenhuma delas, mas se apresentaram como Gabriella Kain, Isabelle Gullden e Jamina Roberts. Eram muito legais. Talvez legais demais: mais tarde descobri que tinham perdido todas as cinco partidas e terminado em último lugar no grupo.

Ficamos lá por um tempo, conversamos um pouco no meu quarto, mas foi só isso. Alguém postou no Twitter algumas fotos que

tínhamos tirado, e no dia seguinte a mídia enlouqueceu. Havia manchetes por toda parte. As pessoas fizeram um escândalo com aquilo, insinuando que havia algo entre nós, mas era tudo diversão inocente. Pense nisto: se realmente tivéssemos feito alguma coisa juntos, por que colocaríamos no Twitter? Não faria o menor sentido. Por que deixaríamos todo mundo ver o que estava acontecendo? Foi só conversa, apenas diversão. Elas eram legais. Tinham de sair cedo pela manhã, por isso quiseram ficar acordadas e conversar. Foi uma noite divertida, apesar de tudo. Caramba, foi tudo muito divertido – as corridas, as multidões, o burburinho de Londres em 2012. O que poderia ser melhor do que se firmar como o superastro do esporte mundial?

[22] Carl Lewis falou da Jamaica duas vezes. Depois de Pequim, ele disse: “Países como a Jamaica não têm um programa [exame de drogas] aleatório, então passam meses sem fazer nenhum exame”. Antes de Londres, tinham perguntado o que achava de mim, e ele respondeu: “É apenas… interessante. Vejo os resultados, como todos os outros, e espero… que o tempo confirme”.

CAPÍTULO 16

# UM FOGUETE PARA A RÚSSIA… E ALÉM

A adrenalina sempre foi meu combustível durante toda a minha carreira, sou louco por ela. Sempre adorei a velocidade e, mesmo depois do acidente em 2009, gostava de senti-la na estrada, às vezes. As pessoas me pressionavam para maneirar com o carro. Diziam que não deveria dirigir tão rápido. Mas, de vez em quando, sentia uma coceira, e uma voz na minha cabeça dizia: "Ei, Usain, pise fundo". Sentia um arrepio quando o velocímetro subia.

Na pista era a mesma coisa. Manter o ritmo era uma emoção. Depois que a Jamaica venceu o ouro nos 4 × 100 metros – comigo, Nesta Carter, Michael Frater e Blake –, poucos dias depois da final dos 200 metros em Londres em 2012, juntei mais um lote de três medalhas de ouro, além de um novo recorde mundial. Batemos nosso tempo no revezamento do Campeonato Mundial de 2011 com 36,84 segundos, e minha noite com as garotas do handebol sueco foi esquecida. Depois de todos os rumores sobre noites selvagens e festas intermináveis na vila olímpica, era hora de fazer minha volta da vitória como um dos superastros dos Jogos.

É sempre bom terminar um campeonato com uma nota positiva. Uma das piores coisas de ser um velocista dos 100 e dos 200 metros é que é uma viagem solitária, e no fundo sou um esportista de equipe – vai ver que é por isso que adorava o críquete quando garoto. Ficar ao lado dos atletas do revezamento era um dos meus momentos favoritos em qualquer competição. Não havia nada melhor do que sair e me divertir com eles. As rivalidades que

tínhamos no nosso país saíam pela janela e nos esquecíamos dos clubes pelos quais competíamos, se éramos do Racers ou do MVP. Em vez disso, o objetivo era correr rápido e deixar o adversário comendo poeira.

Muitas vezes falávamos besteira com os outros atletas durante os preparativos; alguém podia fazer piadas com os velocistas de Trinidad e Tobago. Eu olhava para o meu adversário imediato na faixa ao lado e gritava:

– Ei, está achando que vai me vencer? Fala *sério*.

Era tudo brincadeira, mas nosso tempo rápido em Londres era resultado de muita determinação. No início dos Jogos, um dos treinadores da Jamaica nos disse:

– Vocês precisam realmente praticar mais algumas trocas de bastão este ano.

Então nos esforçamos no treinamento, fazendo trocas sem parar. Acho que os resultados falaram por si na final.

Depois de todo o treinamento duro de 2012, queria levar para casa uma lembrança da minha última noite em Londres, algo para acompanhar todas as medalhas de ouro. Quando saí da pista na noite da final, gritei para um dos funcionários da corrida.

– Ei, eu gostaria de ficar com o bastão – disse, acenando para ele. – Tudo bem?

O cara me olhou como se eu fosse louco. Ficou bravo.

– Você não pode ficar com isso – disse ele. – Vamos precisar depois.

– Por quê? Os Jogos Olímpicos acabaram!

– É a regra! – retrucou ele.

Eu não conseguia entender o que ele estava dizendo.

– Como assim? Que regras são essas? Não posso ficar com ele? Escute: as Olimpíadas acabaram, e agora só no Rio em 2016. Acabaram as corridas. Quero este bastão para guardar de lembrança, para mostrá-lo aos meus amigos. Quero algo diferente para me lembrar da vitória em Londres 2012.

Então o cara ficou louco. Começou a fazer ameaças.

– Você vai ser desclassificado se não me devolver o bastão!

Eu ri.

– Tudo bem, não vamos causar todo esse barulho…

Fim de papo. Parei de discutir. Mas, assim que estava prestes a entregar o bastão, ouvi um barulho no rádio preso ao cinto do funcionário. Uma voz gritava pelo alto-falante. Parecia que era alguém muito importante.

– O que você está fazendo? – a voz gritava. – Dê o bastão a ele!

De repente, o funcionário pareceu bastante envergonhado. Ele me acenou para ficar com o bastão. Cara, as regras são muito estranhas às vezes.

Não sei por que quis tanto aquela maldita coisa. Em geral medalhas não significam nada para mim. Os prêmios são apenas objetos, enquanto as conquistas e os recordes ficam gravados nos livros de história para sempre. Nada pode apagá-los. Ninguém nunca vai dizer:

– Hum, Londres 2012? Não consigo lembrar o que aconteceu lá…

Minha indiferença em relação aos prêmios é uma coisa boa, porque francamente não sei onde estão meus ouros. Da última vez que soube, estavam guardados em um cofre em algum lugar, o que provavelmente foi providenciado para meu próprio bem. Uma vez, em Nova York, por pouco tempo perdi as três de Pequim depois de guardá-las em uma sacola no meu quarto de hotel. Então coloquei a sacola em um armário e, depois de um ou dois dias, foi misturada com uma pilha de sapatos e roupa suja. Quando chegou a hora de sair do hotel, não consegui encontrar as medalhas. Houve um pânico louco e por algum tempo todo mundo ficou assustado até que os discos de ouro caíram no chão com um baque quando viramos tudo de cabeça para baixo.

Mas quem se importa? Minha primeira providência depois que recebo um troféu é entregá-lo para Ricky ou NJ, porque não quero a responsabilidade de cuidar dele. A única coisa de que preciso é lembrar meu desempenho fenomenal na pista e minhas conquistas em campo, e que não vou perder nada tão cedo.

* * *

O problema de ter vencido de maneira tão fantástica no passado é que as pessoas parecem desapontadas quando deixo de quebrar um tempo importante. Elas esperam que quebre recordes mundiais em todas as competições. No início de 2013, participei de uma corrida de rua de 150 metros em uma pista montada especialmente para isso na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. A energia era incrível. Multidões vieram de todas as regiões da cidade para ver a corrida, mas, como não quebrei meu próprio recorde de 14,35 segundos – estabelecido em Manchester em 2009 –, as pessoas pareceram pouco impressionadas.

Fiquei acostumado com essa atitude na Jamaica, onde os fãs esperavam que vencesse todas as corridas de que participasse. Mas agora o mundo inteiro tinha a mesma expectativa em relação a mim. Ainda assim, no momento em que terminei em primeiro lugar no Rio, já notei que a vitória era tudo de que precisava em algumas corridas; sabia que colocar mais pressão sobre mim mesmo – tirando o desejo de vencer – apenas me estressaria. Então fiquei frio. As pessoas sempre queriam que corresse mais rápido porque eu tinha estabelecido um padrão muito alto, mas minha atitude sempre foi: "Tanto faz". Não ia deixar os outros colocarem uma pressão adicional em mim. Então tentava manter a concentração em cada competição, porque sabia o que era capaz de fazer quando realmente estivesse empenhado.

O que descobri em 2013 foi que encontrar motivação para vencer estava muito mais difícil do que antes, acho que porque tinha conquistado muita coisa na carreira. Tinha derrubado muitos obstáculos e, assim como em minha temporada de 2010, a vontade de ir além não estava mais ali, especialmente depois da glória em Londres. A diferença preocupante era que 2013 estava marcado como um grande ano: o Campeonato Mundial seria em Moscou, e eu precisava melhorar meu desempenho. Mas começar estava difícil, o treinamento parecia bem duro e, quando Justin Gatlin me venceu nos 100 metros em Roma, todo mundo ficou louco. Os fãs pensaram que não estaria em forma para a Rússia.

Mas eu estava relaxado. Mais tarde venci os 100 metros nos Jogos de Aniversário no Estádio Olímpico de Londres, no final de

julho, quando os organizadores me levaram em um desfile ao redor da pista em uma engenhoca maluca sobre rodas. Parecia o cruzamento entre um foguete espacial e um avião de combate e, quando dei a volta na pista, acenei para a multidão, absorvendo o clima local. Sabia que encontraria energia suficiente para vencer os adversários em Moscou. Quando chegou o Campeonato Mundial, algumas semanas depois, três grandes nomes ficaram de fora. Yohan Blake estava ausente por causa da uma lesão, mas um escândalo também criou um drama no esporte. Tanto Tyson quanto Asafa (que não tinha conseguido integrar a equipe) tinham apresentado resultados adversos no exame (um exame de drogas positivo) e não participariam da competição[23]. Em teoria, prometia ser um ouro fácil, não que estivesse dando nada como certo. Ainda sentia o sofrimento de 2011.

Com certeza, passei com facilidade pelas eliminatórias. Mas, na noite da final, nuvens apareceram, relâmpagos riscaram o céu e choveu forte. Cara, fiquei encharcado! As condições eram tão adversas quanto um atleta poderia esperar, a água respingava da pista. Gatlin declarou mais tarde que achou que a corrida seria adiada – de tão feia que a coisa estava. Eu estava tranquilo, apesar de tudo. Quando os atletas se aqueceram na largada e o locutor nos chamou, fingi abrir um guarda-chuva sob o aguaceiro.

*Esqueça o sol líquido. Vamos acabar de uma vez com isso.*

Então me lembrei de algo que treinador me dissera na pista alguns dias antes.

– Gatlin vai ter uma largada mais rápida do que você – disse ele, enquanto relaxávamos após a sessão. – Mas lembre-se: seus primeiros passos são dificultados pela sua altura, porque o seu centro de gravidade é muito mais alto do que a média. Sair do agachamento e partir para a posição de marcha é uma grande desvantagem para um atleta do seu tamanho, mas sua execução e seu desempenho estão muito acima de qualquer coisa que qualquer pessoa já teve. Você vai ser campeão de novo.

*Bangue!* A arma explodiu. Saí dos blocos, mas meu impulso foi lento, bem lento, apesar de, pelo menos, não ter queimado a largada. Olhei para o grupo. O treinador estava certo. Gatlin teve

um início melhor do que o meu, mas eu estava no meio do bolo. Ainda assim, meu corpo estava cansado.

*Droga, estou dolorido. Minhas pernas são esgotadas. Para onde foi minha força?*

Tinha corrido as semifinais poucas horas antes, e todo o meu corpo parecia dormente. No entanto, apesar de minha reação horrível, saí da parte de trás do grupo, ultrapassando Gatlin antes de estabelecer uma vantagem confortável.

*Tudo bem, esqueça a dor. Agora, basta arrancar até a linha.*

Cada passo doía.

*Cara, está difícil. Não temos um clima assim na Jamaica…*

As pontas da minha sapatilha marcavam a pista enquanto corria em meio à chuva e ao vento. Assumi o primeiro lugar sem nenhum grande drama e me tornei o campeão mundial mais uma vez. Enquanto comemorava com os fãs da Jamaica nas arquibancadas, o risco de um relâmpago iluminou o céu, todo roxo e amarelo. Era como um sinal vindo de cima. Meu tempo de 9,77 segundos era o melhor da temporada em péssimas condições, e eu estava feliz, mas depois algumas pessoas agiram como se devesse ter corrido em tempo de recorde mundial. *Faça-me o favor!* Minhas pernas estavam meio duras depois das semifinais no início do dia, um tempo de 9,57 segundos ou melhor nunca aconteceria, ainda mais com aquele tempo. Enfim, 9,77 segundos naquela chuva era bom o bastante para ganhar outra medalha importante. Uma década antes, teria sido o tempo mais rápido do planeta.

É engraçado, as pessoas pareciam esquecer pequenos detalhes como esse quando comentavam meus desempenhos. Como disse o treinador, era minha culpa correr tão rápido…

* * *

A coisa mais assustadora depois de Moscou 2013 tem sido planejar meu próximo passo. O que posso fazer em seguida? Me superar? Posso continuar vencendo? Sei que tenho plena capacidade para mais uma temporada, talvez duas, mas será que consigo chegar

até os próximos Jogos Olímpicos no Rio? Essa é a única coisa que me faz sentar e pensar, porque é um grande desafio – possivelmente, o maior de todos. Dois ou três anos parecem um longo período no atletismo, porque muita coisa pode acontecer. É assustador e emocionante ao mesmo tempo. Adoro a competição, melhoro com ela. Só que o pensamento de tentar chegar ao Brasil me faz soltar faíscas.

Se houver a mínima possibilidade de ganhar, então vou dar tudo o que tenho. Já falei com o treinador sobre as nossas chances, e discutimos a situação de maneira sensata, observando alguns outros atletas que nos cercam. Vou completar 30 anos quando chegar ao Brasil. Alguns caras no atletismo têm corrido tempos de 9,80 ou 9,90 segundos nessa idade. Se cuidar do meu corpo e me forçar ao limite, então não duvido da minha capacidade de fazer 9,60 segundos em 2016. O importante para mim é chegar lá e competir em alto nível. Pelo menos, serei capaz de dizer: "Tentei, fiquei com uma prata, um bronze, não importa. Tive a chance e tentei". Imagine se conseguir ganhar o ouro então. As festas no Rio serão fora de série.

Concluí que chegar vai ser duro. Quando vejo os novos atletas se aproximando, sei que vai ser difícil nas provas, ainda mais difícil do que em 2012. Hoje temos alguns garotos rápidos na Jamaica, mas realmente quero que esses caras estejam o mais forte que puderem. Quero competir contra os melhores, como sempre. Desse modo, se alguém me bater, então pelo menos poderei dizer que fui derrotado pelo melhor. Se alguém tomar meu título, quero que seja um atleta com um excelente desempenho.

Por enquanto, quero correr o mais rápido que puder e ser o melhor do mundo. Quando terminar no atletismo, vou mudar de esporte e seguir em frente. Se não puder competir no mais alto nível em 2016, então quero mudar para outro jogo – o futebol, muito provavelmente, porque sei jogar e, com muito esforço, conseguirei melhorar. Poderia até ficar bom o bastante para conseguir um contrato profissional. Sei que parece loucura, mas, para mim, um diretor de futebol deve dar uma chance a um jogador de vez em

quando. Acho que poderia trazer algo especial a uma equipe na Inglaterra.

Observei alguns laterais da Liga dos Campeões, e eles não pareceram assim tão incríveis. Fico criticando quando não são capazes de cruzar a bola com precisão. Sei receber um passe, driblar alguns jogadores em velocidade e criar uma oportunidade de gol. Não estou dizendo que sou o próximo Cristiano Ronaldo, mas sou um cara de velocidade e habilidoso. Imagine o que poderia fazer com a prática.

Já a ideia de ser um treinador de atletismo não me parece muito divertida. Não poderia treinar outro atleta, ainda mais se fosse alguém como eu. Seria um verdadeiro inferno. É claro, se pudesse trabalhar com um garoto como Blake, alguém com dedicação, alguém que se comportasse, então seria ótimo. Mas prefiro inspirar a geração mais jovem de longe. Para isso, quero correr mais nos próximos dois anos. Quero forçar os limites. Supondo que não seja mais rápido nos 100, gostaria de ser capaz de correr 18 e poucos segundos nos 200 metros, mesmo se fosse uma corrida de 18,99. Esqueça vencer os próximos Jogos Olímpicos e as medalhas, quebrar esse recorde seria um sucesso ainda maior. Adoraria quebrá-lo, pensando nas pessoas em casa enlouquecendo com a minha conquista.

Para chegar a esse ritmo, precisaria ter a temporada perfeita, como a de 2008. Acho que o próximo ano poderia ser minha chance, embora a janela de oportunidade esteja ficando menor a cada campanha. Quanto mais envelheço, mais estreita a janela se torna, mais difícil se torna para mim para atingir o ápice da forma física em tempo para uma corrida importante. Mas, considerando o que fiz no passado, não acho que esteja totalmente fora do meu alcance na próxima temporada ou depois. Sério, quem ficaria surpreso se conseguisse? Quem é que vai me impedir de ser mais rápido? O único homem que pode dar um fim à minha posição de astro do atletismo nos próximos anos sou eu, e eu sou um fenômeno, um competidor importante – uma lenda da minha geração.

Acredite em mim, meu tempo ainda não acabou.

[23] Não convém comentar a situação de Asafa e Tyson quanto ao exame antidoping. Quando este livro estava no prelo, os dois casos estavam em andamento.

# APÊNDICE[24]

## 2001

### 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 22,04 | | 1,0 | 2-17 | HS Ch | Kingston | 7 abr. |
| 21,96 | | –1,4 | 2h1-17 | CarG | Bridgetown | 16 abr. |
| 21,81 | SB (853) | –1,7 | 2-17 | CarG | Bridgetown | 16 abr. |

### 400 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 48,28 | SB | (949) | 2-17 | CarG | Bridgetown | 14 abr. |

## 2002

## 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 21,25 | | 0,1 | 1H1-17 | CarG | Nassau | 31 mar. |
| 21,12 | | –0,5 | 1-17 | CarG | Nassau | 1ª abr. |
| 21,61 | | –2,0 | 1-17 | HS Ch | Kingston | 20 abr. |
| 21,13 | | –0,7 | 1-19 | Camp. Nacional | Kingston | 22 jun. |
| 21,34 | | 0,3 | 1H2-17 | CAC | Bridgetown | 6 jul. |
| 20,61 | | –0,4 | 1-17 | CAC | Bridgetown | 7 jul. |
| 20,58 | WYB15 NR SB (60) | 1,4 | 1H4-19 | WJ | Kingston | 18 jul. |
| 20,85 | | –2,5 | 1S2-19 | WJ | Kingston | 19 jul. |
| 20,61 | | 0,9 | 1-19 | WJ | Kingston | 19 jul. |

## 400 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 47,33 | | | 1-17 | CarG | Nassau | 30 mar. |
| 47,4H | | | 1-17 | HS Ch | Kingston | 20 abr. |
| 48,00 | | | 1H2-17 | CAC | Bridgetown | 5 jul. |
| 47,12 | SB (473) | | 1-17 | CAC | Bridgetown | 5 jul. |

# 2003

## 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 20,3H | | | 1 | | Montego Bay | 18 fev. |
| 21,33 | | 2,2 | 1-19 | | Spanish Town | 1e mar. |
| 21,42 | | 4,2 | 1H1-19 | | Spanish Town | 1a mar. |
| 20,81 | | 1,3 | 1H6-18 | HS Ch | Kingston | 2 abr. |
| 21,28 | | 0,0 | 1S2-18 | HS Ch | Kingston | 5 abr. |
| 20,25 | | 1,9 | 1-18 | HS Ch | Kingston | 5 abr. |
| 21,02 | | 5,0 | 1H2-19 | CarG | Port of Spain | 20 abr. |
| 20,43 | | –1,1 | 1-19 | CarG | Port of Spain | 21 abr. |
| 21,1H | | | 1 | | Spanish Town | 14 jun. |
| 20,80 | | –1,8 | 1H2 | Camp. Nacional | Kingston | 21 jun. |
| 20,28 | | 0,2 | 1 | Camp. Nacional | Kingston | 21 jun. |
| 21,12 | | –0,4 | 1H1-17 | WY | Sherbrooke | 12 jul. |
| 21,08 | | –3,2 | 1S3-17 | WY | Sherbrooke | 13 jul. |
| 20,40 | | –1,1 | 1-17 | WY | Sherbrooke | 13 jul. |
| 20,67 | | 0,0 | 1H1-19 | PanAmC | Bridgetown | 20 jul. |
| 20,13 | WJR WYR WYB16 NR SB (9) | 0,0 | 1-19 | PanAmC | Bridgetown | 20 jul. |

## 400 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 47,82 | | | 2-19 | | Spanish Town | 1 mar. |
| 47,94 | | | 2S1-18 | HS Ch | Kingston | 4 abr. |
| 45,35 | SB (46) | | 1-18 | HS Ch | Kingston | 5 abr. |
| 48,64 | | | 2H1-19 | CarG | Port of Spain | 19 abr. |
| 46,35 | | | 1-19 | CarG | Port of Spain | 19 abr. |
| 48,36 | | | 2H2-17 | WY | Sherbrooke | 10 jul. |
| DNS | | | S1-17 | WY | Sherbrooke | 11 jul. |

# 2004

### 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 21,28 | | 0,1 | 1H4-19 | | Spanish Town | 13 mar. |
| 20,78 | | 1,7 | 1-19 | | Spanish Town | 13 mar. |
| 19,93 | WJR SB (2) | 1,4 | 1-19 | CarG | Hamilton | 11 abr. |
| 21,05 | | 0,0 | 5H4 | Jogos Olímpicos | Atenas | 24 ago. |

## 2005

### 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 20,51 | | 1,4 | 1R1 | Seminole | Tallahassee, FL | 9 abr. |
| 20,14 | | 0,9 | 1 | | Kingston | 7 mai. |
| 20,31 | | –0,6 | 1 | Reebok | Nova York | 11 jun. |
| 20,90 | | –0,7 | 1H1 | Camp. Nacional | Kingston | 24 jun. |
| 20,91 | | –1,6 | 1S1 | Camp. Nacional | Kingston | 26 jun. |
| 20,27 | | 0,5 | 1 | Camp. Nacional | Kingston | 26 jun. |
| 21,00 | | –0,4 | 1H4 | CAC | Nassau | 10 jul. |
| 20,69 | | 0,3 | 2S1 | CAC | Nassau | 10 jul. |
| 20,03 | | 1,8 | 1 | CAC | Nassau | 11 jul. |
| 19,99 | SB (3) | 1,8 | 2 | Norw Union | Londres | 22 jul. |
| 20,80 | | –0,4 | 1H5 | Camp. Mundial | Helsinque | 9 ago. |
| 20,87 | | –3,7 | 2Q3 | Camp. Mundial | Helsinque | 10 ago. |
| 20,68 | | –0,1 | 4S1 | Camp. Mundial | Helsinque | 10 ago. |
| 26,27 | | –0,5 | 8 | Camp. Mundial | Helsinque | 11 ago. |

## 2006

### 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 20,08 | | 1,5 | 1 | Conseil | Fort-de-France | 29 abr. |
| 20,10 | | 1,3 | 1 | | Kingston | 6 mai. |
| 20,28 | | 0,5 | 1 | GSpike | Ostrava | 30 mai. |
| 20,25 | | 0,4 | 2 | Reebok | Nova York | 3 jun. |
| 20,69 | | 1,9 | 1r1 | IslandG | Nova York | 11 jun. |
| 19,88 | SB (4) | 0,4 | 3 | Athletissima | Lausanne | 11 jul. |
| 20,29 | | 2,5 | 2r1 | Vard | Rethimno | 21 jul. |
| 20,54 | | 0,2 | 4 | Norw Union | Londres | 28 jul. |
| 20,51 | | –0,5 | 2-22 | WK | Zurique | 18 ago. |
| 20,49 | | –0,2 | 1 | Zagreb 2006 | Zagreb | 31 ago. |
| 20,10 | | –0,1 | 3 | WAF | Stuttgart | 10 set. |
| 19,96 | | 0,1 | 2 | WCp | Atenas | 17 set. |

### 400 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 48,5h | | | 1 | | Kirkvine | 14 jan. |
| 47,58 | SB (775) | | 3 | | Kingston | 28 jan. |

# 2007

### 100 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 10,03 | SB (12) | 0,7 | 1R1 | Vard | Rethimno | 18 jul. |

### 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 19,96 | | 1,0 | 1R2 | HamptonG | Port of Spain | 27 mai. |
| 19,89 | | 1,3 | 2 | Reebok | Nova York | 2 jun. |
| 19,75 | AR SB (3) | 0,2 | 1 | Camp. Nacional | Kingston | 24 jun. |
| 20,50 | | –2,7 | 1H1 | Camp. Nacional | Kingston | 24 jun. |
| 20,11 | | 0,0 | 2 | Athletissima | Lausanne | 10 jul. |
| 20,08 | | 1,2 | 2 | Norw Union | Sheffield | 15 jul. |
| 20,06 | | –0,1 | 1 | Norw Union | Londres | 3 ago. |
| 20,12 | | 0,0 | 2H4 | Camp. Mundial | Osaka | 28 ago. |
| 20,13 | | –0,3 | 1q2 | Camp. Mundial | Osaka | 28 ago. |
| 20,03 | | –0,4 | 1s1 | Camp. Mundial | Osaka | 29 ago. |
| 19,91 | | –0,8 | 2 | Camp. Mundial | Osaka | 30 ago. |
| 20,19 | | 0,2 | 2 | WK | Zurique | 7 set. |
| 20,14 | | 0,7 | 3 | VD | Bruxelas | 14 set. |

### 400 m

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 45,92 | | 1R1 | Camperdown | Kingston | 10 fev. |
| 45,62 | | 1RB | | Baie Mahault | 1ª mai. |
| 45,28 | PB (33) | 3R2 | | Kingston | 5 mai. |

### 4 × 100 m

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 38,70 | | 1 | GibsonR | Kingston | 24 fev. |

*Equipe de alto desempenho: Alanzo Barrett, Daniel Bailey, Xavier Brown, Usain Bolt*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 37,89AR | 2 | Camp. Mundial | Osaka | 1ª set. |

*Jamaica: Marvin Anderson, Usain Bolt, Nesta Carter, Asafa Pamell*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 38,82 | 2 | WK | Zurique | 7 set. |

*Jamaica: Marvin Anderson, Dwight Thomas, Chris Williams, Usain Bolt*

# 2008

## 100 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 10,03 | | 1,8 | 1R1 | Classics | Spanish Town | 8 mar. |
| 9,76 | | 1,8 | 1R2 | Jamaica Inv | Kingston | 3 mai. |
| 9,92 | | 0,6 | 1R2 | HamptonG | Port of Spain | 17 mai. |
| 9,72 | WR | 1,7 | 1 | Reebok | Nova York | 31 mai. |
| 10,19 | | 1,0 | 1H1 | Camp. Nacional | Kingston | 27 jun. |
| 10,40 | | –2,0 | 1S2 | Camp. Nacional | Kingston | 28 jun. |
| 9,85 | | –0,1 | 1 | Camp. Nacional | Kingston | 28 jun. |
| 9,89 | | 0,4 | 2 | DNG | Estocolmo | 22 jul. |
| 10,20 | | –0,2 | 1H1 | Jogos Olímpicos | Pequim | 15 ago. |
| 9,92 | | 0,1 | 1Q4 | Jogos Olímpicos | Pequim | 15 ago. |
| 9,85 | | –0,1 | 1S1 | Jogos Olímpicos | Pequim | 16 ago. |
| 9,69 | WR SB (1) | 0,0 | 1 | Jogos Olímpicos | Pequim | 16 ago. |
| 9,83 | | –0,5 | 1 | WK | Zurique | 29 ago. |
| 9,77 | | –1,3 | 1 | VD | Bruxelas | 5 set. |

## 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 19,83 | | 0,3 | 1 | GSpike | Ostrava | 12 jun. |
| 20,66 | | –1,6 | 1H1 | Camp. Nacional | Kingston | 29 jun. |
| 19,97 | | 1,7 | 1 | Camp. Nacional | Kingston | 29 jun. |
| 19,67 | AR | –0,5 | 1 | Tsiklitiria | Atenas | 13 jul. |
| 19,76 | | –0,4 | 1 | Aviva | Londres | 26 jul. |
| 20,29 | | 0,1 | 1Q1 | Jogos Olímpicos | Pequim | 18 ago. |
| 20,64 | | –0,1 | 2H5 | Jogos Olímpicos | Pequim | 18 ago. |
| 20,09 | | 0,1 | 1S2 | Jogos Olímpicos | Pequim | 19 ago. |
| 19,30 | WR SB (1) | –0,9 | 1 | Jogos Olímpicos | Pequim | 20 ago. |
| 19,63 | | –0,9 | 1 | Athletissima | Lausanne | 2 set. |

## 400 m

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 46,94 | SB (420) | 1R10 | Jackson | Kingston | 26 jan. |

## 4 × 100 m

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 37,10 | WR | 1 | Jogos Olímpicos | Pequim | 22 ago. |

*Jamaica: Nesta Carter, Michael Frater, Usain Bolt, Asafa Pamell*

# 2009

## 100 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 9,93 | | 2,3 | 1R1 | Classics | Spanish Town | 14 mar. |
| 9,91+ | | 0,1 | 1 | Great CityG | Manchester | 17 mai. |
| 10,00 | | –0,9 | 1 | Excellence | Toronto | 11 jun. |
| 9,77 | | 2,1 | 1 | GSpike | Ostrava | 17 jun. |
| 10,14 | | –1,6 | 1H1 | Camp. Nacional | Kingston | 26 jun. |
| 10,11 | | –0,6 | 1S1 | Camp. Nacional | Kingston | 27 jun. |
| 9,86 | | –0,2 | 1 | Camp. Nacional | Kingston | 27 jun. |
| 9,79 | | –0,2 | 1 | Areva | Saint-Denis | 17 jul. |
| 10,31 | | –2,9 | 2H2 | Aviva | Londres | 24 jul. |
| 9,91 | | –1,7 | 1 | Aviva | Londres | 24 jul. |
| 10,20 | | –0,5 | 1H9 | Camp. Mundial | Berlim | 15 ago. |
| 10,03 | | 0,1 | 2Q5 | Camp. Mundial | Berlim | 15 ago. |
| 9,89 | | 0,2 | 1S1 | Camp. Mundial | Berlim | 16 ago. |
| 9,58 | WR PB (1) | 0,9 | 1 | Camp. Mundial | Berlim | 16 ago. |
| 9,81 | | 0,0 | 1 | WK | Zurique | 28 ago. |

## 150 m rasos

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 14,35 | WB PB (1) | 1,1 | 1 | Great CityG | Manchester | 17 mai. |

### 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 20,75 | | −3,6 | 1H1 | Camp. Nacional | Kingston | 28 jun. |
| 20,25 | | −2,4 | 1 | Camp. Nacional | Kingston | 28 jun. |
| 19,59 | | −0,9 | 1 | Athletissima | Lausanne | 7 jul. |
| 20,70 | | −0,2 | 1H5 | Camp. Mundial | Berlim | 18 ago. |
| 20,41 | | 0,0 | 1Q1 | Camp. Mundial | Berlim | 18 ago. |
| 20,08 | | 0,0 | 1S1 | Camp. Mundial | Berlim | 19 ago. |
| 19,19 | WR PB (1) | −0,3 | 1 | Camp. Mundial | Berlim | 20 ago. |
| 19,57 | | 0,0 | 1 | VD | Bruxelas | 4 set. |
| 19,68 | | −0,3 | 1 | WAF | Tessalonica | 13 set. |

### 400 m

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 46,35 | | 1 | Camperdown | Kingston | 14 fev. |
| 45,54 | SB (40) | 1R4 | UWI Inv | Kingston | 21 fev. |

### 4 × 100 m

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 38,10 | 1 | Gibson | Kingston | 28 fev. |

*Racers Lions Track Club: Kenroy Anderson, Yohan Blake, Xavier Brown, Usain Bolt*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 37,46 | 1 | Aviva | Londres | 25 jul. |

*Racers Lions Track Club: Daniel Bailey, Yohan Blake, Mario Forsythe, Usain Bolt*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 37,31 | 1 | Camp. Mundial | Berlim | 22 ago. |

*Jamaica: Steve Mullings, Michael Frater, Usain Bolt, Asafa Pamell*

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 37,70 | 1 | WK | Zurique | 28 ago. |

*Jamaica: Lerone Clarke, Michael Frater, Steve Mullings, Usain Bolt*

### 4 × 400 m

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 3:04,27 | 1 | Gibson | Kingston | 28 fev. |

*Racers Lions Track Club: Jermaine Gonzales, Ricardo Chambers, Usain Bolt, Annsert Whyte*

## 2010

## 100 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 9,86 | | 0,1 | 1 | Colorful | Daegu | 19 mai. |
| 9,82 | SB (4) | 0,5 | 1 | Athl | Lausanne | 8 jul. |
| 9,84 | | –0,3 | 1 | Areva | Saint-Denis | 16 jul. |
| 9,97 | | 0,0 | 2 | DNG | Estocolmo | 6 ago. |
| 10,10 | | –0,7 | 1h1 | DNG | Estocolmo | 6 ago. |

## 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 19,56 | SB (1) | –0,8 | 1 | | Kingston | 1º mai. |
| 19,76 | | –0,8 | 1 | Diamond | Xangai | 23 mai. |

## 300 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 30,97 | AR PB (1) | | 1 | GSpike | Ostrava | 27 mai. |

## 400 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 45,87 | SB (96) | | 1r4 | Camperdown | Kingston | 13 fev. |

## 4 × 100 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 38,08 | | | 1 | Gibson | Kingston | 27 fev. |

*Racers Lion Track Club: Kenroy Anderson, Yohan Blake, Marvin Anderson, Usain Bolt*

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 37,90 | | | 1 | PennR | Filadélfia, PA | 24 abr. |

*Jamaica: Mario Forsythe, Yohan Blake, Marvin Anderson, Usain Bolt*

## 4 × 400 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 3:05,77 | | | 2 | Gibson | Kingston | 27 fev. |

*Racers Lion Track Club*

# 2011

### 100 jardas

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 9,14+ | PB (1) | | 1 | GSpike | Ostrava | 31 mai. |

### 100 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 9,91 | | 0,6 | 1 | GGala | Roma | 26 mai. |
| 9,91 | | –0,2 | 1 | GSpike | Ostrava | 31 mai. |
| 9,88 | | 1,0 | 1 | Herc | Mônaco | 22 jul. |
| 10,10 | | –0,7 | 1h6 | Camp. Mundial | Daegu | 27 ago. |
| 10,05 | | –1,0 | 1s2 | Camp. Mundial | Daegu | 28 ago. |
| DQ | | –1,4 | | Camp. Mundial | Daegu | 28 ago. |
| 9,85 | | 0,1 | 1 | Hanzekovic | Zagreb | 13 set. |
| 9,76 | SB (1) | 1,3 | 1 | VD | Bruxelas | 16 set. |

### 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 19,86 | | 0,7 | 1 | Bislett | Oslo | 9 jun. |
| 20,03 | | –0,6 | 1 | Areva | Saint-Denis | 8 jul. |
| 20,03 | | –1,2 | 1 | DNG | Estocolmo | 29 jul. |
| 20,30 | | –0,3 | 1h2 | Camp. Mundial | Daegu | 2 set. |
| 20,31 | | –1,0 | 1s2 | Camp. Mundial | Daegu | 2 set. |
| 19,40 | SB (2) | 0,8 | 1 | Camp. Mundial | Daegu | 3 set. |

### 4 × 100 m

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 37,04 | WR | 1 | Camp. Mundial | Daegu | 4 set. |

*Jamaica: Nesta Carter, Michael Frater, Yohan Blake, Usain Bolt*

# 2012

## 100 jardas

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 9,29+ | SB (1) | –0,8 | 1 | GSpike | Ostrava | 25 mai. |

## 100 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 9,82 | | 1,8 | 1 | Jam Inv | Kingston | 5 mai. |
| 10,04 | | –0,8 | 1 | GSpike | Ostrava | 25 mai. |
| 9,76 | | –0,1 | 1 | GGala | Roma | 31 mai. |
| 9,79 | | 0,6 | 1 | Bislett | Oslo | 7 jun. |
| 10,06 | | 0,2 | 1h1 | Camp. Nacional | Kingston | 28 jun. |
| 10,01 | | 1,0 | 1s2 | Camp. Nacional | Kingston | 29 jun. |
| 9,86 | | 1,1 | 2 | Camp. Nacional | Kingston | 29 jun. |
| 10,09 | | 0,4 | 1h4 | Jogos Olímpicos | Londres | 4 ago. |
| 9,87 | | 1,0 | 1s2 | Jogos Olímpicos | Londres | 5 ago. |
| 9,63 | SB (1) | 1,5 | 1 | Jogos Olímpicos | Londres | 5 ago. |
| 9,86 | | 0,3 | 1 | VD | Bruxelas | 7 set. |

## 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 21,21 | | –2,2 | 1h1 | Camp. Nacional | Kingston | 30 jun. |
| 20,26 | | 1,3 | 1s3 | Camp. Nacional | Kingston | 30 jun. |
| 19,83 | | –0,5 | 2 | Camp. Nacional | Kingston | 1º jul. |
| 20,39 | | 0,9 | 1h1 | Jogos Olímpicos | Londres | 7 ago. |
| 20,18 | | –0,6 | 1s2 | Jogos Olímpicos | Londres | 8 ago. |
| 19,32 | SB (1) | 0,4 | 1 | Jogos Olímpicos | Londres | 9 ago. |
| 19,58 | | 1,4 | 1 | Athletissima | Lausanne | 23 ago. |
| 19,66 | | 0,0 | 1 | WK | Zurique | 30 ago. |

## 4 × 100 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 37,82 | | | 1 | Classic | Kingston | 14 abr. |

*Racers Track Club: Mario Forsythe, Yohan Blake, Kimmari Roach, Usain Bolt*

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 36,84 | WR | | 1 | Jogos Olímpicos | Londres | 11 ago. |

*Jamaica: Nesta Carter, Michael Frater, Yohan Blake, Usain Bolt*

# 2013

## 100 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 10,09 | | 0,3 | 1 | Cayman Inv | Georgetown | 8 mai. |
| 9,95 | SB (3) | 0,8 | 2 | GGala | Roma | 6 jun. |

## 150 m rasos

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 14,42 | SB (1) | 1,4 | 1 | | Rio de Janeiro | 31 mar. |

## 200 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 19,79 | SB (1) | 1,7 | 1 | Bislett | Oslo | 13 jun. |

## 400 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 46,74 | | | 1rC | Camperdown | Kingston | 9 fev. |
| 46,44 | SB (176) | | 2 | UWI Inv | Mona | 23 mar. |

## 4 × 400 m

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 3:06,9h | | | 1h1 | GibsonR | Kingston | 23 fev. |

*Racers Lions Track Club: Dwight Mullings, Darrion Bent, Usain Bolt, Demar Murray*

[24] Nas tabelas a seguir, aparecem várias siglas em inglês:
SB (“Season Best”): melhor da temporada;
WYB (“World Youth Best”): melhor do campeonato juvenil;
NR (“National Record”): recorde nacional;
WJR (“World Junior Record”): recorde mundial júnior;
WYR (“World Youth Record”): recorde mundial juvenil;
AR (“Area Record”): recorde da região, ou continente;
PB (“Personal Best”): melhor tempo pessoal. (N.E.)

# AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me ajudaram a me tornar o homem e o atleta que sou hoje, e eu não poderia começar a agradecer de qualquer outro modo se não por minha mãe, meu pai e minha família. Eles são tudo para mim. Não sou capaz de descrever quanto os considero importantes. Eles me apoiaram nesta jornada, desde minha primeira competição no atletismo, quando ainda era garoto, até o Campeonato Mundial em Moscou, em 2013. Sempre me acompanharam em cada passo no caminho. Significa muito para mim que os tenha deixado orgulhosos com minhas conquistas.

O técnico Glen Mills também foi e continua sendo uma grande influência na minha carreira – ele é um segundo pai para mim. Tudo o que me disse se tornou realidade. Devo a ele os meus sucessos. Por mais difícil que o caminho tenha sido – seja fisicamente por causa das lesões, seja psicologicamente –, ele me colocava na linha de largada com o preparo físico de um campeão.

Outros treinadores também foram importantes ao longo do caminho: o homem que descobriu meu talento quando garoto na escola primária, o sr. Devere Nugent, da Primary, além de meus treinadores no William Knibb – Pablo McNeil e o sr. Barnett (mas não pelos abdominais!). Antes do treinador Mills, houve o treinador Fitz Coleman, que me ajudou a dar os primeiros passos na carreira profissional. Vários professores me incentivaram na escola (quando não estava cabulando as aulas e me divertindo), em especial a srta. Lorna Thorpe, no William Knibb, e a diretora Margaret Lee.

Em meio a tudo isso, meu melhor amigo, NJ, que conheço há não sei quanto tempo. Ele esteve presente em cada passo do

caminho e sempre auxiliou minha carreira, em especial nos momentos difíceis. Somos inseparáveis. Atualmente, ele trabalha comigo como meu empresárioexecutivo, funcionando como um amortecedor entre mim e o mundo.

Meu amigo Ricky Simms é mais do que apenas meu agente. Ele faz tudo por mim. Não preciso me preocupar com nada na vida profissional por causa de Ricky. Tudo corre bem quando ele está por perto. Juntos, desenvolvemos uma marca mundial, de que tenho muito orgulho. Se NJ é o meu braço direito, então Ricky é o esquerdo. Sua esposa, Marion Steininger, e a equipe de PACE Sports Management desempenham um papel vital no meu dia a dia.

Uma menção especial vai para todos os integrantes da minha área administrativa na Jamaica – Norman Peart, Gina Ford e a equipe jurídica, Foga Daley & Co, sem esquecer meu massagista, Everald "Eddie" Edwards, e o homem que me mantém livre de lesões, o dr. Hans Müller-Wohlfahrt. Quero agradecer aos meus patrocinadores e parceiros comerciais, desde a Puma (e Pascal Rolling, que reconheceu meu talento quando eu tinha 14 anos), que me apoiou quando eu não era nada, até aqueles com quem formamos relacionamentos em anos mais recentes. Eles estão usufruindo de meus sucessos nos Jogos Olímpicos e além. Somos todos uma família. Agradeço também à editora [americana] HarperCollins pela produção deste livro e a Matt Allen por colocar a minha história no papel.

Finalmente, quero oferecer meu carinho a todos os que me incentivaram ao longo do caminho – os fãs, a mídia, os organizadores das competições, todo mundo que desempenhou um papel importante na minha carreira. Amo profundamente o atletismo. Sem ele, não estaria publicando este livro. Gosto de pensar que cada vitória minha é também uma vitória para o esporte.

Com amor.

*Usain, Moscou, 2013.*

Um momento de calma. Relaxando ao lado da minha irmã Christine em nosso uniforme da escola Waldensia. Minha mãe, de alguma forma, conseguiu me fazer ficar quieto por cinco segundos.

A casa onde cresci em Coxeath. Grandes lembranças da minha família.

O momento em que fui chamado de Lightning Bolt diante do mundo. Quando ganhei os 200 metros no Campeonato Mundial Júnior em Kingston aos 15 anos, tornei-me um fenômeno das pistas.

Em 2004, quebrei o recorde mundial júnior nos 200 metros nos jogos do Carifta, com um tempo de 19,93 segundos. Foi o tempo mais rápido da temporada até os Jogos Olímpicos de Atenas dali a alguns meses.

Recebendo o prêmio de Estrela em Ascensão da IAAF, em 2002. Nessa época, minha mãe tinha tantos troféus lá em casa que não sabia o que fazer com eles.

Com o técnico Glenn Mills – o guru. O homem que descrevo como meu segundo pai. É ele o responsável por me transformar em uma lenda das corridas.

É assim que me lembro dos dias quando costumava correr muitas provas de 400 metros no Estádio Nacional em Kingston.

É aqui que faço o trabalho pesado. Treinando na pista “Usain Bolt/UWI” na Universidade de West Indies, em Kingston.

Isso é que é sentir pura alegria. Ganhando meu primeiro ouro nos 100 metros nos Jogos Olímpicos de Pequim.

Depois de ganhar o ouro nos 100 metros em Pequim, fiquei maluco. Queria arrancar minha camiseta de tão empolgado que estava. Ganhar um ouro olímpico era um sonho.

“Para o Mundo” – essa pose começou em Pequim e se tornou minha assinatura. Em todos os lugares do mundo por onde passo as pessoas querem que eu faça esse gesto.

A equipe jamaicana que quebrou o recorde mundial no revezamento 4 × 100 metros (da esquerda para a direita): Asafa Powell, Michael Frater, Nesta Carter e eu. Quebrar recordes mundiais era legal, mas ganhar o ouro era o máximo.

Me divertindo com NJ e Ricky. Nunca ficamos muito tempo sem dar risada, mesmo quando estamos trabalhando.

Eu era um bom jogador de críquete quando criança. Se não tivesse me especializado nas corridas, provavelmente teria jogado críquete.

Antes e depois de todas as sessões de treinamento, meu massageador, Eddie, ajuda a garantir que meu corpo fique livre de lesões.

Curtindo em Paris – elegante e tranquilo.

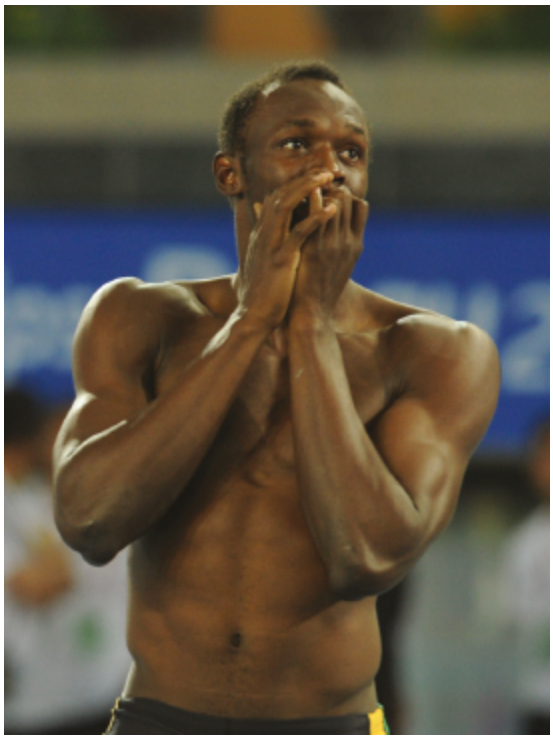
Ganhei três vezes o prêmio Laureus de esportista do ano – me senti honrado.

Na minha casa em Kingston, com a família Bolt (da esquerda para a direita): meu pai, Wellesley; minha irmã, Christine; meu irmão, Sadiki; e minha mãe, Jennifer. Minha família me ajudou a me tornar o homem que sou hoje.

Eu nas ruas de Kingston. Adorava a liberdade da cidade grande quando me mudei para lá, em 2003.

Tia Lily e o famoso inhame de Trelawny. Muitas pessoas acham que esse vegetal é uma das razões para o sucesso dos jamaicanos no atletismo nos últimos anos.

O pior momento de minha carreira profissional: queimar a largada na final dos 100 metros durante o Campeonato Mundial de 2011, em Daegu, foi um choque para mim. Ouvi uma voz sussurrar na minha cabeça: “Vai!”, e eu me movi rápido demais…



… O pior é que eu provavelmente venceria a corrida com facilidade. Esta foto mostra o choque e a dor em relação a algo que jamais imaginei que fosse acontecer comigo.

Eu compensei minha decepção nos 100 metros ao vencer a final dos 200 metros em Daegu alguns dias depois. Um cara bom nunca fica por baixo!

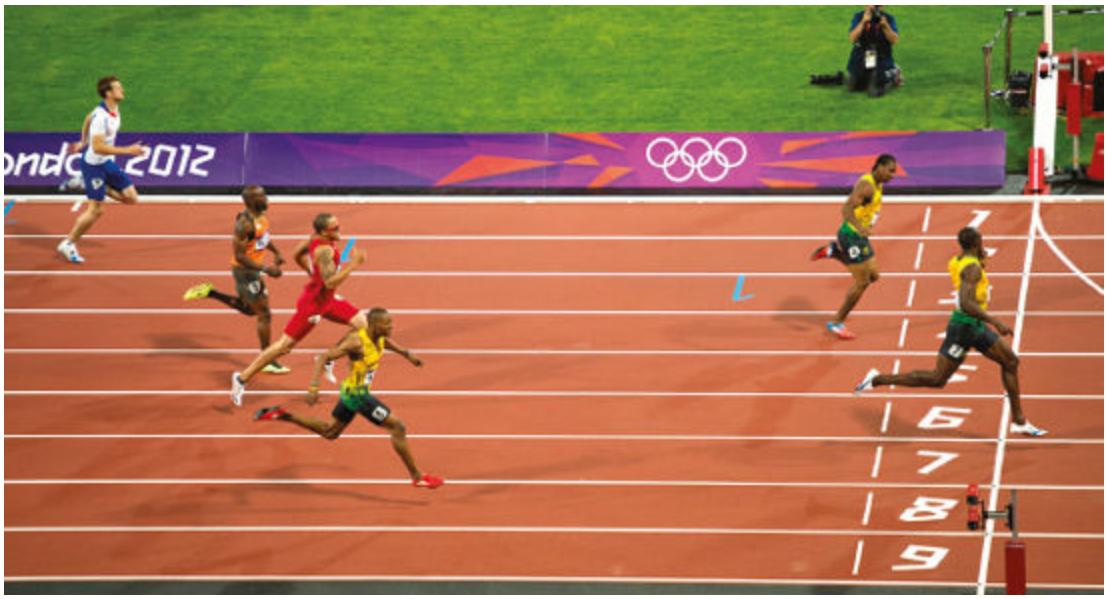
ACIMA: Segurando a bandeira jamaicana em Londres durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2012. Londres estava bombando, e a cidade enlouquecia de tanta empolgação. Mal podia esperar para provar ao mundo que eu era uma lenda viva.

ACIMA: Ganhar a medalha de ouro olímpica nos 100 metros em Londres foi uma resposta a todos os que me criticavam e solidificou meu *status* de lenda viva.

Outra medalha de ouro olímpica, outro “raio” para o mundo.

Quando corro, sempre me alimento da energia do público. É como um combustível para mim. Quando recebo essa energia e estou empolgado, ninguém consegue me superar.

Representar a Jamaica é importante para mim, mas um de meus lemas nas corridas é: “Faça isso primeiro para si mesmo, depois para o país”.




Um pódio histórico para a Jamaica e o Racers Track Club na final dos 200 metros em Londres 2012. Usain Bolt, Yohan Blake, Warren Weir.

Correndo ao máximo para ganhar a final do revezamento 4 ×100 em Londres 2012. Com mais três medalhas de ouro, eu era oficialmente uma lenda viva.

Dividindo o pódio com meu companheiro de equipe e colega de treino, Yohan Blake.

Os fãs jamaicanos amam as corridas. Toda medalha de ouro leva a uma grande celebração nas ruas da Jamaica.

No Brasil, mostrando meu amor. Em 2013, na praia de Copacabana, participei de uma corrida de rua de 150 metros. Espero ir para as Olímpiadas de 2016 no Rio e trazer mais uma sequência de três medalhas de ouro.

Ganhando os 100 metros nos Jogos de Aniversário no Estádio Olímpico de Londres. Eu estava me preparando para o grande evento: o Campeonato Mundial em Moscou.

Ganhando na chuva: fiz um tempo de 9,77 segundos (o melhor da temporada) e ganhei o Campeonato Mundial em Moscou. O raio riscando o céu antes do início da corrida foi um bom presságio.

Minha marca pessoal, o gesto do “raio”, para celebrar as vitórias.

Pode ser que você não goste de esporte ou mesmo que nem acompanhe muito as provas de atletismo, mas você sem dúvida já ouviu falar de Usain Bolt.

O homem mais rápido da Terra de todos os tempos, Bolt parece ter nascido para ser um fenômeno global e um ícone no esporte para sua geração. Por onde passa, ele conquista o coração das pessoas por conta de suas performances arrasadoras e por seu típico carisma e bom-humor.

Em *Mais rápido que um raio*, sua primeira autobiografia, Bolt revela a verdadeira história por trás de todo o seu sucesso e os desafios que enfrentou durante a vida. Poucas pessoas sabem que o início de sua carreira quase foi destruído por insuportáveis dores nas costas, e que um acidente de carro quase acabou de vez com ele em 2009, quando já era o mais famoso esportista do planeta.

Competitivo e praticamente insuperável, Bolt conta sua história em suas próprias palavras, desde a infância numa remota vila na Jamaica até o superestrelato, quando ganhou seis medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos (Pequim e Londres), arrebentando recordes mundiais nos 100 e nos 200 metros, bem como no revezamento 4 × 100. Seu status de homem mais rápido da história parece que não será quebrado tão cedo.

Com um texto repleto da energia, do charme e do carisma que tornaram Bolt a figura mais popular do esporte dos últimos tempos, essa obra sem dúvida vai agradar a todos os seus fãs.

**USAIN BOLT** é o homem mais rápido que o mundo conheceu até hoje. Um fenômeno olímpico, ele ganhou medalhas de ouro duas vezes seguidas (primeiro em Pequim, depois em Londres) nas disputas dos 100 metros, 200 metros e do revezamento 4 × 100, quebrando o recorde mundial nas três modalidades. Ele também dominou os últimos campeonatos mundiais. Um indiscutível ícone do esporte do século XXI, ele trouxe vida nova ao mundo do atletismo com suas incríveis performances e sua famosa pose do raio, que é reconhecida em todo o planeta.

**MATT ALLEN** é um premiado escritor nas áreas de esporte e música que ajudou a redigir vários best-sellers no Reino Unido. Ele também escreveu reportagens para as revistas *FourFourTwo, Q, Loaded, Men's Health* e *Total Sport* e também para o jornal *The Guardian*, entre outros importantes veículos britânicos.

## A AUTOBIOGRAFIA DO HOMEM MAIS RÁPIDO DA TERRA

Eu aguardo ansiosamente o "grande momento". É nessa hora que me sinto vivo. É só me dar um palco importante, uma disputa, um desafio, e alguma coisa acontece – eu caio na real. Fico um centímetro mais alto, movimento-me uma fração de segundo mais rápido. Coloque-me num palco importante e eu faço acontecer.

Eu ganho corridas e bato recordes desde os 15 anos de idade, mas o sucesso não veio assim tão fácil. Enfrentei lesões complicadas, um acidente de carro e as pressões da fama. Mas, quando é realmente necessário, eu faço acontecer: ganhei seis medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos e fui campeão mundial por oito vezes. Superei todos os desafios quando me tornei o homem mais rápido da Terra.

Esta é a minha história.

This file was downloaded from Z-Library project

*Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.*

z-library.sk z-lib.gs z-lib.fm go-to-library.sk

Official Telegram channel

Z-Access

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library